

LIV.-	001
PAG.-	009
REG.-	268

Serviço Gráfico do DPF – 35

Federação Paulista de Amadores Teatrais

Exmo. Snr.

Diretor do Departamento de Polícia Federal
Serviço de Censura Federal
Brasília

São Paulo

268 F.10

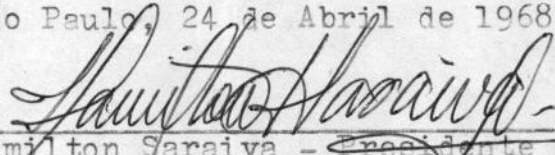
A Federação Paulista de Amadores Teatrais, com sede nesta Capital do Estado de São Paulo, à Rua Helvettia, 555, vem mui respeitosamente requerer de V.Sa. se digne a censurar o texto abaixo qualificado, que será encenado no decorrer da II Confraternização de Amadores Teatrais, promovida pela Prefeitura Municipal de São Paulo e organizada por esta entidade.

Para êsse fim apresenta a autorização da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, acompanhando três cópias da peça.

Sem mais,

P. Deferimento

São Paulo, 24 de Abril de 1968


Hamilton Saraiva - Presidente da
Fed. Paulista de Amadores Teatrais

Texto: "A Prima Donna"
Autor: José Maria Monteiro
Nº de Atos: 1 Ato
Gênero: Comédia



SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97-3.º andar.
End. Teleg.: SBAT-RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Direitos de Representação

Autorização Nº 167869

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: *Jimena - Dona*

Original de *José Maria Monteiro*

Música de

Tradução de

No Teatro *Arthur Azavedo* Cidade *S. Paulo*

Empresa *Teat. Paul Amad. Teatrais* Pela Cia.

nos dias *Para a Censura da peça*

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a

garantia mínima de Cr\$ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

S. Paulo, 24 de *Abril* de 1958

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes.
— A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

(pela SBAT)
Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617. P.3

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exhibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

JOSÉ MARIA MONTEIRO

PRIMA DONNA

Farsa em 1 ato



*(Representada pela 1.^a vez no Teatro Duse, em 23 de novembro
de 1952 e reprisada no Teatro de Bolso, em 1956).*

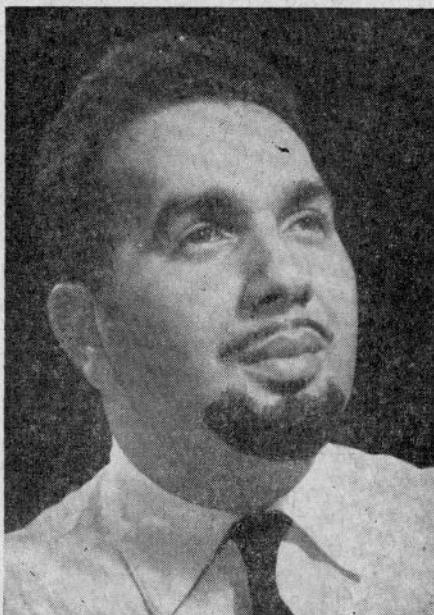


Edição da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

"PRIMA DONNA" E A CRÍTICA

"Um espetáculo novo e bom" — Última Hora.

"A farsa de J. M. Monteiro mantém ainda a graça e o mesmo interesse de quando a vimos em 52, no Duse. Isso já diz bastante da qualidade desse ato, que 4 anos depois (apesar de toda a "atualização") continua divertindo grandemente o público, cumprindo sua finalidade maior, sem grandes pretensões" — João Augusto (Tribuna da Imprensa).



José Maria Monteiro

"O mérito maior de "Prima Donna" está, pois, para nós, ao lado de suas qualidades teatrais, no fato de ser uma sátira ao teatro carioca, até mesmo construtiva e, mais ainda, no de colocar muito oportunamente o conflito de duas concepções de teatro, o choque de duas mentalidades" — Henrique Oscar (Diário de Notícias).

"Tem muita graça esse flagrante do teatro por dentro. O tom de farsa justifica o evidente exagero, do texto e da representação. O propósito de causticar divertindo, é plenamente alcançado" — Mário Nunes (Jornal do Brasil).

"Não custa reafirmar que se trata de uma deliciosa sátira, imaginada com inteligência e realizada agora em melhores condições de rendimento cômico" — Aldo Calvet (Última Hora).

"Prima donna é assim uma interessante brincadeira que termina com o grito da estrela em busca de autores de melodrama" — Francisco P. Silva (Diário Carioca).

"Dissemos que o autor era um escritor de farsa 100%. Em nada alteramos nossa afirmativa". Maria Santa Cruz (O Dia).

"Não se deve perder o programa todo, pois tem na sua segunda parte a farsa brilhantíssima do sr. José Maria Monteiro: "Prima donna". Paschoal C. Magno. (Correio da Manhã).

"O ato é muito bem construído e atual, é universal e divertidíssimo" — Agnello Macedo (Jornal do Comércio).

"É uma charge à gente de teatro, na qual o autor teve a habilidade de usar a caricatura, como se fugisse à identificação por parte da plateia aos tipos que apresenta. E com isso consegue ele, além de autor, como diretor, um excelente rendimento". Gustavo Dória (O Globo).

"Havia momentos em que tínhamos a impressão de que eram os atores que estavam rindo do público, tão nítida era a identificação de certos personagens com as figuras da sala. Vimos, por exemplo, um crítico militante reconhecer-se numa das "falas" do ator. Tudo isso nos foi apresentado num ritmo rápido e debaixo da reação favorável de um público que se divertia imensamente" — Geraldo Queiroz (Suplemento do Jornal do Brasil).

"José Maria faz teatro, com toda a graça e a malícia possível, do próprio teatro. Está bem no meio entre o "sketch" de revista e Feydeau, entre a página do "pif-paf" e Martins Penna". Rugero Jacobbi (Para Todos).

"É uma deliciosa sátira, um choque entre o velho e o novo teatro, uma história que vale muito mais a pena ser vista do que contada. São proezas do autor e diretor J. M. Monteiro, e, confesso, morri de rir". — Eneida (Diário de Notícias).

"Farsa satírica, estreada no Duse, há quatro anos atrás, retornou ao palco com algumas atualizações em seu texto, mas trazendo ainda bem retratada a "vedette" voluntariosa, pedante, da qual faz caricatura" — Jota Efegê (Jornal dos Sports).

"A alegre noite, que foi a da estréia dessa peça, já tão elogiada pela crítica, no palco pequeníssimo e inteligentemente aumentado pelos bons cenários de Nilson Penna e pelo aproveitamento das 2 portas de entrada e parte da plateia, pelo sr. José Maria Monteiro" — Arnaldo V. Carvalho (O Cruzeiro).

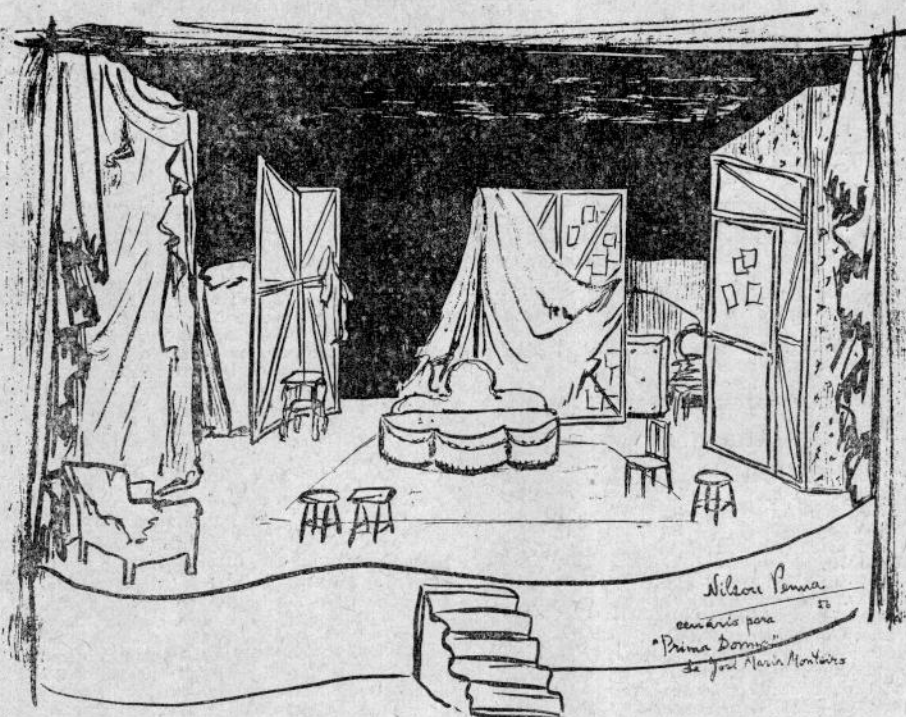


PERSONAGENS E INTÉRPRETES NO TEATRO DE BOLSO:

PONTO	Orlando Macedo
DIRETOR	Aurimar Rocha
ATOR	Luiz D'Avila
ATRIZ	Teresa Raquel
EMPRESÁRIO	Ilidio Costa
AUTOR	José Madeira
1. ^a CANDIDATA	Marilú Bueno
2. ^a CANDIDATA	Esther Mellinger
3. ^a CANDIDATA	Elvira de la Vega

Direção do autor — Cenário de Nilson Penna

Esta peça só poderá ser representada mediante autorização da
SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAES



ATO ÚNICO

CENÁRIO

Quando começa o espetáculo, o palco está no escuro. Pano fechado.

Conforme o teatro, o PONTO entra, pela platéia ou pelo palco propriamente. Abre o pano e grita para a coxia:

PONTO — Cavaquinho, o' Cavaquinho! Acorda, homem, que o senhor Diretor não deve tardar. Está na hora do ensaio. (Acende a luz. Vê o palco desarrumado e exclama:) Bonito: Não tem ninguém. (Tira o casaco, trocando-o por um guarda-pó e fala:) Pedro, mãos à obra. Mostra para essa gente nova, que em teatro não há grandes nem pequenos papéis. Existem artistas, como você. (Põe no lugar uma poltrona de braços para o Diretor. Coloca um sofá no meio da cena. Uma cadeira e um banco pequeno de cada lado. Lembra-se de qualquer coisa e liga uma vitrola. Ouve-se uma cantora famosa no grande aria da Traviata: "Sempre libera". O Ponto se delicia. Põe uma mesinha com um jarro de flores, no centro da cena. Dois banquinhos, um pintado de vermelho e outro de azul, na esquerda baixa, perto da cadeira do Diretor. Pega um espanador e começa a limpar os móveis, sempre se deliciando com a aria da ópera. NOTA: O Ponto pode vir cantarolando um trecho de ópera, no início da peça, isto é, quando ao entrar no teatro encontrou tudo ainda por fazer. Depois de tudo no seu lugar, o Ponto senta-se no sofá, fica se abanando com o espanador, ouvindo sua aria predileta, até o momento em que o Diretor fizer sua entrada. Este fica parado alguns segundos, e só é notada a sua presença através de um pigarro impertinente).

CENA PRIMEIRA

PONTO e DIRETOR

PONTO — Boa tarde, senhor Diretor. Vou desligar. (Desliga a vitrola) Como passou de ontem para hoje? Cavaquinho, o contra-regra novo, ainda não chegou. (Pausa) A cena está a seu gosto?

DIRETOR — Você hoje vai pontar da coxia. Não quero ouvir sua voz.

PONTO — Ela ainda não sabe o papel direito...

DIRETOR — Esta peça tem que ir sem ponto.

PONTO — Duvido...

DIRETOR — Duvida o que?

PONTO — Que ela decore (pausa). No meu tempo, ninguém precisava decorar nada. Mas, naquela época ha-

via atrizes... Alguém só podia ser considerado ator, depois que fizesse 10 papéis diferentes. Mas hoje, qualquer cmadorazinha é atriz... E só quer fazer papel principal. "Não faço pontas", é só o que elas sabem dizer... (pausa). A grande Madalena Brazão era analfabeta e foi a maior atriz do seu tempo. Ninguém representou a Dama das Camélias tão bem quanto ela. Que voz! Que vibração! Uma verdadeira artista! Posso citar uma dúzia de atrizes do passado que não sabiam ler... Tinham é isso. (mostra o ouvido) muito bom. Conheci um grande ator, que para ouvir o ponto, tossia sempre antes da fala. O ponto já sabia. Atacava logo. A própria Madalena Brazão tinha um jeito todo especial... Essa era na marcação. Quando ela parava no palco, tãda etérea e botava a mão no queixo, é porque não sabia o que vinha adiante...

DIRETOR — A época dos pontos já passou...

PONTO — Passou, mas até hoje as grandes companhias nos disputam... Como eu, existem poucos. Pontar é uma arte, senhor diretor. Exige vocação, um artista. Por que não sei se o senhor sabe: um ponto derruba um espetáculo. (Reação do Diretor) Já pensou a gente vir para o teatro meio no pileque e saltar uma página?

DIRETOR — O teatro moderno não admite mais ponto!

PONTO — Todos esses seus sonhos são muito bonitos, mas aqui nesta Companhia não vingam... A estrela nunca teve cabeça para decorar... Conheço-a primeiro do que o senhor. Vaidosa! Sabe que ela não aceita papéis que não tenham no final do 2.º ato uma grande cena. Não sei como o senhor a convenceu desta vez... Esta peça não é o gênero dela...

DIRETOR — É uma comédia sem aria...

PONTO — E danada para a gente pontar... É cheia de ditos, de frasezinhas, de besteirinhas... Se ainda o senhor permitisse a gente botar uns cacozinhos... Eu podia ajudar na colaboração... Já tenho dado tiros sensacionais.

DIRETOR — Tiro?

PONTO — Vê-se logo que o senhor é novato na profissão... Tiro é uma gargalhada! A eminente Regina Célia não estreava uma peça, sem primeiro pedir minha opinião do que ela ia dizer fora da peça. Sempre deu certo. Dei-lhe cada idéia! Inventamos uns sinais só pelos lábios. Eu não precisava falar... Bons tempos! Mas, a profissão do ponto é muito ingrata. Antigamente era um buraco apertado, com as pulgas mordendo a gente por baixo. Hoje, esse tal de teatro moderno, botou a gente na coxia, correndo feito um doido, detrás dos cenários, de acordo com a marcação... E que marcação mais sem graça, Santa Madona... Costas para o público... Os atores falam sem olhar um para o outro. Fala-se tão baixo, que da 3.ª fila em diante não se escuta nada... Dizem esses "snobs": É moderno! Chique! Olhe: Eu já pontei uma peça; que nos 3 atos ficava tudo escuro. Sabe o que aconteceu? Uma das figurantes, que só entrava no 3.º ato, quase... Sabe? Com

o contra-regra... É por que na hora "H" éle tinha que soltar um foguete e alguém gritou: "O foguete! O foguete!"

DIRETOR — Bem mostra que você é ponto...

PONTO — Por que?

DIRETOR — Fala demais.

PONTO — Aqui para nós... Que ninguém nos ouça: o senhor não vai ficar zangado se eu lhe disser uma coisa?

DIRETOR — Diga.

PONTO — Acho que essa peça vai para o porão.

DIRETOR — Ah! (*passa em cena*)

PONTO — O público não vai gostar. Eu conheço teatro. Meu pai foi o grande palhaço Zuzú e minha mãe a graciosa dançarina Lily.

DIRETOR — Cale essa boca!

PONTO — Pensei que o senhor estivesse gostando de me escutar...

DIRETOR — Será que na sua profissão você já não fala o suficiente? Cale essa boca!

CENA SEGUNDA

Os mesmos e ATOR

ATOR — Boa tarde. (*pausa*) Leu o Diário?

DIRETOR (*sêco*) — Não.

ATOR — Me elogiou.

DIRETOR — É um imbecil!

ATOR — Ora essa! (*outro tom*) Te pôs toda a culpa. (*mostrando um jornal*).

DIRETOR — Boas! Sou um diretor e não um ensaíador! Não fui contratado para ensinar alunos. Produzo espetáculo! Mas para isso, me dêem atores! Atores! Claro que o meu processo é moderno. Para que estudei na Europa e passei 6 meses vendo espetáculos na Broadway? Para voltar à minha terra e continuar ensaiando como a maioria ensaia? Uma brisa! Tudo que sabem fazer é pôr um sofá no meio da cena, duas cadeiras ao lado. A célebre mesinha com uma jarra de flores em cima! Uma personagem se senta, a outra se levanta. Quando esta se senta, aquela fica de pé. Não! Esse teatro de 1900 eu não faço! O teatro da prima donna, que canta a grande ária e morre no fim tuberculosa... O maldito teatro do ponto, essa coisa horrível!

PONTO — Perdão, senhor Diretor, mas o ponto...

DIRETOR — Se você me der mais um pio, mando lhe despedir!

PONTO — O senhor pode me dispensar, mas eles precisam de mim.

ATOR — Ele não fez nenhuma restrição ao meu desempenho. E olhe que éle anota tudo durante os espetáculos!

DIRETOR — A crítica não existe!

PONTO (*Entre os dentes*) — Quando mete o pau, não...

DIRETOR — Como pôde elogiar essa mulherzinha... Que benevolência!

PONTO — Está danado porque a crítica meteu o malho.

DIRETOR (*Tirando do bolso um porção de recortes de jornal, que passa a ler*) — "O papel não lhe assenta, mas graças ao seu talento, sua malícia salvou o espetáculo, que é todo mau, direção fraca e texto insípido..." Insípido é a cara dele.

ATOR — É a dona da companhia, não se esqueça.

PONTO (*baixo*) — E amante do empresário. Muita gaita!

DIRETOR — Você viu a trabalhadora que ela me deu: ensinei-lhe gesto por gesto. Eis aí a graça que esse imbecil descreveu... A malícia, o talento sou eu! Depois, colocar aquela voz em falsete, sabe lá o que isso?

PONTO — Eles acham que é maviosa! Pra que discutir? Pra que?

DIRETOR — O mau do teatro é a burrice das vedettes. Toda vedette é burra! Não enxerga meio palmo adiante do nariz. Se tivesse que fazer o papel de uma mendiga, gostaria de aparecer em cena com um vestido de Cristian Dior. (*outro tom*) Mas quero ver se com essa peça eles não vão falar bem de mim! Hei de mostrar-lhes o poder de um diretor! Sem diretor, não se cria espetáculos! As luzes, o ritmo! Ato é boneco, marionete de nossos comandos!

ATOR — Perdão! Nunca fui à Europa, nem à América, mas não sou fantoche de ninguém. Sou um ator!

PONTO — Que derruba!, derruba. É só tomar um pilequinho...

DIRETOR (*para o ponto*) — Que anarquia é essa, heim? Recolha-se à sua modesta insignificância...

PONTO — Queira me desculpar, senhor diretor.

DIRETOR — Estou procurando um modo de iluminar o 2.º ato com luz negra. Quero vesti-la de amarelo e você de branco. Vou jogar 4 refletores laterais e uma bateria lá no fundo. A cena do idílio vai ter uma salva de palmas, ora se vai! Depois, as últimas marcações que fiz para você são realmente geniais. Por favor Sergio, não me interrompa, porque hoje vai tudo brotar do meu cérebro, como água que jorra da cascata: Bonita imagem, não? Depois dizem que não sou poeta... Inveja!

PONTO — Prima donna! Prima donna!

DIRETOR — Quero uma cena toda em pantomima no 3.º ato.

ATOR — Pantomima depois da ópera de Pequim, está fora de moda. Deixou de ser mistério...

DIRETOR — Pois em Paris ainda é a coqueluche dos jovens. Aliás, fiz um curso completo. E já havia estudado na América, no estúdio de Chaplin.

ATOR — E Chaplin tem estúdio? Pensei que éle só tivesse...

DIRETOR (*cortando-o*) — Aquilo é que é um gênio! Eu devia ter ficado por lá e tentado Hollywood. Seria hoje um diretor famoso! Sim, porque a minha vocação é mesmo para dirigir: agrupar massas, amoldar temperamentos, dar ordens! Sou neto de alemão e bisneto de espanhol!

ATOR — É o sonho de toda gente: sair daqui, estudar, para depois voltar. E vencer!

DIRETOR — O estudar fora só adianta, realmente, quando se tem alguma coisa aqui dentro...

ATOR — E acha que eu não tenho essa coisa?

DIRETOR — Não quis dizer isso... Pelo contrário. Você até que tem muitas qualidades: voz, físico, desembaraço... Mas...

ATOR — Mas o que?

DIRETOR — Falta-lhe presença!

ATOR — É a primeira vez que ouço dizer isso de mim...

DIRETOR — Não vá ficar com complexo, mas falta a você presença de ator!

ATOR — Sempre tive unanimidade de crítica! Posso lhe mostrar meu album de recortes...

DIRETOR — Como se a crítica valesse tudo! E a opinião de gente entendida? Essa sim, é que eu dou valor. Aliás, na Gândola ninguém gosta de você...

ATOR — O público me adora!

DIRETOR — Público... Essa massa ignorante, sem cultura, que não raciocina... Riem por qualquer palhaçada, por qualquer piada imoral... Detesto o público!

ATOR (*discutindo*) — Não se esqueça de que recebo sempre mais de 500 cartas depois das estréias...

DIRETOR (*idem*) — No teatro, meu rapaz, a ambição deve ser maior que a vaidade!

ATOR (*idem*) — Tenho as duas! Por isso, sou um ator!

DIRETOR — Eu não, sou um criador! Um intelectual! Crítica... público... gente analfabeta...

ATOR — Então, por que ficou danado com a opinião do "Diário"?

DIRETOR — Por isso mesmo! Éle foi injusto! Detesto a injustiça! Não falou nas belíssimas marcações que eu fiz... Mas a peça esteve aí para desmentir tudo: fez carreira, não fez? Casas repletas todas as noites... Essa é a minha vingança!

ATOR — É pensa que o público vem aqui para admirar as suas geniais marcações? Suas luzes maravilhosas? Já viu os cartazes na rua? A propaganda dos jornais? Estão cheios de pernas nuas, de vestidos transparentes... Chama público! O empresário diz que o público quer ver mulher nua! Na propaganda, só sai o nome dela, o retrato dela em todas as posições... Para isso, a estrela tem um velho coronel que paga todo esse luxo. Arrendou este teatro e paga bem a gente para aparecer ao lado dela!

PONTO — E a prima donna!

ATOR — Pensa que não sei que tenho mais talento do que ela? Os críticos já disseram isso não sei quantas vezes. O que eu ainda não tive foi uma chance... Mas, ela que vá se preparando com esta peça... Vou engolir todo mundo!

PONTO (*mais alto, contente*) — Prima donna! Prima donna!

ATOR — Estudo meu papel como um leão. Eu sei que o segundo ato, é todo meu! Aprenda a dar a gargalhada. Quer ver? (*dá uma péssima gargalhada e se joga no chão. Diretor tapa os ouvidos. Ponto faz uma careta e balança com a cabeça*) Gostaram? Fiz esta cena ontem, numa roda de amigos e todo mundo gostou. Uma grande atriz presente, estrangeira, não entendeu patavina, mas ficou de boca aberta... (*para o diretor*) Que tal?

DIRETOR — Muito falsa! (*o Ponto ri*)

ATOR — Estou fazendo o que você mandou... É difícil!

DIRETOR — Entre a gente mandar fazer uma coisa e essa coisa sair bem, a diferença é grande. Teatro, meu caro, é execução, técnica. É uma tragédia! Os atores... são todos...

PONTO — Burros, não é isso, senhor diretor?

ATOR — A conversa não chegou ainda na cozinha!

PONTO — Estou usando uma imagem que ainda não pouco o mestre usou...

DIRETOR — Infelizmente, é bem a palavra...

PONTO — Viu?

ATOR — Eu não admito... Fiquem sabendo que eu não me considero burro! Entendo qualquer papel! Já estudei o Edipo-Rei inteirinho com Zanelli! E na cena com Tiresias, que é difícilima, existe uma passagem de um subjetivismo atroz... Não tem explicação... E Zanelli ficou boquiaberto com a explicação que arranjei. Disse-lhe... (*discussão de fora. Vozes. Mulher: Paspalhão! coisa imprestável! Homem: Minha bonequinha! Meu tesouro!*)

CENA TERCEIRA

Os mesmos, ATRIZ e EMPRESÁRIO

EMPRESÁRIO — Minha jóia. Não fique zangada! Compre outra para você. Em que loja você comprou?

ATRIZ (*mostrando uma luva, que tirou das mãos do Empresário*) — Não vê que era uma lembrança, idiota! Que nem uma outra coberta de brilhantes teria o mesmo valor? Mandei esse imbecil segurar a minha bolsa e as minhas luvas enquanto fui ao cabeleireiro. Quando volto, só encontro uma luva. Perdeu a outra. Com certeza, foi atrás de alguma zinha que passou... Agora, não presta mais pra nada...

EMPRESÁRIO — Eu darei quantos você quiser, boneca!

ATRIZ — E pare com essa história de me chamar de boneca! Tenho nome!

EMPRESÁRIO — Fique calma, Dorine, depois você não vai poder ensaiar...

ATRIZ (*para o diretor e o ator*) — Sabem de onde é essa pelica? Do Indostão. É uma lembrança muito cara... De alguém que foi um cavalheiro.

EMPRESÁRIO — Cavalheiro?

ATRIZ — Sob todos os pontos de vista...

EMPRESÁRIO (*mudando*) — Amante seu, não foi?

ATRIZ — Que pergunta! E daí?

EMPRESÁRIO — Mas não foi do meu tempo?

ATRIZ — Ainda duvida?

EMPRESÁRIO — Há quanto tempo?

ATRIZ — Não interessa!

EMPRESÁRIO — O nome! Vamos! O nome!

ATRIZ — Não direi! Quero que você sofra!

EMPRESÁRIO — Você sabe que eu poderei descobrir e mandar matá-lo?

ATRIZ — Olhe aqui, meu velho: a cláusula principal que estipulei no nosso contrato foi a de o senhor não interferir na minha vida privada! Já se esqueceu?

EMPRESÁRIO — Mas, não eramos amantes naquela época, Dorine.

ATRIZ — Quer rasgar o contrato? Não vou exigir muito... 500.000,00 cruzeiros de indenização. Se quiser, é já... aproveite que a Companhia está toda reunida...

DIRETOR (*calma aparente*) — Eu gostaria de saber, a que horas eu poderei começar o ensaio.

ATRIZ — Agora mesmo. (*para o empresário*) Vamos, rua: você me causa alergia. (*ponto começa a folhear a peça*)

DIRETOR (*para a atriz*) — A senhora decorou o papel?

ATRIZ — Como, se este homenzinho não me dá uma folga?... Passou a noite lá em casa...

DIRETOR — Dessa maneira não podemos estrear a semana que vem!

EMPRESÁRIO — Não posso transferir mais. Estamos parados há mais de 15 dias, com todo mundo ganhando. Na bilheteria, não entra nada. Tenho uma fôlha de pagamento pesada. Também, tenho meus credores...

DIRETOR — Só estamos com o 1.º ato levantado. Ainda não comecemos o 3.º porque os atores ainda não têm os papéis de cóp.

ATOR — Perdão, mas eu já sei toda a minha parte.

EMPRESÁRIO — E para que se paga um ponto nesta Companhia?

PONTO — Muito bem dito, senhor empresário. Até que enfim lembraram-se de mim...

DIRETOR — Esta peça não pode ir com ponto! É diálogo batido.

ATRIZ — É inútil. Não consigo decorar.

DIRETOR — Eu acho que uma atriz sem memória, devia desistir da profissão!

ATRIZ — E quem foi que disse que eu não tenho memória? Decorei 6 monólogos inteirinhos, sem omitir uma vírgula, em "Tristesse".

PONTO — Mentirosa!... mentirosa...

ATRIZ — Era uma peça... E não essa porcária que o senhor impingiu...

DIRETOR — Os tempos mudaram, minha senhora. Teatro hoje é outra coisa.

ATRIZ — Já sei: tem um diretor!

DIRETOR — Sem ele, adeus espetáculo!...

ATRIZ — O público vem aqui, talvez, por sua causa... Tinha me esquecido...

DIRETOR — Não tenho as suas pernas...

ATRIZ — Há gôsto para tudo, hoje em dia, cavalheiro...

PONTO (*malicioso*) — Isso é verdade!

ATRIZ — Sabe de uma coisa? acho melhor o senhor telefonar para o seu amigo ator... Diga-lhe para dar um pulo até cá. Li o 3.º ato e não gostei nada, nada do meu papel. Quero morrer falando e não vou me suicidar com um revólver. Isso é tem que modificar. Quero morrer envenenada. Sei morrer muito bem. Todos os críticos disseram isso, quando representei a "Bovary". Cai de uma escada de 15 degraus! E ganhei uma salva de palmas de 5 minutos!

DIRETOR — Natacha é uma grande peça!

ATRIZ — Tão grande, que o nome é da protagonista,

quando o principal papel é do homem. O papel de Sérgio tem 200 palavras mais do que o meu.

ATOR — Você contou mal. 201!

DIRETOR — É uma peça para 2 atores, minha senhora! Atores!

ATRIZ — Está querendo insinuar que eu não seja uma atriz?...

DIRETOR — Talvez...

ATRIZ — Ora viva o grande diretor! Depois de 10 anos de palco, descubro num ensaio fuleiro, que não sou uma atriz! (*ri*) Vocês principiantes, se encham de vento quando vão ao estrangeiro e voltam de lá com um diploma, que a gente nunca vê o cheiro...

DIRETOR — Diplomado ou não, a verdade é que tenho capacidade... Talento!

ATRIZ — Talento!... Não foi isso que disse esta manhã o crítico do Diário...

DIRETOR (*estourando*) — Bolas! Não estou aqui para discutir esse assunto com a senhora! Fui contratado para ensaiar. Gostaria de saber a que horas posso começar!

ATRIZ — Agora mesmo... Com a condição: exijo que o senhor telefone para o seu amigo, pedindo a modificação do 3.º ato. Não faço a peça com aquele final!

DIRETOR (*tirando do bolso um cartão, gritando*) — Pedro: telefone para esse número e diga ao sr. Felisberto que venha me procurar no teatro, imediatamente. (*sai o Ponto*)

ATRIZ — Vamos começar de onde?

DIRETOR — Cena III, 2.º ato. (*atriz calmamente vai fumar um cigarro*) Vamos, o que estão esperando? Já perdemos muito tempo.

ATRIZ — A cena não está arrumada.

DIRETOR — Sérgio: quer dar um jeito nisso aí?

ATOR — É serviço da contra-regra.

DIRETOR — Bolas! (*dando um berro*) Pedro! A cena! (*pausa*) Pedro! Onde se meteu esse raio desse ponto! (*ponto aparece*)

PONTO — A linha está ocupada... Estou insistindo...

DIRETOR — A cena!

PONTO — Está pronta.

DIRETOR — Segundo ato, imbecil...

PONTO — Não precisa me xingar. Isso é serviço da contra-regra...

DIRETOR — Já sei! (*Ponto troca as cadeiras. E muda de posição os banquinhos*)

ATRIZ (*para o empresário*) — Vamos! Vamos dando o fora...

EMPRESÁRIO — Deixa eu ficar, boneca.

ATRIZ — Eu ainda lhe esbofeteio hoje, se você tornar a me chamar de boneca!

EMPRESÁRIO — Eu fico lá atrás... Não vou incomodar...

ATRIZ — Já disse que não! Vamos! Vamos!

EMPRESÁRIO — Não precisa me enxotar... Afinal de contas, acho que ainda sou dono deste troço!

ATRIZ — É. Mas, quem manda sou eu... Está no contrato... Não se lembra?

EMPRESÁRIO — Estou no escritório... Se precisar de mim, é só mandar me chamar.

ATRIZ — Está bem, está bem... (*vai empurrando-o*)

EMPRESÁRIO — Boneca: Quero ir hoje à noite a uma boate. Quero dançar! Me sinto muito primaveril! E logo mais, boneca... (*ouve-se uma bofetada dada na coxa*) Estúpida!

ATRIZ — E não me apareça mais aqui, senão eu te esgano! (*ator sentou-se e fumou um cigarro. Diretor pas-seia impaciente, reaparece a atriz*) Às suas ordens...

CENA QUARTA

Os mesmos, menos o EMPRESÁRIO

(*Ator toma a cena, atrás da atriz, que se senta num sofá. A representação dessa cena deve ter marcações absurdas, para justificar o diretor que veio cheio de idéias, mas que não entende nada da profissão.*)

ATOR — Para onde você foi? (*pausa*) O que fez durante todo esse tempo? (*pausa*) Parece que tudo aconteceu ontem: (*começa a falar baixo*) Voltei alegre da viagem. Tomei banho...

DIRETOR (*interferindo*) — Voz. Não estou escutando nada.

ATOR — Tomei banho e fui direto ao apartamento. Lembro-me que apanhei um taxi para chegar mais depressa.

DIRETOR (*alto*) — Voz! Você pensa que está numa casa de chá? O público quer ouvir...

ATOR — Não concordo falar nessa cena em voz alta. Esse homem está numa situação difícil...

DIRETOR — E quem está mandando você falar alto?

ATOR — Para você lançá-la na platéia! Sonorizar.

ATOR — Tinha uma porção de novidades para te contar. Nem o elevador tive paciência de esperar. Subi os seis degraus a pé...

DIRETOR — Seis o que?

CENA QUINTA

Os mesmos e PONTO

ATOR (**gritando**) — Andares!
 DIRETOR — Articule, rapaz.
 ATOR — Essas interrupções me atrapalham.
 DIRETOR — Vai-se habituando, porque meu processo é o melhor! Todo baseado em Stanislavsky!
 ATOR (**passando um lenço pela testa**) — Abro a porta e encontro tudo vazio... (**transtornado**) Mama mia! Não sei bem o que senti naquele momento...
 DIRETOR — Emoção!
 ATOR — No trem, já estava adivinhando...
 DIRETOR — Mais rápido, mais rápido...
 ATOR — Más notícias. Procurei...
 DIRETOR — Pausa, Sérgio. Não tenha medo da pausa...
 ATRIZ (**entre os dentes**) — A essa altura, o público está roncando...
 ATOR (**pausado**) — Procurei o zelador do edifício, na esperança de obter informações. (**pausa**) Nada. Você partiu; saudades me deixou. Eu chorei! Nem um bilhete ao menos. (**pausa**) Onde você esteve?
 DIRETOR — Ótimo, excelente. Mas, nessa última fala você tem que se aproximar mais um pouco. Vamos voltar.
 ATOR (**aproximando-se**) — Onde você esteve?
 ATRIZ (**fria**) — Longe daqui.
 ATOR — E eu que imaginava que você nunca pudesse...
 DIRETOR — Não declame, por favor!
 ATOR — Viver longe de mim! Sem o meu amor. No princípio, não quis acreditar. (**pondo o rosto entre as mãos**).
 DIRETOR — O gesto está ruim. Assim. Olha para mim. (**faz o gesto**) Assim.
 ATOR (**fazendo o gesto que o diretor indica**) — Foi horrível me acostumar...
 DIRETOR — Correto.
 ATRIZ — Você parece bem disposto.
 DIRETOR — Não olhe para ele.
 ATRIZ — Como não vou olhar, se ainda não o vi...
 DIRETOR — Tenha a bondade de fazer o que estou mandando.
 ATRIZ (**falando entre os dentes**) — No dia eu faço o que me der na cabeça...
 ATOR (**tocando-a**) — Quando você chegou?
 ATRIZ — Não vá sujar o meu vestido. Você está com as mãos imundas. (**Representando, repele-o e levanta-se**) Três meses, mais ou menos.
 DIRETOR — Quem mandou a senhora se levantar?
 ATRIZ — Estou "sentindo" que preciso me levantar.
 DIRETOR — Agente na marcação.
 ATRIZ — Está errado! Ele está querendo me tocar e eu tenho que fugir... Estou seguindo a tal linha psicológica que o senhor me deu...
 DIRETOR (**cortando-a**) — Vá sentar-se, então, na outra cadeira.
 ATOR — E por que não me procurou? Quer dizer que se eu não tivesse encontrado você, por acaso...
 ATRIZ — Não cospe, que coisa!
 DIRETOR — Não é esse o texto!
 ATOR — Minha deixa é exatamente.
 DIRETOR — Exatamente é o que a senhora devia dizer...
 ATRIZ — Dá no mesmo.
 DIRETOR — No meu teatro, ator não muda o texto que o autor escreveu! Nem uma vírgula! Por favor, mais dignidade!
 ATRIZ — Daqui a pouco eu me levanto daqui e não faço mais droga nenhuma! (**falando em tom mais alto**) Tenha a bondade de me corrigir, sem comentários...
 DIRETOR — Segue.
 ATOR — Mas, afinal, o que foi que eu fiz para ser tratado dessa maneira fria? Amor, só tive por você. As outras foram meros flertes...
 DIRETOR — Flerte, Sérgio, flerte.
 ATOR — Foi o que eu disse...
 DIRETOR — Pensou, segue.
 ATOR — Creia-me: você ainda é tudo!
 DIRETOR — Abraça-a (**ator abraça-a**) E a senhora, não fique aí parada. Empurre-o e tome a direita alta. (**atriz executa o movimento**) Não! Passe por trás do sofá, pelo amor de Deus!
 ATRIZ — Não berre, ouviu? Antes de vir para cá, devia ter passado por uma farmácia e tomado um calmante!
 DIRETOR — Segue.
 ATRIZ (**nervosa**) E você pensa que já me esqueci daquele tempo em que vivíamos... Em que vivíamos juntos...
 DIRETOR — Segue.
 ATRIZ — Me esqueci...
 DIRETOR — A senhora ainda não decorou o seu papel?
 ATRIZ — Parece que não.
 DIRETOR — A estréia está marcada. Segue.
 ATRIZ — Seguir o que, se não sei mais o resto?!

DIRETOR — Onde está esse maldito ponto! Pedro! (**entra Pedro correndo**).

PONTO — Falei com ele.
 DIRETOR — Vá pontar!
 PONTO — Mandou dizer ao senhor que...
 DIRETOR — Para a coxia, idiota! Não quero ouvir a sua voz!
 PONTO — Tenho um recado para o senhor... É urgente!
 DIRETOR — Para a coxia! Segue. (**Ponto corre para a coxia. Pausa**). Afinal, o que estamos esperando? (**ATRIZ fica quieta. Ponto aparece aflito**)
 PONTO — Onde estão? (**Diretor põe a mão na cabeça, dá um gemido**) Eu estava lá dentro, não podia adivinhar... (**ator mostra a cena**) Pronto, pronto (**Ponto vai para os bastidores**)
 ATRIZ — Na sua companhia, nunca tive tranquilidade. Você aparecia no apartamento quando bem entendia. Eu não tinha mais sossego: dormia e amanhecia, pensando...
 DIRETOR — Mais baixo.
 ATRIZ — Será que ele vem hoje? À noite...
 DIRETOR — Pare! Pare! Não está sentindo que está fria? Eu quero sua voz embargada...
 ATRIZ — Minha voz sempre foi essa.
 DIRETOR — Ponha-a na caixa.
 ATRIZ — Que caixa?
 DIRETOR — Não é a do ponto... Pois, não.
 PONTO (**aparecendo**) — Me chamaram?
 DIRETOR — Para o seu lugar! (**Ponto sai**) Depois dizem que eu não tenho razão.
 ATRIZ — Não ensaio mais droga nenhuma!
 DIRETOR — Veremos!
 ATRIZ — É uma ameaça?
 DIRETOR — Segue.
 ATRIZ (**para o ponto**) — Fale mais alto, idiota!
 PONTO (**pondo a cabeça para fora**) — Ele não quer...
 DIRETOR — Para a coxia! (**ponto corre**)
 ATRIZ — Se não puserem no dia o ponto na caixa, não representarei!
 DIRETOR — No moderno teatro do mundo, minha senhora, não se usa mais caixa de ponto. É anti-estético!
 ATRIZ — Mas, no meu teatro, continuará se usando... (**Ponto bota a cabeça para fora**) No dia, você vai para a caixa.
 PONTO — Sim, senhora (**desaparece**)
 DIRETOR — Quem manda no palco sou eu!
 ATRIZ — Eu acho bom você acabar com esses ataques histéricos! Berra para causar impressão não é? Não tenho medo de gritos, meu filho! Escuta aqui: se quiser montar essa peça, trate de ficar bonzinho. Por que a hora que eu soltar um berro, você vai subir pelas paredes. Ora, se vai!
 DIRETOR (**calmo**) — Segue.
 ATRIZ — Ponte alto, Pedro. (**continuando**) À noite, não ia a lugar nenhum, nem recebia visitas, porque você podia aparecer de uma hora para outra. Não ia a festa alguma, com medo de...
 DIRETOR (**pondo a mão na cabeça**) — Não é possível... Assim não posso... Mais baixo!
 ATRIZ (**baixinho**) — Ficava gelada, quando num baile...
 DIRETOR — Voz!
 ATRIZ — Afinal o que é que você quer? Que eu fale alto ou baixo?
 DIRETOR — Estou falando para esse maldito Ponto. Segue.
 ATRIZ — Alto, Pedro.
 DIRETOR — Eu acabo com esse espetáculo, não dirijo mais, pronto! (**Fica de braços cruzados**)
 ATRIZ — Ótimo. Estava roxa para fumar um cigarro. (**Ponto vem acender o cigarro. Atriz tira uma pitteira e começa a fumar**) Não faltarão diretores novos para se contratar. Eu pago bem. Aliás, meu camarim vive cheio dessas ratazanas.
 DIRETOR — Com uma atriz de sua mentalidade, ninguém pode fazer nada. (**pausa longa**)
 ATRIZ — Vai ensaiar ou não vai?
 DIRETOR (**calmíssimo**) — Segue.
 ATRIZ — Alto, Pedro.
 PONTO — Sim, senhora.

CENA SEXTA

Os mesmos, EMPRESÁRIO e 3 CANDIDATAS

ATOR — Se o encontrava na rua, não me aproximava. (**Entra Empresário e 3 Candidatas**) Você podia não gostar. Quase sempre estava acompanhado... (**Assim que vê o Empresário acompanhado, a Atriz interrompe o ensaio**)

(*) Todas as falas da atriz são pontadas pelo Ponto. A atriz deve usar uma prosódia condenável pelo teatro. O Ponto idem.

DIRETOR — O que houve?

ATRIZ — Já disse que não ensaio na presença de pessoas estranhas

DIRETOR — O que essas 3 moças estão fazendo aqui? EMPRESÁRIO — Vieram fazer os testes que você marcou.

DIRETOR — E quem foi que disse que eu marquei para hoje?

1.^a CANDIDATA — O senhor disse que eu passasse pelo teatro, 5.^a feira, às 4 horas da tarde.

3.^a CANDIDATA — A mim, também.

DIRETOR — Hoje é quarta-feira e ainda não são 4 horas.

3.^a CANDIDATA — Perdão, mas o senhor está enganado: hoje é 5.^a feira, acabei de acertar o meu relógio. Passam 2 minutos das 4.

DIRETOR (Olhando para 2.^a Candidata, que veio de calças compridas) — E a senhorita, assim de calças...

2.^a CANDIDATA — Eu? Eu vinha passando por aqui, quando esse senhor (aponta para o empresário) me convidou para fazer uns testes.

ATRIZ (irônica) — Testes, eim? (Diretor pigarreia)

DIRETOR — Trouxeram alguma coisa preparada?

1.^a CANDIDATA — Decorei uma poesia.

DIRETOR — Não sabe nenhum trecho de peça? O papel que uma das senhoras 3 fará, exige desembaraço.

3.^a CANDIDATA — Representei na Alemanha, Goethe. Fiz a Margarida do Fausto. Na Polônia, numa festa de caridade, fiz um ato inteiro do Hamlet. (Esta candidata deve ter um forte sotaque estrangeiro)

DIRETOR — Que papel?

3.^a CANDIDATA — Claro que o Hamlet!

DIRETOR — O Hamlet?

3.^a CANDIDATA — Em travesti! Não fui a primeira. Sarah Bernhardt usou-o mais de uma vez. Tive 8 chamadas!

1.^a CANDIDATA (deve vir ao teatro vestida de colegial, com seu uniforme azul e branco, laço de fita no cabelo, meias e saias curtas) — Desde garotinha que sei recitar. Cantava e dançava. Fui menina prodígio. Adoro sapatear. Ai não tem uma vitrola!

DIRETOR — Não vamos montar revista! (para 2.^a Candidata) E a senhorita, o que trouxe para o teste?

2.^a CANDIDATA (embaraçada) — Eu?

DIRETOR (muito interessado na pequena) — Seu físico, não é mau. Quer atravessar o palco? (A moça executa suas ordens) Sorria! Mais um pouco. Nada mau. Sente-se agora naquele banquinho. Fique perto daquele cavaleiro. (O ator vem ao seu encontro) Tem alguma prática?

2.^a CANDIDATA — Não, senhor.

DIRETOR — Nunca fez teatro?

2.^a CANDIDATA — Uma vez, no Clube, um "show" que organizamos.

DIRETOR — O que é que você fez?

2.^a CANDIDATA — Uma ingênuia.

3.^a CANDIDATA — Já fiz todas as ingênuas do teatro. De Berenice à Ofélia.

DIRETOR — O papel na peça não é o de uma sergaita. Fisicamente, a senhorita tem o tipo.

1.^a CANDIDATA — Meu físico não é bom, senhor Diretor? Dizem que em cena fico muito linda!

3.^a CANDIDATA (tom de discussão para com a 1.^a Candidata) — Beleza não vale nada! Em teatro, precisa-se ter talento! (1.^a Candidata faz diversas caretas).

DIRETOR — Bem, vamos aos testes. (apontando para 1.^a Candidata) Comece a senhora.

1.^a CANDIDATA (Toma cena, faz uma reverência bem de menina pequena, sorri. Começa a declamar num estilo bem próprio de aluna de grandes declamadoras do passado. Exagerada, sofisticada)

"As duas sombras", Olegario Mariano.

"Na encruzilhada silenciosa do destino,
Quando as estrelas se multiplicavam,
Duas sombras errantes se encontraram.

A primeira falou: nasci de um beijo, de luz, sou força, vida, alma, esplendor! (Diretor interrompe)

DIRETOR — Chega. Diga outra coisa.

1.^a CANDIDATA — Já vi que não gosta dos parnasianos. Direi um moderno.

"Esplendor selvagem". Não sei de quem é não...

Hipopotamos adolescentes

da zona norte,

Hipopotamos adolescentes

da zona sul,

Tudo azul, tudo azul, tudo azul...

DIRETOR — Basta! Você, agora. (3.^a Candidata com um ar trágico se levanta) Não, você. (3.^a Candidata amarra a cara)

2.^a CANDIDATA — Não trouxe nada de cór.

DIRETOR — Você vem aqui para fazer um teste e não traz nada preparado?

2.^a CANDIDATA — Queira me desculpar... Eu não sabia... (vai sair)

DIRETOR — Espere. Isto aqui serve. (Tira do bolso um pedaço de papel) Vá lendo esse trecho, enquanto sua colega faz a cena... (2.^a Candidata levanta e vem apagar o papel. 3.^a Candidata prepara-se: tira da bolsa um pequeno punhal e toma a cena. É trágico o seu olhar, sua atitude).

3.^a CANDIDATA — Ser, ou não ser, eis a questão: se há mais nobreza d'alma em submeter-se às fundas e setas de fortuna inimiga, ou se tomar armas contra um mar de atribulações, e, combatendo, exterminá-las? Morrer, dormir, nada mais; e dizer que adormecendo...

DIRETOR — Chega! Diga outra coisa!

3.^a CANDIDATA — Sim, senhor. (Vai rápida até a sua bolsa e tira de lá uma grinalda. Põe-na na cabeça. 1.^a Candidata ri. Chega o autor da peça, que do fundo do palco, sem dizer uma palavra, mas estupefato, fica olhando o teste. Diretor faz caretas. Ponto quieto. Atriz prestes a soltar uma gargalhada. 3.^a Candidata anuncia):

"Fausto", de Goethe:

"Meu dia de núpcias seria!

Não digas que estive já com Gretchen.

Foi-se a esperança,

A coroa, tão linda!... (esquece o papel)

Ich Gabwas drum, wenn ich nu wubt,

DIRETOR — O que?

3.^a CANDIDATA (consertando) — Estava me lembrando em alemão.

Hei de ver-te, ainda,

Mas não na dança.

Larga-me! eu não admito a força!

Não me agarres, mau, dêste jeito!

Por amor de ti tudo tenho feito! (joga-se no chão)

DIRETOR — Basta!

3.^a CANDIDATA — Não cheguei nem a dizer uma estrofe...

DIRETOR — Já estou satisfeito... (chamando o autor) Chegaste em boa hora. (autor vai cumprimentando os presentes. Beija a mão da estrêla, que nesse momento está fumando sua piteira dourada. Dá-lhe um cumprimento seco. Autor vem ficar perto do Diretor) — (Para a 2.^a Candidata) Chegou a sua vez. Leia, em voz alta.

2.^a CANDIDATA (um tanto tímida, começa a ler, em voz alta) — Jack Wilson, um jovem de 71 anos, que quebra poste de madeira com os dentes, paralelepípedos com um murro e torce barras de ferro com sua força descomunal, está fazendo demonstrações de seu vigor extraordinário...

DIRETOR — Mais alto, menina.

2.^a CANDIDATA (falando um pouco mais alto) — E ensinando como alguém pode se transformar num Tarzan. O vigoroso septuagenário fará hoje uma exibição, (Comentários do Diretor para o Autor. Olhares de ódio da Atriz).

DIRETOR (interrompendo-a) — Eis a sua linha ideal. Vou mudar o linha do papel, dando-lhe uma linha mais suave. Uma verdadeira ingênuia!

ATRIZ (levantando-se) — Se essa moça fizer o papel de Irina, não entro em cena!

DIRETOR — Por que?

ATRIZ — Dispenso comentários.

DIRETOR — Mas afinal eu sou ou não sou o diretor de sua peça?

1.^a CANDIDATA — Senhor diretor: quer dizer que não gostou de mim!

3.^a CANDIDATA — Absurdo! Dizer Goethe, Shakespeare, para no fim uma que mal leu um recorte de jornal me passar a frente! A crítica no estrangeiro sempre me pôs nas alturas (para o Diretor) Quem é o senhor? Em que escola foi diplomado?

DIRETOR — Em nenhuma!

3.^a CANDIDATA — Eu logo vi!

1.^a CANDIDATA — Eu podia fazer o papel da ingênuia na linha que o senhor mandasse. Não se esqueça que sou diplomada por uma Academia Dramática. Quer que eu diga um trecho de tragédia grega?

DIRETOR (gritando) — Não!

1.^a CANDIDATA — Nervoso! Não precisa gritar!... ATRIZ — A candidata devia ser moça. (Aponta para a 3.^a Candidata)

3.^a CANDIDATA — Gostou de mim? Vê-se logo que a senhora é uma artista!

DIRETOR (para o Empresário) — O autor é da mesma opinião que eu.

3.^a CANDIDATA — Proteção!

ATRIZ (para o autor) — Já que está presente, quero lhe participar que não representarei o seu 3.^o ato como está escrito.

AUTOR — Seu papel é lindo nesse ato, Dorine!

ATRIZ — É lindo, mas não gosto.

AUTOR — Qual a cena de que você não gostou?
 ATRIZ — Todas!
 AUTOR — Pois todo mundo que leu, achou o meu melhor ato.
 ATRIZ — Para o galã e para essa Irina que você imaginou...
 AUTOR — Então, Dorine: você acha que o papel de Irina seja melhor do que o seu?
 ATRIZ — Claro que é melhor! Eu não vou admitir que na minha Companhia vá se contratar um elemento que no fim vai roubar a peça toda. A não ser que você modifique o final: quero morrer falando e envenenada.
 AUTOR — Uma tirada de 20 linhas?
 ATRIZ — Não seria mau. (pausa)
 AUTOR — Está bem, mas não faço.
 ATRIZ — Então, não se estréia...
 AUTOR — Tenho um contrato!
 EMPRESÁRIO — Dorine... Meu bem... Compreenda...
 ATRIZ — Não quero compreender nada! Disse que não represento e está acabado! Não me façam ficar histérica!
 3.ª CANDIDATA — O que estou fazendo ainda aqui... Teatro bagunça... Se soubesse que era isso... (para a atriz) Tive muito prazer em conhecer a senhorita... (para o Diretor) Ditador! (sai)
 1.ª CANDIDATA — Não vão me aproveitar?
 DIRETOR — Não!
 1.ª CANDIDATA — Bobo! (dá uma rabanada e sai)
 ATRIZ — Se não mandarem chamar imediatamente a moça que disse o "Hamlet" e não derem a ela o papel, eu dou um berro que as paredes vão tremer! (Dá um grito)
 EMPRESÁRIO — Pedro! Pedrinho, corra atrás daquela moça e traga-a de volta! (Pedro sai)
 DIRETOR — Volte, Pedro! (Pedro volta)
 EMPRESÁRIO — Vá, idiota!
 DIRETOR — Não precisa! A candidata já está escolhida...
 ATRIZ (num berro. Pedro sai numa disparada. Todos se assustam) O que é que você está pensando, hein? Que manda alguma coisa? Não preciso de diretor nenhum! Tenho meu nome feito! (Para o autor) E não vou fazer mais Natacha nenhuma! Nem com 3 mortes no fim! Rua, com vocês todos, andem! Rua!

DIRETOR — Vedette! Vedette de revista!
 AUTOR — Fique sabendo que sou muito autor!
 ATRIZ — Pode botar sua peça na gaveta! Não haverá estréia!
 AUTOR — Irei a juízo! Quero uma indenização!
 EMPRESÁRIO — Dorine! Minha bonequinha... Veja bem o que você está fazendo! Será minha ruína...
 ATRIZ — O culpado disso tudo foi você! Eu não queria ser dirigida! E muito menos representar essa Natacha! Toma! Vê se é bom... (dá-lhe uma bofetada)
 AUTOR — Vou-me embora! Quando acabarem com essa bagunça, mandem me chamar. (sai)
 ATRIZ — Pode ir embora todo mundo! Não preciso de ninguém! Por isso, sou uma estrela! (Chega o ponto)
 PONTO — Não encontrei mais a moça.
 ATRIZ — Não precisa! Tive uma ideia genial! Vou telefonar agora mesmo para Isac. Prometeu escrever uma peça para mim! É um grande autor!
 DIRETOR — A minha vingança é que há de ir tudo para o porão, sua canastrona!
 ATRIZ — Rua! Rua, antes que eu faça uma besteira! (Correm numa disparada o Diretor, Autor, Empresário e 2.ª Candidata)
 ATRIZ (numa atitude grandiloquente) — Doravante, só representarei monólogos! Será a minha glória!
 PONTO (ajoelhado) — E eu pontarei tudo para a senhora! Vou dar cada tiro! (beija-lhe a mão)

Pano

(Na abertura do pano, Atriz e Ponto começam a agradecer, atirando beijos para o público. Inesperadamente, aparecem também para agradecer Diretor, Autor e Ator. As 3 candidatas vêm em alvoroço, perseguindo o Empresário para que ele faça uma companhia para cada uma delas. Ao ouvirem as palmas, sobem ao palco e cada qual quer jogar mais beijos para o público. Até que a 2.ª Candidata dá um forte empurrão na Atriz e começa a briga de todo mundo. O Diretor grita: PANO! A cortina se fecha e quando abre pela última vez, devem os intérpretes estarem de mãos dadas para o agradecimento.)

FIM



COLETÂNEA TEATRAL

PEÇAS PUBLICADAS:

- 1 — ONDE CANTA O SABIA, de Gastão Tojeiro
- 2 — SAUDADE, de Paulo Magalhães
- 3 — COMPRA-SE UM MARIDO, de José Wanderley
- 4 — SE O ANACLETO SOUBESSE..., de Paulo Orlando
- 5 — DINDINHA, de Matheus da Fontoura
- 6 — O CASACO ENCANTADO, de Lucia Benedetti
- 7 — O CHÁ DO SABUGUEIRO, de Raul Pederneiras
- 8 — O AMIGO TERREMOTO, de Renato Alvim e Nelson Abreu
- 9 — O DIVINO PERFUME, de Renato Vianna
- 10 — PRIMINHO DO CORAÇÃO, de Miguel Santos e Luiz Iglesias
- 11 — CHAPÉUSINHO VERMELHO, de Paulo Magalhães
- 12 — O CULPADO FOI VOCÊ, de Nelson Carneiro
- 13 — ONDE ESTÁS, FELICIDADE?, de Luiz Iglesias
- 14 — A MÁQUINA DA FELICIDADE, de Léo Vitor
- 15 — HOTEL DOS AMORES, de Miguel Santos
- 16 — COMO VOCÊ QUIZER, de José Wanderley e NOVAS AVENTURAS DA FAMÍLIA LERO-LERO, de R. Magalhães Junior
- 17 — A FLOR DOS MARIDOS, de Armando Gonzaga
- 18 — UM CRAVO NA LAPELA, de Pedro Bloch
- 19 — PAIOL VELHO, de Abílio Pereira de Almeida
- 20 — O CHALAÇA, de Afonso de Carvalho
- 21 — OS LINGUICEIROS RODERIZ e A MOELA DA GALINHA, de Viriato Corrêa
- 22 — O IDIOTA, de Léo Vitor
- 23 — QUANDO O CORAÇÃO QUER..., de Modesto de Abreu
- 24 — FRUTOS DA ÉPOCA, de Mario Nunes
- 25 — A PAIXÃO, de Luiz Peixoto
- 26 — O BÔBO DO REI, de Joracy Camargo
- 28 — FUTEBOL EM FAMÍLIA, de Silveira Sampaio e Arnaldo Faro
- 27 — A CAMISOLA DO ANJO, de Pedro Bloch e Darcy Evangelista
- 29 — O RETRATO A ÓLEO, de Arthur Azevedo.
- 30 — A FONTE CASTÁLIA, de Arthur Azevedo
- 31 — A ALMANJARRA e ENTRE O VERMUTE E A SOPA, de Arthur Azevedo
- 32 — A JÓIA, de Arthur Azevedo
- 33 — O DOTE e O ORÁCULO, de Arthur Azevedo.
- 34 — O BADEJO e UMA CONSULTA, de Arthur Azevedo
- 35 — CASA DE ORATES, de Arthur e Aluizio Azevedo
- 36 — O MAMBEMBE, de Arthur Azevedo e José Piza.
- 37 — O GENRO DE MUITAS SOGRAS, de A. Azevedo e Moreira Sampaio
- 38 — HELENA, de Eurípedes, trad. de Lopes Gonçalves
- 39 — O CRÉDITO, de José de Alencar.
- 40 — A FAMÍLIA, de Quintino Bocayuva
- 41 — QUEBRANTO, do Coelho Netto e UMA VISITA DE CERIMÔNIA, de Miguel Santos.

No próximo número :

"HISTÓRIA DE UMA MOÇA RICA"

de PINHEIRO GUIMARÃES

Ministério da Justiça
Departamento de Polícia Federal
Serviço de Censura de Diversões Públicas
Turma de Censura de Teatros e Congêneres
Brasília - D.F.

L a u d o C e n s ó r i o

Título da Peça: A Prima Donna //

Nome do Autor: José Maria Monteiro //

Nome do Tradutor: //

Gênero: Comédia //

Entrecho: Farsa de um bagunçado ensaio teatral, com vedetismos e
desespêros. //

Apreciação moral: Oferece alguns conhecimentos de bastidores, sem
causar constrangimentos algum ao público. //

Observações:

Classificação final: --- L.I.V.R.E. ---

Brasília (DF), 16 de maio de 1968

Censor Federal - matrícula nº 1.282.938
Carlos Lúcio Menezes

Senhor Chefe da Seção de Censura

Em anexo ~~sempre~~ peça abaixo indicada, com o voto
que procedeu o exame da

do Censor
mesma.

Chício

NOME DA PEÇA:

A prime donna

AUTOR:

José Maria Monteiro

RESTRIÇÃO SUGERIDA:

Reivore

OBS:

Em

16.05.68
CB

Chefe da

VISTO :

Encaminhar ~~o~~ processo à apreciação do Se-
nhor Chefe do SCDP, para ~~o~~ final.

Em

15/05/68
[Signature]

Chefe da

DESPACHO

do Censor

Expedir ~~o~~ ~~processo~~ de Censura de acôrdo com voto

Em

CHEFE DO

[Signature]



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL 0617, 817

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 263/68

PEÇA - / PRIMA DONNA / -

ORIGINAL DE JOSÉ MARIA MONTEIRO

APROVADO PELO S. C. D. P.

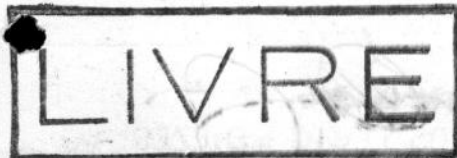
VÁLIDO ATÉ 16 de MAIO de 19 69

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 16 de MAIO de 19 68

MANOEL FELIPE DE SOUZA LEÃO NETO

Chefe do S. C. D. P.



APCA/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

CERTIFICADO DO S. C. D.

Certifico constar do livro nº 01- folha nº 10-, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -/ PRIMA DONNA/-

Original de JOSÉ MARIA MONTEIRO

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de FEDERAÇÃO PAULISTA DE AMADORES TEATRAIS

Tendo sido censurada em 16 de MAIO de 1968 e recebido a seguinte classificação: : - L I V R E - : -NENHUMA RESTRIÇÃO ETÁRIA-

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília 16 de MAIO de 1968


-CARLOS LUCIO MENEZES -

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617, p. 18

14

ILMO. SNR. DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA FEDERAL.
BRASILIA. DF

O GRUPO TEMPO, Teatro Moderno de Pesquisa e Orientação, desta capital, vem requerer se digne V.S., mandar revalidar a Censura da peça abaixo qualificada, para o que junta os documentos de Lei.

NOME:- PRIMA DONA

AUTOR:- JOSÉ MARIA MONTEIRO.

GÊNERO:- Comédia em um ato.

LOCAL DE APRESENTAÇÃO:- Possivelmente Teatro Oficina.

DATA:- Outubro de 1968.

Anexo Certificado 4490/68 Expedido em São Paulo.

Nestes Termos..

P. Deferimento.


Francisco de Assis Guimarães-Dir.Artístico e
Administrativo.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
CERTIFICADO DE CENSURA



Nº de Registro 4490/67-SP

Título do PROGRAMA: "A PRIMA DONA"

2 pag. 185

AUTOR: JOSÉ MARIA MONTEIRO

RESPONSÁVEL: FRANCISCO DE ASSIS GUIMARÃES.

Aprovado pelo S. C. D. P. LIVRE

Validade 23 DE ABRIL DE 1968

LIVRE

Brasília, 23 de OUTUBRO de 19 67

Certificado de Censura

CHEFE DO S. C. D. P.

16

Direitos de Representação

Autorização Nº 167447

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: *Uma Donna*

Original de *João Luiz Monteiro*

Música de

Tradução de

No Teatro

Cidade

Empresa

Pela Cia.

nos dias

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

.....% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a

garantia mínima de Cr\$ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Paulo 21 de 6 de 1950

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes.

— A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617, P.21

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exhibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

JOSÉ MARIA MONTEIRO

18/

PRIMA DONNA

Farsa em 1 ato



(Representada pela 1.^a vez no Teatro Duse, em 23 de novembro de 1952 e reprisada no Teatro de Bolso, em 1956).



Edição da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

"PRIMA DONNA" E A CRÍTICA

"Um espetáculo novo e bom" — Última Hora.

"A farsa de J. M. Monteiro mantém ainda a graça e o mesmo interesse de quando a vimos em 52, no Duse. Isso já diz bastante da qualidade desse ato, que 4 anos depois (apesar de toda a "atualização") continua divertindo grandemente o público, cumprindo sua finalidade maior, sem grandes pretensões" — João Augusto (Tribuna da Imprensa).



José Maria Monteiro

"O mérito maior de "Prima Donna" está, pois, para nós, ao lado de suas qualidades teatrais, no fato de ser uma sátira ao teatro carioca, até mesmo construtiva e, mais ainda, no de colocar muito oportunamente o conflito de duas concepções de teatro, o choque de duas mentalidades" — Henrique Oscar (Diário de Notícias).

"Tem muita graça esse flagrante do teatro por dentro. O tom de farsa justifica o evidente exagero, do texto e da representação. O propósito de causticar divertindo, é plenamente alcançado" — Mário Nunes (Jornal do Brasil).

"Não custa reafirmar que se trata de uma deliciosa sátira, imaginada com inteligência e realizada agora em melhores condições de rendimento cômico" — Aldo Calvet (Última Hora).

"Prima donna é assim uma interessante brincadeira que termina com o grito da estrela em busca de autores de melodrama" — Francisco P. Silva (Diário Carioca).

"Dissemos que o autor era um escritor de farsa 100%. Em nada alteramos nossa afirmativa". Maria Santa Cruz (O Dia).

"Não se deve perder o programa todo, pois tem na sua segunda parte a farsa brilhantíssima do sr. José Maria Monteiro: "Prima donna". Paschoal C. Magno. (Correio da Manhã).

"O ato é muito bem construído e atual, é universal e divertidíssimo" — Agnello Macedo (Jornal do Comércio).

"É uma charge à gente de teatro, na qual o autor teve a habilidade de usar a caricatura, como se fugisse à identificação por parte da platéia aos tipos que apresenta. E com isso consegue ele, além de autor, como diretor, um excelente rendimento". Gustavo Doria (O Globo).

"Havia momentos em que tínhamos a impressão de que eram os atores que estavam rindo do público, tão nítida era a identificação de certos personagens com as figuras da sala. Vimos, por exemplo, um crítico militante reconhecer-se numa das "falas" do ator. Tudo isso nos foi apresentado num ritmo rápido e de baixo da reação favorável de um público que se divertia imensamente" — Geraldo Queiroz (Suplemento do Jornal do Brasil).

"José Maria faz teatro, com toda a graça e a malícia possível, do próprio teatro. Está bem no meio entre o "sketch" de revista e Feydeau, entre a página do "pif-paf" e Martins Penna". Rugero Jacobbi (Para Todos).

"É uma deliciosa sátira, um choque entre o velho e o novo teatro, uma história que vale muito mais a pena ser vista do que contada. São proezas do autor e diretor J. M. Monteiro, e, confesso, morri de rir". — Eneida (Diário de Notícias).

"Farsa satírica, estreada no Duse, há quatro anos atrás, retornou ao palco com algumas atualizações em seu texto, mas trazendo ainda bem retratada a "vedette" voluntariosa, pedante, da qual faz caricatura" — Jota Efegê (Jornal dos Sports).

"A alegre noite, que foi a da estréia dessa peça, já tão elogiada pela crítica, no palco pequenissimo e inteligentemente aumentado pelos bons cenários de Nilson Penna e pelo aproveitamento das 2 portas de entrada e parte da platéia, pelo sr. José Maria Monteiro" — Arnaldo V. Carvalho (O Cruzeiro).

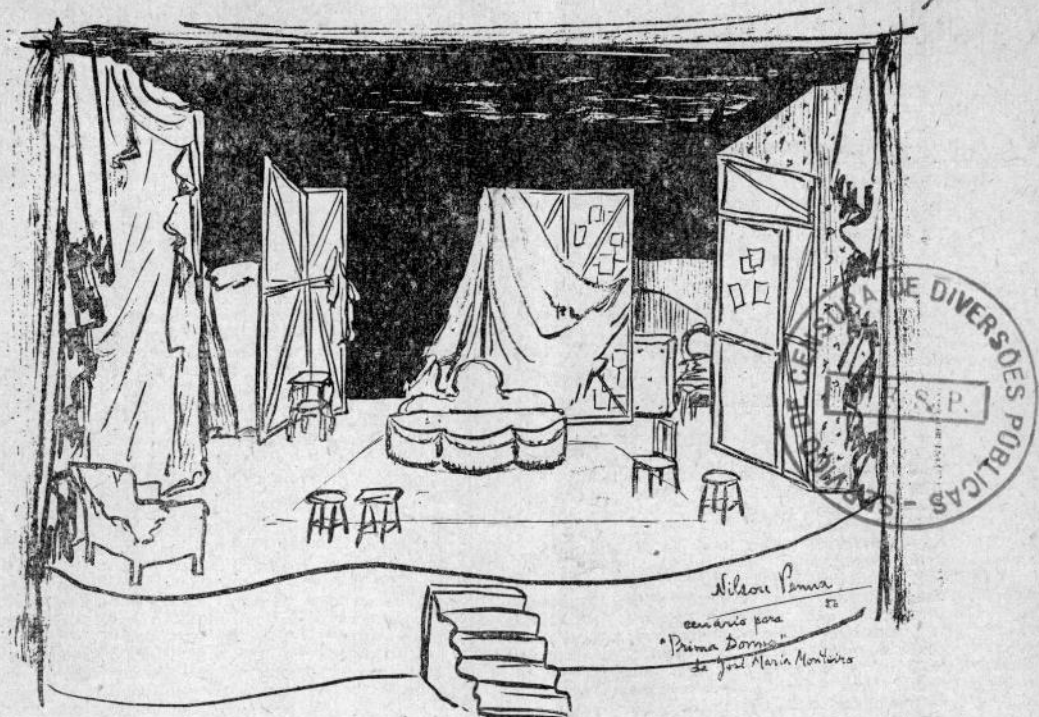


PERSONAGENS E INTÉRPRETES NO TEATRO DE BOLSO:

PONTO	Orlando Macedo
DIRETOR	Aurimar Rocha
ATOR	Luiz D'Avila
ATRIZ	Teresa Raquel
EMPRESÁRIO	Ilidio Costa
AUTOR	José Madeira
1. ^a CANDIDATA	Marilú Bueno
2. ^a CANDIDATA	Esther Mellinger
3. ^a CANDIDATA	Elvira de la Vega

Direção do autor — Cenário de Nilson Penna

Esta peça só poderá ser representada mediante autorização da
SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAES



ATO ÚNICO

CENÁRIO

Quando começa o espetáculo, o palco está no escuro. Pano fechado.

Conforme o teatro, o PONTO entra, pela platéia ou pelo palco propriamente. Abre o pano e grita para a coxia:

PONTO — Cavaquinho, o' Cavaquinho! Acor-da, homem, que o senhor Diretor não deve tar-dar. Está na hora do ensaio. (Acende a luz. Vê o palco desarrumado e exclama:) Bonito: Não tem ninguém. (Tira o casaco, trocando-o por um guar-da-pó e fala:) Pedro, mãos à obra. Mostra para essa gente nova, que em teatro não há grandes nem pequenos papéis. Existem artistas, como vo-cê. (Põe no lugar uma poltrona de braços para o Diretor. Coloca um sofá no meio da cena. Uma cadeira e um banco pequeno de cada lado. Lem-bra-se de qualquer coisa e liga uma vitrola. Ou-ve-se uma cantora famosa na grande aria da Traviata: "Sempre libera". O Ponto se delicia. Põe uma mesinha com um jarro de flores, no cen-tro da cena. Dois banquinhos, um pintado de vermelho e outro de azul, na esquerda baixa, perto da cadeira do Diretor. Pega um espanador e começa a limpar os móveis, sempre se delici-ando com a aria da ópera. NÓTA: O Ponto pode vir cantarolando um trecho de ópera, no início da peça, isto é, quando ao entrar no teatro en-controu tudo ainda por fazer. Depois de tudo no seu lugar, o Ponto senta-se no sofá, fica se aba-nando com o espanador, ouvindo sua aria predi-leta, até o momento em que o Diretor fizer sua entrada. Este fica parado alguns segundos, e só é notada a sua presença através de um pigarro impertinente).

CENA PRIMEIRA

PONTO e DIRETOR

PONTO — Boa tarde, senhor Diretor. Vou desligar. (Destila a vitrola) Como passou de ontem para hoje? Ca-vaquinho, o contra-regra novo, ainda não chegou. (Pausa) A cena está a seu gosto?

DIRETOR — Você hoje vai pontar da coxia. Não que-rou ouvir sua voz.

PONTO — Ela ainda não sabe o papel direito...

DIRETOR — Esta peça tem que ir sem ponto.

PONTO — Duvido...

DIRETOR — Duvida o que?

PONTO — Que ela decore (pausa). No meu tempo, ninguém precisava decorar nada. Mas, naquela época ha-

via atrizes... Alguém só podia ser considerado ator, de- pois que fizesse 10 papéis diferentes. Mas hoje, qualquer emadorazinha é atriz... E só quer fazer papel principal. "Não faço pontas", é só o que elas sabem dizer... (pau- sa). A grande Madalena Brazão era analfabeta e foi a maior atriz do seu tempo. Ninguém representou a Dama das Camélias tão bem quanto ela. Que voz! Que vibração! Uma verdadeira artista! Posso citar uma dúzia de atrizes do passado que não sabiam ler... Tinham é isso. (mos- tra o ouvido) muito bom. Conheci um grande ator, que para ouvir o ponto, tossia sempre antes da fala. O ponto já sabia. Atacava logo. A própria Madalena Brazão tinha um jeito todo especial... Essa era na marcação. Quando ela parava no palco, tôda etérea e botava a mão no quei- xo, é porque não sabia o que vinha adiante...

DIRETOR — A época dos pontos já passou...

PONTO — Passou, mas até hoje as grandes compa- nhias nos disputam... Como eu, existem poucos. Pontar é uma arte, senhor diretor. Exige vocação, um artista. Por que não sei se o senhor sabe: um ponto derruba um espetáculo. (Reação do Diretor) Já pensou a gente vir para o teatro meio no pileque e saltar uma página?

DIRETOR — O teatro moderno não admite mais ponto!

PONTO — Todos esses seus sonhos são muito bonitos, mas aqui nesta Companhia não vingam... A estrêla nun- ca teve cabeça para decorar... Conheço-a primeiro do que o senhor. Vaidosa! Sabe que ela não aceita papéis que não tenham no final do 2.º ato uma grande cena. Não sei como o senhor a convenceu desta vez... Esta peça não é o gênero dela...

DIRETOR — É uma comédia sem aria...

PONTO — E danada para a gente pontar... É cheia de ditos, de frasezinhas, de besteirinhas... Se ainda o sen- hor permitisse a gente botar uns cocozinhos... Eu podia ajudar na colaboração... Já tenho dado tiros sensacionais.

DIRETOR — Tiro?

PONTO — Vê-se logo que o senhor é novato na pro- fissão... Tiro é uma gargalhada! A eminente Regina Cé- lia não estreava uma peça, sem primeiro pedir minha opi- nião do que ela ia dizer fora da peça. Sempre deu certo. Dei-lhe cada idéia! Inventamos uns sinais só pelos lábios. Eu não precisava falar... Bons tempos! Mas, a profissão do ponto é muito ingrata. Antigamente era um buraco apertado, com as pulgas mordendo a gente por baixo. Hoje, êsse tal de teatro moderno, botou a gente na coxia, cor- rendo feito um doido, detrás dos cenários, de acordo com a marcação... É que marcação mais sem graça, Santa Madona... Custas para o público... Os atores falam sem olhar um para o outro. Fala-se tão baixo, que da 3.ª fila em diante não se escuta nada... Dizem êsses "snobs": É moderno! Chique! Olhe: Eu já pontei uma peça, que nos 3 atos ficava tudo escuro. Sabe o que aconteceu? Uma das figurantes, que só entrava no 3.º ato, quase... Sabe? Com

o contra-regra... É por que na hora "H" éle tinha que soltar um foguete e alguém gritou: "O foguete! O foguete!"

DIRETOR — Bem mostra que você é ponto...

PONTO — Por que?

DIRETOR — Fala demais.

PONTO — Aqui para nós... Que ninguém nos ouça: o senhor não vai ficar zangado se eu lhe disser uma coisa?

DIRETOR — Diga.

PONTO — Acho que essa peça vai para o porão.

DIRETOR — Ah! (passeia em cena)

PONTO — O público não vai gostar. Eu conheço teatro. Meu pai foi o grande palhaço Zuzú e minha mãe é graciosa dançarina Lily.

DIRETOR — Cale essa boca!

PONTO — Pensei que o senhor estivesse gostando de me escutar...

DIRETOR — Será que na sua profissão você já não fala o suficiente? Cale essa boca!

CENA SEGUNDA

Os mesmos e ATOR

ATOR — Boa tarde. (pausa) Leu o Diário?

DIRETOR (seco) — Não.

ATOR — Me elogiou.

DIRETOR — É um imbecil!

ATOR — Ora essa! (outro tom) Te põs tôda a culpa. (mostrando um jornal).

DIRETOR — Boas! Sou um diretor e não um ensaiador! Não fui contratado para ensinar alunos. Produzo espetáculo! Mas para isso, me dêem atores! Atores! Claro que o meu processo é moderno. Para que estudei na Europa e passei 6 meses vendo espetáculos na Broadway? Para voltar à minha terra e continuar ensaiando como a maioria ensaia? Uma brisa! Tudo que sabem fazer é pôr um sofá no meio da cena, duas cadeiras ao lado. A célebre mesinha com uma jarra de flores em cima! Uma personagem se senta, a outra se levanta. Quando esta se senta, aquela fica de pé. Não! Esse teatro de 1900 eu não faço! O teatro da prima donna, que canta a grande ária e morre no fim tuberculosa... O maldito teatro do ponto, essa coisa horrível...

PONTO — Perdão, senhor Diretor, mas o ponto...

DIRETOR — Se você me der mais um pio, mando lhe despedir!

PONTO — O senhor pode me dispensar, mas eles precisam de mim.

ATOR — Ele não fez nenhuma restrição ao meu desempenho. E olhe que éle anota tudo durante os espetáculos.

DIRETOR — A crítica não existe!

PONTO (Entre os dentes) — Quando mete o pau, não...

DIRETOR — Como pôde elogiar essa mulherzinha... Que benevolência!

PONTO — Está danado porque a crítica meteu o malho.

DIRETOR (Tirando do bolso um porção de recortes de jornal, que passa a ler) — "O papel não lhe assenta, mas graças ao seu talento, sua malícia salvou o espetáculo, que é todo mau, direção fraca e texto insípido..." Insípido é a cara dele.

ATOR — É a dona da companhia, não se esqueça.

PONTO (baixo) — E amante do empresário. Muita gaita!

DIRETOR — Você viu a trabalhadora que ela me deu: ensinei-lhe gesto por gesto. Eis aí a graça que esse imbecil despreveu... A malícia, o talento sou eu! Depois, colocar aquela voz em falsete, sabe lá o que isso?

PONTO — Eles acham que é mavião! Pra que discutir? Pra que?

DIRETOR — O mau do teatro é a burrice das vedettes. Tôda vedette é burra! Não enxerga meio palmo adiante do nariz. Se tivesse que fazer o papel de uma mendiga, gostaria de aparecer em cena com um vestido de Cristian Dior. (outro tom) Mas quero ver se com essa peça eles não vão falar bem de mim! Hei de mostrar-lhes o poder de um diretor! Sem diretor, não se cria espetáculos! As luzes, o ritmo! Ato é boneco, marionete de nossos comandos!

ATOR — Perdão! Nunca fui à Europa, nem à América, mas não sou fantoche de ninguém. Sou um ator!

PONTO — Que derruba!, derruba. É só tomar um pi-lequinho...

DIRETOR (para o ponto) — Que anarquia é essa, heim? Recolha-se à sua modesta insignificância...

PONTO — Queira me desculpar, senhor diretor.

DIRETOR — Estou procurando um modo de iluminar o 2.º ato com luz negra. Quero vesti-la de amarelo e você de branco. Vou jogar 4 refletores laterais e uma bateria lá no fundo. A cena do idílio vai ter uma salva de palmas, ora se vai! Depois, as últimas marcações que fiz para você são realmente geniais. Por favor Sergio, não me interrompa, porque hoje vai tudo brotar do meu cérebro, como água que jorra da cascata. Bonita imagem, não? Depois dizem que não sou poeta... Inveja!

PONTO — Prima donna! Prima donna!

DIRETOR — Quero uma cena tôda em pantomima no 3.º ato.

ATOR — Pantomima depois da ópera de Pequim, está fora de moda. Deixou de ser mistério...

DIRETOR — Pois em Paris ainda é a coqueluche dos jovens. Aliás, fiz um curso completo. E já havia estudado na América, no estúdio de Chaplin.

ATOR — E Chaplin tem estúdio? Pensei que éle só tivesse...

DIRETOR (cortando-o) — Aquilo é que é um gênio! Eu devia ter ficado por lá e tentado Hollywood. Seria hoje um diretor famoso! Sim, porque a minha vocação é mesmo para dirigir: agrupar massas, amoldar temperamentos, dar ordens! Sou neto de alemão e bisneto de espanhol!

ATOR — É o sonho de tôda gente: sair daqui, estudar, para depois voltar. E vencer!

DIRETOR — O estudar fora só adianta, realmente, quando se tem alguma coisa aqui dentro...

ATOR — E acha que eu não tenho essa coisa?

DIRETOR — Não quis dizer isso... Pelo contrário. Você até que tem muitas qualidades: voz, físico, desembaraço... Mas...

ATOR — Mas o que?

DIRETOR — Falta-lhe presença!

ATOR — É a primeira vez que ouço dizer isso de mim...

DIRETOR — Não vá ficar com complexo, mas falta a você presença de ator!

ATOR — Sempre tive unanimidade de crítica! Posso lhe mostrar meu album de recortes...

DIRETOR — Como se a crítica valesse tudo! E a opinião de gente entendida? Essa sim, é que eu dou valor. Aliás, na Gêndola ninguém gosta de você...

ATOR — O público me adora!

DIRETOR — Público... Essa massa ignorante, sem cultura, que não raciocina... Riem por qualquer palhaçada, por qualquer piada imoral... Detesto o público!

ATOR (discutindo) — Não se esqueça de que recebo sempre mais de 500 cartas depois das estréias...

DIRETOR (idem) — No teatro, meu rapaz, a ambição deve ser maior que a vaidade!

ATOR (idem) — Tenho as duas! Por isso, sou um ator!

DIRETOR — Eu não, sou um criador! Um intelectual! Crítica... público... gente analfabeta...

ATOR — Então, por que ficou danado com a opinião do "Diário"?

DIRETOR — Por isso mesmo! Éle foi injusto! Detesto a injustiça! Não falou nas belíssimas marcações que eu fiz... Mas a peça esteve aí para desmentir tudo: fez carreira, não fez? Casas repletas tôdas as noites... Essa é a minha vingança!

ATOR — E pensa que o público vem aqui para admirar as suas geniais marcações? Suas luzes maravilhosas? Já viu os cartazes na rua? A propaganda dos jornais? Estão cheios de pernas nuas, de vestidos transparentes... Chama público! O empresário diz que o público quer ver mulher nua! Na propaganda, só sai o nome dela, o retrato dela em tôdas as posições... Para isso, a estrela tem um velho coronel que paga todo esse luxo. Arrendou este teatro e paga bem à gente para aparecer ao lado dela!

PONTO — E a prima donna!

ATOR — Pensa que não sei que tenho mais talento do que ela? Os críticos já disseram isso não sei quantas vezes. O que eu ainda não tive foi uma chance... Mas, ela que vá se preparando com esta peça... Vou engolir todo mundo!

PONTO (mais alto, contente) — Prima donna! Prima donna!

ATOR — Estudo meu papel como um leão. Eu sei que o segundo ato, é todo meu! Apreendi a dar a gargalhada. Quer ver? (dá uma péssima gargalhada e se joga no chão. Diretor tapa os ouvidos. Ponto faz uma careta e balança com a cabeça) Gostaram? Fiz esta cena ontem, numa roda de amigos e todo mundo gostou. Uma grande atriz presente, estrangeira, não entendeu patavina, mas ficou de boca aberta... (para o diretor) Que tal?

DIRETOR — Muito falsa! (o Ponto ri)

ATOR — Estou fazendo o que você mandou... É difícil!

DIRETOR — Entre a gente mandar fazer uma coisa e essa coisa sair bem, a diferença é grande. Teatro, meu caro, é execução, técnica. É uma tragédia! Os atores... são todos...

PONTO — Burros, não é isso, senhor diretor?

ATOR — A conversa não chegou ainda na cozinha!

PONTO — Estou usando uma imagem que ainda há pouco o mestre usou...

DIRETOR — Infelizmente, é bem a palavra...

PONTO — Viu?

ATOR — Eu não admito... Fiquem sabendo que eu não me considero burro! Entendo qualquer papel! Já estudei o Edipo-Rei inteirinho com Zanelli! E na cena com Tiresias, que é difícilíssima, existe uma passagem de um subjetivismo atroz... Não tem explicação... E Zanelli ficou boquiaberto com a explicação que aranjei. Disse-lhe... (discussão de fora. Vozes. Mulher: Paspalhão! coisa imprestável! Homem: Minha bonequinha! Meu tesouro!)

CENA TERCEIRA

Os mesmos, ATRIZ e EMPRESÁRIO

EMPRESÁRIO — Minha jóia. Não fique zangada! Compre outra para você. Em que loja você comprou?

ATRIZ (**mostrando uma luva, que tirou das mãos do Empresário**) — Não vê que era uma lembrança, idiota! Que nem uma outra coberta de brilhantes teria o mesmo valor? Mandei esse imbecil segurar a minha bolsa e as minhas luvas enquanto fui ao cabelereiro. Quando volto, só encontro uma luva. Perdeu a outra. Com certeza, foi atrás de alguma zinha que passou... Agora, não presta mais pra nada...

EMPRESÁRIO — Eu darei quantas você quiser, boneca! ATRIZ — E pare com essa história de me chamar de boneca! Tenho nome!

EMPRESÁRIO — Fique calma, Dorine, depois você não vai poder ensaiar...

ATRIZ (**para o diretor e o ator**) — Sabem de onde é essa pelica? Do Indostão. É uma lembrança muito cara... De alguém que foi um cavalheiro?

EMPRESÁRIO — Cavalheiro?

ATRIZ — Sob todos os pontos de vista...

EMPRESÁRIO (**mudando**) — Amante seu, não foi?

ATRIZ — Que pergunta! E daí?

EMPRESÁRIO — Mas não foi do meu tempo?

ATRIZ — Ainda duvida?

EMPRESÁRIO — Há quanto tempo?

ATRIZ — Não interessa!

EMPRESÁRIO — O nome! Vamos! O nome!

ATRIZ — Não direi! Quero que você sofra!

EMPRESÁRIO — Você sabe que eu poderei descobrir e mandar matá-lo?

ATRIZ — Olhe aqui, meu velho: a cláusula principal que estipulei no nosso contrato foi a de o senhor não interferir na minha vida privada! Já se esqueceu?

EMPRESÁRIO — Mas, não eramos amantes naquela época, Dorine.

ATRIZ — Quer rasgar o contrato? Não vou exigir muito... 500.000,00 cruzeiros de indenização. Se quiser, é já... aproveite que a Companhia está toda reunida...

DIRETOR (**calma aparente**) — Eu gostaria de saber, a que horas eu poderei começar o ensaio.

ATRIZ — Agora mesmo. (**para o empresário**) Vamos, rua: você me causa alergia. (**ponto começa a folhear a peça**)

DIRETOR (**para a atriz**) — A senhora decorou o papel?

ATRIZ — Como, se este homenzinho não me dá uma folga?... Passou a noite lá em casa...

DIRETOR — Dessa maneira não podemos estreiar a semana que vem!

EMPRESÁRIO — Não posso transferir mais. Estamos parados há mais de 15 dias, com todo mundo ganhando. Na bilheteria, não entra nada. Tenho uma folha de pagamento pesada. Também, tenho meus credores...

DIRETOR — Só estamos com o 1.º ato levantado. Ainda não comecei o 3.º porque os atores ainda não têm os papéis de cóp.

ATOR — Perdão, mas eu já sei toda a minha parte.

EMPRESÁRIO — E para que se pague um ponto nesta Companhia?

PONTO — Muito bem dito, senhor empresário. Até que enfim lembraram-se de mim...

DIRETOR — Esta peça não pode ir com ponto! É diálogo batido.

ATRIZ — É inútil. Não consigo decorar.

DIRETOR — Eu acho que uma atriz sem memória, devia desistir da profissão!

ATRIZ — E quem foi que disse que eu não tenho memória? Decorei 6 monólogos inteirinhos, sem omitir uma vírgula, em "Tristesse".

PONTO — Mentirosa!... mentirosa...

ATRIZ — Era uma peça... E não essa porcaria que o senhor impingiu...

DIRETOR — Os tempos mudaram, minha senhora. Teatro hoje é outra coisa.

ATRIZ — Já sei: tem um diretor!

DIRETOR — Sem ele, adeus espetáculo!...

ATRIZ — O público vem aqui, talvez, por sua causa... Tinha me esquecido...

DIRETOR — Não tenho as suas pernas...

ATRIZ — Há gosto para tudo, hoje em dia, cavalheiro...

PONTO (**malicioso**) — Isso é verdade!

ATRIZ — Sabe de uma coisa? acho melhor o senhor telefonar para o seu amigo autor... Diga-lhe para dar um pulo até cá. Li o 3.º ato e não gostei nada, nada do meu papel. Quero morrer falando e não vou me suicidar com um revólver. Isso ele tem que modificar. Quero morrer envenenada. Sei morrer muito bem. Todos os críticos disseram isso, quando representei a "Bovary". Cai de uma escada de 15 degraus! E ganhei uma salva de palmas de 5 minutos!

DIRETOR — Natacha é uma grande peça!

ATRIZ — Tão grande, que o nome é da protagonista,

quando o principal papel é do homem. O papel de Sérgio tem 200 palavras mais do que o meu.

ATOR — Você contou mal. 201!

DIRETOR — É uma peça para 2 atores, minha senhora! Atores!

ATRIZ — Está querendo insinuar que eu não seja uma atriz?...

DIRETOR — Talvez...

ATRIZ — Ora viva o grande diretor! Depois de 10 anos de palco, descubro num ensaio fuleiro, que não sou uma atriz! (ri) Vocês principiantes, se encham de vento quando vão ao estrangeiro e voltam de lá com um diploma, que a gente nunca vê o cheiro...

DIRETOR — Diplomado ou não, a verdade é que tenho capacidade... Talento!

ATRIZ — Talento!... Não foi isso que disse esta manhã o crítico do Diário...

DIRETOR (**estourando**) — Bolas! Não estou aqui para discutir esse assunto com a senhora! Fui contratado para ensaiar. Gostaria de saber a que horas posso começar!

ATRIZ — Agora mesmo... Com a condição: exijo que o senhor telefone para o seu amigo, pedindo a modificação do 3.º ato. Não faço a peça com aquele final!

DIRETOR (**tirando do bolso um cartão, gritando**) — Pedro: telefone para esse número e diga ao sr. Felisberto que venha me procurar no teatro, imediatamente. (**sai o Ponto**)

ATRIZ — Vamos começar de onde?

DIRETOR — Cena III, 2.º ato. (**atriz calmamente vai fumar um cigarro**) Vamos, o que estão esperando? Já perdemos muito tempo.

ATRIZ — A cena não está arrumada.

DIRETOR — Sérgio: quer dar um jeito nisso aí?

ATOR — É serviço da contra-regra.

DIRETOR — Bolas! (**dando um berro**) Pedro! A cena! (**pausa**) Pedro! Onde se meteu esse raio desse ponto! (**ponto aparece**)

PONTO — A linha está ocupada... Estou insistindo...

DIRETOR — A cena!

PONTO — Está pronta.

DIRETOR — Segundo ato, imbecil...

PONTO — Não precisa me xingar. Isso é serviço da contra-regra...

DIRETOR — Já sei! (**Ponto troca as cadeiras. E muda de posição os banquinhos**)

ATRIZ (**para o empresário**) — Vamos! Vamos dando o fora...

EMPRESÁRIO — Deixa eu ficar, boneca.

ATRIZ — Eu ainda lhe esbofeteio hoje, se você tornar a me chamar de boneca!

EMPRESÁRIO — Eu fico lá atrás... Não vou incomodar...

ATRIZ — Já disse que não! Vamos! Vamos!

EMPRESÁRIO — Não precisa me enxotar... Afinal de contas, acho que ainda sou dono deste troço!

ATRIZ — É. Mas, quem manda sou eu... Está no contrato... Não se lembra?

EMPRESÁRIO — Estou no escritório... Se precisar de mim, é só mandar me chamar.

ATRIZ — Está bem, está bem... (**vai empurrando-o**)

EMPRESÁRIO — Boneca: Quero ir hoje à noite a uma boite. Quero dançar! Me sinto muito primaveril! E logo mais, boneca... (**ouve-se uma bofetada dada na coxa**)

Estúpida!

ATRIZ — E não me apareça mais aqui, senão eu te esgano! (**ator sentou-se e fumou um cigarro. Diretor pas-seia impaciente, reaparece a atriz**) As suas ordens...

CENA QUARTA

Os mesmos, menos o EMPRESÁRIO

(**Ator toma a cena, atrás da atriz, que se senta num sofá. A representação dessa cena deve ter marcações absurdas, para justificar o diretor que veio cheio de idéias, mas que não entende nada da profissão.**)

ATOR — Para onde você foi? (**pausa**) O que fez durante todo esse tempo? (**pausa**) Parece que tudo aconteceu ontem: (**começa a falar baixo**) Voltei alegre da viagem. Tomei banho...

DIRETOR (**interferindo**) — Voz. Não estou escutando nada.

ATOR — Tomei banho e fui direto ao apartamento. Lembro-me que apanhei um taxi para chegar mais depressa.

DIRETOR (**alto**) — Voz! Você pensa que está numa casa de chá? O público quer ouvir...

ATOR — Não concordo falar nessa cena em voz alta. Esse homem está numa situação difícil...

DIRETOR — E quem está mandando você falar alto? Eu disse voz! Para você lançá-la na platéia! Sonorizar.

ATOR — Tinha uma porção de novidades para te contar. Nem o elevador tive paciência de esperar. Subi os seis degraus a pé...

DIRETOR — Seis o que?

ATOR (**gritando**) — Andares!
DIRETOR — Articule, rapaz.
ATOR — Essas interrupções me atrapalham.
DIRETOR — Vai-se habituando, porque meu processo é o melhor! Todo baseado em Stanislavsky!
ATOR (**passando um lenço pela testa**) — Abro a porta e encontro tudo vazio... (**transtornado**) Mama mia! Não sei bem o que senti naquele momento...
DIRETOR — Emoção!
ATOR — No trem, já estava adivinhando...
DIRETOR — Mais rápido, mais rápido...
ATOR — Más notícias. Procurei...
DIRETOR — Pausa, Sérgio. Não tenha medo da pausa...
ATRIZ (**entre os dentes**) — A essa altura, o público está roncando...
ATOR (**pausado**) — Procurei o zelador do edifício, na esperança de obter informações. (**pausa**) Nada. Você partiu; saudades me deixou. Eu chorei! Nem um bilhete ao menos. (**pausa**) Onde você esteve?
DIRETOR — Ótimo, excelente. Mas, nessa última fala você tem que se aproximar mais um pouco. Vamos voltar.
ATOR (**aproximando-se**) — Onde você esteve?
ATRIZ (**fria**) — Longe daqui.
ATOR — E eu que imaginava que você nunca pudesse...
DIRETOR — Não declame, por favor!
ATOR — Viver longe de mim! Sem o meu amor. No princípio, não quis acreditar. (**pondo o rosto entre as mãos**).
DIRETOR — O gesto está ruim. Assim. Olha para mim. (**faz o gesto**) Assim.
ATOR (**fazendo o gesto que o diretor indica**) — Foi horrível me acostumar...
DIRETOR — Correto.
ATRIZ — Você parece bem disposto.
DIRETOR — Não olhe para ele.
ATRIZ — Como não vou olhar, se ainda não o vi...
DIRETOR — Tenha a bondade de fazer o que estou mandando.
ATRIZ (**falando entre os dentes**) — No dia eu faço o que me der na cabeça...
ATOR (**tocando-a**) — Quando você chegou?
ATRIZ — Não vá sujar o meu vestido. Você está com as mãos imundas. (**Representando, repele-o e levanta-se**) Três meses, mais ou menos.
DIRETOR — Quem mandou a senhora se levantar?
ATRIZ — Estou "sentindo" que preciso me levantar.
DIRETOR — Agente na marcação.
ATRIZ — Está errado! Ele está querendo me tocar e eu tenho que fugir... Estou seguindo a tal linha psicológica que o senhor me deu...
DIRETOR (**cortando-a**) — Vá sentar-se, então, na outra cadeira.
ATOR — E por que não me procurou? Quer dizer que se eu não tivesse encontrado você, por acaso...
ATRIZ — Não cospe, que coisa!
DIRETOR — Não é esse o texto!
ATOR — Minha deixa é exatamente.
DIRETOR — Exatamente é o que a senhora devia dizer...
ATRIZ — Dá no mesmo.
DIRETOR — No meu teatro, ator não muda o texto que o autor escreveu! Nem uma vírgula! Por favor, mais dignidade!
ATOR — Daqui a pouco eu me levanto daqui e não faço mais droga nenhuma! (**falando em tom mais alto**) Tenha a bondade de me corrigir, sem comentários...
DIRETOR — Segue.
ATOR — Mas, afinal, o que foi que eu fiz para ser tratado dessa maneira fria? Amor, só tive por você. As outras foram meros flertes...
DIRETOR — Flerte, Sérgio, flerte.
ATOR — Foi o que eu disse...
DIRETOR — Pensou, segue.
ATOR — Creia-me: você ainda é tudo!
DIRETOR — Abraça-a (**ator abraça-a**) E a senhora, não fique aí parada. Empurre-o e tome a direita alta. (**atriz executa o movimento**) Não! Passe por trás do sofá, pelo amor de Deus!
ATRIZ — Não berre, ouviu? Antes de vir para cá, devia ter passado por uma farmácia e tomado um calmante!
DIRETOR — Segue.
ATRIZ (**nervosa**) E você pensa que já me esqueci daquele tempo em que vivíamos... Em que vivíamos juntos...
DIRETOR — Segue.
ATRIZ — Me esqueci...
DIRETOR — A senhora ainda não decorou o seu papel?
ATRIZ — Parece que não.
DIRETOR — A estréia está marcada. Segue.
ATRIZ — Seguir o que, se não sei mais o resto?!DIRETOR — Onde está esse maldito ponto! Pedro! (**entra Pedro correndo**).

CENA QUINTA

Os mesmos e PONTO

PONTO — Falei com ele.
DIRETOR — Vá pontar!
PONTO — Mandou dizer ao senhor que...
DIRETOR — Para a coxia, idiota! Não quero ouvir a sua voz!
PONTO — Tenho um recado para o senhor... É urgente!
DIRETOR — Para a coxia! Segue. (**Ponto corre para a coxia. Pausa**). Afinal, o que estamos esperando? (**Atriz fica quieta. Ponto aparece aflito**)
PONTO — Onde estão? (**Diretor põe a mão na cabeça, dá um gemido**) Eu estava lá dentro, não podia adivinhar... (**ator mostra a cena**) Pronto, pronto (**Ponto vai para os bastidores**) *
ATRIZ — Na sua companhia, nunca tive tranquilidade. Você aparecia no apartamento quando bem entendia. Eu não tinha mais sossego: dormia e amanhecia, pensando...
DIRETOR — Mais baixo.
ATRIZ — Será que ele vem hoje? À noite...
DIRETOR — Pare! Pare! Não está sentindo que está fria? Eu quero sua voz embargada...
ATRIZ — Minha voz sempre foi essa.
DIRETOR — Ponha-a na caixa.
ATRIZ — Que caixa?
DIRETOR — Não é a do ponto... Pois, não.
PONTO (**aparecendo**) — Me chamaram?
DIRETOR — Para o seu lugar! (**Ponto sai**) Depois dizem que eu não tenho razão.
ATRIZ — Não ensaio mais droga nenhuma!
DIRETOR — Veremos!
ATRIZ — É uma ameaça?
DIRETOR — Segue.
ATRIZ (**para o ponto**) — Fale mais alto, idiota!
PONTO (**pondo a cabeça para fora**) — Ele não quer...
DIRETOR — Para a coxia! (**ponto corre**)
ATRIZ — Se não puserem no dia o ponto na caixa, não representarei!
DIRETOR — No moderno teatro do mundo, minha senhora, não se usa mais caixa de ponto. É anti-estético!
ATRIZ — Mas, no meu teatro, continuará se usando... (**Ponto bota a cabeça para fora**) No dia, você vai para a caixa.
PONTO — Sim, senhora (**desaparece**)
DIRETOR — Quem manda no palco sou eu!
ATRIZ — Eu acho bom você acabar com esses ataques histéricos! Berra para causar impressão não é? Não tenho medo de gritos, meu filho! Escuta aqui: se quiser montar essa peça, trate de ficar bonzinho. Por que a hora que eu soltar um berro, você vai subir pelas paredes. Ora, se vai!
DIRETOR (**calmo**) — Segue.
ATRIZ — Ponte alto, Pedro. (**continuando**) À noite, não ia a lugar nenhum, nem recebia visitas, porque você podia aparecer de uma hora para outra. Não ia a festa alguma, com medo de...
DIRETOR (**pondo a mão na cabeça**) — Não é possível... Assim não posso... Mais baixo!
ATRIZ (**baixinho**) — Ficava gelada, quando num baile...
DIRETOR — Voz!
ATRIZ — Afinal o que é que você quer? Que eu fale alto ou baixo?
DIRETOR — Estou falando para esse maldito Ponto. Segue.
ATRIZ — Alto, Pedro.
DIRETOR — Eu acabo com esse espetáculo, não dirijo mais, pronto! (**Fica de braços cruzados**)
ATRIZ — Ótimo. Estava roxa para fumar um cigarinho. (**Ponto vem acender o cigarro. Atriz tira uma pitteira e começa a fumar**) Não faltarão diretores novos para se contratar. Eu pago bem. Aliás, meu camarim vive cheio dessas ratazanas.
DIRETOR — Com uma atriz de sua mentalidade, ninguém pode fazer nada. (**pausa longa**)
ATRIZ — Vai ensaiar ou não vai?
DIRETOR (**calmíssimo**) — Segue.
ATRIZ — Alto, Pedro.
PONTO — Sim, senhora.

CENA SEXTA

Os mesmos, EMPRESÁRIO e 3 CANDIDATAS

ATRIZ — Se o encontrava na rua, não me aproximava. (**Entra Empresário e 3 Candidatas**) Você podia não gostar. Quase sempre estava acompanhado... (**Assim que vê o Empresário acompanhado, a Atriz interrompe o ensaio**)

(*) Todas as falas da atriz são pontadas pelo Ponto. A atriz deve usar uma prosódia condenável pelo teatro. O Ponto idem.

DIRETOR — O que houve?

ATRIZ — Já disse que não ensaio na presença de pessoas estranhas

DIRETOR — O que essas 3 moças estão fazendo aqui?
EMPRESÁRIO — Vieram fazer os testes que você marcou.

DIRETOR — E quem foi que disse que eu marquei para hoje?

1.^a CANDIDATA — O senhor disse que eu passasse pelo teatro, 5.^a feira, às 4 horas da tarde.

3.^a CANDIDATA — A mim, também.

DIRETOR — Hoje é quarta-feira e ainda não são 4 horas.

3.^a CANDIDATA — Perdão, mas o senhor está enganado: hoje é 5.^a feira, acabei de acertar o meu relógio. Passam 2 minutos das 4.

DIRETOR (Olhando para 2.^a Candidata, que veio de calças compridas) — E a senhorita, assim de calças...

2.^a CANDIDATA — Eu? Eu vinha passando por aqui, quando esse senhor (aponta para o empresário) me convidou para fazer uns testes.

ATRIZ (irônica) — Testes, eim? (Diretor pigarreia)

DIRETOR — Trouxeram alguma coisa preparada?

1.^a CANDIDATA — Decorei uma poesia.

DIRETOR — Não sabe nenhum trecho de peça? O papel que uma das senhoras 3 fará, exige desembaraço.

3.^a CANDIDATA — Representei na Alemanha, Goethe. Fiz a Margarida do Fausto. Na Polônia, numa festa de caridade, fiz um ato inteiro do Hamlet. (Esta candidata deve ter um forte sotaque estrangeiro)

DIRETOR — Que papel?

3.^a CANDIDATA — Claro que o Hamlet!

DIRETOR — O Hamlet?

3.^a CANDIDATA — Em travesti! Não fui a primeira. Sarah Bernhardt usou-o mais de uma vez. Tive 8 chamadas!

1.^a CANDIDATA (deve vir ao teatro vestida de colegial, com seu uniforme azul e branco, laço de fita no cabelo, meias e saias curtas) — Desde garotinha que sei recitar. Cantava e dançava. Fui menina prodígio. Adoro sapatear. Ai não tem uma vitrola!

DIRETOR — Não vamos montar revista! (para 2.^a Candidata) E a senhorita, o que trouxe para o teste?

2.^a CANDIDATA (embaraçada) — Eu?

DIRETOR (muito interessado na pequena) — Seu físico, não é mau. Quer atravessar o palco? (A moça executa suas ordens) Sorria. Mais um pouco. Nada mau. Sente-se agora naquele banquinho. Fique perto daquele cavalheiro. (O ator vem ao seu encontro) Tem alguma prática?

2.^a CANDIDATA — Não, senhor.

DIRETOR — Nunca fez teatro?

2.^a CANDIDATA — Uma vez, no Clube, um "show" que organizamos.

DIRETOR — O que é que você fez?

2.^a CANDIDATA — Uma ingênuas.

3.^a CANDIDATA — Já fiz todas as ingênuas do teatro. De Berenice à Ofélia.

DIRETOR — O papel na peça não é o de uma seri-gaita. Fisicamente, a senhorita tem o tipo.

1.^a CANDIDATA — Meu físico não é bom, senhor Diretor? Dizem que em cena fico muito linda!

3.^a CANDIDATA (tom de discussão para com a 1.^a Candidata) — Beleza não vale nada! Em teatro, precisa-se ter talento! (1.^a Candidata faz diversas caretas).

DIRETOR — Bem, vamos aos testes. (apontando para 1.^a Candidata) Comece a senhora.

1.^a CANDIDATA (Toma cena, faz uma reverência bem de menina pequena, sorri. Começa a declamar num estilo bem próprio de aluna de grandes declamadoras do passado. Exagerada, sofisticada)

"As duas sombras", Olegario Mariano.

"Na encruzilhada silenciosa do destino,
Quando as estrelas se multiplicavam,
Duas sombras errantes se encontraram.

A primeira falou: nasci de um beijo, de luz, sou força, vida, alma, esplendor! (Diretor interrompe)

DIRETOR — Chega. Diga outra coisa.

1.^a CANDIDATA — Já vi que não gosta dos parnasianos. Direi um moderno.

"Esplendor selvagem". Não sei de quem é não...

Hipopotamos adolescentes

da zona norte,

Hipopotamos adolescentes

da zona sul,

Tudo azul, tudo azul, tudo azul...

DIRETOR — Basta! Você, agora. (3.^a Candidata com um ar trágico se levanta) Não, você. (3.^a Candidata amarra a cara)

2.^a CANDIDATA — Não trouxe nada de cór.

DIRETOR — Você vem aqui para fazer um teste e não traz nada preparado?

2.^a CANDIDATA — Queira me desculpar... Eu não sabia... (vai sair)

DIRETOR — Espere. Isto aqui serve. (Tira do bolso um pedaço de papel) Vá lendo esse trecho, enquanto sua colega faz a cena... (2.^a Candidata levanta e vem apagar o papel. 3.^a Candidata prepara-se: tira do bolso um pequeno punhal e toma a cena. É trágico o seu olhar, sua atitude).

3.^a CANDIDATA — Ser, ou não ser, eis a questão; se há mais nobreza d'alma em submeter-se às fundas e setas de fortuna inimiga, ou se tomar armas contra um mar de atribuições, e, combatendo, exterminá-las? Morrer, dormir, nada mais; e dizer que adormecendo...

DIRETOR — Chega! Diga outra coisa!

3.^a CANDIDATA — Sim, senhor. (Vai rápida até a sua bolsa e tira de lá uma grinalda. Põe-na na cabeça. 1.^a Candidata ri. Chega o autor da peça, que do fundo do palco, sem dizer uma palavra, mas estupefato, fica olhando o teste. Diretor faz caretas. Ponto quieto. Atriz presta a soltar uma gargalhada. 3.^a Candidata anuncia):

"Fausto", de Goethe.

"Meu dia de núpcias seria!

Não digas que estive já com Gretchen.

Foi-se a esperança,

A coroa, tão linda!... (esquece o papel)

Ich Gabwas drum, wenn ich nu wubt,

DIRETOR — O que?

3.^a CANDIDATA (consertando) — Estava me lembrando em alemão.

Hei de ver-te, ainda,

Mas não na dança.

Larga-me! eu não admito a força!

Não me agarres, mau, dêste jeito!

Por amor de ti tudo tenho feito! (joga-se no chão)

DIRETOR — Basta!

3.^a CANDIDATA — Não cheguei nem a dizer uma estrofe...

DIRETOR — Já estou satisfeito... (chamando o autor) Chegaste em boa hora. (autor vai cumprimentando os presentes. Beija a mão da estrela, que nesse momento está fumando sua piteira dourada. Dá-lhe um cumprimento seco. Autor vem ficar perto do Diretor) — (Para a 2.^a Candidata) Chegou a sua vez. Leia, em voz alta.

2.^a CANDIDATA (um tanto tímida, começa a ler, em voz alta) — Jack Wilson, um jovem de 71 anos, que quebra poste de madeira com os dentes, paralelepípedos com um murro e torce barras de ferro com sua força descomunal, está fazendo demonstrações de seu vigor extraordinário...

DIRETOR — Mais alto, menina.

2.^a CANDIDATA (falando um pouco mais alto) — E ensinando como alguém pode se transformar num Tarzan. O vigoroso septuagenário fará hoje uma exibição, (Comentários do Diretor para o Autor. Olhares de ódio da Atriz).

DIRETOR (interrompendo-a) — Eis a sua lrina ideal. Vou mudar a linha do papel, dando-lhe uma linha mais suave. Uma verdadeira ingênuas!

ATRIZ (levantando-se) — Se essa moça fizer o papel de lrina, não entro em cena!

DIRETOR — Por que?

ATRIZ — Dispensa comentários.

DIRETOR — Mas afinal eu sou ou não sou o diretor de sua peça?

1.^a CANDIDATA — Senhor diretor: quer dizer que não gostou de mim!

3.^a CANDIDATA — Absurdo! Dizer Goethe, Shakespeare, para no fim uma que mal leu um recorte de jornal me passar a frente! A crítica no estrangeiro sempre me pôs nas alturas (para o Diretor) Quem é o senhor? Em que escola foi diplomado?

DIRETOR — Em nenhuma!

3.^a CANDIDATA — Eu logo vi!

1.^a CANDIDATA — Eu podia fazer o papel da ingênuas na linha que o senhor mandasse. Não se esqueça que sou diplomada por uma Academia Dramática. Quer que eu diga um trecho de tragédia grega?

DIRETOR (gritando) — Não!

1.^a CANDIDATA — Nervoso! Não precisa gritar!... ATRIZ — A candidata devia ser moça. (Aponta para a 3.^a Candidata)

3.^a CANDIDATA — Gostou de mim? Vê-se logo que a senhora é uma artista!

DIRETOR (para o Empresário) — O autor é da mesma opinião que eu.

3.^a CANDIDATA — Proteção!

ATRIZ (para o autor) — Já que está presente, quero lhe participar que não representarei o seu 3.^o ato como está escrito.

AUTOR — Seu papel é lindo nesse ato, Dorine!

ATRIZ — É lindo, mas não gosto.

AUTOR — Qual a cena de que você não gostou?
 ATRIZ — Todas!
 AUTOR — Pois todo mundo que leu, achou o meu melhor ato.
 ATRIZ — Para o galã e para essa Irina que você imaginou...
 AUTOR — Então, Dorine: você acha que o papel de Irina seja melhor do que o seu?
 ATRIZ — Claro que é melhor! Eu não vou admitir que na minha Companhia vá se contratar um elemento que no fim vai roubar a peça toda. A não ser que você modifique o final: quero morrer falando e envenenada.
 AUTOR — Uma tirada de 20 linhas?
 ATRIZ — Não seria mau. (pausa)
 AUTOR — Está bem, mas não faço.
 ATRIZ — Então, não se estréia...
 AUTOR — Tenho um contrato!
 EMPRESÁRIO — Dorine... Meu bem... Compreenda...
 ATRIZ — Não quero compreender nada! Disse que não represento e está acabado! Não me façam ficar histérica!
 3.ª CANDIDATA — O que estou fazendo ainda aqui... Teatro bagunça... Se soubesse que era isso... (para a atriz) Tive muito prazer em conhecer a senhorita... (para o Diretor) Ditador! (sai)
 1.ª CANDIDATA — Não vão me aproveitar?
 DIRETOR — Não!
 1.ª CANDIDATA — Bobo! (dá uma rabanada e sai)
 ATRIZ — Se não mandarem chamar imediatamente a moça que disse o "Hamlet" e não derem a ela o papel, eu dou um berro que as paredes vão tremer! (Dá um grito)
 EMPRESÁRIO — Pedro! Pedrinho, corra atrás daquela moça e traga-a de volta! (Pedro sai)
 DIRETOR — Volte, Pedro! (Pedro volta)
 EMPRESÁRIO — Vá, idiota!
 DIRETOR — Não precisa! A candidata já está escolhida...
 ATRIZ (num berro. Pedro sai numa disparada. Todos se assustam) O que é que você está pensando, hein? Que manda alguma coisa? Não preciso de diretor nenhum! Tenho meu nome feito! (Para o autor) E não vou fazer mais Natacha nenhuma! Nem com 3 mortes no fim! Rua, com vocês todos, andem! Rua!

DIRETOR — Vedette! Vedette de revista!
 AUTOR — Fique sabendo que sou muito autor!
 ATRIZ — Pode botar sua peça na gaveta! Não haverá estréia!
 AUTOR — Irei a juízo! Quero uma indenização!
 EMPRESÁRIO — Dorine! Minha bonequinha... Veja bem o que você está fazendo! Será minha ruína...
 ATRIZ — O culpado disso tudo foi você! Eu não queria ser dirigida! E muito menos representar essa Natacha! Toma! Vê se é bom... (dá-lhe uma bofetada)
 AUTOR — Vou-me embora! Quando acabarem com essa bagunça, mandem me chamar. (sai)
 ATRIZ — Pode ir embora todo mundo! Não preciso de ninguém! Por isso, sou uma estrela! (Chega o ponto)
 PONTO — Não encontrei mais a moça.
 ATRIZ — Não precisa! Tive uma ideia genial! Vou telefonar agora mesmo para Isac. Prometeu escrever uma peça para mim! É um grande autor!
 DIRETOR — A minha vingança é que há de ir tudo para o porão, sua canastrona!
 ATRIZ — Rua! Rua, antes que eu faça uma besteira! (Correm numa disparada o Diretor, Autor, Empresário e 2.ª Candidata)
 ATRIZ (numa atitude grandiloquente) — Doravante, só representarei monólogos! Será a minha glória!
 PONTO (ajoelhado) — E eu pontarei tudo para a senhora! Vou dar cada tiro! (beija-lhe a mão)

Pano

(Na abertura do pano, Atriz e Ponto começam a agradecer, atirando beijos para o público. Inesperadamente, aparecem também para agradecer Diretor, Autor e Ator. As 3 candidatas vêm em alvoroço, perseguindo o Empresário para que ele faça uma companhia para cada uma delas. Ao ouvirem as palmas, sobem ao palco e cada qual quer jogar mais beijos para o público. Até que a 2.ª Candidata dá um forte empurrão na Atriz e começa a briga de todo mundo. O Diretor grita: PANO! A cortina se fecha e quando abre pela última vez, devem os intérpretes estarem de mãos dadas para o agradecimento.)

FIM





MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

24/

Sr. Chefe da Seção de Censura.

O Grupo Tempo- SP, enviou a este SCDP, a peça teatral " PRIMA DONA" de José Maria Monteiro, solicitando revalidação do Certificado nº 4490/67-SP, que a liberou / sem restrição etária.

A referida obra já foi examinada nesta Sede, / em 16 de maio de corrente ano, pelo Censor Carlos Lúcio Menezes, que sugeriu a mesma impropriedade - L I V R E .

Assim sendo, à vista do exposto, sugiro que se defira o requerimento do interessado, emitindo-se os Certificados solicitados.

À consideração superior.

Em, 17 de setembro de 1968

JOSE SAMPAIO BRAGA

TCTC- SCDP/DF



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617, P.32²⁵

CENSURA FEDERAL TEATRO

Certificado Nº 642/68



PEÇA - / : : : PRIMA DONA : : : / -

ORIGINAL DE JOSÉ MARIA MONTEIRO

PROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 18 de SETEMBRO de 19 69

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 18 de SETEMBRO de 19 68

LIVRE

Chefe do S. C. D. P.

Aloysio Muhlethaler de Souza
ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 20, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada - PRIMA DONA -

Original de JOSÉ MARIA MONTEIRO

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de GRUPO TEMPO, TEATRO MODERNO-

Tendo sido censurada em 17 de SETEMBRO de 19 68 e recebido a seguinte classificação: L I V R E .

**OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE É VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCR
DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMADO PELO SCDP;**

Brasília, 18 de SETEMBRO de 19 68

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0637, P.33

JOSE SAMPAYO BRAGA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

ILMO SR DIRETOR DA CENSURA FEDERALE EM BRASILIA DF

28

Irapuá Leal de Souza, funcionário público Federal de carteira nº III-106 da Fundação I.B.G.E., brasileiro, residente em Brasília-Distrito Federal, desejando que se faça a Censura da Peça PRIMA DONNA de José Maria Monteiro, a ser apresentada no mês de setembro próximo na cidade de São Luis-Maranhão, vem mui respeitosamente requerer a Vossa Senhoria a devida Censura.

INSTITUTO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Nº 07312

Em 10/06/1970

Protocolista

N. Termos

P. Deferimento

Brasília (DF), 10 de junho de 1970

Irapuá Leal de Souza

RECEBI O PROGRAMA ANEXO

Em 27 de julho de 1970

Irapuá Leal de Souza



SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917

Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.

End. Teleg.: SBAT - RIO

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Direitos de Representação

Autorização Nº 193480

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: "*A Grima Dona*"

Original de

José Maria Monteiro

Música de

—

Tradução de

—

No Teatro

Cidade

Empresa

Sumário Permanente de Teatro do Maranhão

nos dias

plêto de liberação na Censura Federal

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

.....% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a

garantia mínima de Cr\$ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Shrus

8

de

junho

de

1940

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes.
— A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0687.P35

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

- a) Título em Português: A Prima Dona
- b) Título original: _____
- c) Autor: José Maria Monteiro
- d) Tradutor: _____
- e) Diretor: _____
- f) Produtor: _____
- g) Companhia: Seminário Permanente do Teatro do Maranhão
- h) Classificação da Censura: 14 anos.

II) Análise

- a) Gênero: Sátira
- b) Argumento: Senta demonstrar que cada qual deve procurar enquadrar-se dentro de um grupo que possua um só ideal, do contrário haverá um cheque. Durante todo o transcorrer do espetáculo os participantes não entram em acôrdo, pois não existe uma unidade de pensamento. Cada um procura sobressair-se individualmente, no final a peça não se realiza.
- c) 1 - Mensagem:
Sem bom senso nada realizaremos.
- 2 - Impressão final: Dá uma idéia ao espectador de como o teatro é coisa séria, dos conflitos que surgem, quando cada um dos componentes de um determinado grupo quer ter iniciativa sem que alguém coordene.
- d) Diálogos:
Próprios ao tema; chegando a ter uma certa comicidade, em nada influenciam negativamente ao público.
- e) Cenas:
De acôrdo com o tema, toda há que mereça comentário.

f) Personagens: Ponto, Ato, Atriz, Diretor, Empresário, Autor, Candidatas 1ª, 2ª e 3ª.

A atriz é a personagem mais importante. Sua comanda, e no final desfez todo o espetáculo.

g) Valor educativo: Não há grande valor educativo. Deixa transparecer que sem aptidão e bom senso nada conseguimos.

III) Conclusão é uma crítica ao teatro: tanto ao moderno como ao antigo, fazendo sobressair suas falhas. Sugiro que seja liberada para maiores de 14 anos.

Brasília, 22 de julho de 1970

Maria das Graças Sampaio Pinhati

Técnico de Censura - Cart. nº

Sr. Chefe da Seção de Censura:

Anexo encaminho a peça abaixo indicada, com o parecer do Técnico de Censura: MARIA DAS GRAÇAS SAMPAIO, que a examinou.

TÍTULO: PRIMA DONA

AUTOR: JOSÉ MARIA MONTEIRO

REST. 14 ANOS

Em, 23 de julho de 1970

MANOEL MIRANDA FERREIRA

- Chefe da TCTC -



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

- a) Título em Português: A PRIMA DONNA
- b) Título original: _____
- c) Autor: JOSE MARIA MONTEIRO
- d) Tradutor: _____
- e) Diretor: _____
- f) Produtor: _____
- g) Companhia: _____
- h) Classificação da Censura: 14 ANOS

II) Análise

- a) Gênero: _____
- b) Argumento: MOSTRA O CHOQUE ENTRE AS IDEIAS MODERNAS DE UM NOVO DIRETOR DE UMA PEÇA TEATRAL COM AS IDEIAS RETRÓGRAS DOS PARTICIPANTES DESTA MESMA PEÇA. TROCAM OFENSAS E TERMINAM DE MÃOS DADAS.
- c) 1 - Mensagem: O CONSERVADORISMO E O MODERNISMO EXAGERADOS LEVAM MUITAS VÊZES A CONSEQUÊNCIAS NÃO MUITO BOAS.
- 2 - Impressão final: É UMA PEÇA SEM GRANDE VALOR.
- d) Diálogos: SEM RESTRIÇÕES. ESTÃO BEM ADAPTADOS À PEÇA.
- e) Cenário: SEM RESTRIÇÕES.

f) Personagens: PONTO, DIRETOR, ATOR, ATRIZ, EMPRESÁRIO, AUTOR,
1ª, 2ª, 3ª CANDIDATA.
TODOS COM OS SEUS DEVIDOS PAPEIS DETERMINADOS.

g) Valor educativo: OS VALORES SEMPRE DEVEM SER APROVEITADOS DESDE QUE
TENHAM VALOR FUNDAMENTO. O RADICALISMO TANTO NA ESTATICA
COMO NA DINAMICA PODE PREJUDICAR

III) Conclusão É UMA PEÇA QUE, SEM TER GRANDE VALOR NÃO CHEGA
A PREJUDICAR.
É UMA CRÍTICA AO TEATRO.
Liberação para maiores de 14 anos.

Brasília, 21 de julho de 1970

Mergim Toledo de Azevedo

Técnico de Censura - Cart. nº

Sr. Chefe da Seção de Censura:

Anexo encaminho a peça abaixo indicada, com o parecer do

Técnico de Censura: THEREZENHA DE TOLEDO NEVES, que a examinou.

TITULO: PRIMA DONA

AUTOR: JOSÉ MARIA MONTEIRO

REST. 14 ANOS

Em, 23 de julho de 1970

Manoel Miranda Ferreira
MANOEL MIRANDA FERREIRA

-Chefe da TCTC-

*De acordo com
o parecer
Gonçalves
24.7.70*

[Handwritten signature]
[Handwritten signature]
[Handwritten signature]



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617, P. 211

32

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 2714/70

PEÇA *** / PRIMA DONA / **

ORIGINAL DE JOSÉ MARIA MONTEIRO

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 23 de JULHO de 19 75

Brasília, 23 de JULHO de 19 70

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS

Chefe do S. C. D. P. PROF. WILSON A. DE AGUIAR

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 85, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " PRIMA DONA "

Original de JOSÉ MARIA MONTEIRO

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de IRAPUÁ LEAL DE SOUZA

Tendo sido censurada em 22 de JULHO de 19 70 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS

CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL

O PRESENTE CERTIFICADO SÓMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO
SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO S C D P

Brasília, 23 de JULHO de 19 70

MANOEL MIRANDA FERREIRA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0617,P.42

Ilmo.Sr.Diretor do
Serviço de Censura e Diversões Públicas



THEREZINHA DO MENINO JESUS FIGUEIRAS DE AGUIAR,
Brasileira, solteira, residente a Rua João Moura, nº 942, apto.
73, município de São Paulo, Estado de São Paulo, em nome do Gru
po de Teatro Rotunda, vem mui respeitosamente solicitar a V.S.,
a expedição do atestado liberatório de censura para o texto a-
baixo, juntando para tanto, o requerido por lei.

TEXTO:

"PRIMA DONA"

AUTOR:

JOSÉ MARIA MONTEIRO

NÚMERO DE ATOS:

1 (UM)

N.Têrmos

P.Deferimentos

São Paulo, 09 de Junho de 1970.

Carlos Alberto da Silveira Lopes
p/Therezinha do Menino Jesus Figueira Aguiar

34

060517010

Results

Série 3/70 - SP № 11737

4-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023.

José Maria Monteiro

.....

Diversos Cidade S. Paulo

Diversos, Cidade S. Paulo

Grupo Rotunda

Para Censura da Peça

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de%

da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr\$

vidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos

vidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

..... de 19.....

**SOCIEDADE BRASILEIRA
DE AUTORES TEATRAIS**
★ 8 JUN 1970 ★
SUCURSAL SÃO PAULO
(pela SBAT)
Visto:

**SOCIEDADE BRASILEIRA
DE AUTORES TEATRAIS**

★ JUN 1970 ★

SUCURSAL SÃO PAULO
(pela SBAT)

Visto: _____

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERALSERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: A PRIMA DONNA

b) Título original: _____

c) Autor: JOSE MARIA MONTEIRO

d) Tradutor: _____

e) Diretor: _____

f) Produtor: _____

g) Companhia: _____

h) Classificação da Censura: 14 ANOS

II) Análise

a) Gênero: _____

b) Argumento: MOSTRA O CHOQUE ENTRE AS IDEIAS "MODERNAS" DE UM NOVO DIRETOR DE UMA PEÇA TEATRAL COM AS IDEIAS RETRÓGRADAS DOS PARTICIPANTES DESTA MESMA PEÇA. TROCAM OFENSAS E TERMINAM BEM.c) 1 - Mensagem: O CONSERVADORISMO E O MODERNISMO EXAGERADOS LEVAM MUITAS VÊZES À CONSEQUÊNCIAS NÃO MUITO BOAS.2 - Impressão final: É UMA PEÇA SEM GRANDE VALOR.d) Diálogos: SEM RESTRIÇÕES. ESTÃO BEM ADAPTADOS À PEÇA.e) Cenas: SEM RESTRIÇÕES.

f) Personagens: PUNTO, DIRETOR, ATOR, ATRIZ, EMPRESÁRIO, AUTOR,
1ª, 2ª, 3ª CANDIDATA.
TODOS COM OS SEUS PAPEIS DETERMINADOS.

g) Valor educativo: OS EXCESSOS SÃO CONDENÁVEIS. O RADICALISMO
TANTO NA ESTATICA COMO NA DINÂMICA PODE PREJUDICAR.
AS OPINIÕES SÃO VÁLIDAS DESDE QUE TENHAM FUNDAMENTO.

III) Conclusão É UMA PEÇA QUE, SEM TER GRANDE VALOR NÃO CHEGA A
PREJUDICAR.

É UMA CRÍTICA AO TEATRO.

Liberada para maiores de 14 anos.

Brasília, 21 de julho de 1970

Therzinhá de Toledo Neves

Técnico de Censura - Cart. nº

Sr. Chefe da Seção de Censura:

Apexo encaminho a peça abaixo indicada, com o parecer do
Técnico de Censura, THEREZINHA DE TOLEDO NEVES, que a examinou.

TÍTULO: PRIMA DONA

AUTOR: JOSÉ MARIA MONTEIRO

REST.: 14

Em, 23 de julho de 1970

Manoel Miranda Ferreira
MANOEL MIRANDA FERREIRA

-Chefe da TCTC -

be acordo



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

36

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: A Prima Dona

b) Título original: _____

c) Autor: José Maria Monteiro

d) Tradutor: _____

e) Diretor: _____

f) Produtor: _____

g) Companhia: Grupo Rotunda

h) Classificação da Censura: 14 anos

II) Análise

a) Gênero: Sátira

b) Argumento: Senta demonstrar que cada qual deve procurar enquadrar-se dentro de um grupo que possua um só ideal. No contrário haverá um choque. Durante todo o transcorrer do espetáculo, os participantes não entram em acordo, pois não existe uma unidade de pensamento. Cada um procura sobreviver-se individualmente. No final a peça não se realiza.

c) 1 - Mensagem: Sem bom senso nada realizaremos.

2 - Impressão final: Dá uma ideia ao espectador de como o teatro é coisa séria, dos conflitos que surgem quando cada um dos componentes quer ter iniciativa sem ter coordene

d) Diálogos:

Próprios ao tema. Chegando até ter uma certa comicidade. Em nada influenciam negativamente ao público.

e) Cenas:

De acordo com o tema. Nada há que mereça comentário.

f) Personagens: Ponto, Diretor, Ator, Atriz, Empresário e Autor, Candidatas 1ª 2ª 3ª.
A atriz é a personagem mais importante, tudo comandava e no final desfez todo o espetáculo.

g) Valor educativo: Não há grande valor educativo. Deixa transparecer que sem aptidão e bom senso nada conseguimos realizar.

III) Conclusão É uma crítica ao teatro: tanto ao moderno quanto ao antigo, fazendo sobressair suas falhas. Sugiro que seja liberada para maiores de 14 anos.

Brasília, 22 de julho de 1970

Maria das Graças Sampaio Pinhati

Técnico de Censura - Cart. nº

Sr. Chefe da Seção de Censura:

Anexo encaminho a peça abaixo indicada, com o parecer do Técnico de Censura MARIA DAS GRAÇAS SAMPAIO, que a examinou.

TÍTULO: PRIMA DONA

AUTOR: JOSÉ MARIA MONTEIRO

REST.: 14 ANOS

Em, 23 de julho de 1970

MANOEL MIRANDA FERREIRA

-Chefe da TCTC -

be acordo com
o parecer -
Gosalen
24.7.70



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 2727/70

PEÇA ***/ PRIMA DONA /***

ORIGINAL DE JOSÉ MARIA MONTEIRO

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 23 de JULHO de 19 75

Brasília, 23 de JULHO de 19 70

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS

Chefe do S. C. D. P.

[Assinatura]
PROF: WILSON A. DE AGUIAR

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 85, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " PRIMA DONA "

Original de JOSE MARIA MONTEIRO

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de THEREZINHA DO MENINO JESUS FIGUEIRAS DE AGUIAR SP.-

Tendo sido censurada em 22 de JULHO de 19 70 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS

CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL

**O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO
SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO S C D P**

Brasília, 23 de JULHO de 19 70


MANOEL MIRADA FERREIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0617P51

**Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres**

MEM. Nº 418 /70-TCO

DO : Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

PARA : Sr. Chefe de TC /DR/SP

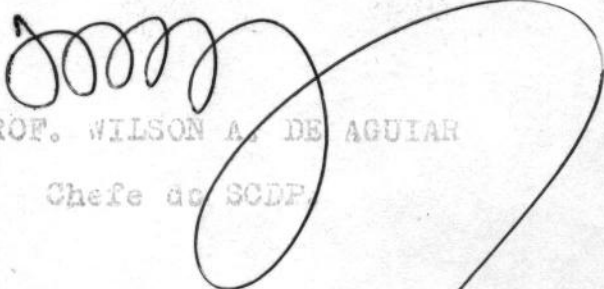
ASS. : Providências (solicita).

Sr. Chefe :

Solicito suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo indicada, podendo ser entregue o script e o certificado ao interessado, caso a classificação estabelecida por este Serviço esteja de acordo com o observado no ensaio geral, devendo, posteriormente, ser remetido o respectivo relatório.

PEÇA: **PRIMA DONA**AUTOR: **JOSÉ MARIA MONTEIRO**INTERESSADO: **THEREZINHA DO MENINO JESUS FIGUEIRAS DE AGUIAR**ENDEREÇO: **SÃO PAULO**

Atenciosamente,


PROF. WILSON A. DE AGUIAR

Chefe do SCDP

A PRIMA DONA - (Farsa em 1 ato)

(JOSE MARIA MONTEIRO)

PERSONAGENS:

PONTO
DIRETOR
ATOR
ATRIZ
EMPRESÁRIO
1ª CANDIDATA
2ª CANDIDATA
3ª CANDIDATA
AUTOR

PONTO - Cavaquinho! O cavaquinho! Bonito, não tem ninguém.
Pedro mãos à obra. Mostra para esta gente nova que em
teatro, não existem grandes nem pequenos papéis. Exis
tem artistas como você.

(Chega o Diretor)

TEATRO JOVEM FLUMINENSE

R. BARÃO DO AMARAL

31. 3º AND. Edif.

TRIBUNA: - Niterói - RJ.



M.J.-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

41

TÍTULO A PRIMA DONA

PARECER

Autor: José Maria Monteiro

Classificação: 14 anos

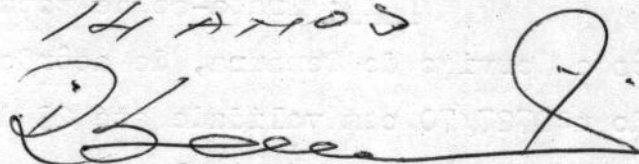
NOTA: Trata-se de peça já examinada por este Serviço de Censura, de acôrdo com o certificado nº2727/70 com validade até 23 de julho de 79 1975. Comparado o texto atual com o anterior, nada digno de nota foi modificado na obra. Por este motivo, opino seja mantida a mesma classificação.

Brasília, 29 de julho de 1971.


CARLOS ALBERTO MILHOMEM DE SOUSA

Se: Check

TRATA-SE DE RECEIHA,
MENTIDA A CLASSIFICAÇÃO AN-
TERIOR: 14 ANOS



P. T. T. C.

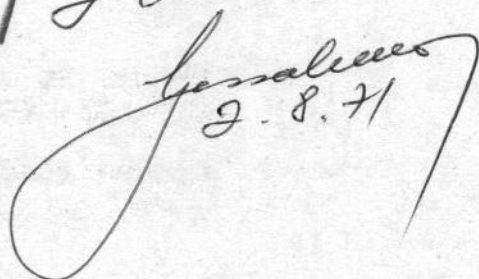
De acordo.

20.7.71

Fulstina

7/8

Libere-se.


2.8.71



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 4 070/71

PEÇA *1 A PRIMA DONA *1

ORIGINAL DE JOSÉ MARIA MONTEIRO

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 03 de AGOSTO de 19 76

Brasília, 03 de AGOSTO de 19 76

Chefe do S. C. D. P.

Genivaldo
GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

PROIBIDO
PARA MENORES DE
14 ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617.1.56

42

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 02 folha nº 27, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada _____
A PRIMA DONA

Original de JOSÉ MARIA MONTEIRO

Tradução de _____

Adaptação de _____

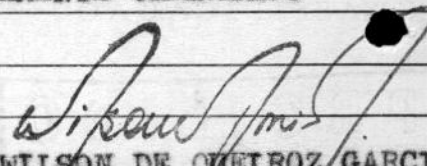
Produção de TEATRO JOVEM FLUMINENSE-Rua Barão do Amazonas, 31- Niterói-RJ

Tendo sido censurada em 29 de JULHO de 19 71 e recebido a seguinte classificação: PROIBIDA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS :::::

CONDICIONADA A EXAME DO ENSAIO GERAL.

O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE, QUANDO
ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO
PELO SCDP.

Brasília, 03 de AGOSTO de 19 71


WILSON DE QUEIROZ GARCIA
CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0657.R.57

~~Chefe da Turma de Censura~~
~~de Teatro e Congêneres~~

43

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEMORANDO Nº 584 /71

Em, 5 /agosto / 71

Do: Chefe da Seção de Censura do SCDP

Ao: Sr. Chefe da TCDP-DR-DPF/ 43

As: Providências (solicita)

Senhor Chefe:

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo discriminada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por este SCDP esteja de acordo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Peça: A PRIMA DONA

Autor: JOSE MARIA M NTEIRO

Intrs: TEATRO JOVEM FLUMINENSE

Endrç: RUA BARÃO DO AMAZONAS 31
NITERÓI - RJ.

Atenciosamente,

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA.

Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas do
Departamento de Polícia Federal.

-6001 15402 046241

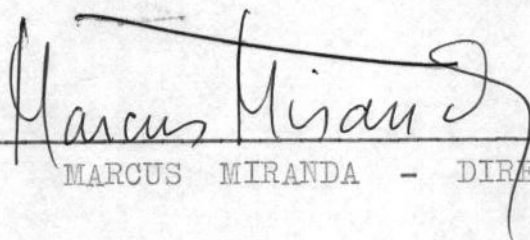
RECEBIDO POR

O TEATRO NOVO, vem mui respeitosamente,
através de seu diretor, solicitar de V. Sia. que se dig-
ne de conceder Certificado de Censura, para a peça PRI-
MA DONNA, da autoria de José Maria Monteiro, adaptação
de WALDEN LUIZ e MARCUS MIRANDA.

N. Termos

P. Deferimento.

Fortaleza, 26 de setembro de 1972.



MARCUS MIRANDA - DIRETOR.

Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas do
Departamento de Polícia Federal.

-6001 15402 046241

RECEBIDO POR

O TEATRO NOVO, vem mui respeitosamente,
através de seu diretor, solicitar de V. Sia. que se dig-
ne de conceder Certificado de Censura, para a peça PRI-
MA DONNA, da autoria de José Maria Monteiro, adaptação
de WALDEN LUIZ e MARCUS MIRANDA.

N. Termos

P. Deferimento.

Fortaleza, 26 de setembro de 1972.

Marcus Miranda

MARCUS MIRANDA - DIRETOR.

Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas do
Departamento de Polícia Federal.

47/4
-6001 13402 046241

RECEBIDO POR _____

O TEATRO NOVO, vem mui respeitosamente,
através de seu diretor, solicitar de V. Sia. que se dig-
ne de conceder Certificado de Censura, para a peça PRI-
MA DONNA, da autoria de José Maria Monteiro, adaptação
de WALDEN LUIZ e MARCUS MIRANDA.

N. Termos

P. Deferimento.

Fortaleza, 26 de setembro de 1972.

Marcus Miranda

MARCUS MIRANDA - DIRETOR.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Direitos de Representação Autorização Nº 96244

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n. 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu § único, e 27, do decreto n. 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n. 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n. 21.111, de 1-3-1932, a representação da peça teatral:

"PRIMA DONNA"

Original de JOSÉ MARIA MONTEIRO

Música de

Adaptação de DE WALDEN LUIZ FURTADO

No Teatro

Cidade

MARCO S MIRON

nos dias

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

10 %

da renda bruta de cada espetáculo, medi-

ante a garantia mínima de Cr\$ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados.

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada nas primeiras vias dos recibos oficiais da SBAT.

Isenta de selo - Art. 1º do Dec. 7.957, de 17-9-1945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617.862

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de Agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

Paragr. 1.º — E' facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

Paragr. 2.º — Para o disposto no paragr. 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

Paragr. 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n. 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto N. 5.492, de 16 de Julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela rádio telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

Paragr. Unico — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, rádio telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto N. 18.527, de 10 de Dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematografos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto N. 21111, de 1 de Março de 1932:

Art. 35, paragr. 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autotrais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

50 / A

PRIMA DONNA

Farsa em um ato, de JOSÉ MARIA MONTEIRO
Adaptação de; MARCUS MIRANDA E WALDEN LUIZ

Personagens por ordem de entrada:

PONTO.....

DIRETOR.....

ATOR.....

ATRIZ.....

EMPRESÁRIO.....

AUTOR.....

1ª CANDIDATA.....

2ª CANDIDATA.....

3ª CANDIDATA.....

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

Quando começa o espetáculo, o ponto entra pela platéia abre o pano, acende a luz e grita para a coxia:

PONTO - ~~Ponto~~ ainda não chegou ninguém. (abre o pano) Pedro, mãos à obra; mostre a esta gente que em teatro não há grandes nem pequenos papeis. Existem artistas, como voce. (liga uma vitrola . Pega um espanador e começa a limpar e a dançar até o momento em que entra o diretor. Este fica parado alguns segundos, e só é notada a sua presença através de um pigarro impertinente.)

PONTO - Boa tarde, senhor diretor. Vou desligar. Como passou de ontem para hoje? A cena está a seu gosto?

DIRETOR - Você hoje vai pontar da ~~suas~~ coxia. Não quero ouvir a sua voz.

PONTO - Ela ainda não sabe o papel direito...

DIRETOR - Esta peça tem que ir sem ponto.

PONTO - Duvido.

DIRETOR - Duvida o que?

PONTO - Que ela decore. No meu tempo, ninguém precisava decorar nada. Mas naquela época havia atrizes... Alguem só podia ser considerado ator, depois de fazer dez papeis diferentes. Mas hoje, qualquer amadorzinha é atriz... E só quer fazer papel principal. "Não faço pontas", é só o que sabem dizer. A grande Madalena Brazão era analfabeta de pai e mãe e foi a maior atriz do seu tempo. Ninguém representava a "Dama das Camélias" tão bem quanto ela. Que voz! Que vibração! Uma verdadeira atriz! Posso citar uma dúzia de atrizes do passado que não sabiam ler... Tinham é isso (mostra o ouvido) muito bom. A própria Madalena Brazão tinha um jeito todo especial. Esse era na marcação. Quando ela parava no palco toda etéria e botava a mão no queixo, é porque não sabia o que vinha adiante. Conheci um grande ator, que para ouvir o ponto, tossia sempre antes da fala. O ponto já sabia. Atacava logo.

DIRETOR - A época dos pontos já passou...

PONTO - Passou, mas até hoje as grandes companhias nos disputam... como eu existem poucos. Pontar é uma arte, senhor diretor. Exige vocação, um artista. Por que não sei se o senhor sabe: um ponto derruba um espetáculo. Já pensou a gente vir para o teatro meio no pileque e saltar uma página?

DIRETOR - O teatro moderno não admite mais ponto!

PONTO - Todos esses seus sonhos são muito bonitos, mas aqui nesta companhia não vingam... A estrela nunca teve cabeça para decorar... Conheço-a primeiro que o senhor. Vaidosa! Sabe que ela não aceita papeis que no final do segundo ato não te-

100RIES

ATOR- (entrando) Boa tarde. Leu o estado?

1 CORTES

DIRETOR- O mal do teatro é a burrice das vedetes,. Toda vedete é burra! Não enxerga um palmo adiante do nariz. Se tivesse que fazer o papel de uma mendiga,

mim.

DIRETOR- Falta-lhe presença!

1 CORTES

ATOR: É a primeira vez que ouço dizer isto de mim...

DIRETOR- Não vá ficar com complexos, mas falta a você presença de ator !

ATOR- Sempre tive unanimidade da crítica! Posso lhe mostrar o meu álbum de recortes...

DIRETOR- Como se a crítica valesse algo. Olha, os críticos são uns frustrados que desejam ser atores, diretores, mas como não conseguem ficam botando besteiras nos jornais...

ATOR- O público me adora!

DIRETOR- Público esta massa ignorante, sem cultura, que não raciocina... Riem por qualquer palhaçada, por qualquer piada imoral... detesto o público.

ATOR- Não se esqueça de que recebo mais de quinhentas cartas depois das estréias...

DIRETOR- Cartas? Bolas, isto é negócio de televisão, macaca de auditório, no teatro isto não existe!

PONTO- Jerry, Jerry, lindo, lindo...

ATOR - (canta) Quem não quer;

Eu dou a quem quizer!

A todos eu dou!

O meu imenso amor...

DIRETOR - (canta) Vejam só!

Que tipo; que tipo esquesito eu vi

~~Hapaz tão fresco assim.~~

Eu juro; jamais eu conheci.

Mas as garotas vivem,

Por ele a desmaiar!

Todas elas querem,

Com o Sérgio passear.

E é cinquenta e quatro.

Cinquenta e quatro o número do seu sapato.

Aiiiiiii...

PONTO- (canta) Gosto do Roberto sim,

Tão sincero é para mim

Mas o Jerry é um amor

Um beijinho, um beijinho por favor...

~~ATOR: Frescura...~~

DIRETOR- Eu não, sou um criador! Um intelectual! Crítica... público gente analfabeta...

ATOR- Então, porque ficou danado com a opinião do Estado?

DIRETOR: Porque ele foi injusto, detesto injustiça! Não falou das belíssimas marcações que eu fiz... Mas a peça estêve aí para desmentir tudo: fêz carreira não fêz? Casa repleta todas as noites... essa é a minha vingança.

CORTES

CORTES

ATOR- Também tudo casa passada, convite, a família dos atores, ingresso vendido a força, assim também tem que encher. Mas dinheiro que é bom, nada. Pergunta a seu Afonso se vendeu algum bilhete; ~~vendeu foi caceta.~~

DIRETOR- Minhas marcações, minhas lindas marcações...

ATOR- E pensa que o público irrisório que vem aqui, vem para admirar as suas geniais marcações? Suas luzes maravilhosas? Já viu os cartazes na rua? a propaganda nos jornais? Estão cheias de pernas nuas, de vestidos transparentes, ~~bandas de fora...~~ Chama público! O empresário diz que o público quer ver é gente nua! Na propaganda só sai o nome dela, o retrato dela em todas as posições... para isso a estrêla tem um velho que paga todo êsse luxo. Arrendou êste testro, e paga bem a gente para aparecer ao lado dela!

PONTO- É a Prima donna!

ATOR- Pensa que não sei que tenho mais talento do que ela? Os críticos já disseram isto não sei quantas vêzes. O que eu ainda não tive foi chance... Mas ela que vá se preparando, porque com esta peça, ~~eu vou deslendar todo mundo~~

PONTO- Prima donna. Prima donna.

ATOR- Estudo meu papel como um leão. Eu sei que o segundo ato é todo meu! Aprendi a dar a gargalhada. Quer ver? (dar uma péssima gargalhada e se joga no chão. Diretor tapa os ouvidos, ponto faz uma carêta e balança a cabeça) Gostaram? Fiz esta cena ontem numa roda de amigos e todo mundo gostou. Uma grande atriz estrangeira, que estava presente, não entendeu patavina, mas ficou de boca aberta... Que tal?

DIRETOR- Muito falsa.

ATOR- Estou fazendo o que o senhor mandou... É difícil!...

DIRETOR- Entre a gente mandar fazer uma coisa e esta coisa sair bem, a diferença é muito grande. Teatro, meu caro, é execução, técnica. É uma tragédia! Os atores são todos...

PONTO- Burros, não é isso, senhor diretor?

ATOR- A conversa ainda não chegou na cozinha.

PONTO- Estou usando uma imagem, que ainda a pouco o mestr usou...

DIRETOR- Infelizmente é bem a palavra...

PONTO- Viu? Viu?...

ATOR- Eu não admito. Fiquem sabendo, que eu não me considero burro. Eu manjo qualquer papel. Já estudei o Édipo-Rei inteirinho com Zanelli! E na cena com Tiresias, que é difícilima, existe uma passagem de um subjetivismo atroz... Não tem explicação... E Zanelli ficou boquiaberto com a explicação que lhe arranjei. Disse-lhe... (Surge pela platéia a Prima Donna acompanhada de repórteres e fotógrafos, cantando:)

ATRIZ- (cantando) Sou fiel,
Mas sou fiel de verdade.

Uma vitrola Hi-Fi.
De alta fidelidade;
Sou eletrônica,
Sou magnética,
Fonofonética,
Estéreoofônica.

Corde
ATRIZ- falando) No tempo da vovó, era diferente. A vovó usava um disco grande, massudo... E precisava sempre de alguém para botar a agulha no lugar. Mas com a mamãezinha não tem bronca, faço tudo sozinha: boto a agulha, viro o disco e mexo em qualquer rotação. A vovó, sempre precisava de alguém para virar a manivela; mas aqui a mamãezinha é diferente: basta ligar a tomada que eu me acendo toda. (senta no colo de um senhor que está na plateia, acompanhado de sua esposa que retira um revólver da bolsa e dá um tiro para cima.)

MULHER- Venha pra cá que eu lhe apago, sua sem-vergonha.

ATRIZ- (se assusta, grita e pula nos braços de um repórter, a música entra novamente e ela volta a cantar "Sou fiel".)

EMPRESÁRIO- Minha jóia, não fique zangada! Compro outra para você.
Em que loja você comprou?

ATRIZ- Não vê que era uma lembrança, idiota! Que nem uma outra coberta de brilhantes teria o mesmo valor? Mandei este idiota segurar a minha bolsa e as minhas luvas, enquanto fui dar um autógrafo, quando volto, só encontro as luvas. Perdeu a bolsa. ~~(com cartela, foi atrás de alguma pirâmide que desceu.)~~ O que é que eu vou fazer sem a minha bolsinha?
(canta)

ATRIZ- Procurem, procurem,
Procurem minha bolsinha.

CÔRO- É azul?

ATRIZ- Não, não, não.

CÔRO- Amarela?

ATRIZ- Não, não, não.

E Ela é toda, ela é toda,
Vermelhinha.

Procurem a minha bolsinha.

EMPRESÁRIO- Eu darei quantas você quiser, boneca!

ATRIZ- E pare de me chamar com esta estória de me chamar de boneca!
Eu sou mulher mesmo! E além disto, tenho nome.

EMPRESÁRIO- Fique calma, Dorine, depois você não vai poder ensaiar.

ATRIZ- Sabem de onde era aquela bolsa? *Corde*

TODOS- ~~na zona...~~ *Corde*

ATRIZ- Franca. Era uma lembrança muito cara... de alguém que foi um grande homem...

EMPRESÁRIO- Grande homem?

8
58

ATRIZ - Sob todos os aspectos.

EMPRESÁRIO - Amante seu, não foi?

ATRIZ - Que pergunta, e daí?

EMPRESÁRIO - Mas não foi do meu tempo?

ATRIZ - Ainda duvida?

EMPRESÁRIO - Há quanto tempo?

ATRIZ - Não interessa.

EMPRESÁRIO - O nome, vamos o nome, quero saber o nome deste miserável

ATRIZ - Não direi, quero que você sofra.

EMPRESÁRIO - Você sabe que eu poderei descobrir e mandar castralo.

ATRIZ - Se você fizer isto, eu mando lhe cortar a língua.

EMPRESÁRIO - Mas Dorine...

ATRIZ - Olhe aqui meu velho: a cláusula principal que estipulei no meu contrato, foi a de o senhor não interferir na minha vida priv privada. Já se esqueceu?

EMPRESÁRIO - Mas Dorine, não éramos amantes naquela época.

ATRIZ - Quer rasgar o contrato? não vou exigir muito, só cinquenta mil cruzeiros de indenização. Se quiser é já... aproveite que toda a companhia está reunida...

DIRETOR - Eu gostaria de saber a que horas eu poderei começar o ensaio.

ATRIZ - Vamos rua, voce me causa alergia.

DIRETOR - A senhora decorou o papel?

ATRIZ - Como? se este homenzinho não me da uma folga? passou a noi te lá em casa...

DIRETOR - Dessa maneira não podemos estrear na semana que vem.

EMPRESÁRIO - Não posso transferir mais. Estamos parados a mais de quinze dias, com todo o mundo ganhando. Na bilheteria não en tra nada. Tenho uma folha de pagamento pesada. também tenho os meus credores...

DIRETOR - Só estamos com o primeiro ato levantado. Ainda não comecei o terceiro, porque os atores ainda não têm os papéis de corado...

ATOR - Perdão, mas já sei toda a minha parte.

EMPRESÁRIO - E para quem se paga ponto nesta companhia?

PONTO - Muito bem dito, senhor empresario. Até que enfim lembraram -se de mim....

DIRETOR - Esta peça não pode ir com ponto. é di logo batido.

ATRIZ - É inútil não consigo decorar.

DIRETOR - Eu acho que uma atriz sem memória, devia desistir da pro fissão.

ATRIZ - E quem disse que eu não tenho memória? decorei seis monólogos inteirinhos, sem omitir uma vírgula sequer, na peça: " Amor de Mãe".

PONTO - Mentirosa...Mentirosa...

ATRIZ

- ATRIZ- Era uma peça. E não essa porcaria que o senhor impigia...
- DIRETOR- Os tempos mudaram, minha senhora. Teatro hoje é outra coisa.
- ATRIZ- Já sei; tem um diretor!
- DIRETOR- Sem êle, adeus espetáculo!...
- ATRIZ- O público vem aqui, talvez, por sua causa... tinha me esquecido.
- DIRETOR- Não tenho as suas pernas...
- ATRIZ- Há gosto para tudo, queridinho...
- PONTO- Isso é verdade!
- ATRIZ- Sabe de uma coisa? Acho melhor você telefonar para o seu amigo autor... Diga-lhe para dar um pulo até cá. Li o terceiro ato e não gostei nada, nada do meu papel. Quero morrer falando e não vou me suicidar com um revólver. Isso êle tem que modificar. Quero morrer envenenada. Sei morrer muito bem. Todos os críticos disseram isso, quando representei a " Bovary ". Caí de uma escada de quinze degraus! E ganhei uma salva de palmas de cinco minutos !
- DIRETOR- Natacha é uma grande peça.
- ATRIZ- Tão grande que o nome e da protagonista, quando o papel principal é do homem. O papel do Sérgio tem duzentas palavras mais do que o meu.
- ATOR- Você contou mal. Duzentas e uma.
- DIRETOR- É uma peça para dois atores, minha senhora! Atores!
- ATRIZ- Está querendo insinuar que eu não seja uma atriz ?...
- DIRETOR- Talvez ...
- ATRIZ- Ora viva o grande diretor! Depois de dez anos de palco, descubro num ensaio fuleiro, que não sou uma atriz. (ri) Vocês principiantes, se enchem de vento quando vão ao estrangeiro e voltam de lá com um diploma, que a gente nunca sente o cheiro...
- DIRETOR- Diplomado ou não, a verdade é que eu tenho capacidade... talento...
- ATRIZ- Talento ! Não foi isso que o crítico do Estado disse esta manhã, foi ?
- DIRETOR- Bolas! Não estou aqui para discutir êste assunto com a senhora! Fui contratado para ensaiar, gostaria de saber a que horas posso começar...
- ATRIZ- Agora mesmo... Com uma condição: exijo que o senhor telefone para o seu amiguinho, pedindo a modificação do terceiro ato. Não faço a peça com aquele final.
- DIRETOR- Pedro: telefone para êsse número, e diga ao senhor Felisberto que venha me procurar no teatro, imediatamente.
- ATRIZ- Vamos começar de onde ?
- DIRETOR- Cena terceira, segundo ato. (atriz calmamente vai fumar um cigarro) Vamos, que estamos esperando? Já perdemos muito tempo.
- ATRIZ- A cena não está arrumada.

DIRETOR- Sérgio, quer dar um jeito nisso aí ?

ATOR- É serviço do contra-regra.

DIRETOR- Bolas. Pedro! A cena! Pedro! Onde se meteu êsse raio desse ponto?

PONTO- A linha está ocupada... Estou insistindo...

DIRETOR- A cena!

PONTO- Está pronta.

DIRETOR- Segundo ato, imbecil...

PONTO- Não precisa me xingar. Isso é serviço de contra-regra...

DIRETOR- Já sei! (ponto troca as cadeiras. Muda de posição os banquinhos, passa por trás da cadeira do diretor, e acrescenta um² "A" à palavra diretor.)

ATRIZ- Vamos! Vamos dando o fora...

EMPRESÁRIO- Deixa eu ficar, boneca.

ATRIZ- Eu ainda lhe esbofeteio hoje, se você me chamar de boneca!

EMPRESÁRIO- Eu fico lá atrás... Não vou encomodar...

ATRIZ- Já disse que não, ~~em~~ não! Vamos! Vamos!

EMPRESÁRIO- Não precisa me enxotar... Afinal de contas, acho que ainda sou dono desta troço!

ATRIZ- É. Mas, quem manda sou eu... Está no contrato não se lembra?

EMPRESÁRIO- Estou no escritório... se precisar, é só chamar.

ATRIZ- Está bem! Não vou precisar. Agora vai dando o fora!

EMPRESÁRIO- Boneca: Quero ir hoje à noite a uma boite. Quero dançar Me sinto primavera! Até logo mais, boneca! (ouve-se uma bofetada, dada pela atriz no Empresário.) Estúpida.

ATRIZ- E não me ~~peça~~ apareça aqui, senão eu te esgano!

DIRETOR- Vamos começar o ensaio!

ATRIZ- Eu não ensaio com público.

DIRETOR- Pedro, peça para êsse pessoal se retirar.

PONTO- Mas, senhor diretor...

DIRETOR- Faça o que eu estou mandando.

PONTO- Está bem. (descendo para a platéia) Isto é muita frescura.

Pessoal, vamos saindo, ~~senão a fresca não ensaia~~ (pega as pessoas pelo braço e tenta bota-las para fora. Vendo que é inútil, volta à cena) Não adianta, ninguém quer sair!

ATRIZ- Pois então fecha o pano. (o ponto fecha o pano)

ATOR- Para onde você foi? O que fez durante todo êsse tempo? Parece que tudo aconteceu ontem: (começa a falar baixo) Voltei alegre da viagem. Tomei banho...

DIRETOR- Voz. Não estou escutando nada.

ATOR- Tomei banho e fui direto ao apartamento. Lembro-me que apanhei um táxi, para chegar mais depressa.

DIRETOR- Voz! Você pensa que está numa casa de chá?

ATOR- Não concordo falar nesta cena em voz alta. Êsse homem está numa situação difícil...

DIRETOR- E quem está mandando você falar alto? Eu disse voz! Para

CARTES

você ~~sonorizar~~ lança-la! Sonorizar.

ATOR- Tinha uma porção de... ~~lôra~~ Com êsse calor eu não vou ensaiar mais não. (afasta a cortina e sai pela platéia)

DIRETOR- Anda Sérgio... Não cria problema!

ATOR- Se ela tem direitos, eu também tenho!

ATRIZ- Está bem, abre a cortina, Pedro! (Pedro abre a cortina) ~~Não~~
~~gosta é de frescura~~ Vai, aí... Quer que eu ligue um ventilador meu bem?

DIRETOR- Vamos continuar!...

ATOR-Tinha uma porção de novidades para te contar. Nem o elevador teve paciência de esperar. Subi os seis degraus à pé...

DIRETOR- Seis o que?

ATOR- Andares!

DIRETOR- Articule rapaz.

ATOR- Estas interrupções me atrapalham.

DIRETOR- Vai-se habituando, porque o meu processo é o melhor! Todo baseado em Grotowski!

ATOR- (passando um lenço pela testa) Abro a porta e encontro tudo vazio... mamamia, não sei bem o que senti naquele momento...

DIRETOR- Emoção!

ATOR- No trem, já estava adivinhando...

DIRETOR- Mais rápido! Mais rápido!

ATOR-Más notícias. Procurei...

DIRETOR- Pausa, Sérgio. Não tenha medo da pausa...

ATRIZ- A esta altura o público já está roncando...

ATOR- Procurei o zelador do edifício,... na esperança de obter informações Nada... Você partiu... Saudades me deixou... Eu chorei... Nem um bilhete ao menos... Onde você esteve?

DIRETOR- Ótimo... Excelente. Mas, Nessa última fala, você tem que se aproximar mais um pouco. Vamos voltar.

ATOR- (aproximando-se) Onde você esteve?(pisa no pé da atriz)

ATRIZ-Arra! Também não precisa me pisar.

ATRIZ- Longe daqui.

ATOR- (declamando) E eu imaginava, que você nunca pudesse...

DIRETOR- Não declame, por favor.

ATOR- Viver longe de mim! Sem o meu amor. No princípio não quis acreditar (pondo o rosto entre as mãos)

DIRETOR- O gesto está ruim... Assim... Olha para mim! (faz o gesto) Assim.

ATOR- (faz o gesto que o diretor indica) Foi horrível me acostumar.

DIRETOR- Correto.

ATRIZ: Voêê parece bem disposto.

DIRETOR- Não olhe para êle.

ATRIZ- Como não vou olhar se ainda não o vi?...

DIRETOR- Tenha a bondade de fazer o que eu estou mandando.

ATRIZ- No dia eu faço o que me der na cabeça...

CORTES
CORTES

ATOR- (Tocando-a) quando você chegou?

ATRIZ- Não va sujar o meu vestido. Você está com as mãos imundas...

Três meses, mais ou menos.

DIRETOR- Quem mandou a senhora se levantar?

ATRIZ- Estou sentindo que preciso me levantar...

DIRETOR- Aguarde na marcação.

ATRIZ- Está errado! Ele está me querendo tocar e eu tenho que fugir...

Estou seguindo a tal linha psicológica que o senhor me deu.

DIRETOR- Vá sentar-se, então, na outra cadeira.

ATOR- E por que não me procurou? Quer dizer que se eu não tivesse encontrado você por acaso...

ATRIZ- Não cospe, que coisa!...

DIRETOR- Não é isso o texto!

ATOR- A minha deixa é exatamente.

DIRETOR- Exatamente é o que a senhora devia dizer.

ATRIZ- Dá no mesmo.

DIRETOR- No meu teatro, ator não muda o texto que o autor escreveu!

Nem uma vírgula! Por favor, mais dignidade..

ATRIZ- Daqui a pouco eu me mando daqui e não faço mais droga nenhuma!

Tenha a bondade de me corrigir sem comentários...

DIRETOR- Segue.

ATOR: Mas, afinal, o que eu fiz para ser tratado desta maneira fria?

Amor, só tive por você. As outras foram meros flertes...

DIRETOR- Flertes, Sérgio! Flertes.

ATOR- Foi o que eu disse...

DIRETOR- Pensou, segue...

ATOR- Creia-me, você ainda é tudo!

DIRETOR- Abraça-a... E a senhora, não fique aí parada. Empurre-o e tome a direita alta. (Atriz executa o movimento) Não! Não passe por detrás do sofá, pelo amor de Deus!

ATRIZ- Não berro, ouviu? Antes de vir para cá, devia ter passado por uma farmácia, e tomado um calmante.

DIRETOR- Segue.

ATRIZ- E você pensa que já me esqueci daquele tempo em que vivíamos...

Em que vivíamos juntos...

DIRETOR- Segue.

ATRIZ- Me esqueci...

DIRETOR- A senhora ainda não decorou o papel?!

ATRIZ- Parece que não.

DIRETOR- A estréia está marcada. Segue.

ATRIZ - Seguir o que, se não sei mais o resto?

DIRETOR - Onde está esse maldito ponto? Pedro!

PONTO - Falei com ele...

DIRETOR - Vá pontar!

PONTO - Mandou dizer ao senhor que...

DIRETOR - Para a coxia, idiota! Não quero ouvir a sua voz.

PONTO - Tenho um recado para o senhor... é urgente.

DIRETOR - Para a coxia! Segue. Afinal, o que estamos esperando?

PONTO - Onde estão? Eu estou lá dentro, não podia adivinhar... Pronto, pronto.

ATRIZ - Na sua companhia, nunca tive tranquilidade. Você podia aparecer no apartamento quando bem entendia. Eu não tinha mais sossego: dormia e amanhecia, pensando...

DIRETOR - Mais baixo.

ATRIZ - Será que ele vem hoje?... À noite...

DIRETOR - Pare! Pare. Não está sentindo que esta fria? Eu quero sua voz embargada... ~~Voz de uivada...~~

ATRIZ - Minha voz sempre foi essa...

DIRETOR - Ponha-a na caixa.

ATRIZ - Que caixa?

DIRETOR - Não é a do ponto... pois, não.

PONTO - Me chamaram?

DIRETOR - Para o seu lugar! Depois dizem que eu não tenho razão.

ATRIZ - Não ensaio mais droga nenhuma.

DIRETOR - Veremos!

ATRIZ - É uma ameaça?

DIRETOR - Segue.

ATRIZ - Fale mais alto idiota.

PONTO - Ele não quer...

DIRETOR - Para a coxia!

ATRIZ - Se no dia não puserem o ponto na caixa, eu não representarei.

DIRETOR - no moderno teatro do mundo, minha senhora, não se usa mais caixa de ponto. É anti-estético!

ATRIZ - Mas, no meu teatro, continuará se usando... No dia você vai para a caixa.

PONTO - Sim, senhora.

DIRETOR - Quem manda no palco sou eu!

ATRIZ - Eu acho bom você acabar com esses ataques histéricos! Berra para causar impressão não é? Não tenho medo de gritos, meu filho! Escuta aqui: se quiser montar essa peça, trate de ficar bonzinho. Porque a hora que eu soltar um berro, você vai subir pelas paredes. Ora se vai!

DIRETOR - Segue.

ATRIZ - Ponte alto, Pedro. À noite, não ia a lugar nenhum, nem recebia visitas, porque você podia aparecer de uma hora para outra. Não ia a festa alguma, com medo de...

DIRETOR - Não é possível!... Assim não é possível... mais baixo.

ATRIZ - Ficava gelada, quando num baile...

DIRETOR - Voz!...

CORTES

ATRIZ - Mas, afinal o que é que o senhor quer? Que eu fale alto ou baixo?

DIRETOR - Estou falando para esse maldito ponto. Segue.

ATRIZ - Alto, Pedro.

DIRETOR - Eu acabo com esse espetáculo, não dirijo mais, pronto!

ATRIZ - Ótimo. Eu estava roxa para fumar um cigarrinho... Pedro, musica! Não faltarão diretores novos para se contratar. Eu pago bem. Aliás, meu camarim vive cheio dessas ratazanas.

DIRETOR - Com uma atriz de sua mentalidade, ninguém pode fazer nada.

ATRIZ - Como é, vai ensaiar ou não vai?

DIRETOR - Segue.

ATRIZ - Alto Pedro.

PONTO - Sim, senhora.

ATRIZ - Se o encontrava na rua, não me aproximava. (Entra o empresário e três candidatas.) Você podia não gostar. Quase sempre estava acompanhado de alguém...(Vê o empresário e interrompe o ensaio.)

DIRETOR - O que houve?

ATRIZ - Já disse que não ensaio na presença de pessoas estranhas.

DIRETOR - O que é que estas três moças estão fazendo aqui?

CANDIDATAS - (Cantem:)

Candidatas

Nós somos candidatas

Talento incomparável

Temos nós.

Candidatas

Seremos contrataadas

Bis. Nos temos rebolado

E temos voz

(Obs. Para maior comicidade, o papel das três candidatas, será vivido por três atores.)

EMPRESARIO - Vieram fazer o teste que voce marcou.

DIRETOR - E quem foi que disse que eu marquei para hoje?

3ª CAND - O senhor disse que eu passasse pelo teatro, quinta feira às quatro horas da tarde.

1ª CAND - A mim também.

DIRETOR - Hoje é quarta feira e ainda não são quatro horas.

3ª CAND - Pedão, mas o senhor está enganado: hoje é quinta-feira, e acabei de acertar meu relógio. Passam dois minutos das quatro.

DIRETOR - (Para a segunda candidata) E a senhorita, assim de biquine...

2ª CAND - Eu? Eu vinha passando por aqui quando esse senhor me chamou para fazer uns testes.

ATRIZ- Testes, eim?

DIRETOR- Trouxeram alguma coisa preparada?

1ª CAND - Decorei uma poesia.

DIRETOR - Não sabe nenhum trecho de peça?

1ªCAND- Participei de um dram lá no colégio, ainda sei o meu papel todo de có, olhe só. (canta e dança)

Bastião e Bastiana, minha gente

Viamo lá do sertão

Trouxemo tanta saudade, minha gente

Da fulô do coração.

Bastiana foi espia o trem...

3ª CAND- (puxando o diretor pelo braço) Já representei Goethe. Fiz a Margarida do Fausto. Uma vez, numa festa de caridade, representei um ato inteirinho do Hamlet.

DIRETOR- Que papel?

3ª CAND- Claro que o Hamlet!

DIRETOR- O Hamlet?

3ª CAND- Em travesti! Não fui a primeira. Sarah Bernhardt usou-o mais de uma vez. Tive oito chamadas!

1ª CAND- (levando o diretor para o outro lado) Desde garotinha que eu sei recitar. Cantava e dançava. Fui menina prodígio. Adoro sapatear. Não têm por aí uma vitrola?

DIRETOR- Não vamos montar revista! O meu teatro é um teatro de laboratório.

1ª CAND- Detesto chairo de remédios.

DIRETOR- O papel que uma das senhoras três fará, exige desembaraço, tipo e talento...(para a segunda cand) E a senhorita, o que troxe para o teste?

2ªCAND- Eu?...

DIRETOR- Seu físico não é mau. Quer atravessar o palco, por favor... Sorria. Mais um pouco. Sente-se agora naquele banquinho. Fique perto daquele cara... Nada mau.

3ªCAND- Ah, se o negócio aqui é na base de tirar a roupa, eu também tiro!...

CÓRO- Tira, tira, tira...

1ªCAND- Ah! Eu não faço " strip-tease ". Sim, porque eu sou uma moça de muito boa família. O senhor não vai querer se aproveitar de mim só porque eu tenho as pernas bonitas. (levanta a saia e mostra) Só porque elas são bonitas, isto não ~~quer~~ é motivo para que eu saia por aí mostrando. Deus me livre. Eu fui educada em colégio de freiras. E tem amis, o meu namorado não consentiria...Ah!... Outra coisa. Esse negócio de beijo na boca, não é comigo não !

DIRETOR- A senhorita tem alguma prática? (para a segunda candidata)

2ª CAND- De quê?

DIRETOR- Nunca fêz teatro?

2ª CAND- Não senhor. Uma vez trabalhei num show, num clube.

DIRETOR- O que foi que você fez?

2ª CAND- Uma mocinha bem ingênua.

3ª CAND- Já fiz tôdas as ingênuas do teatro. De Berenice a Ofélia.

DIRETOR- O papel na peça não é o de uma serigaita. Fisicamente a senhorita tem o tipo.

1ª CAND- Meu físico não é bom, senhor diretor? Dizem que em cena eu fico muito linda.

ATOR- Só se for em cena.

PONTO- E pra quem estiver assistindo da última fila.

3ª CAND- Beleza não vale nada. Em teatro, precisa-se ter talento.

PONTO- Bem, vamos aos testes...

DIRETOR- Ponha-se no seu lugar; aqui quem faz os testes sou eu... Comece a senhora.

1ª CAND- " As duas sombras ", Olegario Mariano. (declama)
Na encruzilhada silenciosa do destino,
Quando a estrlas se multiplicavam,
Duas sombras se encontraram.
A primeira falou:

DIRETOR- Chega.

1ª CAND- Não. Não foi isso não! (recita)
Nasci de um beijo de luz,
Sou força, vida, alma, esplendor!

DIRETOR- Chega, diga outra coisa.

1ª CAND- Já vi que não gosta dos parnasianos. Direi um moderno.
" Esplendor Selvagem", não sei de quem é não... (recita)
Hipopotamos adolescentes da zona norte,
Hipopotamos adolescentes da zona sul,
Tudo azul, tudo azul, tudo azul...

DIRETOR- Basta! Você agora. (terceira candidata se levanta) Não, você.

2ª CAND- Não trouxe nada de cor.

DIRETOR- Você vem aqui aqui para fazer um teste e não traz nada preparado?...

2ª CAND- Queira me desculpar... Eu ia passando, não sabia... (vai saindo)

DIRETOR- Espere. Isto aqui serve. Vá lendo êsse trecho, enquanto esta senhora faz z cena... (terceira candidata tira da bolsa um punhal e vai para o meio da cena)

3ª CAND- Ser ou não ser, eis a questão; se há nobreza dâ alma em submeter-se as fundas e setas da fortuna inimiga, ou se tomar armas contra um mar de atribulações, e, combatendo, extraminá-as? Morrer, dormir, nada mais; e dizer que adormecendo...

DIRETOR- Chega. Diga outra coisa.

3ª CAND- Sim, senhro. (vai até a bolsa e retira uma grinalda que põe na cabeça) (entra o autor da peça) "Fausto", de Goeth...

Meu dia de núpcias seria.

Não digas estiveste já com Gretchn.

Foi-se a esparança, a coroa tão linda...(pausa)

DIRETOR- Oque foi?

3ª CAND- Estou tentando me lembrar do resto...

Hei de ver-te ainda,

Mas não na dança.

Larga-me! Eu admito a força! (cai sentada no colo do ator)

Não me agarres, mau, deste jeito!

Por amor de ti, tudo tenho feito. (joga-se no chão)

DIRETOR- Basta.

3ª CAND - Não cheguei nem a dizer uma estrofe...

DIRETOR - Já estou satisfeito... Chegaste em bca hora. Chegou a sua vez.
Leia em voz alta.

2ª CAND - Jack Wilson, um jovem de setenta e um anos, que quebra
poste de madeira com os dentes, paralelepipedos com um murro
e torce barras de ferro com sua força descomunal, esta fazem
do demonstrações de seu vigor extraordinário...

DIRETOR - Mais alto, menina.

2ª CAND - E ensinando como alguém pode se transformar em Tarzan. O
vigoroso septuagenário fará hoje uma exibição.

DIRETOR - Eis a sua Irina ideal. Vou mudar a linha do papel, dando
lhe uma linha mais suave. Uma verdadeira igênuia!

1ª CAND - Isto é uma marmelada. (Todas falam ao mesmo tempo)

3ª CAND - Essa, não. Como é que pode?!...

PONTO- queima!

ATRIZ- Eu já vi tudo.

DIRETOR- Vocês querem fazer um minuto de silêncio, pelo amor de Deus?

3ª CAND- Quem morreu?

DIRETOR- A mãe!...

1ª CAND- Meus pêzames.

ATRIZ- Se essa moça fizer o papel de Irina, não entro em cena.

DIRETOR- ~~Se essa moça fizer~~ Por que ?

ATRIZ- Dispensso comentários.

DIRETOR- Mas afinal eu sou ou não sou o diretor ~~desta merda~~ ?

1ª CAND- Senhor diretor, quer dizer que não gostou de mim?

DIRETOR- Não.

3ª CAND- Absurdo! Dizer Goethe, Shakespeare, para no fim ser passada
para tras ~~por uma piranha que tal deu um repórte de jornal~~

2ª CAND- Alto lá! ~~Piranha não.~~ *Cord*

PONTO- queima!...

DIRETOR- Parem com isso . Isto está parecendo estúdio de televisão...

3ª CAND- Quem é o senhor? Em que escola foi diplomado?

ATRIZ- Pelo mobral.

3ª CAND- Eu logo ví.

1ª CAND- Eu podia fazer o papel da ingênuia na linha que o senhorr

mandasse.

3ª CAND- Não se esqueça que eu sou diplomada por um curso de arte dramática. Quer que eu diga um trecho de tragédia grega?

DIRETOR- Não!...

3ª CAND- Nervoso! Não precisa gritar!...

ATRIZ- A escolhida devia ser a moça.

1ª CAND- Eu sou moça.

2ª CAND - Eu também sou moça.

ATRIZ - Essa moça aqui é que deve ficar com o papel.

3ª CAND - Gostou de mim? Ve-se logo que a senhora é uma artista.

DIRETOR - O autor é da mesma opinião que eu.

ATRIZ - Claro!...

3ª CAND - Proteção.

ATRIZ - Já que está presente, quero participar que não representarei o seu terceiro ato como está escrito.

AUTOR - Seu papel é lindo nesse ato, Dorine!

ATRIZ - É lindo, mas não gosto.

AUTOR - Qual a cena que voce não gostou?

ATRIZ - Todas.

AUTOR - Pois todo mundo que leu, achou o meu melhor ato.

ATRIZ - Para o galã e para essa tal de Irina que voce imaginou...

AUTOR - Então, Dorine: voce acha que o papel de Irina seja melhor do que o seu?

ATRIZ - Claro que é melhor! Eu não vou admitir que na minha companhia vá se contratar um elemento que no fim vai me roubar a peça toda. A não ser que voce modifique o final: quero morrer falando e envenada.

AUTOR - Uma tirada de vinte linhas?

ATRIZ - Não seria mau...

AUTOR - Esta bem, mas não faço.

ATRIZ - Então não se estréia...

AUTOR - Tenho um contrato!

EMPRESARIO - Dorine... Meu bem... Compreenda...

ATRIZ - Não quero compreender nada! Disse que não represento e esta acabado.

EMPRESARIO - Mas, Dorine...

ATRIZ - Não me faça ficar histérica.

3ª CAND - O que é que eu ainda estou fazendo aqui neste teatro mam bembe?... Se soubesse que era isso... Tive muito prazer de conhecer a senhorita... Ditador!...

1ª CAND - Não vão me aproveitar?

PONTO - Não.

1ª CAND - Bobo.

ATRIZ - Se não mandarem chamar imediatamente a moça que disse o Hamlet e não derem a ela o papel de Irina, eu dou um berro que as paredes vão tremer!

EMPRESARIO - Pedro, Pedrinho, corra atrás daquela moça e traga-a de volta.

DIRETOR - Para que?

EMPRESARIO - Para fazer o papel...

PONTO - Pronto.

ATRIZ - Não é esta imbecil.

EMPRESARIO - Corra, Pedro.

DIRETOR - Para, Pedro.

(Cantam)

Pedro para,
Para Pedro.
Para Pedro,
Pedro para...

EMPRESARIO - Vá idiota!

DIRETOR - Não precisa! A candidata já foi escolhida...

ATRIZ - O que é que voce esta pensando, hein? Que manda alguma coisa aqui? Não preciso de diretor nenhum!... Tenho meu nome feito! E não vou fazer Natacha nenhuma!... Nem com tres mortes no fim! Rua com voces todos, andem! Rua!

DIRETOR - Vedette! Vedette de revista!

AUTOR - Fique sabendo que eu sou muito autor!

ATRIZ - Pode meter a sua peça! Não haverá mais estréia!

AUTOR - Irei a juizo! Quero uma indenização.

EMPRESARIO - Dorine! Minha bonequinha... Veja bem o que voce esta fazendo! Será a minha ruina...

ATRIZ - O culpado disso tudo foi voce! Eu não queria ser dirigida! E muito menos representar esta Natacha! Toma! Vê se é bom...

ATOR - Vou-me embora! Quando acabarem com essa bagunça, mandem me chamar.

ATRIZ - Pode ir embora todo mundo. Não preciso de ninguém! Por isso sou uma estrela.

PONTO - Não encontrei mais a moça...

ATRIZ - Não precisa! Tive uma ideia genial! Vou telefonar agora mesmo para o meu amigo Isac. Prometeu escrever uma peça para mim. É um grande autor.

DIRETOR - A minha vingança, é que há de ir tudo para o porão, sua canastrona.

ATRIZ - Rua! Rua, antes que eu faça uma besteira!

ATRIZ - Dorevante só representarei monólogos! Será a minha glória.

PONTO - E eu pontarei tudo para ela. Vamos voltar aos velhos tempos. Será a minha realização. Vou dar cada tiro.

(Os atores estão dispostos como para uma revista de teatro. toca a musica "Comunicação", todos dançam, o pano fecha.)

(FIM)

TÍTULO:

PRIMA DONNA

GÊNERO:

PEÇA TEATRAL

1) S. ARQUIVO

Documentação: EM ORDEM

Já liberada?: SIM

Cls. Etária anterior: LIVRE

Praça: FORTALEZA - CE

DF, 9/10/72

Chefe do Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura: Dalmo

Técnico de Censura:

Técnico de Censura:

Data para Exame: de 14/11/72 a 16/11/72

OBS:

DF, 14/11/72

Resp. pela Programação

3) S.C.T.C.

A Consideração do Senhor Chefe da Sec. de Censura com a informação de que a presente peça, Vem sofrendo atrasamento prejudicial na sua classificação etária, visto desde a livre até 18 anos. A última vez foi elevada para maiores de 14 anos, agora é sugerida a classificação de 18 anos e cortes.

Com: 17/10/72

Sec. Arq. JF
PI TCTC

4) CHEFE S.C.

Dual va-se
a interessado para
que o mesmo se
atenha ao origi-
nal liberado por
esta Direção.

18/10/72 MF
sfe

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIDERESSE
com imprópria para meno
res de 18 anos
27 XI 1972
Rogério Nunes



TÍTULO A PRIMA DONNA

PARECER

Original de José Maria Monteiro.

ADAPTAÇÃO DE WALDEN LUIZ E MARCUS MIRANDA.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: DEZOITO ANOS - C/CORTES.

ESPÉCIE. PEÇA TEATRAL...

COM CORTES? SIM.....

BOA QUALIDADE? ---.....

LIV P/ EXPORTAR? ---.....

DUBLADO? ---.....

LEGENDADO? ---.....

VED EXPL COMERCIAL? NÃO..

CENAS Só à vista da apresentação.

ENREDO Um desentrosado grupo teatral pretende ensaiar uma peça, o que origina engraçadas situações.

ÉPOCA Dias atuais.

GÊNERO Comédia.

LINGUAGEM Irreverente, picante.

MENSAGEM De entretenimento.

PERSONAGEM Confusos, inconvenientes.

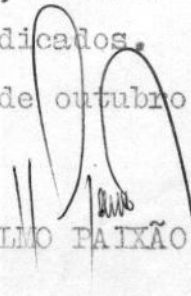
TEMA A montagem de uma peça.

OBS: 1. CORTES. Indicados às págs. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 13 e 17.

2. CONCLUSÃO.

A peça em epígrafe já foi liberada com restrição etária de quatorze anos. Este texto, adaptado, sofreu sensíveis modificações e acréscimos de palavras ou de expressões indecorosas. Mesmo efetuando cortes não há condições de ser liberada como anteriormente, devendo sua restrição ser máxima e com os cortes supra indicados.

Brasília, 16 de outubro de 1972.


DALMO PAIXÃO

72/11
L. J. P.

23 de outubro de 1972

556/SC-DCDP/72

Diretor da DCDP

Sr. Superintendente Regional/CE

Solicitação - (faz).

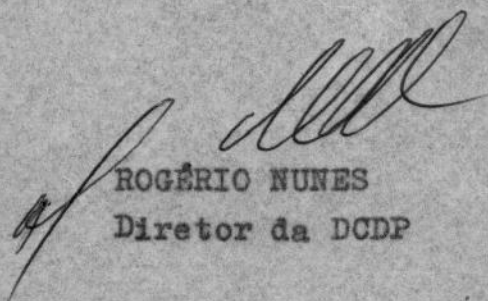
Senhor Superintendente,

Solicito providências de V.S. no sentido de fazer chegar ao Senhor Marcus Miranda, residente nessa cidade, os textos da peça teatral intitulada "A PRIMA DONNA", de autoria de José Maria Monteiro, informando-lhe que deverá se ater ao original da obra, já liberada anteriormente por esta DCDP.

2- Observado o disposto acima, querendo, poderá o interessado voltar a esta Divisão.

3- Anexo seguem as 2ª e 3ª vias do texto para entregar ao requerente.

Aproveito o ensejo para renovar a V.ª os protestos de estima e apreço.


ROGÉRIO NUNES

Diretor da DCDP

Ilmo. Sr. Diretor da Divisão de Censura e Diversões Públicas
Departamento de Polícia Federal.

do

20 NOV 1972 053835

RECEBIDO POR

A Sec. Censur., mandou
rev. Sm 23x, R

O TEATRO NOVO, vem mui respeitosamente, recorrer a V. Sia. para que seja feita uma revisão da peça PRIMA DONNA de José Maria Monteiro, "adaptação" de Marcus Miranda e Walden Luiz, considerando:

- 1º) que de acordo com o ofício Nº556/SC - DCDP/72 de 23 de outubro de 1972; nós teríamos que montar a peça PRIMA DONNA como foi escrita em 1952, ou seja há vinte anos passados;
- 2º) que nós estávamos solicitando certificado de Censura para a adaptação feita por nós;
- 3º) que a referida adaptação recebeu autorização da S. B. A. T. e do autor, conforme carta anexa, do próprio punho do autor;
- 4º) que o certificado expedido anteriormente (Setembro de 1965) já está com mais de (05) cinco anos que foi expedido;
- 5º) que o referido certificado, tratava da obra do autor, sem adaptação;
- 6º) que o referido certificado foi expedido em nome do Curso de Arte Dramática da Universidade Federal do Ceará (com cortes e ~~proibida até 18 anos~~ CENSURA LIVRE).
- 7º) que a peça foi levada como "prova pública" de alunos do supra citado curso;
- 8º) e finalmente que o texto será montado pelo TEATRO NOVO, que é um grupo de teatro independente;

pelo exposto, solicitamos de V. Sia. que seja expedido um novo Certificado de Censura, e que sejam liberados os cortes, uma vez que se trata de uma adaptação nossa com a devida permissão do autor, mesmo que seja proibida até 18 anos.

Certos de que seremos atendidos, confessamo-nos gratos.

FORTALEZA, 03 de novembro de 1972.

Marcus Miranda
MARCUS MIRANDA

Walden Luiz
WALDEN LUIZ

73.11.72

Бухарзия

1970-1971

1944

NEW YORK

James H. Smith

Ilmo. Sr. Diretor da Divisão de Censura e Diversões Públicas
Departamento de Polícia Federal.

do

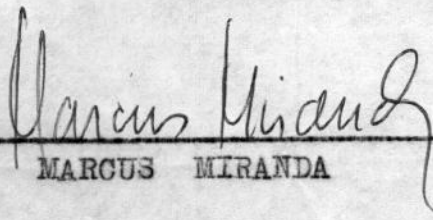
O TEATRO NOVO, vem mui respeitosamente, recorrer a V. Sia. para que seja feita uma revisão da peça PRIMA DONNA de José Maria Monteiro, "adaptação" de Marcus Miranda e Walden Luiz, considerando:

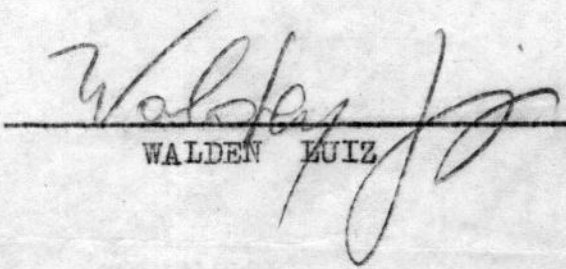
- 1ª) que de acordo com o ofício Nº556/SC - DCDF/72 de 23 de outubro de 1972; nós teríamos que montar a peça PRIMA DONNA como ~~foi~~ escrita em 1952, ou seja há vinte anos passados;
- 2ª) que nós estávamos solicitando certificado de Censura para a adaptação feita por nós;
- 3ª) que a referida adaptação recebeu autorização da S. B. A. T. e do autor, conforme carta anexa, do próprio punho do autor;
- 4ª) que o certificado expedido anteriormente (Setembro de 1965) já está com mais de (05) cinco anos que foi expedido;
- 5ª) que o referido certificado, tratava da obra do autor, sem adaptação;
- 6ª) que o referido certificado foi expedido em nome do Curso de Arte Dramática da Universidade Federal do Ceará *(com cortes e censura livre)*
- 7ª) que a peça foi levada como "prova pública" de alunos do supra citado curso;
- 8ª) e finalmente que o texto será montado pelo TEATRO NOVO, que é um grupo de teatro independente;

pelo exposto, solicitamos de V. Sia. que seja expedido um novo Certificado de Censura, e que sejam liberados os cortes, uma vez que se trata de uma adaptação nossa com a devida permissão do autor, *mesmo que seja proibida até 18 anos*).

Certos de que seremos atendidos, confessamo-nos gratos.

FORTALEZA, 03 de novembro de 1972.


MARCUS MIRANDA


WALDEN LUIZ



SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917

Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.

End. Teleg.: SBAT - RIO

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Direitos de Representação Autorização Nº 96244

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n. 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu § único, e 27, do decreto n. 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n. 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n. 21.111, de 1-3-1932, a representação da peça teatral:

"PRIMA DONNA"

Original de JOSÉ MARIA MONTEIRO

Música de

Adaptação de

DE WALDEN LUIZ FURTADO

No Teatro

Cidade

MARCOS MIRO

nos dias

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

10% da renda bruta de cada espetáculo, medi-

ante a garantia mínima de Cr\$ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados.

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada nas primeiras vias dos recibos oficiais da SBAT.

(pela SBAT)

Isenta de selo - Art. 1º do Dec. 7.957, de 17-9-1945.

CARTÓRIO ARARIPE
Rua Major Faundo, 673

A presente cópia fotostática
confere com o original exi-
bido nestas notas.

Deu fé.

Portalese

25 de 9 de 1972

Em testemunho *Ass* da verdade

Blavalcanti

Araripa E. M. Cavalcanti
Esc. do Trp. Ocasional do Tabelião



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1972

Ilmo Sr

WALDEN LUIZ FURTADO BEZERRA

Teatro Experimental de Cultura

Rua Pedro Pereira 950

FORTALEZA - CE

Senhor Walden

O Nosso consócio Sr José Maria Monteiro, esteve aqui em nossa sede e nos informou do seu requerimento, pedindo autorização para adaptar e encenar a obra de sua autoria PRIMA DONNA, o que concordou mediante duas exigências:

1 - Pagamento de direitos autorais na base de 10% (dez por cento) da renda bruta, com uma garantia de 1/2 (meio) salário mínimo regional por vez de representação.

2 - Um mínimo de 10 (dez) representações.

Caso V Sa aceite as condições, poderá obter a devida autorização, aí mesmo em Fortaleza, diretamente com o nosso Representante, no endereço abaixo.

Sem outro motivo para o momento, subscrevemo-nos com estima e consideração.

OBS Com cópia para o Sr Tôrres de Melo.

Ilmo. Sr.

DR. LAURO RAMOS TÔRRES DE MELO

Rua Floriano Peixoto, 479

60.000 - FORTALEZA - CE

Ilmo. Sr.

DR. LAURO RAMOS TÔRRES DE MELO

Rua Floriano Peixoto, 479

60.000 - FORTALEZA - CE

Atenciosamente

Djalma Bittencourt
Superintendente

COPIA PARA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617 P.93

CARTÓRIO ARARIPE
Rua Major Facundo, 673

A presente cópia fotostática
confere com o original exi-
bido nestas notas.

Deu fé.

Portaleza 25 de 9 de 1972

Em testemunho Ass da verdade

Altonis Altamira B. H. Cavalcanti
Esc. no Imp. Ocasional do Tabelião

Meu caro

Walden Luiz,

Recebi sua carta através da Sbat e
já autorizei a mesma para que providenciasse
a citada autorização.

Achei a ideia ótima, pois o assunto
da Prima Donna é eterno: vedetismo, ridículo
de estolismo, vaidade...

No momento, estou estroando meu peço no
Glauco Gil - Check up. Estm apenas represen-
tando.

Gostaria de saber, caso a ideia de vocês se
concretize, quando vocês pretendem realizar
o espetáculo e pedir uma coisa:

dareis a possibilidade de vocês me mandarem
uma passagem de avião para eu estar
ai na ocasião?

Se criardes ainda com a representação
do Check-up, anexo aqui a substituição
por meus dires.

Um abraço, a todos do

Grô Henrique Monteiro

5/9/72

CARTÓRIO ARAPIPE
Rua Major Fausto, 673

A presente cópia fotostática confere com o original exibido nestas notas.

Dou fé.

Fortaleza, 25 de 9 de 1972

Em testemunho, AB da verdade

AB6a201canti
Antonia Altamira B. H. Cavalcanti
Esc. no Imp. Ocasional do Tabelião

78
125
12/11/72

Senhor Chefe da Seção de Censura.

Informo a V.S. que a presente peça teatral foi submetida novamente a exame por esta DCDP, tendo o Técnico de Censura Dalmo - Paixão opinado pelo agravamento da impropriedade para menores de 18 anos com os cortes assinalados nas páginas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 13 e 17 do texto, em face do interessado haver procedido a alterações substanciais na obra, sobretudo com a inserção de palavrões e atos obscenos.

A obra em apreço, foi anteriormente liberada por esta Divisão com classificação LIVRE conforme os certificados nºs 268/68, 4490/67 e 642/68, todos já vencidos. Posteriormente, foi submetida a NOVA CENSURA, ocasião em que teve a sua classificação etária elevada para maiores de 14 anos, conforme os certificados nºs 2714/70, 2727/70 e 4070/71, todos eles com validade ainda até 1975 e 1976.

Em vista das razões alegadas e fundamentadas pelo Técnico de Censura, o Senhor Diretor da DCDP houve por bem devolver os textos ao interessado para que se atesse ao texto original a fim - de que fosse evitado uma desuniformidade na classificação etária - da mesma obra.

Nesta ocasião, volta o requerente a esta Divisão juntando uma autorização do autor, que lhe permitiu a alteração do original, pedindo a liberação do espetáculo com as modificações por ele introduzidas, mesmo com a impropriedade para menores de 18 anos, - sem cortes.

Em nosso entendimento, já que o interessado insiste na liberação da obra com as alterações por ele promovidas, com a anuência do autor, esta Divisão poderá atender a sua pretensão, desde que seja fixada a impropriedade para menores de 18 anos com os cortes indicados pelo Técnico de Censura, visto que, o artigo 10 da - Lei 5.536 concede o embasamento legal para esta possível decisão da DCDP.

É esta a nossa opinião, s.m.j.

Brasília, 24 de novembro de 1.972

Sebastião Minas Brasil Coelho

P/ SCTC

De acordo. À consideração
do Sr. Diretor da DCDP.
Em 27.11.72 - Dufray.

75/26
Lent

214/72-SC/DCDP

28 novembro 2

Superintendente Regional do Ceará

A PRIMA DONNA

José Maria Monteiro

Superintendente

em FORTALEZA

214/72-SC/DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617, P.98

268/72

" A PRIMA DONNA "

JOSÉ MARIA MONTEIRO

03

AGOSTO

76

28

NOVEMBRO

72

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

ROGERIO NUNES

" A PRIMA DONNA "

JOSÉ MARIA MONTEIRO

MARCUS MIRANDA E WALDEN LUIZ

TEATRO NOVO - CE

16

NOVEMBRO

72

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS, C/ CORTES
ASSINALADOS ÀS PÁGS. 01-02-03-04-05-06-07-10-11-13-17. CONDICIONADO AO
EXAME DO ENSAIO GERAL/// O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUAN
DO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO DCDP.

COM CORTES

28

NOVEMBRO

72

DEUSDETH BURLAMQUI

MC/



1 DEZ 1973 069746

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Artur...

82/ *[assinatura]*

[assinatura]

677...

Em, 07 de dezembro de 1.973

Do Chefe do SCDP/SR/GB

Ao Sr. Diretor da DCDP/BSB

Assunto -remete texto de peça teatral

Senhor Diretor

Para os devidos fins, remeto a V.S. ofício nº 42/73 da Escola de Teatro Martins Pena, do Estado da Guanabara, através da qual, solicita exame censório para a peça "A PRIMA DONNA", de José/Maria Monteiro, a ser exibida com fins didáticos, no Teatro Luiz Peixoto, juntando para tanto, exemplares do referido texto, em número / de tres (3) e a guia da S.B.A.T., expedida em 7 do mes em curso.

Ao ensejo renovo a V.Sa. os protestos de consideração e estima.

[Assinatura]

ORESTO MANNARINO

Chefe do SCDP/SR/GB



ESTADO DA GUANABARA

SECRETARIA DE ~~EDUCAÇÃO~~ CULTURA, Desportos e Turismo

DEPARTAMENTO DE CULTURA

ESCOLA DE TEATRO MARTINS PENA

TEATRO LUIZ PEIXOTO

Rua Vinte de Abril nº 14 - Tel. 232-5598

Of. nº 42/73

Rio de Janeiro, 06 de dezembro de 1973

ILMO. SENHOR

DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Solicitamos a V.S. que se digne censurar o texto da peça "A Prima Donna", de José Maria Monteiro a ser exibida com fins didáticos (entrada franqueada ao público) no Teatro Luiz Peixoto, desta Escola.

Anexo, 3 (três) vias da referida peça.

Atenciosamente

João Alves Sobrinho
JOSE ALVES SOBRINHO
Chefe de Setor de Alm. da EMP
Mat. 61.585



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, 7 de Dezembro de 1973

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,
para fins de CENSURA (TRES.....) cópias da peça:

A PRIMA DONA.....

DE: José Maria Monteiro.....

próxima apresentação da Apresentação de Alunos, fins de Daticos
..... no Teatro DA ESCOLA MARTINS PENNA
com estréia marcada para o dia 1a Quinzena de Janeiro.....

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior
consideração,


Djalma Bittencourt
Superintendente



Título: "PRIMA DONNA" - AUTOR: JOSÉ M. MONTEIRO

Classificação Etária: LIVRE

Espécie: TEXTO TEATRAL Com cortes: NÃO

Boa Qualidade: = = = Livre P/Exportação: = = =

Dublado: ORIGINAL EM POR Legendado: = = =

Vedada a Exploração Comercial: SIM

Cenas: À VISTA DO ENSAIO GERAL

Época: Atual Gênero: Farsa-sátira

Linguagem: Informal e irreverente

Tema: Social

Personagem: Confusos e controversos

Mensagem: Entretenimento

Enredo: Grupo - despeparado - tenta montar uma
peça teatral, originando-se, daí, divertidas
situações.

- Conclusão -

- A confrontação levada a efeito revela que o "script" - ora apresenta
- 1 - Cortes: do - pertence à mesma edição que permitiu a classificação de LIVRE, em 16 de maio de 1968, pelo censor Carlos Lúcio Menezes, o mesmo ocorrendo em 18/12/1969, razão sobeja para ser mantido o mesmo critério anterior - ou seja: LIVRE.
- 2 - Conclusão:

Brasília, 26 de dez. de 73

CORRÊA LIMA

Tec. de Cens. DPF-507

87

016/74-SCTC/SC/DCDP

4 janeiro

4

Superintendente Regional do DPF na Guanabara

"A PRIMA DONNA"

JOSÉ MARIA MONTEIRO

Superintendente:

Rio de Janeiro/GB

FVAN/fd

: A PRIMA DONNA

: JOSÉ MARIA MONTEIRO

: ESCOLA DE TEATRO MARTINS PENA - GB -

JOSÉ ALVES SOBRINHO

26 DEZEMBRO

73

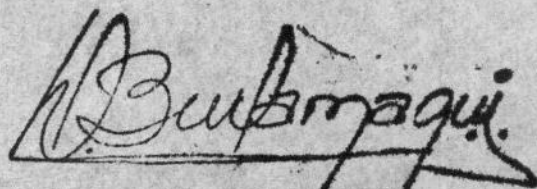
L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O

PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT"
DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

08

MONTEIRO

74


DEUSDETH BURLAMAQUI

mhf

LIVRE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0637, P. 107

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

268/74

A PRIMA DONNA

JOSÉ MARIA MONTEIRO

LIVRE

30 AGOSTO

76

30 JANEIRO

74

ROGÉRIO NUNES

85



25

0392

Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1974
Ilma. Sra. Chefe de
Serviço de Censura de Diversões Públicas no
Estado da Guanabara

Teatro : Luiz Peixoto (Esc. de Teatro A. Pena)
Peça : Prima Donna
Produção: Escola de Teatro Martins Pena
Direção : Maximino Valeriano Costa
Censura : Livre
Protocolo-04531/74

Por determinação de V.S., foi procedido ensaio geral da peça denominada "Prima Donna", de autoria de Karlos Konda, encenada no teatro Luiz Peixoto, sito à rua Vinte de Abril, 31 (Centro), sofrendo observações quanto as marcações.

Trata-se a mesma de uma sátira ao ensaio de uma peça teatral, no que a estrela e proprietária da Cia. e amolda todo espetáculo a sua maneira, mais o diretor desconhecendo a verdadeira identidade da estrela e não satisfeito com seu comportamento profissionais, procura a substituí-la, solicitando de seus auxiliares novas candidatas, fato que chega ao conhecimento da estrela a qual aos berros prefere que jamais em tempo algum fora tão humilhada. Eu quero ver quem tem a ousadia de substituir-me. Não vou mentar mais nada e com vocês ponho todos no olho da Rua..... Terminando assim o espetáculo.

Elenco

Composto de alunos da Escola de Teatro Martins Pena, são os seguintes: NILGETE MARIAN, MAURO REIS, TADEU VIEIRA, BENILSON SILVA, JOSE CARLOS SOUZA, SUELI COSTA, DULAN SOUZA, MAXIMINO VALERIANO, KARLOS KONDA e RENATA MENDES.

Vestuario, iluminação e cenografia adequada ao espetáculo, quanto o texto aprovado foi fielmente obedecido:

Espectaculo com somente um ato e 4 cenas.

Em face ao exposto, sou de opinião que seja mantido a impropriedade (Livre).

Sem mais, subscrevo-me,

atenciosamente.

Luiz Peixoto
385

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0617RJ09 MJ - DPF - SRA/BSB

Ilmo. SR. CHEFE DE CENSURA DE POLÍCIA FEDERAL

19 MAR 14 50 N 015530

BRASILIA

RECEBIDO POR

EU ANGELO ZONICELLI

Residente a Rua (Av.) 7 de Setembro

N.º 1762 Apto.

Estado Civil Casado

venho mui respeitosamente requerer á Vv. Ss. que se digne mandar censurar

a Peça: PRIMA DONA

Autoria de: JOSE MARIA MONTEIRO

Trad. (Adap.) - x -

Que será representada a partir do dia

JUNHO DE 1974

na Cidade SÃO CARLOS

Estado SÃO PAULO

pelo Grupo ou Empresa "PORÃO 7"

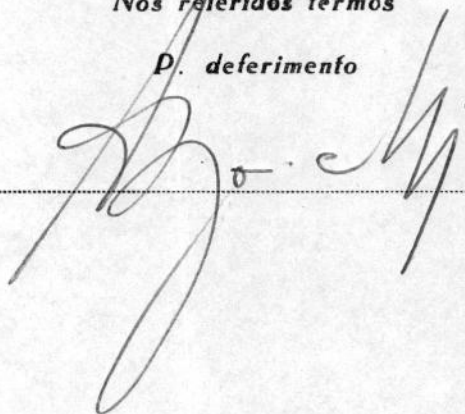
com Cobrança de Ingressos.

Junto segue 3 (Três) cópias do Texto.

& Autorização da SBAT N.º 24517

Nos referidos termos

P. deferimento



SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura) — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura).

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

AUTORIZAÇÃO PARA**REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL**

Série 3/70

Nº 24517

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral:

Original de

Música de

Tradução de

No Teatro

Cidade

Empresa

Pela Cia.

nos dias

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

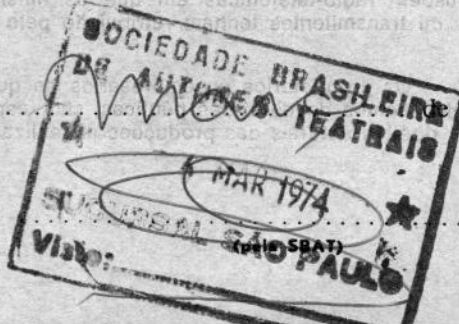
%

da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr\$ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota porcentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios colistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.



Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarês, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

93/04
[Signature]

TÍTULO A PRIMA DONNA

1) S. ARQUIVO

Documentação Em Ordem

Clas. Anterior LIVRE

Praça SÃO CARLOS SP

Obs.: _____

DF. 20/3/74

[Signature]
Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ____/____/____ a ____/____/____

DF. ____/____/____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

3) S. C. T. C.

De acordo com o parecer
13947/74 - Quatorze (14)
anos - sem cortes, condi-
cionados, Arquivo, ao e-
dame do encargo geral.
Fui feita-se os cortes
de com validade até
03.8.76.

[Signature]
F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SC/DCDP

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em, 29/03/74

[Signature]
Rogério Nunes



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

94/05
94

P A R E C E R Nº

13947/74

TÍTULO: " A Prima Donna" - José Maria Monteiro

ESPÉCIE: Peça teatral - CONFRONTO -

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 (quatorze)anos.

Procedendo ao confronto dos textos, verifiquei ha
ver identidade de conteúdo deste com o original, pelo que
opino pela liberação da peça para maiores de 14 anos, impro-
priedade com que já foi liberada anteriormente a aludida ''
com certificado em vigor até julho de 1975.

Brasília, 26 de março de 1974.

Gracieta Moreno da Silva

- téc. cens. -

95

201/74 - SCTC/SC/DCDP

28.março

4

Superintendente Regional do DPF - SÃO PAULO

/A PRIMA DONNA/

/JOSÉ MARIA MONTEIRO/

Superintendente:

São Carlos/SP.

FVAN/fan.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617, P. 115

268/74

: PRIMA DONNA

: JOSÉ MARIA MONTEIRO

30 AGOSTO 76

29

MARÇO

74

ROGÉRIO LUNES

PROIBIDO PARA
MENORES DE
QUATORZE ANOS

: PRIMA DONNA

: JOSÉ MARIA MONTEIRO

: PORÃO 7 - SP -

: ÂNGELO BONICELLI

26 MARÇO

74

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO
AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VÁLIDADE QDO
ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

29

MARÇO

74

MHF

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO
SUBSTITUTO



MJ-DAF-GRV/BSB

30 JUL 1132Z 46564

97

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

FICHADO

S. A. DCDP

Of. nº 4.124/74-SCDP/SR/SP

Em 26 de julho de 1974

DO: Superintendente Regional do D.P.F. em São Paulo
 AO: Exmo. Sr. Diretor Geral do Departamento de Polícia Federal
 Assunto: Relatórios (encaminha)

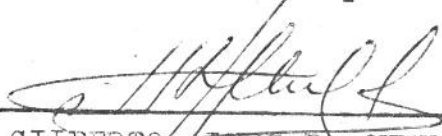
Senhor Diretor Geral:

Com o presente, encaminho a V. Exa., para os devidos fins, os relatórios de ensaios gerais das peças teatrais "A FALGADA" de autoria de Nelson Rodrigues, "AS ÁGUAS" de autoria de Antonetti, "MIRAGEM" de autoria de José Carlos Gumiere, "ARDE DO TRABALHO" de Roinaldo Costa Maia, "METAMORFOSE" de Antonio Carlos Coutinho, "QUARTO DE EMPREGADA" de Roberto Freire, "O AMIGO Nº 1 DO POVO OU TODOS AO SUBÚRBIO" de Hamilton F. Saraiva, "O ÚLTIMO ATO" de Gilson de Melo Barros e "A PRIMA DONA" de José Maria Monteiro.

Na oportunidade, renovo a V. Exa., protestos de estima e consideração.

CEL. = ANTONIO LEPANE

Superintendente Regional


 BEL. GILBERTO ALVES DA CUNHA
 Chefe de gabinete

AL/wa.

*Junta-se os relatórios
 an. processos em resposta
 te, observando-se as al-
 terações propostas pelo Teat-
 ro.*

Em 31.7.74

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

98

RELATÓRIO Nº ... Série ...

...São Paulo.... em .22 de .julho. de 1974.

Ao :- Chefe do SCDP/SR/SP

De :- Técnico de Censura

Assunto :- Ensaio Geral

Exame censório do ensaio geral de "A Prima Dona".....Autor :- José Maria Monteiro.....Tradutor :-
.....Encenado por :- Porção 7......Local :- São Carlos......Data do ensaio :- 18 / 7 / 74 Horário:- das 22 às 24 horas1. T E X T O1.1 Tema :- musical.....1.2 Sofreu alterações ? () Sim (☒) Não1.3 Sofreu alterações signifi-
cativas ? () Sim (☒) Não1.4 Sofreu cortes ? () Sim (☒) Não

1.5 Cortes observados ? () Sim () Não

1.6 Classificação :- 14 anos.....2. E N C E N A Ç Ã O

	De acordo com as normas censórias	Contrariando as normas censórias
2.1		

2.1 Cenário :- (☒) ()2.2 Iluminação :- (☒) ()2.3 Música :- (☒) ()2.4 Guarda-roupa :- (☒) ()

2.5 Projeção de "slides" () ()

2.6 Expressão corporal :- (☒) ()2.7 Restrições nenhuma.....

N^o ... Série ...

3. OBSERVAÇÕES

... Nada a relatar.

Segue anexo Relatório minucioso () Sim ☒ Não

4. PARECER DO TECNICO DE CENSURA

- 4.1 Opino pela liberação (x)
4.2 Opino pela proibição () de acordo com
.....
4.3 Opino pela liberação com restrições parciais () de acordo
.....
.....

.José. Américo. César. Cabral.. Técnico de Cens.
Nº .323.

São Paulo, 22 de JULHO de 1974.
De acordo com o parecer censório,
remeta-se à Brasília através da
Superintendência.

ms



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

São Paulo , 07 de Março

Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
(Departamento de Polícia Federal)
Brasília D F

De ordem
ao arquivo
em 190375

Saudações atenciosas:

Ruth Nogales
Chefe do SA/DCDP

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa.
para fins de CENSURA, tres copias da peça

" PRIMA DONNA "

Original de JOSÉ MARIA MONTEIRO

Tradução de XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Próxima apresentação de TEATRO DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO

Teatro DIVERSAS ESCOLAS

Cidade SÃO PAULO

Estado SÃO PAULO

A estréia está prevista para MÊS DE ABRIL DE 1975.

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração,



A P R I M A D O N N A .

PERSONAGENS:

PONTO.....

AUTOR.....

ATRIZ.....

ATOR.....

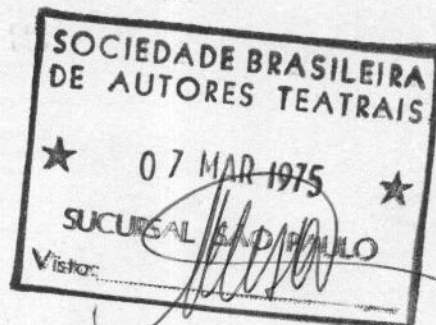
DIRETOR.....

EMPRESÁRIO.....

1ª CANDIDATA...

2ª CANDIDATA...

3ª CANDIDATA...



x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x

CENÁRIO: Quando começa o espetáculo, o palco está escuro. Pano fechado. /
 Conforme o teatro, o ponto entra pelo palco ou pela plateia. /
 Abre o pano e grita para a coxia:

PONTO: Cavaquinho! O cavaquinho! Acorda homem, que o senhor di-
 retor não deve tardar. Está na hora do ensaio.

(acende a luz, vê tudo desarrumado, fala:)

Bonito, não tem ninguém!

(tira o casaco, trocando-o por um avental e fala:)

Pedro, mãos a obra, mostra para essa gente nova, que em tea-
 tro, não há grandes nem pequenos papéis. Existem grandes,
 artistas, como você.

(põe no lugar uma poltrona de braços, para o diretor. Colo-
 ca um sofá no meio da cena. Uma cadeira e um banco pequen-
 no de lado. Lembra-se de qualquer coisa e liga a vitrola.
 Ouve-se uma cantora famosa na grande aria da Travita, é,
 Sempre Livera. O ponto se delicia. Põe uma mesa no centro,
 com um vaso de flores. Dois banquinhos, um pintado de azul
 outro de vermelho. Sempre se deliciando com a aria. Pega
 um espanador e começa a limpar os móveis. NOTA: o ponto po

PONTO: de vir cantando um trecho da ópera, e quando entrar no teatro encontra tudo por fazer. Depois de tudo no seu lugar, o ponto senta-se no sofá e fica se abanando com o espanador ouvindo sua aria preferida, até o momento em que o diretor faz a sua entrada. Este fica parado alguns segundos e só é notada sua presença através de um pigarro impertinente).

CENA PRIMEIRA:

PONTO: Boa-tarde senhor diretor, vou desligar.

(desliga a vitrola)

Como passou de ontem? Cavaquinho, o contra-regra novo, ainda não chegou.

(pausa)

A cena está a seu gosto?

DIRETOR: Você hoje vai pontar da coxia, não quero ouvir a sua vez.

PONTO: ELA ainda não sabe o papel de cor...

DIRETOR: Esta peça tem que ir sem ponto.

PONTO: Duvido...

DIRETOR: Duvida o que?

PONTO: Que ela decore

(pausa breve)

No meu tempo, ninguém precisava decorar nada. Mas naquele / tempo haviam atrizes. Uma pessoa só podia ser considerado, ator, depois que fizesse dez papéis diferentes. Mas hoje a coisa é diferente, qualquer amadorazinha é atriz... E só, quer fazer papel principal... "Não faço pontas"... É o que dizem.

(pausa)

A grande Madalena Brazão tinha um jeito todo especial, e quando ela parava no meio do palco, toda etérea, é porque não sabia nada do que vinha adiante...

DIRETOR: A época dos pontos já passou...

PONTO: Todos esses seus sonhos são muito bonitos, mas aqui nesta

PONTO: companhia, não vingam... A estrela nunca ~~tava~~ cabeça para, para decorar nada. Conheço-a primeiro que o senhor. Vaidosa! Sabe que ela não aceita papeis que não tenham no final do segundo ato uma cena grandiosa. Não sei como o senhor a convenceu desta vez... Esta peça não é o genero de la...

DIRETOR: É uma comédia sem aria...

PONTO: E danada para a gente pontar... É cheia de ditos de frescurinhas, de besteirinhas... Se o senhor ainda permitisse, que a gente colocasse uns cacozechos, eu podia ajudar na colaboração... Tenho dado cada tiro sensacional...

DIRETOR: Tiros?

PONTO: É vesse logo que o senhor é novato na profissão... Tiro, é uma gargalhada. A eminente Regina Celia, não estreava uma peça, sem antes me perguntar o que ela deveria dizer fora da peça. Sempre deu certo. Dei-lhe cada ideia... Nós inventamos uns sinais, só pelos labios, eu não precisava falar. Bons tempos! Mas a profissão de ponto é muito ingrata, antigamente, era um buraco apertado, com as pulgas mordendo, a gente por baixo. Mas hoje com esse tal de teatro moderno, jogam a gente na coxia, correndo feito doido por detra do cenario de acordo com a marcação... E que marcação, eu não me conformo, que coisa mais besta Santa Madona... Custas para o publico... Ator não fala com ator um olhando, para o outro que é para não esquecer o texto. Fala-se tão baixo que da terceira fileira para tras não se escuta mais nada. Dizem esses snobs que é chic, é moderno. Olha, eu já pontei uma peça que os tres atos ficava tudo escuro. Sabe o que aconteceu? Uma das figurantes que só entrava, no terceiro ato... quase... sabe? com o contra-regaa. E na hora H ele tinha que soltar um foguete, e eu tive que gritar lá do ponto, "o foguete, o foguete"....

DIRETOR: Bem mostra que voce é ponto...

PONTO: Por que?

PONTO: Aqui para nós que ninguém nos ouça, o senhor não vai ficar zangado se eu lhe disser uma coisa?

DIRETOR: Diga!

PONTO: Acho que essa peça vai para o porão.

DIRETOR: AH!

(passeia em cena)

PONTO: O público não vai gostar eu conheço teatro. Meu pai foi o grande palhaço ZUZU, e a minha mãe a graciosa bailarina ZIZI.

DIRETOR: Cale essa boca!

PONTO: Pensei que o senhor estivesse gostando de me escutar;;;

DIRETOR: Será que na sua profissão você já não fala o suficiente?
Cale a boca!

CENA SEGUNDA:

ATOR: BOA TARDE! Leu o diário?

DIRETOR: (seco)

Não!

ATOR: Me elogiou.

DIRETOR: É um imbecil!

ATOR: Ora essa, te pos toda culpa!

(mostrando o jornal)

DIRETOR: BOLAS! Sou um diretor, não um ensaiador. Não fui contratado para ensinar alunos. Produzo espetáculos, mas para isso me deem atores! Atores!. Claro que meu processo é moderno para que estudei na Europa e passei seis meses vendo espetáculos na Broadwai? Para voltar a minha terra e continuar ensinando como a maioria ensaia? Uma brisa! Tudo que, sabem fazer é...colocar um sofa no meio da cena, duas cadeiras ao lado, a célebre mesinha com um vaso de flores, em cima, um personagem se senta o outro fica em pé, quando este se levanta o outro se senta. Não este teatro de 1900

DIRETOR: eu não faço.O tetro da Prima Donna que canta a grande uma grande aria e morre no fim turbeculosa...O maldito teatro de ponto...Essa coisa horrorosa.

PONTO: Perdão senhor diretor,mas o ponto...

DIRETOR: Se voce der mais um pio mando lhe despedir.

PONTO: O senhor pode me despedir,mas eles precisam de mim.

ATOR: Ele não fez nenhuma restrição ao meu desempenho,e olhe , que ele anota tudo durante os espetáculos.

DIRETOR: A critica não existe!

PONTO: Quando mete o pau não...

DIRETOR: Como pode elogiar essa mulherzinha,que benevolencia!

PONTO: Esta danado porque a critica meteu o malho.

DIRETOR: (tirando do bolso uns recortes de jornais) que passa a ler "O papel não lhe assenta,mas graças ao seu talento,sua malicia salvou o espetáculo,que é todo mau.Direção fraca e texto insipido"...Insipido é a cara dele.

ATOR: É a dona da companhia,não se esqueça.

PONTO: E amante do empresário,muita gaita...

DIRETOR: Voce viu a trabaheira que ela me deu.A malicia,otalentosou eu! Depois colocar aquela voz em falsete,sabe lá o que é isso?

PONTO: Eles acham maravilhosa,pra que discutir,pra que?

DIRETOR: O mal do teator é a burrice das vedetes.Toda vedete é burra,se tivesse que fazer o papel de uma mendiga,gostaria de entrar em cena vestida de Coco Channel.

(usando outro tom de voz)

Mas quero ver se com essa peça eles não vão me elogiar.Hei de mostrar-lhes o poder de um diretor.Sem diretor não se cria espetáculos.As luzes, o ritmo...Ator é boneca,mariomane de nossos comandos...

ATOR: Perdão,eu nunca fui à Europa nem à America,Mas não sou fantoche de ninguém,sou um ator.

PONTO: Que derrubada! Que derrubada! É só tomar um pilequinho.

DIRETOR: Que anarquia é essa, recolha-se a sua mera insignificância!

PONTO: Queira me desculpar senhor diretor...

DIRETOR: Estou procurando um modo de iluminar o segundo ato com luz negra, quero vesti-la de amarelo e voce de branco. E vou jogar quatro refletores laterais, e uma bateria lá no fundo. A cena do idílio vai ter uma salva de palmas, ora se vai! Depois das ultimas marcações que fiz para voce, são realmente geniais. Por favor Heitor, não me interrompa porque hoje tudo vai brotar do meu cerebro, como água que jorra da cascata. Bonita imagem não? Depois dizem que não sou poeta, inveja...

PONTO: Prima Donna! Prima Donna!

DIRETOR: Quero uma cena toda em pantomina no terceiro ato.

ATOR: Pantomina, depois da ópera de Pequim? Esta fora de moda... não existe mistério...

DIRETOR: Pois em Paris ainda é a coqueluche dos jovens. Alias fiz um curso completo. E já havia estudado na América no estudio de Choppin.

ATOR: Choppin? E Choppin tem estudio? Eu pensei que ele tivesse...

DIRETOR: (cortando-o)

Aquilo é que é um genio! Eu devia ter ficado por lá e tentando Hollywood, Seria hoje um diretor famoso! Sim por - que, minha vocação é mesmo para dirigir, agrupar massas, a moldar temperamentos, dar ordens. Sou neto de alemão e bis neto de espanhol!

ATOR: É o sonho de toda gente, sair daqui, estudar, para depois ~~depois~~ voltar e vencer, mas poucos vencem.

DIRETOR: O estudar fora só adianta realmente quando se tem alguma coisa aqui dentro!

ATOR: E vai me dizer que eu não tenho essa coisa?

DIRETOR: Não vá ficar com complexo! Voce ate tem muitas qualidades voz, fisico, desembaraço, mas...

ATOR: Mas o que?

DIRETOR: Falta-lhe presença.

ATOR: É a primeira vez que ouço dizer isso de mim...

DIRETOR: Não vá ficar com complexo, mas falta a voce a presença de ator...

ATOR: Sempre tive unanimidade da critica! Posso lhe mostrar o meu album de recortes...

DIRETOR: Como se a critica valesse tudo! É a opinião de gente entendida? Essa sim é que dou valor. Aliás...na Gondola...ninguem gosta de voce...

ATOR: O publico me adora!

DIRETOR: Publico...essa massa de ignorantes, sem cultura, que não, não raciocina...riem por qualquer palhaçada, qualquer pia da imoral...Detesto publico!

ATOR: (discutindo)

Não se esqueça que recebo mais de 500 cartas depois de/cada estreia...

DIRETOR: No teatro meu rapaz, a ambição deve ser maior que as vaidades!

ATOR: Eu tenho as duas por isso sou um ator!

DIRETOR: Eu não, sou um criador, um intelectual! Critica! Publico! gente analfabeta...

ATOR: Então por que ficou danado com a opinião do Diario?

DIRETOR: Por isso mesmo, ele foi injusto! Detesto injustiça! Não falou das bellíssimas marcações que fiz...Mas a peça esve aí para confirmar, desmentir tudo! Fez carreira não / fez? Casas lotadas todas as noites...Essa é a minha vingança!

ATOR: E pensa que o publico vem aqui para admirar suas genias marcações? Suas luzes maravilhosas? Já viu os carta zes nas ruas? Cheios de pernas nuas, de vestidos transparentes...Chama publico! O empresario diz que o publico quer ver é pernas nuas! Na propaganda, só sai onome da atriz,

ATOR: retrato em tudo que é posição...por isso a estrela tem.
um velho coronel que paga todo esse luxo, arrendou esse,
teatro e nos paga muito bem para representar ao lado de
la.

PONTO: Prima Donna! Prima Donna!

ATOR: Pensa que eu não sei que eu tenho mais talento do que /
ela! Os criticos já disseram isto não sei quantas vezes.
O que eu não tive ainda foi uma oportunidade...Mas ela,
que va se preparando com essa peça... Vou engalir todos
todo mundo...

PONTO:(mais alto, contente)

Prima Donna! Prima Donna!

ATOR: Estudo meu papel, feito um leão. Eu sei que o segundo ato
é todo meu! Aprendi a dar aquela gargalhada! Quer ver?
(dá uma pessima gargalhada e se joga no chão. Diretor ta
pa os ouvidos, ponto faz uma carata e balança a cabeça)
Gostaram? Fiz isso ontem numa rada de amigos, todos gos-
taram. Tinha uma atriz estrangeira, não sei de onde, não
entendeu patavina, mas ficou de boca aberta! Que tal?

DIRETOR: Muito falsa!

(o ponto ri)

ATOR: Estou tentando fazer o que o senhor mandou, mas é difícil

DIRETOR: Entre a gente mandar fazer uma coisa e essa coisa sair,
bem feita! a diferença é grande. Teatro meu caro, é execu-
ção tecnica. É uma tragédia! Os atores... são todos...

PONTO: Uns burros, não é isso senhor diretor?

ATOR: A conversa não chegou na cozinha!

PONTO Eu estou usando uma imagem que a pouco o mestre usou!

DIRETOR: Infelizmente é bem a palavra...

PONTO: Viu?

ATOR: Eu não me considero burro! Entendo qualquer papel. Já fiz
Edipo Rei com Zanneli. Existe uma cena em Tiresias que é
difícilima, de um subjetivismo atroz, não tem explicação,,
e Zanneli ficou maravilhado com a explicação que lhe ar

ATOR: arranjei ,quando eu disse-lhe...

(ouve-se uma voz feminina.entram atriz e empresario)

CENA TERCEIRA;

ATRIZ: Paspalão,idiota,coisa imprestavel...homenzinho imbecil...

EMPRESARIO: Minha joia,não fique nervosa,eu compro puta para voce,
em que loja voce comprou?

ATRIZ: Não ve que era uma lembrança idiota.Que nem outra coberta
ta de ouro e brilhantes teria o mesmo valor!

(tira uma luva das mãos do empresario)

Mandei este imbecil segurar minha bolsa e minhas luvas ,
enquanto fui ao cabeleleiro,e quando volto ,só encontro
uma.Com certeza foi atras de alguma zinha que passou....
Agora não presta para mais nada...

EMPRESARIO: Eu darei quantas voce quiser boneca!

ATRIZ: E pare com essa historia de me chamar de boneca.Tenho no
me...

EMPRESARIO: Fique calma Dodine,depois voce não vai poder ensaiar...

ATRIZ: Sabem de onde é essa pelica? Do Indostão.É uma lembrança
muito cara,de alguem que foi um cavalheiro.

EMPRESARIO: Cavalheiro?

ATRIZ: Sob todos os pontos de vista!

EMPRESARIO: (mudando)

Amante seu,não foi?

ATRIZ: Que pergunta e dai?

EMPRESARIO: Mas não era do meu tempo?

ATRIZ: Ainda duvida?

EMPRESARIO: Há quanto tempo?

ATRIZ: Não interessa!

EMPRESARIO: O nome! Vamos! Onome!

ATRIZ: Não direi,quero que voce sofra!

EMPRESARIO: Eu poderei descobrir e mandar mata-lo!

ATRIZ: Olhe aqui meu velho,a clausula principal que estipulei no
nosso contrato,foi a do senhor não interferir na minha vi

ATRIZ: vida privada! Já se esqueceu?

EMPRESARIO: Mas não eramos amantes naquela época, Dorine.

ATRIZ: Quer rasgar o contrato? Não vou exigir muito... 500,00 contos de reis, de indenização. Se quiser é já aproveito que, a companhia esta toda reunida...

DIRETOR: (calma aparente)

Eu gostaria de saber a que horas eu poderia começar o ensaio.

ATRIZ: Agora mesmo diretor.

(para o empresario)

Vamos rua, voce me causa alergia.

DIRETOR: A senhora decorou o papel?

ATRIZ: Como? Se esta lacraia não me dá um instante de folga,... passou a noite lá em casa.

DIRETOR: Dessa maneira não podemos estrear na semana que vem...

EMPRESARIO: Não posso mais transferir o espetaculo. Estamos parados a mais de quinze dias. Na bilheteria não entra nada. Tenho / uma folha de pagamento pesada. Também tenho os meus credores...

DIRETOR: Só estamos com o primeiro ato ~~levantado~~, ainda não comecei o terceiro porque os atores não sabem os papeis decor...

ATOR: Perdão, mas eu já sei toda minha parte!

EMPRESARIO: E para que se paga um ponto nessa companhia?

PONTO: AH! Muito bem dito senhor empresario, ate que enfim lembraram-se de mim...

DIRETOR: Esta peça tem que ir sem ponto! É dialogo batido.

ATRIZ: É inutil não consigo decorar...

DIRETOR: Eu acho que uma atriz sem memoria devia desistir da profissão...

ATRIZ: E quem disse que eu não tenho memoria! Decorei seis monologos inteirinhos em Tristesse, sem omitir uma virgula.

PONTO: Mentirosa! Mentirosa!

ATRIZ: E era uma peça, não essa porcaria que o senhor nos impo

ATRIZ: impingiu...

DIRETOR: Os tempos mudaram minha senhora. Teatro hoje é outra coisa

ATRIZ: Já sei, tem um diretor...

DIRETOR: Sem ele, adeus espetáculo...

ATRIZ: O público vem aqui talvez, por causa do senhor... Tinha me, esquecido...

DIRETOR: Não tenho as suas pernas!

ATRIZ: Há gosto para tudo hoje em dia cavalheiro...

PONTO: (malicioso)

Bem isto lá é verdade...

ATRIZ: Sabe de uma coisa, acho melhor telefonar para seu amigo autor, diga-lhe para dar uma passada por aqui. Li o terceiro/ato e não gostei nada nada do meu papel. Quero morrer falando, e não vou me suicidar com um tiro de revólver. Isso ele tem que modificar. Quero morrer envenenada. Sei morrer muito bem, todos os críticos disseram isto quando representei a Bovary. Cai de uma escada de quinze degraus e ganhei uma salva de palmas de ¹⁵cinco minutos...

DIRETOR: Natacha é uma grande peça!

ATRIZ: Tão grande que é o nome da protagonista, quando o papel principal é do homem. O papel do Heitor tem 200 palavras a mais que o meu!

ATOR: Você contou mal queridinha tem 201.

DIRETOR: É uma peça para dois atores, atores minha senhora!

ATRIZ: Ora viva grande diretor! Depois de 10 anos de carreira descubro num ensaiozinho fuleiro que não sou uma atriz. Vocês principinates se enchem de glória quando vão ao estrangeiro, e voltam de lá com um diploma que a gente nem sente o cheiro...

DIRETOR: DIPLOMADO OU NÃO? a verdade é que tenho talento, capacidade

ATRIZ: Talento? Não foi isto que disse o crítico do Diário esta manhã...

DIRETOR: (estourando)

Bolas não estou aqui para discutir esse assunto com a sen

DIRETOR: senhora. Fui contratado para ensaiar. Gostaria de saber a que horas podemos começar.

ATRIZ: Agora mesmo diretor, com a seguinte condição—exijo que o senhor telefone para o seu amigo autor pedindo a modificação do terceiro ato. Não faço peça com aquele final.

DIRETOR: (tirando do bolso um cartão)

Pedro telefone para esse numero e diga ao senhor Felisberto que venha me procurar no teatro imediatamente.
(sai o ponto)

ATRIZ: Vamos começar de onde?

DIRETOR : Cena III, segundo ato.

(a atriz calmamente vai fumar um cigarro)

Vamos o que estamos esperando? Já perdemos muito tempo.

ATRIZ: A cena não esta arrumada.

DIRETOR: Heito quer dar um jeito nisso aí?

ATOR: Serviço de contra regra!

DIRETOR: Bolas!

(dando um berro)

Pedro, a cena!

(pausa)

Pedro, onde se meteu esse raio desse ponto!

(entra o ponto)

PONTO: A linha esta ocupada estou insistindo....

DIRETOR: A cena!

PONTO: Esta pronta!

DIRETOR: Segundo ato imbecil!

PONTO: Não precisa xingar, isso é serviço de contra regra.

DIRETOR: Já sei.

(ponto muda as cadeiras de lugar)

ATRIZ: (para o empresario)

Vamos! Vamos dando o fora...

EMPRESARIO: Deixa eu ficar boneca...

ATRIZ: Eu ainda lhe esbofeteio hoje se tornar a me chamar de

ATRIZ: boneca!

EMPRESARIO: Eu fico lá atrás ...Não vou incomodar...

ATRIZ: Já disse que não! Vamos! Vamos!

EMPRESARIO: Não precisa me enxotar...Afinal de contas ainda sou dono desse troço.

ATRIZ: É, mas quem manda sou eu...Está no contrato...Não se lem
bra?

EMPRESARIO: Estou no escritorio...Se precisar de mim é só, mandar me
chamar.

ATRIZ: Esta bem! Esta bem!

(vai empurrando-o)

EMPRESARIO: Boneca, quero ir hoje á uma boate. Quero dançar! Me sinto,
muito primaveril! E logo mais boneca...

(ouve-se uma bofetada)

EMPRESARIO: Estupida!

ATRIZ: E Não apareça mais aqui, senão eu te esgano!

(ator senta-se e fuma um cigarro. Diretor passeia impacien
te. Reaparece a atriz)

Às suas ordens diretor!

ATOR: Para onde voce foi!

(pausa)

Que fez durante todo esse tempo?

(pausa)

Parece que tudo aconteceu ontem!

(começa a falar baixo)

Voltei alegre da viagem, tomei banho...

DIRETOR: Não estou ouvindo nada!

ATOR: Tomei banho, e fui diereto para o apartamento. Lembr-me ,
que apanhei um taxi , para chegar mais depressa.

DIRETOR: (gritando)

Voz! Não estou escutando nada! Voce pensa que esta numa
casa de chá? O publico quer ouvir!

ATOR: Não concordo em falar alto nessa cena! Este homem esta nu

ATOR: numa situação difícil?

DIRETOR: E quem esta mandando voce falar alto? Eu disse voz! Para voce lança-la na plateia,sonorizar!

ATOR: Tinha uma porção de novidades,pra te contar!Nem o elevad~~or~~or pude esperar.Subi seis degraus a pé.

DIRETOR: Seis o que?

ATOR: Andares!

DIRETOR: Articule rapaz.

ATOR: Essas interrupções me atrapalham!

DIRETOR: Vai se habituando porque meu processo é o melhor,todo ba~~seado~~seado em Stanislavisk!

ATOR: (passando um lenço pela testa)

Abro a porta!...e encontro,tudo vazio...

(transtornado)

Mama mia! Nem sei o que senti naquele momento...

DIRETOR: Emoção!

ATOR: No trem já estava adivinhando...

DIRETOR: Mais rapido! Mais rapido!

ATOR: Más noticias.Procurei...

DIRETOR: Pausa Heitor,não tenha medo das pausas.

ATRIZ: (entre dentes)

A essa altura o publico estara dormindo!

ATOR: Procurei o zelador do edificio ,na esperança de obter in~~for~~mações...Nada. Voce partiu...saudades me deixou... eu chorei! Nem um bilhete ao menos! Aonde voce esteve?

DIRETOR: Ótimo! Exelente.Nesta ultima fala voce tem que se aproxi~~mar~~mar mais um pouco! Vamos voltar.

ATOR: (aproximando-se)

Onde voce esteve?

ATRIZ: (friamente)

LONGE DAQUI;

ATOR: Eu nunca imaginava que voce nunca pudesse...

DIRETOR: Não declame por favor.

ATOR: Viver longe de mim!Sem o meu amor.No principio,não quis

ATOR: acreditar.

(pondo orrosto entre as mãos)

DIRETOR: O gesto esta ruim. Assim, olhe para mim.

(faz o gesto)

ATOR: (fazendo o gesto que o diretor indicou)

Foi horrivel me acostumar...

DIRETOR: Correto.

ATRIZ: Voce parece bem disposto!

DIRETOR: Não olhe para ele.

ATRIZ: Como não vou olhar se ainda não o vi?...

DIRETOR: Tenha bondade de fazer o que estou mandando.

ATRIZ: No dia eu faço o que me der na cabeça!

ATOR: (tocando-a)

Quando voce chegou?

ATRIZ: Não vá sujar o meu vestido, voce esta com as mãos imunda
(representando, repele-o e levanta-se)

Tres meses mais ou menos

DIRETOR: Quem mandou a senhora se levantar?

ATRIZ: Estou sentindo que preciso me levantar.

DIRETOR: Aguarde a marcação

ATRIZ: Mas esta errado, ele quer me tocar e eu tenho que fugir.
Estou seguindo a tal linha psicologica que o senhor deu.

DIRETOR: Vá sentar-se em outra cadeira então.

ATOR: E porque não me procurou? quer dizer que se não a tivesse
se encontrado por acaso...

ATRIZ: Não cospe que coisa!

DIRETOR: Não é este o texto.

ATOR: Minha deixa é exatamente...

DIRETOR: Exatamente é que o senhor devia dizer...

ATRIZ: Dá no mesmo.

DIRETOR: No meu teatro, ator não muda o texto que o autor escreveu
nem uma virgula! Mais dignidade, por favor!

ATRIZ: Daqui a pouco eu me levanto daqui e não faço mais droga
nenhuma. Tenha a bondade de me corrigir sem comentarios.

DIRETOR: Segue.

ATOR: Mas afinal o que foi que eu fiz para ser tratado dessa maneira? Amor, só tive por voce, as outras foram meros fli flirtes...

DIRETOR: Flerte Heitor, flerte.

ATOR: Foi o que eu disse

DIRETOR: Pensou, segue.

ATOR: Creia-me, voce ainda é tudo...

DIRETOR: Abrace-a. Ea senhora não fique ai parada. Empurre-o e tome a sua direita.

(a atriz executa o movimento)

E não passe por detras do sofa pelo amor de Deus.

ATRIZ: E não berre ouviu! Antes de vir para ca devia ter passado numa farmacia e tomado um calmante.

DIRETOR: Segue.

(tango)

ATRIZ: (nervosa)

E voce pensa que eu já me esqueci daquele tempo em que, viviamos...viviamos juntos...

DIRETOR: Segue

ATRIZ: Me esqueci

DIRETOR: A senhora ainda não decorou o texto? Segue

ATRIZ: SEguir o que se eu não sei mais o resto?

DIRETOR: Onde seta este maldito ponto? Pedro!

(entra o ponto correndo)

PONTO: Falei com ele

DIRETOR: Vá pontar

PONTO: Mandou dizer ao senhor que...

DIRETOR: PARA A COXIA IDIOTA"! Não quero ouvir a sua voz!

PONTO: Tenho um recado para o senhor...é urgente!

DIRETOR: Para a coxia. Segue.

(ponto corre para a coxia.Pausa)

Afinal o que estamos esperando?

(atriz fica quieta,ponto parae aflito)

PONTO: Onde estão?

(diretor põe a mão na cabeça e dá um gemido)

Eu estava lá dentro não podia adivinhar...

(atriz mostra a cena)

Pronto, pronto...

(ponto vai para os bastidores)

(o texto da atriz passa a ser pontado)

ATRIZ: Na sua companhia nunca tive tranquilidade. Você aparecia no apartamento quando bem entendia. Eu não tinha mais, sossego, dormia e amnhecia pensando...

DIRETOR: Mais baixo!

ATRIZ: Será que ele vem esta noite?

DIRETOR: Para! não está sentindo que está fria, eu quero a voz embargada...

ATRIZ: Minha voz sempre foi esta

DIRETOR: Ponha-se na caixa

ATRIZ: Que caixa?

DIRETOR: Não é a do ponto... pois não
(aparece o ponto)

PONTO: Me chamaram?

DIRETOR: Para o seu lugar.

(ponto sai)

Depois dizem que eu não tenho razão!

ATRIZ: Não ensaio mais droga nenhuma!

DIRETOR: Veremos

ATRIZ: É uma ameaça?

DIRETOR: Segue.

ATRIZ: (grita para o ponto)

Fale mais alto idiota!

PONTO: (pondo a cabeça para fora)

Ele não quer...

DIRETOR: Para a coxia

(ponto corre)

ATRIZ: Se não puserem no dia o ponto na caixa, não representarei

DIRETOR: No teatro moderno do mando todo minha senhora, não se usa mais caixa de ponto. É anti-estético.

ATRIZ: Mas no meu teatro vai se continuar usando.

(ponto põe cabeça para fora)

No dia voce vai para a caixa!

PONTO: Sim senhora.

(desaparece)

DIRETOR: Quem manda no palco sou eu!

ATRIZ: Eu acho bom voce cabar com esses ataques histéricos! Ber ra para causar impressão não é? Não tenho medo de gritos. Meu filho escute aqui: se quiser montar essa peça trate de ficar bonzinho, porque a hora que eu soltar um berro, as paredes vão tremer, voce vai subir pelas paredes, ora se vai!

DIRETOR: (calmo)

Segue.

ATRIZ: Ponte alto Pedro!

(continuando)

À noite não ia a lugar nenhum, nem recebia visitas, porque voce podia aparecer de uma hora para outra. Não ia a festa nenhuma com medo de...

DIRETOR: (pondo a mão na cabeça)

Não é possível... Assim não posso... Mais baixo.

ATRIZ: (baixinho)

Ficava gelada quando num baile...

DIRETOR: Voz, voz

ATRIZ: Afinal o que é que voce quer, que eu fale baixo ou alto?

DIRETOR: Estou falando para esse maldito ponto. Segue.

ATRIZ: ALTO PEDRO!

DIRETOR: Eu acabo com esse espetáculo! Não o dirijo mais. nada. Pronto!

(cruza os braços)

ATRIZ: Ótimo estava roxa para fumar um cigarrinho!

(ponto vem acender o cigarro. Atriz começa a fumar)

ATRIZ: E depois, não faltarão diretores novos para se contratarem. Eu pago muito bem. Aliás no meu camarim vive cheio, dessas ratazanas.

DIRETOR: Com uma atriz de sua mentalidade ninguém pode fazer nada

ATRIZ: Vai ensaiar ou não vai?

DIRETOR; (calmissímo)

Segue.

ATRIZ: Alto Pedro!

PONTO: Sim senhora!

ATRIZ: SE o encontrava na rua não me aproximava...

(entra o empresario e tres candidatas)

Voce podia não gostar. Quase sempre estava acompanhado...

(assim que ve o empresario acompanhado, a atriz interrompe o ensaio)

DIRETOR: O que houve?

ATRIZ: Já disse que não ensaio na presença de estranhos.

DIRETOR: O que essas tres moças estão fazendo aqui?

EMPRESÁRIO: Vieram fazer os testes que voce marcou.

DIRETOR: E quem foi que disse que eu marquei para hoje?

1ª CANDIDATA : O senhor disse que eu passasse pelo teatro. 5ª feira às 4 horas da tarde.

3ª CANDIADTA: A mim também.

DIRETOR: E a senhorita assim de calças?

(olhando para a 2ª candidata que veio de calças compridas)

2ª CANDIDATA: Eu? Eu vinha passando quando esta senhor...

(aponta para o empresario)

me convidou para fazer uns testes

ATRIZ: (ironica)

Testes heim!

(diretor pigarreia)

DIRETOR: Trouxeram alguma coisa preparada?

1ª CANDIDATA: Decorei uma poesia

DIRETOR: Não sabe nem um trecho da peça? O papel que uma das senhoritas fara exige desembaraço...

3ª CANDIDATA: Representei na Alemanha, Goethe. Fiz a Margarida de Fausto. Na Polônia numa festa de caridade eu fiz um ato inteirinho do Hanlet.

(esta candidata deve ter um forte sotaque estrangeiro)

DIRETOR: Que papel?

3ª CANDIDATA: É claro que é Hanlet!

1ª CANDIDATA:
O HANLET???

DIRETOR:

3ª CANDIDATA: Em travesti, e eu não fui a primeira, Sarah Bernard usou-o mais de uma vez. Tive oito chamadas...

1ª CANDIDATA: (deve vir ao teatro vestidade colegial)
Desde garotinha sei recitar. Cantava e dançava, adoro sapatear. O senhor não tem uma vitrola?

DIRETOR: Não vamos montar revista!

(para a 2ª candidata)

E a senhorita, o que trouxe para o teste?

2ª CANDIDATA: (embaraçada)

Eu!?

DIRETOR: (interessado na pesquisa)

Seu fisico não é mau. Quer atravessar o palco...

(a moça executa suas ordens)

Sorria... Nda mau... mais um pouco... Sente-se agora naquele bamquinho perto daquele cavalheiro...

(o ator vrm aoa seu encontro)

Tem alguma pratica?

2ª CANDIDATA: Não senhor

DIRETOR: Nunca fez teatro?

2ª CANDIDATA: Uma vez no clube, um show que organizamos.

DIRETOR: O que é que voce fez?

2ª CANDIDATA: Uma ingenua.

3ª CANDIDATA: Eu já fiz todas as ingenuas do teatro, de Berebice à Ofelia

DIRETOR: O papel na peça não é de uma secretaria, digo, sirigaita. Fi
sicamente a senhora tem o tipo...

1ª CANDIDATA: Meu fisico não é bom senhor diretor? Dizem que em cena fi
co linda...

3ª CANDIDATA: (discutindo com a primeira)

Beleza não vale nada, em teatro precisa-se de talento!!

DIRETOR: Bem vamos aos testes...

(aponta para a primeira candidata)

Comece a senhora.

1ª CANDIDATA: (toma a cenafaz uma reverenciabem de menina pequena sorri,
começa a declamar num estilo bem propeio de aluna de grah
des declamadoras do passado)

"As duas sombras" Olegário Mariano.

"Na encruzilhada silenciosa do destino, quabdo as estrelas
se multiplicavam, duas sombras errantes se encontravam. A
primeira falou: Nasci de um beijo de luz, sou força, luz, es-
plendor!

(diretor interrompe)

DIRETOR: Chega diga puta coisa

1ª CANDIDATA: Já vi que não gosat dos parnasianos, direi umm moderno:

" Esplendor Selvagem" Não sei de quem é não.

" Hipopótamos adolescentes da zona norte. Hipopótamos adol-
lecentes da zona sul. Tudo azul. Tudo azul. Tudo azul.

DIRETOR: Basta, voce agora.

2ª CANDIDATA: Não trouxe nada de cor

DIRETOR: Voce vem aqui para fazer um teste e não tras nada de cor

2ª CANDIDATA: Desculpe eu não sabia...

(vai se retirar)

DIRETOR: Espere, ista aqui serve... vá lendo isto enquanto sua cole-
ga....

(2ª candidata pega o papel, a 3ª prepara-se-tira da bolaa
um punhal e toma a cena, seu olhar é tragico)

3ª CANDIDATA: "Ser ou não ser: eis a questão, se há mais nobresa dalma

3ª CANDIDATA: em submeter-se às fúndas e às setas de fortunas inimigas, ou em se tomar armas contra um mar de atribulações e com batendo exterminá-las. Morrer, dormir, nada mais, e dizer que adormecendo...

DIRETOR: Chega, diga outra coisa.

3ª CANDIDATA: (vai rápida até a bolsa e tira de lá uma grinalda. Põe na cabeça, 1ª candidata ri. Chega ao fundo o autor da peça e estupefado passa a olhar os testes. Diretor faz caretas, ponto quieto. Atriz prestes a soltar uma gargalhada, 3ª can didata anuncia)

"Fausto de Goethe"-- "Meu dia de núpcias seria, não digas que estiveste já com Gretchim--foi-se a esperança, a coroa tão linda..."

(esquece o papel)

Oh! my liebe strosach. Ique ue üvo zerfa ragoa...

DIRETOR: O que disse?!

3ª CANDIDATA: (consertando)

Estava me lembrando em alemão...

"Hei de ver-te ainda, mas não na dança, larga-me não me agares, mau, desse jeito. Por amor de ti tudo tenho feito...."

(joga-se no chão)

DIRETOR: Basta

3ª CANDIDATA: Mas não chaguei a dizer nem uma estrofe....

DIRETOR: Já estou satisfeito...

(chama o autor)

Chegaste em boa hora...

(o autor vai cumprimentando os presentes, beija a mão da atriz que esta funando com sua piteira dourada, esta dá-lhe um cumprimento seco)

DIRETOR: Chegou a sua vez, leia em voz alta.

2ª CANDIDATA: (um tanto tímida começa a ler)

Jack Wilson, um jovem de 71 anos de idade, que quebra poste de madeira com os dentes, paralelepípidos com os dentes e

2ª CANDIDATA: com um murro e torce barras de ferro com sua força descomunal, esta fazendo demonstrações de seu vigor extraordinário...

DIRETOR: Mais alto menina!

2ª CANDIDATA: E ensinando como alguém pode se transformar num tarzam, o vigoroso septuagenário fara hoje uma exibição.

(comentarios do diretor para o autor, olhares de odio da atriz para a candidata)

DIRETOR: (interrompendo-a)

Eis a sua Irina ideal. Vou mudar a linha do papel, dando - lhe uma linha mais suave. Uma verdadeira ingenua!

ATRIZ: (levantando-se)

Se essa moça fizer o papel de ingenua não entro em cena!

DIRETOR: Por que?

ATRIZ: Dispensio comentarios

DIRETOR: Mas afinal, eu sou ou não sou o diretor dessa peça?

1ª CANDIDATA: Senhor diretor, quer dizer que não gostou de mim?

3ª CANDIDATA: Absurdo! Dizer Shakespeare, Goethe, para no fim uma que mal leu um recorte de jornal me passar à frente! A critica no estrangeiro sempre me colocou nas alturas. Quem é o senhor? Em que escola foi diplomado?

DIRETOR: Em nenhuma!

3ª CANDIDATA: Eu podia fazer o papel de ingenua na linha que o senhor p pedisse, não se esqueça que sou diplomada por uma academia dramatice. Quer que eu diga um trecho de tragedia grega?

DIRETOR: (gritando)

Não!!!

1ª CANDIDATA: Nervoso, não precisa gritar...

ATRIZ: A candidata devia ser amoça

(aponta para a terceira candidata)

3ª CANDIDATA: Gostou de mim, ve-se logo que é uma grande artista!

DIRETOR: O autor é da mesma opinião que eu.

3ª CANDIDATA: Proteção!

ATRIZ: (para o autor)

Já que esta presente quero lhe participar que não representarei o seu terceiro ato como esta escrito.

AUTOR: Seu papel é lindo neste ato Dorine!

ATRIZ: É lindo mas não gosto.

AUTOR: Qual a cena que voce não gostou?

ATRIZ: Todas!

AUTOR: Pois todo mundo que leu achou meu melhor ato.

ATRIZ: Claro que é o melhor imbecil! Eu não vou admitir que na minha companhia vá se contratar um elemento que no fim irá roubar a peça toda. Não ser que voce modifique o final. Quero morrer falando e envenenada.

AUTOR: Uma tirada de vinte linhas?

ATRIZ: Não seria nada mal!

AUTOR: Esta bem, mas não faço!

ATRIZ: Então não se estreia!

AUTOR: TENHO um contrato!

EMPRESARIO: Dorine meu bem...compreenda

ATRIZ: Não quero compreender nada. Disse que não represento e esta acabado! Não me façam ficar histerica.

3ª CANDIDATA: Mas oque estão fazendo aqui? é teatro bagunça é? se eu soubesse que er isso...Tive prazer em conhecer a senhorita (para o diretor)

Seu ditador!

1 CANDIDATA: Não vão me aproveitar?

DIRETOR: NÃO!!!

1 CANDIDATA: Bobo!!!

(da uma rabanada e sai)

ATRIZ ; Se não mandarem chamar imediatamente a moça que disse o Hanlet, e não derem a ela o papel eu dou um berro que as paredes vão tremer...

(da um grito)

EMPRESARIO: Pedro, Pedrinho, corra atras daquela moça e traga-a de vol-

EMPRESARIO: traga-a de volta

(Pedro sai)

DIRETOR: PEDRO volte!

EMPRESARIO: Vá idiota

DIRETOR: Não precisa acandidata já foi escolhida

ATRIZ: (num berrô)

O que voce esta pensando heim? Que manda alguma coisa ?

Não preciso de voce seu diretor!Tenho meu nome feito!

(Pedro sai em disparada.Todos se assustam)

E não vou fazer mais Natacha nenhuma.Nem com 3 mortes no final.Rua! Rua com todos voces! Andem rua!

DIRETOR: Vedette! Vedette de revisata!

AUTOR: Fique sabendo sua...que eu sou muito autor

ATRIZ: Pode botar sua peça na gaveta!Não havera estreia!

AUTOR: Irei a juizo! Quero uma indenização!

EMPRESARIO: Dorine! Minha bonequinha...veja bem oque voce esta fazendo! Sera minha ruina!...

ATRIZ: O culpado disso tudo foi voce!Eu não queria ser dirigida e muito menos fazer esta Natacha!Toma!Ve se é bom...

(dá-lhe uma bofetada)

ATOR: Vou-me mebora,quando acabar essa bagunça mandem me chama

ATRIZ: PODE ir embora todo mundo!Não preciso de ninguém.Por isso sou uma atriz.

(Chega o ponto)

PONTO : Não encontrei mais a moça!

ATRIZ: Não precisa!Tive uma ideia genial!Vou telefonar agora , mesmo para o meu amigo Isac.Prometeu escrever uma peça para mim.É um grande autor!

DIRETOR:A minha vingança é que a de ir tudo para o porão sua canastrona !!

ATRIZ: Rua! Rua antes que eu faça uma besteira!

(correm,diretor,empresario e 29 candidata)

ATRIZ: Doravante,só representarei monologos! Sera a minha gloria.

PONTO: (ajoelhado)

E eu pontarei tudo para a senhora! Vamos dar cad tiro sensacional!

(beija-lhe a mão)

PANO

Na abertura do pano a atriz e ponto começam a agradecer atirando beijos para o publico, inesperadamente aparecem o diretor, autor e ator. As tres candidatas vem em alvoroço seguido o empresario para que ele faça uma companhia para cada uma delas. Ao ouvirem as palmas sobem ao palco e cada qual quer jogar mais beijos para o publico. Até , que a segynda candidata da um empurrão na atriz e forma-se uma confusão. O diretor grita, pano, a cortina se fecha e quando abre os atores estarão de mãos dadas para o agradecimento.

FIM

~~-X-X-X--X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X~~

TÍTULO

PRIMA DONNA

1) S. ARQUIVO

Documentação

Em ordem

Clas. Anterior

MCC - LIVRE - 14 anos

Praça

SÃO PAULO - SP

Obs.:

DF.

20 / 03 / 75

Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. Concordo com o parecer

nº 2207/75.

1 — A S.C.T.C. para emitir certificado com impropriedade para menores de 14 anos, sem cortes, todavia condicionada ao exame do ensaio geral.

2 — A consideração do Sr. Chefe do S.C. em 26/03/75.

Florianópolis de Carvalho Queiroz
Subst. "che" da Seção de Censura de
Teatro e Congêneres/SC

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em, 31 / 03 / 19 75

Rogério Nunes



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

28
d

PARECER Nº 2207 / 75

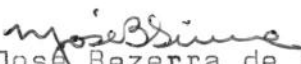
TÍTULO: A PRIMA DONNA

Autor: José Maria Monteiro
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 (QUATORZE) ANOS

PEÇA TEATRAL

A peça teatral "A PRIMA DONNA", de autoria de José Maria Monteiro que nos foi apresentada para confronto de textos, verificamos perfeita identidade de conteúdo entre o "script" constante do processo e o que nos foi submetido para apreciação, assim sendo, sugerimos seja mantida a mesma classificação etária (14-QUATORZE ANOS) anteriormente imposta, condicionada ao ensaio geral.

Brasília, 25 de março de 1975


Maria José Bezerra de Lima

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617, P.148

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL/MG

C E N S U R A F E D E R A L



D E C L A R A Ç Ã O

DECLARO, PARA FINS DE PROVA A QUEM INTERESSAR POSSA, QUE
OS "SCRIPTS" DA PEÇA TEATRAL: "A PRIMA DONA"

_____, DE AUTORIA DE JOSÉ MARIA MONTEIRO

_____, TRADUZIDA POR _____

_____, SOLICITADO PELO (A) GRUPO FANTASIA

_____, FOI SUBMETIDO A EXAME PELA CENSURA FEDA-

RAL EM MINAS GERAIS, FICANDO COM RESTRIÇÃO ETÁRIA: 14 ANOS,

~~XX~~, TENDO A PRESENTE DECLARAÇÃO

VALOR IDÊNTICO AO CERTIFICADO CENSÓRIO, QUE SERÁ EXPEDIDO, OPOR-

TUNAMENTE.

BHE-MG 19 / ABRIL / 1976

A handwritten signature in dark ink, consisting of a series of loops and flourishes.

Pedro Fernandes de Souza
Chefe da Censura Federal em Minas Gerais
DPF/SR/MG.

AO ILMO. SENHOR

CHEFE DA CENSURA FEDERAL EM MG

SR/DPF - BHE-MG

Objeto: APROVAÇÃO E LIBERAÇÃO DE ESPETÁCULO (REQUER)



NOME ANDRÉ OTTONI BYLAARDT,

RESIDENTE E DOMICILIADO A R. ARDUINO BOLIVAR Nº 110,

BAIRRO SANTO ANTÔNIO CIDADE B. HORIZONTE ESTADO M. GERAIS,

FONE 2237555, FILHO DE HEINZ OTTONI VAN DEN BYLAARDT

E DE MERCEDES OTTONI BYLAARDT, DATA DO NASCIMENTO 21/11/1955,

NACIONALIDADE BRASILEIRA, NATURALIDADE CARLOS CHAGAS,

ESTADO CIVIL SOLTEIRO, IDENTIFICAÇÃO-TIPO C.I.,

Nº 577-379, SÉRIE M, REGISTRO Nº _____, ÓRGÃO

EXPEDIDOR SECRETARIA SEGURANÇA PÚBLICA, RESPONSÁVEL PELO ESPETÁCULO

A PRIMA DONNA, DE AUTORIA DE JOSÉ MARIA

MONTEIRO, TRADUZIDO POR _____,

PRODUÇÃO DE GRUPO FANTASIA, CERTIFICADO DE CENSURA Nº

_____, VÁLIDO ATÉ _____, IMPROPRIEDADE DE _____

VEM MUI RESPEITOSAMENTE REQUERER A V.S.a, SE DÍGNE APROVAR E LIBERAR

O ESPETÁCULO EM EPIGRAFE, QUE DEVERÁ SER REALIZADO - NOME DO LOCAL

_____, DURANTE O PERÍODO DE _____

_____, ÀS _____ HS. FICANDO A DATA DE _____/_____/_____,

ÀS _____ HS, ESTIPULADA PARA REALIZAÇÃO DO ENSAIO-GERAL, DE ACORDO

COM A LEGISLAÇÃO ESPECÍFICA.

N. TERMOS

P. DEFERIMENTO

BHE-MG, 9 DE FEVEREIRO DE 1976

ASS. DO RESPONSÁVEL André Bylaardt

310575

244/75 SCTC/SG/DCDP

Superintendente Regional do DPF em São Paulo

A PRIMA DONNA

JOSÉ MARIA MONTEIRO

Superintendente:

São Paulo - SP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617, P. 152

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

268

PRIMA DONNA

JOSÉ MARIA MONTEIRO

PROIBIDO PARA
MENORES DE
QUATORZE ANOS

31 MARÇO 90
31 MARÇO 90
Rogério Nunes

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617 P.153

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

PRIMA DONNA

JOSÉ MARIA MONTEIRO

TEATRO DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO - SP.

26

MARÇO

75

PROIBIDO PARA MENORES DE 14(QUATORZE) ANOS. CONDICIONA
DO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE
QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

31

MARÇO

75

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 ANOS
MANOEL FRANCISCO D. CILDO

FICHADO
S. A. DCDP



MJ - DPF - SRA / BSE

- 4 ABR 1408 - 18682

RECEBIDO POR *Antônio*

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

OF. 009/75-SCDP/DPF/RJ- NITERÓI

Em 03 de Abril de 1975

Do Diretor da Divisão de Polícia Federal no Estado de Rio de Janeiro

Ao Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-DPF-BSB

Assunto Encaminhamento (Faz)

De ordem

AO Arquivo

Em 07.04.75

Ass. EV. L. S. P. S.

Senhor Diretor:

Sirvo-me do presente, para encaminhar a V.S., três vias do script da peça teatral intitulada " PRIMA DONNA " de José Maria Monteiro , para fins de censura prévia.

A presente peça segue acompanhada da devida autorização da SBAT.

Ao ensejo, reitero a V.S., meus protestos de estima e distinta consideração.

Darcy Pereira Braga
DARCY PEREIRA BRAGA- Bel

Diretor Substituto em exercício.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617P 154



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617, P. 155

3.12.75

CLUBE DOS FUNCIONÁRIOS DA COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL

EXMO. SR. DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE CENSURA FEDERAL EM
BRASILIA = DF

O CLUBE DOS FUNCIONÁRIOS DA COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL, CGC 32.500.951/0001, sito à rua Oswaldo Pinto da Veiga nº 231 - 5º andar, proprietário do Cine Teatro Santa Cecília, à rua 40 s/nº, ambos em Volta Redonda - RJ, encaminhando em 3 vias a peça teatral "Prima Donna" de José Maria Monteiro, solicita a sua aprovação.

N. Termos

P. Deferimento

Volta Redonda, 24 de março de 1975.

Brandão
(Fábio Pereira Brandão)
Diretor Social
do CFCSN

Anexo: 3 vias do texto da peça.

Rua General Oswaldo Pinto da Veiga, 231-5.º andar - Cx. Postal, 68 - Fone 42-1811 - Volta Redonda

RECONHECIDO COMO UTILIDADE PÚBLICA

{ MUNICIPAL PELA DELIBERAÇÃO N.º 191 DE 30.12.1958
ESTADUAL PELA LEI Nº 5.732 DE 14.07.1966



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

4 use

Rio de Janeiro , 31 de março de 1975

Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
(Departamento de Polícia Federal)
Brasília D F

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa.
para fins de CENSURA, tres copias da peça

PRIMA DONA

Original de José Maria Monteirã

Tradução de _____

Próxima apresentação de Clube dos Funcionarios da Cia. Siderurgica Nac.

Teatro séde do proprio Clube Cidade Volta Redonda

Estado Rio de Janeiro

A estréia está prevista para primeira quinzena de maio de 1975.

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração,

Pela SBAT,

[Handwritten signature]



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617, P. 156

TEATRO

5 velle

TÍTULO A Prima Dona

1) S. ARQUIVO

Documentação esse ordem

Clas. Anterior 14

Praça Volta Redonda - RJ

Obs.: _____

DF. 08/04/75

W. F. M. M. M.
Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ____/____/____ a ____/____/____

DF. ____/____/____

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. Concordo com o parecer n.º 2566 - 75.

1. — A L.º para emitir certificado com impropriedade para menores de 14 anos, sem cortes, todavia, condiciona do ao exame do ensaio geral.

2. — A consideração do Sr. Chefe do St. Em 10/04/75

Flor. L.º e Carvalho Queiroz
Subst. Seção de Censura
re a Congêneres / 30

4) SERVIÇO DE CENSURA

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em 15/04/75

Regério Nunes
4



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

6 vel

PARECER Nº 2566 / 75

TÍTULO: "A PRIMA DONA " autor: José Maria Monteiro

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 anos.

Procedi ao confronto dos textos da peça teatral, acima mencionada e constatei identidade dos mesmos, apesar de conter ligeiras adaptações, mas que não chegam a alterar o sentido da obra.

Brasília, 10 de abril de 1975

Gláucia B. Soares
Gláucia Baena Soares.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617, P. 158

160475

307/75 SCTC/SC/DCDP

Superintendente Regional do DPF no Rio de Janeiro

A PRIMA DONA

JOSÉ M. MONTEIRO

Superintendente:

Volta Redonda - RJ

PRIMA DONA

: JOSÉ MARIA MONTEIRO

: CLUBE DOS FUNCIONÁRIOS DA COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL - RJ -

10 ABRIL

75

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO
AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO
ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.....

REQUERENTE: FÁBIO P. BRANDÃO

15

ABRIL

75

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - SUBST.

268

PRIMA DONA

JOSÉ MARIA MONTEIRO

PROIBIDO PARA
MENORES DE
14
QUATORZE ANOS

15 ABRIL

15 ABRIL

ROGÉRIO NUNES

80

75



MJ - DPF - SRA/BSB

12 MAI 1975 026328

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES

RECEBIDO POR

Ramp

Of. nº 1771/75-SCDP/SR/SP

Em, 09/ de maio de 1975.

FICHADO
S. A. DCDP

Do: Superintendente Regional do D.P.F. em São Paulo

Ao: Exmº. Sr. Diretor Geral do Departamento de Polícia Federal

Assunto: Relatórios (encaminha)

*De ordem
ao arquivo
em 130575*

Senhor Diretor Geral:

Ruth Nogales
Chefe do SA/DCDP

Com o presente encaminho a V.Exa., para os devidos fins, os relatórios de ensaios gerais das peças teatrais: "TRÊS PERALTAS NA PRAÇA" original de José Valuzi, "LIDERATO O RATO QUE ERA LIDER" de autoria de André Carvalho e Gilberto Mansur, "PRIMA DONNA" original de José Maria Monteiro, - "UM HOMEM HONESTO" original de Monteiro Lobato, "VENHA VER O - POR DO SOL" autoria de Lycia Fagundes Telles, "UM LADRÃO" original de Graciliano Ramos, inclusive os textos das três últimas peças, encenadas pela tv cultura - canal 2/SP.

Na oportunidade, renovo a V.Exa., protestos de estima e consideração.

*Os processos referentes a tele teatro
foram encaminhados.**15/05/75**J. Barreto*
CEL. - JOSÉ GUIMARÃES BARRETO
Superintendente Regional

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

RELATÓRIO

Nº ... Série ...

..... São Paulo em 29. de abril... de 1975

Ao :- Sr. Chefe do SCDP/SR/SP.

De :- Técnico de Censura

Assunto :- Verificação de ensaio geral de peça teatral

Exame censório do ensaio geral da peça "PRIMA DONNA", em um ato...

Autor :- José Maria Monteiro

Tradutor :-

Encenado por :- Grupo amador do Teatro do Estudante Universitário

Local :- Teatro do Colégio Ozanan - Rua Augusta nº 423 - S. Paulo.

Data do ensaio :- 28/4/1975 Horário :- das 21,00 às 21,50 horas

1. T E X T O1.1 Tema :- Comédia

1.2 Sofreu alterações ? (-) Sim (x) Não

1.3 Sofreu alterações signifi-
cativas ? (-) Sim (-) Não

1.4 Sofreu cortes ? (-) Sim (x) Não

1.5 Cortes observados ? (-) Sim (-) Não

1.6 Classificação :- 14 (quatorze) anos, conf. Certificado nº 268,-

2. E N C E N A Ç Ã O

	De acordo com as normas censórias	Contrariando as normas censórias
2.1 Cenário :-	(x)	(-)
2.2 Iluminação :-	(x)	(-)
2.3 Música :-	(x)	(-)
2.4 Guarda-roupa :-	(x)	(-)
2.5 Projeção de "slides"	(-)	(-)
2.6 Expressão corporal :-	(x)	(-)
2.7 Restrições .vide. "Observações"		

Santos

3. OBSERVAÇÕES

.....De acordo com o certificado, o espetáculo foi liberado para 14 (quatorze) anos, porém, como é natural, Brasília baseou-se no texto, o qual não dá idéia do papel vivido pelo personagem "ATOR", trejeitos afeminados e fala típica do pederasta passivo, bem acentuados.

.....Assim sendo, acho que o papel representado pelo referido ator, além de ser impróprio para ser assistido por menores de 14 anos, divulga aos maus costumes e capaz até de induzi-los, o que contraria a letra "c", do art. 41, do Decreto nº 20.493, de 24 de janeiro de 1946. Esta é a minha opinião, salvo melhor juízo.

.....Em vista do exposto, sou pela elevação da faixa etária para maiores de 18 (dezoito) anos.

Segue anexo Relatório minucioso

() Sim

(x) Não

4. PARECER DO TÉCNICO DE CENSURA

- 4.1 Opino pela liberação (x) para maiores de 18 (dezoito) anos.
- 4.2 Opino pela proibição () de acordo com
- 4.3 Opino pela liberação com restrições parciais () de acordo

Hugo Alberico Santoro
 Hugo Alberico Santoro, Técnico de Cens.
 Nº 304...

De acordo com o Parecer do Tec. de Censura.
 Remeta-se a D.C.D.P., não entregando o Certificado. Todavia, não concordo com a faixa etária proposta, julgando mais apropriado, dentro dos condicionamentos encontrados, a restrição de impróprio para menores de 16 anos.

EM, 02/05/75

Con. Heellen
Chefe LOP/IR/IR

Em tempo: não entregando ao interessado, aguardando decisões de Brasília

Heellen

392

FICHA DO
S.A. DCDP



MJ-DFF-SRA/BSB

-9 JUL 10 52 12 038923

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

RECEBIDO POR *Ray*

Of. nº 360/75-SCDP/SR/RJ

Em 07 de julho de 1975

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas -SR/RJ

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto : Encaminha pareceres (peças teatrais)

*Justifica-se a necessidade
de observar-se a alteração de
impropriedade infundada pela
TC que em 1975 o ensaio foi
ref. 10.7.75*

Senhor Diretor.

Em anexo, encaminho a esse *ACORDO NUNES* para os devidos fins, pareceres sobre os ensaios gerais das peças teatrais "A PRIMA DONA"; "MARIA MINHOCA" e "CANTADA INFALÍVEL", realizados nos Teatros SANTA CECÍLIA e MAISON DE FRANCE, respectivamente.

Na oportunidade, envio também, o Certificado nº 5.968/75, referente a peça acima citada (A CANTADA INFALÍVEL), para fins de ser substituído por outro, face o parecer ora encaminhado reduzindo a faixa etária para 16 (dezesseis) anos.

Ao ensejo renovo a V.S. os protestos de minha estima e consideração.

Wilson de Queiroz Garcia
Wilson de Queiroz Garcia
Chefe do SCDP/SR/RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 06171.P. 165



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Serviço de Censura de Diversões Públicas - SR - RJ

Sr. Chefe.

APROVO,
face ao parecer
Em 05/16/79
WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do SCDP - SR - GB

TEATRO	- Santa Cecília
GÊNERO	- Comédia
PRODUÇÃO	- Clube dos Func. da Cia. Sid. /Nac.
DIREÇÃO	- Raimundo Fanilli
CENSURA	- Impróprio para menores de 14 /anos
PARECER	702/21

Procedi exame censório da peça "A PRIMA DONA", de autoria de José Maria Monteiro, encenado no Teatro Santa Cecília, na cidade de Volta Redonda, que sofreu observações quanto às marcações.

Trata-se de uma sátira aos ensaios de companhias teatrais, em que a estrêla e proprietária sempre procura amoldar a peça ou o espetáculo a sua maneira. Desconhecendo a identidade da estrêla proprietária, o diretor, não satisfeito com as atitudes da mesma, resolve substituí-la e solicita de seu auxiliar que consiga candidatas para concretizar a sua idéia.

O fato chega ao conhecimento da estrêla, que aos berros, profere que nunca fora tão humilhada e desafia que não haverá ninguém capaz de substituí-la. Aproveita e diz que não vai / mais montar coisa alguma e põe todos no "olho" da rua.

Encerrando, fica sozinha no palco fazendo um elogio ao teatro moderno.

ELENCO: do Grupo de Teatro FUEIRO, composto dos seguintes atores amadores: Solange Andrade Cruz - Joel Pinheiro - Marcos Antonio Waldini - Antonio Rezende - Elizabete Casia - Cecília Freire de Almeida - Ostaque Nogueira - Adélia Marly de Mello e Dorvina Moraes

VESTUÁRIO, ILUMINAÇÃO, CENÁRIO, dentro do exigido para o espetáculo (regular).

O texto aprovado foi fielmente cumprido.

Face ao exposto, sou de opinião que seja liberado, com a impropriedade imposta (14 anos).

Rio de Janeiro, 01 de junho de 1979
Ernani Ferreira
Ernani Ferreira

Téc. Cens. mat. 1 138 834

Juiz de Fora, 05 de maio de 1976

MJ - DFF - SRA/ESB

24 MAI 0921 020818

AO: Sr. Chefe da Censura Federal de Divulgações
Públicas.

Edifício do BNDE - Brasília

DE: Aroldo Cerqueira Eugenio

Diretor do Grupo de Teatro Amador

Juiz de Fora MG

Censura.

ASSUNTO
ROGERIO MENEZ
Diretor da DCEP

*Ad arquivo
verificar 2/5.76*

Aroldo Cerqueira Eugenio, Diretor do GRUFA (Grupo de Teatro Amador) vem
muito respeitosamente, solicitar de V.E. a censura da peça teatral "PRIMA DONNA" //
de José Maria Monteiro . A ser apresentada na segunda quinzena de junho

Aproveita ainda para solicitar a referida censura com o máximo de urgên-
cia possível, devido a proximidade da estréia da peça acima citada.

Certo de contar com a sua preciosa atenção, elevo os meus protestos de
elevada estima e consideração.

Aroldo Cerqueira Eugenio

Aroldo Cerqueira Eugenio



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Juiz de Fora, 7 de Maio de 1976.

Ilmo. Sr.

Diretor da Divisão de Censura de Diversões

Públicas do D.P.F.

Brasília - DF

Senhor Diretor

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a
V.Sª, para fins de CENSURA, três cópias da peça _____

" PRIMA DONA "

Original de JOSÉ MARIA MONTEIRO

Tradução de _____

Próxima apresentação 1ª. Quinzena de Junho de 1976.

Teatro —

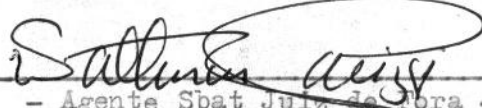
Cidade JUIZ DE FORA

Estado MINAS GERAIS

A estréia está prevista para 1ª. Quinzena de Junho de 1976.

Sendo só para o momento, subscrevemo-nos,

Atenciosamente,


- Agente Sbat Juiz de Fora -

- Waltencir Parizzi -

TEATRO

TÍTULO

Pina JONNA

J. M. Monteiro

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior

~~14 ANOS -~~

Praça

Juiz de Fora - MG

Obs.:

DF.

1 08 1 06 1976

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de

/ / a / /

DF.

/ /

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em

de

de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de 14 anos, seculares e com os dados constantes do requerimento de censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF

21 de Junho de 1976

Maria Rilele R. Gama

Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF

de

de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE - 14 anos
na forma do parecer, process
anterior

Em, 23 / 06 / 1976

Arésio Teixeira Deixado
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0687, P. 170

PARECER Nº 35.74, 176

TÍTULO: "A PRIMA DONNA" - (Peça teatral)

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 (QUATORZE) anos

Autor: José Maria Monteiro

Procedendo ao confronto da peça em epígrafe com textos já censurados, constatamos a identidade dos mesmos, pelo que, sugerimos a manutenção da impropriedade estabelecida anteriormente: 14 (QUATORZE) anos, condicionada ao ENSAIO GERAL.

Brasília (DF) 18 de junho de 1976.

J. Maria
Jeanete Maria de Oliveira Farias

461/76/SCTC/SC/

21. junho.

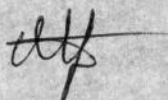
6

Superintendente Regional do Estado de Minas Gerais

"PRIMA DONNA"

J. M. Monteiro

Superintendente,



em Juiz de Fora-MG



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617, P. 342

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 268/76

PEÇA : PRIMA DONNA

ORIGINAL DE : JOSÉ MARIA MONTEIRO

APROVADO PELA D.C.D.P.

CLASSIFICAÇÃO

IMPROPRIO PARA
MENORES DE
QUATORZE ANOS

VÁLIDO ATÉ 21 de JUNHO de 19 81

Brasília, 21 de JUNHO de 19 76

Coriolano de L. C. Fagundes
CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

Diretor da DCDP

M.J.-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar do livro nº _____ fôlha nº _____, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada PRIMA DONNA

Original de JOSÉ MARIA MONTEIRO

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de GRUPO DE TEATRO AMADOR - GRUTA - MG -

Tendo sido censurada em 21 de JUNHO de 19 76 e recebido

a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO
AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO
ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Arésio Teixeira Peixoto

Brasília, 21 de JUNHO de 19 76

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 061718.173

ARÉSIO T. PEIXOTO

: PRIMA DONNA

: JOSÉ MARIA MONTEIRO

GRUPO DE TEATRO AMADOR - GRUTA - MG -

21 JUNHO

76

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO
AD EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO
ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

21 JUNHO

76



PRIMA DONNA

JOSE MARIA MONTEIRO

268/76

GRUPO DE TEATRO AMADOR - CANTA - 10

: PRIMA DONNA

JUNHO 19

ACOMPANHADO DE "SECRET" DEVIDAMENTE CATHOLICO HELA DECAU
AU EXAME DO ESCRITO REAL. O PRESENTE CERTIFICADO SUPLENTE TERÁ VALIDADE QUANDO
PROIBIDO PARA MEMBROS DE 14 (CATORZE) ANOS. COMPLETANDO

: JOSE MARIA MONTEIRO

IMPRÓPRIO PARA
MENOR **14** DE
QUATORZE ANOS

21 JUNHO 81

21 JUNHO 76

Coriolano de L. C. Fagundes
CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

FICHA DO
S. A. DCDP

0010311/77



16 JUN 1976 024048

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULOOF.
Nº. 4632/SCDP/SR/SP

Em, 15 de junho de 1976.

Ao Sr. para as providências em 16/6/76
Chefe de Seção

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75/DCDP, estamos remetendo a V.Sa., uma via do - texto das peças teatrais "GILLES DE RAIS, O BRUXO" original de Gregghy Filho, "PRIMA DONA" original de José Ma Monteiro, "A PAZ NA FLORESTA" original de C. Moraes, "CONFLITO DO SANGUE" original de B. Helene, "JACQUES" ou "A SUBMISSÃO" original de E. Ionesco, "ADEUS, AVENA" original de José F. Zaine, "TORTURAS DE UM CORAÇÃO" original de A. Suassuna, "PORQUE NÃO DEIXARAM UMA CRIANÇA NASCER?" original de Celso P. Jr, "NEM PÃO, NEM CIRCO" original de Cassiano Moreira, "DILETANTE" original de Martins Pena, "OS CIUMES DE UM PEDESTRE" original de Martins Pena, "LIÇÃO DE MULHER" original de Abelha Read, "AUTO DA COBIÇA" original de Altamar de A. Pimentel.

Outrossim, informo que os demais itens da referida Portaria serão cumpridos por este SCDP, para posterior remessa à DCDP.

Na oportunidade, renovo a V.Sa., protestos de estima e consideração.

João Vieira Madeira
JOSE VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.

DR. ROGERIO NUNES

DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

BRASILIA/DF

A SETC,
para providências
Em 16/6/76
Arício
Arício
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

"PRIMA DONNA"

de - José Maria Monteiro.

Personagens : PONTO

DIRETOR

ATOR

ATRIZ

EMPRESARIO

AUTOR

1ª CANDIDATA

2ª CANDIDATA

3ª CANDIDATA

CENÁRIO : Quando começa o espetáculo, o palco está no escuro. Pano fechado.

Conforme o teatro, o PONTO entra, pela platéia ou pelo palco propriamente. Abre o pano e grita para o coxia:

PONTO - Cavaquinho, ó Cavaquinho! Acorda, homem, que o senhor Diretor não deve tardar. Está na hora do ensaio. (Acende a luz. Vê o palco desarrumado e exclama) Bonito: Não tem ninguém. (Tira o casaco, trocando-o por um guarda-pó e fala). Pedro, mãos à obra. Mostra para essa gente nova, que em teatro não há grandes nem pequenos papéis. Existem artistas, como voce. (Põe no lugar uma poltrona de braços para o diretor. Coloca um sofá no meio da cena. Uma cadeira e um banco pequeno de cada lado. Lembra-se de qualquer coisa e liga uma vitrola. Ouve-se uma cantora feroza na grande aria da Traviata: "Sempre libera". O Ponto se delicia. Põe uma mesinha com um jarro de flores, no centro de cena. Dois banquinhos, um pintado de vermelho e outro de azul, na esquerda baixa, perto da cadeira do diretor. Pega um espanador e começa a limpar os móveis, sempre se deliciando com a aria da ópera. NOTA: O Ponto pode vir cantarolando uma aria da ópera, no inicio da peça, isto é, quando ao entrar no teatro encontrou tudo por fazer. Depois de tudo no seu lugar, o Ponto senta-se no sofá, fica se abanando com o espanador, ouvindo sua aria predileta, até o momento em que o diretor faz sua entrada em cena. Este fica parado alguns segundos, e só é notada sua presença através de um pigarro impertinente.

CENA PRIMEIRA

PONTO - Boa tarde, senhor diretor. Vou desligar. (Desliga a vitrola). Como passou de ontem para hoje? Cavaquinho, o contra-regra novo, ainda não chegou. (Pausa). A cena está a seu gosto?

DIRETOR - Voce hoje vai pontar da coxia. Não quero ouvir a sua voz.

PONTO - Ela ainda não sabe o papel direito...

DIRETOR - Esta peça tem que ir sem ponto.

PONTO - Duvido...

DIRETOR - Duvida o que?

PONTO - Que ela decore. (Pausa) No meu tempo, ninguém precisava decorar nada. Mas, naquela época havia atrizes...Alguém só podia ser considerado ator, depois que fizesse 10 papéis diferentes. Mas hoje, qualquer anadrazinha é atriz...E só quer fazer papel principal. "Não faço pontas" é só o que elas sabem dizer. A grande Madalena Brazão era analfabeta e foi a maior atriz do seu tempo. Ninguém representou a Dana das Camélias tão bem

quanto ela. Que voz! Que vibração! Uma verdadeira artista! Posso citar uma dúzia de artistas do passado que não sabiam ler... Tinham é isso (mostra o ouvido) muito bom. Conheci um grande ator, que para ouvir o ponto, tossia sempre antes da fala. O ponto já sabia, atacava logo. A própria Madalena Brazão tinha um jeito todo especial...Essa era na marcação...Quando ela parava no palco, toda etérea e botava a mão no queixo, é porque não sabia o que vinha adiante...

DIRETOR - A época dos pontos já passou...

PONTO - Passou, mas até hoje as grandes companhias nos disputam...Como eu, existem poucos. Pontar é uma arte, senhor Diretor. Exige vocação, um artista. Por que não sei se o senhor sabe: um ponto derruba um espetáculo. (Reação do Diretor) Já pensou a gente vir para o teatro meio no puleque e saltar uma página?

DIRETOR - O teatro moderno não admite mais ponto!

PONTO - Todos esses seus sonhos são muito bonitos, mas aqui nesta Companhia não vingam...A estrêla nunca teve cabeça para decorar...Conheço-a primeiro do que o senhor. Vaidosa! Sabe que ela não aceita papéis que não tenham no final do 2º ato uma grande cena. Não sei como o senhor a convenceu desta vez... Esta peça não é o gênero dela...

DIRETOR - É uma comédia sem ária...

PONTO - É danada para a gente pontar...É cheia de ditos, de frasezinhas, de besteirinhas...Se ainda o senhor permitisse a gente botar uns cacoziños...Eu podia ajudar na colaboração...Já tenho dado uns tiros sensacionais.

DIRETOR - Tiros?

PONTO - Vê-se logo que o senhor é novato na profissão...Tiro é uma gargalhada! A eminente Regina Célia não estreava uma peça sem primeiro pedir a minha opinião do que ela ia dizer fora da peça. Sempre deu certo. Dei-lhe cada idéia! Inventamos uns sinais sé pelos lábios. Eu não precisava falar... Bons tempos! Mas, a profissão do ponto é muito ingrata. Antigamente era um buraco apertado, com as pulgas mordendo a gente por baixo. Hoje, esse tal de teatro moderno, botou a gente na coxia, correndo feito um doido, detrás dos cenários, de acordo com a marcação... E que marcação mais sem graça, Santa Madona...Costas para o público...Os atores falam sem olhar uns para os outros. Fala-se tão baixo, que da 3ª fila em diante não se escuta nada... Dizem esses "snobs": É moderno! Chique! Olhe: eu já pontei uma peça, que nos 3 atos ficava tudo escuro. Sabe o que aconteceu?

Uma das figurantes, que só entrava no terceiro ato, quase... Sabe? Com o contra-regra... É por que na hora H, Ele tinha que soltar um foguete e alguém gritou: "O foguete! O foguete!"

DIRETOR - Bem mostra que voce é ponto...

PONTO - Por que?

DIRETOR - Fala denais...

PONTO - Aqui para nós... Que ninguém nos ouça: o senhor não vai ficar zangado se eu lhe disser uma coisa?

DIRETOR - Diga.

PONTO - Acho que essa peça vai para o porão.

DIRETOR - Ah! (Passeia em cena).

PONTO - O público não vai gostar. Eu conheço teatro. Meu pai foi o grande palhaço Zuzú e minha mãe a graciosa bailarina Lily.

DIRETOR - Cale essa boca!

PONTO - Pensei que o senhor estivesse gostando de me escutar...

DIRETOR - Será que na sua profissão voce já não fala o suficiente? Cale e ssa boca!

CENA SEGUNDA.

ATOR - Boa tarde.. (pausa). Leu o Diário?

DIRETOR - (Sêco) Não.

ATOR - Me elogiou!

DIRETOR - É um imbecil!-

ATOR - Ora essa! (Outro tom). Te pôs toda a culpa. (mostra o jornal).

DIRETOR - Bolas! Sou um diretor e não um ensaiador! Não fui contratado para ensaiar alunos. Produzo espetáculo! Mas para isso, me dê em atores! Atores! Claro que o meu processo é moderno. Para que estudei na Europa e passei 6 meses vendo espetáculos na Broadway? Para voltar à minha terra e continuar ensaiando como a maioria ensaia? Uma brisa! Tudo que sabem fazer é por um sofá no meio de cena, duas cadeiras ao lado. A célebre mesinha com uma jarra de flores em cima! Uma personagem se senta a outra se levanta. Quando esta se senta, aquela fica de pé. Não! Esse teatro de 1900 eu não faço! O teatro da prima dona, que canta a grande ária e morre no fim tuberculosa... O maldito teatro do ponto, essa coisa horrosca!..

PONTO - Perdão, senhor Diretor, mas o ponto...

DIRETOR - Se voce me der mais um pio, mando lhe despedir!

PONTO - O senhor pode me dispensar, mas eles precisam de mim.

ATOR - Ele não fez nenhuma restrição ao meu desempenho. E olhe que e le anota tudo durante os espetáculos!

DIRETOR - A critica não existe!

PONTO - (Entre os dentes) - Quando mete o pau, não...

DIRETOR - Como pode elogiar essa mulherzinha...Que benevolência!

PONTO - Está danado porque a critica meteu o malho.

DIRETOR - (Tirando do bolso uma porção de recortes de jornal, que passa a ler)- "O papel não lhe assenta, mas graças ao seu talento, sua malícia salvou o espetáculo, que é todo mau, direção fraca e texto insípido..." Insípido é a cara dele.

ATOR - É a dona da companhia, não se esqueça.

PONTO - (baixo) E amante do empresário. Muita ~~gaita~~ gaita!

DIRETOR - Voce viu a trabalhadeira que ela me deu: ensinei-lhe gesto por gesto. Eis aí a graça que êsse imbecil descreveu...A malícia, o talento sou eu! Depois, colocar aquela voz em falsete, sabe lá o que é isso?

PONTO - Eles acham que é maviosa! Pra que discutir? Pra que?

DIRETOR - O mau do teatro é a burrice das vedettes. Tôda vedette é burra! Não enxerga meio palmo adiante do nariz. Se tivesse que fazer o papel de uma mendiga, gostaria de aparecer em cena com um vestido de Cristian Dior. (outro tom). Mas quero ver se com essa peça êles não vão falar bem de mim! Hei de mostrar-lhes o poder de um diretor! Sem diretor, não se cria espetáculos! - As luzes, o ritmo! Ator é boneco, marionete de nossos comandos!

ATOR - Perdão! Nunca fui à Europa, nem à America, mas não sou fantoche de ninguém. Sou um ator!

PONTO - Que derruba, derruba. É só tomar um pilequinho...

DIRETOR - (para o ponto) Que anarquia é essa heim? Recolha-se à sua modesta insignificância...

PONTO - Queira me desculpar, senhor Diretor.

DIRETOR - Estou procurando um modo de iluminar o 2º ato com luz negra. Quero vesti-la de amarelo e você de branco. A cena do idílio vai ter uma salva de palmas, ora se vai! Depois, as últimas marcações que fiz para voce são realmente geniais. Por favor, Sérgio, não me interrompa, porque hoje vai tudo brotar do meu cérebro, como água que jorra de cascata. Bonita imagem, não? Depois dizem que eu não sou poeta...Inveja!

PONTO - Prima Donna! Prima Donna!

DIRETOR - Quero uma cena tôda em pantomima no 3º ato.

ATOR - Pantomima depois da Ópera de Pequim, está fora de moda. Deixou de ser mistério...

DIRETOR - Pois em Paris ainda é a coqueluche dos jovens. Aliás, fiz um curso completo. E já havia estudado na América, no estudio de Chaplin.

- ATOR - E Chaplin tem estúdio? Pensei que ele só tivesse...
- DIRETOR - (Cortando-o) Aquilo é que é gênio! Eu devia ter ficado por lá e tentado Hollywood. Seria hoje um Diretor famoso! Sim, porque a minha vocação é mesmo para dirigir; agrupar massas, amoldar temperamentos, dar ordens! Sou neto de alemão e bisneto de espanhol!
- ATOR - É o sonho de toda gente: sair daqui, estudar, para depois voltar. E vencer!
- DIRETOR - O estudar fora só adianta, realmente, quando se tem alguma coisa aqui dentro...
- ATOR - E acha que eu não tenho essa coisa?
- DIRETOR - Não quis dizer isso... Pelo contrário. Você até que tem muitas qualidades: voz, físico, desembaraço... Mas...
- ATOR - Mas o quê?
- DIRETOR - Falta-lhe presença!
- ATOR - É a primeira vez que ouço dizer isto de mim...
- DIRETOR - Não vá ficar com complexo, mas falta a você presença de ator!
- ATOR - Sempre tive unanimidade de críticas! Posso lhe mostrar meu álbum de recortes...
- DIRETOR - Como se a crítica valesse tudo! É a opinião da gente entendida? Essa sim, é que eu dou valor. Aliás, na Gôndola ninguém gosta de você ...
- ATOR - O público em adora!
- DIRETOR - Público... Essa massa ignorante, sem cultura, que não raciocina... Riem por qualquer palhaçada, por qualquer piada imoral... Detesto o público!
- ATOR - (Discutindo) Não se esqueça de que recebo sempre mais de 500 cartas depois das estréias...
- DIRETOR - (Idem) No teatro, meu rapaz, a ambição deve ser maior que a vaidade!
- ATOR - (Idem) Tenho as duas! Por isso, sou um ator!
- DIRETOR - Eu não, sou um criador! Um intelectual! Crítica... público... gente analfabeta...
- ATOR - Então, por que ficou danado com a opinião do Diário?
- DIRETOR - Por isso mesmo! Ele foi injusto! Detesto a injustiça! Não falou nas belíssimas marcações que eu fiz... Mas a peça esteve aí para desmentir tudo: fez carreira, não fez? Casas repletas todas as noites... Essa é a minha vingança!
- ATOR - E pensa que o público vem aqui para admirar suas geniais marcações? Suas luzes maravilhosas? Já viu os cartazes na rua? A propaganda dos jornais? Estão cheios de pernas nuas, de vesti

dos transparentes...Chama público! O empresário diz que o público quer ver mulher nua! Na propaganda, só sai o nome dela, o retrato dela em todas as posições...Para isso, a estrêla tem um velho coronel que paga todo esse luxo. Arrendou este teatro e paga bem à gente para aparecer ao lado dela!

PONTO - É a prima donna!

ATOR - Pensa que não sei que tenho mais talento do que ela? Os críticos já disseram isso não sei quantas vezes. O que eu ainda não tive foi uma chance...Mas, ela que vá se preparando. Com esta peça...Vou engolir todo mundo!

PONTO - (mais alto, contente) - Prima donna! Prima donna!

ATOR - Estudo meu papel como um leão. Eu sei que o segundo ato é todo meu! Aprendi a dar a gargalhada. Quer ver? (Dá uma péssima gargalhada e se joga no chão. Diretor tapa os ouvidos. Ponto faz uma careta e balança com a cabeça.) Gostaram? Fiz esta cena ontem, numa roda de amigos e todo mundo gostou. Uma grande atriz presente, estrangeira, não entendeu pataquina, mas ficou de boca aberta...(para o diretor) Que tal?

DIRETOR - Muito falsa(Ponto ri).

ATOR - Estou fazendo o que voce mandou...É difícil!

DIRETOR - Entre a gente mandar fazer uma coisa e essa coisa sair bem, a diferença é grande. Teatro, meu caro, é execução, técnica. É uma tragédia! Os atores...são todos...

PONTO - Burros, não é isso, senhor diretor?

ATOR - A conversa não chegou ainda na cozinha!

PONTO - Estou usando uma imagem que ainda há pouco o mestre usou...

DIRETOR - Infelizmente, é bem a palavra...

PONTO - Viu?

ATOR - Eu não admito...Fiquem sabendo que eu não me considero burro! Entendo qualquer papel! Já estudei o Édipo-Rei inteirinho com Zanelli! E na cena com Tirésias, que é difícilima, existe uma passagem de um subjetivismo atroz...Não tem explicação...E Zanelli ficou boquiaberto com a explicação que arranjei. Disse-lhe...(Discussão de fora, Vozes. Mulher: Paspalhão! Coisa Imprestável! - Homem: Minha bonequinha! Meu tesouro!)

CENA TERCEIRA.

EMPRES. - Minha jóia...Não fique zangada! Compro outra para voce. Em que loja voce comprou?

ATRIZ - (Mostrando uma luva que itrou da mão do empresário) Não vê que era uma lembrança, idiota! Que nem outra coberta de brilhantes teria o mesmo valor? Mandei esse imbecil segurar a minha-

volto, só encontro uma luva. Perdeu a outra. Com certeza, foi atrás de algu,a zinha que passou...Agora, não presta mais pra nada...

EMPRES - Eu darei quantas voce quiser, boneca!

ATRIZ - E pare com essa história de me chamar de boneca! Tenho nome!

EMPRES - Fique calma, Dorine, depois voce não vai poder ensaiar...

ATRIZ - (Para o Diretor e o Ator) - Sabem de onde é essa pelica? Do Indostão. É uma lembrança muito cara...De alguém que foi um cavalheiro.

EMPRES - Cavalheiro?

ATRIZ - Sob todos os pontos de vista...

EMPRES - (Olhando) Amante seu, não foi?

ATRIZ - Que pergunta! E daí?

EMPRES - Mas não foi do meu tempo?

ATRIZ - Ainda duvida?

EMPRES - Há quanto tempo?

ATRIZ - Não interessa!

EMPRES - O nome! Vamos! O nome!

ATRIZ - Não direi. Quero que voce sofra!

EMPRES - Voce sabe que eu poderei descobrir e mandar matá-lo?

ATRIZ - Olhe aqui, meu velho: a cláusula principal que estipulei no nosso contrato foi a de o senhor não interferir na minha vida privada! Já se esqueceu?

EMPRES - Mas, não eramos amantes naquela época, Dorine.

ATRIZ - Quer rasgar o contrato? Não vou exigir muito...500.000,00 cruzeiros de indenização. Se quiser é já...aproveite que a Companhia está toda reunida...

DIRETOR - (Calma aparente). Eu gostaria de saber, a que horas eu poderei começar o ensaio.

ATRIZ - Agora mesmo. (Para o empresário) Vamos, rua: voce me causa alegria. (Ponto começa a folhear a peça).

DIRETOR - (Para a atriz) A senhora decorou o papel?

ATRIZ - Como, se este homenzinho não me dá uma folga? Passou a noite lá em casa...

DIRETOR - Desta maneira, não podemos estreiar a semana que vem!

EMPRES - Não posso transferir mais. Estamos parados há mais de 15 dias com todo mundo ganhando. Na bilheteria, não entra nada. Tenho uma folha de pagamento pesada. Também, tenho meus credores...

DIRETOR - Só estamos com o 1º ato levantado. Ainda não comecei o 3º por que os atores ainda não tem os papéis de cóp.

ATOR - Perdão, mas eu já sei toda a minha parte.

EMPRES - E para que se paga um ponto nesta Companhia?

- PONTO - Muito bem dito, senhor empresário. Até que enfim lembraram-se de mim...
- DIRETOR - Esta peça não pode ir com ponto! É diálogo batido.
- ATRIZ - É inútil. Não consigo decorar.
- DIRETOR - Eu acho que uma atriz sem memória, devia desistir da profissão!
- ATRIZ - E quem foi que disse que eu não tenho memória? Decorei 6 monólogos inteirinhos, sem omitir uma vírgula, em "Tristesse".
- PONTO - Mentirosa!...Mentirosa!...
- ATRIZ - Era uma peça...E não essa porcaria que o senhor impingiu...
- DIRETOR - Os tempos mudam, minha senhora. Teatro hoje é outra coisa.
- ATRIZ - Já sei: tem um diretor!
- DIRETOR - Sem ele, adeus espetáculo!...
- ATRIZ - O público vem aqui, talvez, por sua causa...Tinha me esquecido...
- DIRETOR - Não tenho as suas pernas...
- ATRIZ - Há gosto para tudo, hoje em dia, cavalheiro...
- PONTO - (maliciosos) Isso é verdade!
- ATRIZ - Sabe de uma coisa? acho melhor o senhor telefonar para o seu amigo autor...Diga-lhe para dar um pulo até cá. Li o 3º ato e não gostei nada, nada do meu papel. Quero morrer falando e não vou me suicidar com um revólver. Isso ele tem que modificar. Quero morrer envenenada. Sei morrer muito bem. Todos os críticos disseram isso, quando representei a "Bovary". Caí de uma escada de 15 degraus! E ganhei uma salva de palmas de 5 minutos!
- DIRETOR - Katacha é uma grande peça!
- ATRIZ - Tão grande, que o nome é da protagonista, quando o principal papel é do homem. O papel de Sérgio tem 200 palavras mais do que o meu.
- ATOR - Você contou mal. 201!
- DIRETOR - É uma peça para 2 atores, minha senhora! Atores!
- ATRIZ - Está querendo insinuar que eu não seja uma atriz?...
- DIRETOR - Talvez...
- ATRIZ - Ora viva o grande diretor! Depois de 10 anos de palco, descobro num ensaio fuleiro, que não sou uma atriz! (ri) Vocês principiantes, se enchem de vento quando vão ao estrangeiro e voltam de lá com um diploma, que a gente nunca vê o cheiro...
- DIRETOR - Diplomado ou não, a verdade é que tenho capacidade...Talento!
- ATRIZ - Talento!...Não foi isso que disse esta manhã o crítico do Diário...
- DIRETOR - (Estourando)- Bolas! Não estou aqui para discutir esse assunto com a senhora! Fui contratado para ensaiar. Gostaria de saber a que horas posso começar!

- ATRIZ - Agora mesmo... Com a condição: exijo que o senhor telefone para o seu amigo, pedindo a modificação do 3º ato. Não faço a peça com aquele final!
- DIRETOR - (tirando do bolso um cartão, gritando) Pedro: telefone para esse número e diga ao sr. Felisberto que venha me procurar no teatro, imediatamente. (sai o ponto).
- ATRIZ - Vamos começar de onde?
- DIRETOR - Cena III, 2º ato. (atriz calmamente vai fumar um cigarro). Vamos, o que estão esperando? Já perdemos muito tempo.
- ATRIZ - A cena não está arrumada.
- DIRETOR - Sérgio: quer dar um jeito nisso aí?
- ATOR - É serviço do contra-regra.
- DIRETOR - Bolas! (dando um berro). Pedro! A cena! (pausa) Pedro! Onde se meteu esse raio desse ponto! (ponto aparece).
- PONTO - A linha está ocupada... Estou insistindo...
- DIRETOR - A cena!
- PONTO - Está pronta.
- DIRETOR - Segundo ato, imbecil!...
- PONTO - Não precisa me xingar. Isso é serviço do contra-regra...
- DIRETOR - Já sei! (Ponto troca as cadeiras. E muda de posição os banquinhos).
- ATRIZ - (para o empresário)- Vamos! Vamos dando o fora...
- EMPRESARIO - Deixa eu ficar boneca.
- ATRIZ - Eu ainda lhe esbofeteio hoje, se você tornar a me chamar de boneca!
- EMPRES - Eu fico lá atrás... Não vou incomodar...
- ATRIZ - Já disse que não! Vamos! Vamos!
- EMPRES - Não precisa me enxotar... Afinal de contas, acho que ainda sou dono deste troço!
- ATRIZ - É. Mas, quem manda sou eu... Está no contrato... Não se lembra?
- EMPRES - Estou no escritório... Se precisar de mim, é só mandar me chamar.
- ATRIZ - Está bem, está bem... (vai empurrando-o).
- EMPRES - Boneca! Quero ir hoje à noite a uma boite. Quero dançar! Me sinto muito primavera! E logo mais, boneca... (ouve-se uma bofetada dada na coxa). Estúpida!
- ATRIZ - E não me apareça mais aqui, senão eu te esgano! (ator sentou-se e fumou um cigarro. Diretor passeia impaciente, reaparece a atriz). Às suas ordens...

(Ator toma a cena, atrás da atriz, que se senta num sofá. A representação dessa cena deve ter marcações absurdas, para justificar o diretor - que veio cheio de iséias, mas que não entende nada da profissão.)

ATOR - Para onde você foi?(pausa) O que fez durante todo esse tempo? (pausa). Parece que tudo aconteceu ontem: (começa a falar baixo). Voltei alegre da viagem. Tomei banho...

DIRETOR - (interferindo) - Voz. Não estou escutando nada.

ATOR - Tomei banho e fui direto ao apartamento. Lembro-me que apa- - nhei um taxi para chegar mais depressa.

DIRETOR - (alto) Voz! Você pensa que está numa casa de chá? O público - quer ouvir...

ATOR - Não concordo falar nessa cena em voz alta. Esse homem está nu na situação difícil...

DIRETOR - E quem está mandando você falar alto? Eu disse voz! Para voce lança-la na platéia! Sonorizar.

ATOR - Tinha uma porção de novidades para te contar. Nem o elevador tive paciência de esperar. Subi os seis degraus a pé...

DIRETOR - Seis o quê?

ATOR - (gritando) Andares!

DIRETOR - Articule rapaz.

ATOR - Essas interrupções me atrapalham.

DIRETOR - Vai-se habituando, porque meu processo é o melhor! Todo basea - do em Stanislavsky!

ATOR - (passando um lenço pela testa). Abro a porta e encontro tudo va- - zio...(Transtornado) Mama mia! Não sei bem o que senti naquele momento...

DIRETOR - Emoção!

ATOR - No trem já estava adivinhando...

DIRETOR - Mais rápido, mais rápido...

ATOR - Más notícias. Procurei...

DIRETOR - Pausa; Sérgio. Não tenha medo da pausa...

ATRIZ - (Entre os dentes). A essa altura, o público está roncando...

ATOR - (Pausado) Procurei o zelador do edifício, na esperança de ob- - ter informações. (pausa) Nada. Voce partiu; saudades me deixou. Eu chorei! Nem um bilhete ao menos. (pausa) Onde você esteve?

ATRIZ - (fria) Longe daqui.

ATOR - E eu que imaginava que voce nunca pudesse...

DIRETOR - Não declame, por favor!

ATOR - Viver longe de mim! Sem o meu amor. No principio não quis acre- - ditar. (pondo o rosto entre as mãos).

DIRETOR - O gesto está ruim. Assim. Olha para mim; (faz o gesto) Assim.

- ATOR = (Fazendo o gesto que o diretor indica)- Foi horrível me acostu-
mar...
- DIRETOR - Correto.
- ATRIZ - Você parece bem disposto.
- DIRETOR - Não olhe para ele.
- ATRIZ - Como não vou olhar, se ainda não o vi...
- DIRETOR - Tenha a bondade de fazer o que eu estou mandando.
- ATRIZ - (Falando entre dentes). No dia eu fago o que me der na cabeça...
- ATOR - (tocando-a). quando voce chegou?
- ATRIZ - Não vá sujar o meu vestido. Você está com as mãos sujas. (Re-
presentando, repele-o e levanta-se). Tres meses mais ou menos.
- DIRETOR - Quem mandou a senhora se levantar?
- ATRIZ = Estou 'sentindo' que preciso me levantar.
- DIRETOR - Aguarde na marcação.
- ATRIZ - Está errado! Ele está querendo me tocar e eu tenho que fugir...
Estou seguindo a tal linha psicológica que o senhor me deu...
- DIRETOR - (Cortando-a). Vá sentar-se, então, na outra cadeira.
- ATOR - E por que não me procurou? Quer dizer que se eu não tivesse en-
contrado você, por acaso...
- ATRIZ - Não cospe, que coisa!
- DIRETOR - Não é esse o texto!
- ATOR - Minha deusa é exatante.
- DIRETOR - Exatamente é o que a senhora devia dizer...
- ATRIZ - Dá no mesmo.
- DIRETOR - No meu teatro, ator não muda o texto que o autor escreveu! Nem
uma vírgula! Por favor, mais dignidade!
- ATRIZ - Daqui a pouco eu me levanto daqui e não fago mais droga nenhu-
ma! (falando em tom mais alto) Tenha a bondade de me corrigir
sem comentários...
- DIRETOR - Segue.
- ATOR - Mas, afinal, o que foi que eu fiz para ser tratado dessa mane-
ra fria? Amor, só tive de você. As outras foram meros flertes...
- DIRETOR - Flerte, Sérgio, flerte.
- ATOR - Foi o que eu disse...
- DIRETOR - Pense, segue.
- ATOR - Creia-me: você ainda é tudo!
- DIRETOR - Abraça-a. (ator abraça-a) E a senhora, não fique aí parada. En-
gurre-o e tome a direita alta. (atriz executa o movimento). Não!
Passe por trás do sofá, pelo amor de Deus!
- ATRIZ - Não berre, ouviu? Antes de vir para cá, devia ter passado por
uma farmácia e tomado calmante!

DIRETOR - Segue.

ATRIZ - (nervosa) E você pensa que já me esqueci daquele tempo em que vivíamos... Ah, que vivíamos juntos...

DIRETOR - Segue.

ATRIZ - Não esqueci...

DIRETOR - A senhora ainda não cecrou o seu papel?

ATRIZ - Paroço que não.

DIRETOR - A estréia está marcada. Segue.

ATRIZ - Seguir o que, se não sei mais o resto?!

DIRETOR - Onde está esse maldito ponto! Pedro! (entra Pedro correndo).

CENA QUINTA.

PONTO - Falei com ele.

DIRETOR - Vá pontar!

PONTO - Mandou dizer ao senhor que...

DIRETOR - Para a caixa, idiota! Não quero ouvir a sua voz!

PONTO - Tenho um recado para o senhor... É urgente!

DIRETOR - Para a caixa! Segue. (Ponto corre para a caixa. Pausa.) Afinal, o que está se esperando? (Atriz fica quieta. Ponto aparece aflito).

PONTO - Onde estão? (Diretor põe a mão na cabeça, dá um grito). Eu - estava lá dentro, não podia advinhar... (aterrestado a caixa). Pronto, pronto. (Ponto vai para os bastidores).

(TOMAS E MARIA SAEM DA CENA PARA CENAS 1 E 2. PONTO, A ATRIZ E O DIRETOR FICAM NA CENA.)

ATRIZ - Lá fora eu sabia, nunca tive tranquilidade. Você aparecia no apartamento quando eu estava lá. Eu não tinha mais sossego: queria o dinheiro, pensava...

DIRETOR - Fale mais.

ATRIZ - Será que ele vai hoje? À noite...

DIRETOR - Paro! Paro! Não está contendo o que está fria? Eu quero sua voz carregada...

ATRIZ - Fiquem vocês sempre e eu vou.

DIRETOR - Ponha-a na caixa.

ATRIZ - Que caixa?

DIRETOR - Não é a de ponto... Pois não.

PONTO - (aparecendo) Não chamaram?

DIRETOR - Para o seu lugar! (Ponto sai). Depois dizem que eu não tenho razão.

ATRIZ - Não ensaio mais (sogra nonhura!)

DIRETOR - Vozes cas!

ATRIZ - É uma ameaça?

- DIRETOR - Segue.
- ATRIZ - (para o ponto)- Fale mais alto, idiota!
- PONTO - (pondo a cabeça para fora) Ele não quer...
- DIRETOR - Para a coxia! (ponto corre).
- ATRIZ - Se não puserem no dia o ponto na caixa, não representarei!
- DIRETOR - No moderno teatro do mundo, minha senhora, não se usa mais caixa de ponto. É anti-estético!
- ATRIZ - Mas, no meu teatro, continuará se usando... (Ponto bota a cabeça para fora) No dia, você vai para a caixa.
- PONTO - Sim senhora. (desaparece).
- DIRETOR - Quem manda no palco sou eu!
- ATRIZ - Eu acho bom você acabar com esses ataques histéricos! Berre para causar impressão não é? Não tenho medo de gritos, meu filho! Escuta aqui: se quiser montar essa peça, trate de ficar bonzinho. Por que a hora que eu soltar um berro, você vai subir pelas paredes. Orz, se vai!
- DIRETOR - (Calmo) Segue.
- ATRIZ - Ponte alto, Pedro, (continuando). A noite, não ia a lugar nenhum. nem recebia visitas, porque voce podia aparecer de uma hora para outra. Não ia a festa alguma, com rede de...
- DIRETOR - (Pondo a mão na cabeça)- Não é possível... Assim não posso... Mais baixo!
- ATRIZ - (baixinho)- Ficava gelada, quando num baile...
- DIRETOR - Voz!
- ATRIZ - Afinal o que é que você quer? Que eu fale alto ou baixo?
- DIRETOR - Estou falando para esse maldito Ponto. Segue...
- ATRIZ - Alto, Pedro.
- DIRETOR - Eu acabo com esse espetáculo, não dirijo mais, pronto. (Fica de braços cruzados).
- ATRIZ - Ótimo. Estava roxa para fumar um cigarinho. (Ponto vem acender o cigarro, Atriz tira uma piteira e começa a fumar). Não falta rão diretores novos para se contratar. Eu pago bem. Aliás, meu camarim vive cheio dessas ratazanas.
- DIRETOR - Com uma atriz de sua mentalidade, ninguém pode fazer nada. (pausa longa).
- ATRIZ - Vai ensaiar ou não vai?
- DIRETOR - (Calmissimo) - Segue.
- ATRIZ - Alto, Pedro.
- PONTO - Sim senhora,

ATRIZ - Se o encontrava na rua, não me aproximava. (Entra Empre⁻¹³⁻sário e 3 candidatas) Você podia não gostar. Quase sempre estava acompanhado... (Assim que vê o Empresário acompanhado, a Atriz interrompe o ensaio).

DIRETOR - O que houve?

ATRIZ - Já disse que não ensaio na presença de pessoas estranhas.

DIRETOR - O que essas 3 moças estão fazendo aqui?

EMPRESÁRIO - Vieram fazer os testes que você marcou.

DIRETOR - E quem foi que disse que eu marquei para hoje?

1ª Cand. - O senhor disse que eu passasse pelo teatro, 5ª feira, às 4 horas da tarde.

3ª Cand. - A mim, também.

DIRETOR - Hoje é quarta-feira e ainda não são 4 horas.

3ª Cand. - Perdão, mas o senhor está enganado: Hoje é 5ª feira, acabei de acertar o relógio. Passam 2 minutos das 4.

DIRETOR - (Olhando para 2ª candidata, que veio de calças compridas) - E a senhorita, assim de calças...

2ª Cand. - Eu? Eu vinha passando por aqui, quando esse senhor (aponta para o empresário) me convidou para fazer uns testes.

ATRIZ - (Ironica) Testes, heim? (Diretor pigarreia).

DIRETOR - (Trouxeram alguma coisa preparada?

1ª Cand. - Decorei uma poesia.

DIRETOR - Não sabe nenhum trecho de peça? O papel que uma das senhoras 3 fará, exige desembaraço.

3ª Cand. - Representei na Alemanha, Goethe. Fiz a Margarida do Fausto. Na Polónia, numa festa de caridade, fiz um ato inteiro de Hamlet. (Esta candidata deve ter um forte sotaque estrangeiro).

DIRETOR - Que papel?

3ª Cand. - Claro que o Hamlet!

DIRETOR - O Hamlet?

3ª Cand. - Em travesti! Não fui a primeira. Sarah Bernhardt usou-o mais de uma vez. Tive 8 chamadas!

1ª Cand. - (Deve vir ao teatro vestido de colegial, com seu uniforme azul e branco, laço de fita no cabelo, meias e saias curtas). Desde garotinha que sei recitar. Cantava e dançava. Fui menina prodígio. Adoro sapatear. Ai não tem uma vitrola?

DIRETOR - Não vamos montar revista! (para 2ª Candidata) E a senhorita, o que trouxe para o teste?

2ª Cand. - (Embaraçada) Eu?

DIRETOR - (muito interessado no pequeno) - Seu físico não é mau. Quer atravessar o palco? (A noça executa suas ordens). Sorria. Mais

perto daquele cavalheiro. (O ator vem ao seu encontro). Tem alguma prática?

2ª Cand.- Não senhor.

DIRETOR - Nunca fez teatro?

2ª Cand.- Uma vez, no Clube, um "show" que organizamos.

DIRETOR - O que é que você fez?

2ª Cand.- Uma ingênua.

3ª Cand.- Já fiz tôdas as ingênuas do teatro. De Berenice à Ofélia.

DIRETORa- O papel na peça não é de uma serigaita. Fisicamente, a senhora tem o tipo.

1ª Cand.- Meu físico não é bom, senhor Diretor? Dizem que em cena fico muito linda!

3ª Cand.- (tom de discussão para com a 1ª Candidata). Beleza não vale nada! Em teatro, precisa-se ter talento! (1ª Candidata faz diversas caretas).

DIRETOR - Bem, vamos aos testes. (apontando para 1ª Candidata). Comece a senhora.

1ª Cand.- (Toma cena, faz uma reverência bem de menina pequena, sorri. Começa a declarar num estilo bem próprio de aluna de grandes declamadores do passado. Exagerada, sofisticada.)

"As duas sombras" - Olegario Mariano.

"Na encruzilhada silenciosa do destino,

Quando as estrelas se multiplicavam,

Duas sombras errantes se encontraram.

A primeira falou: nasci de um beijo, de luz, sou força, vida
alma, esplendor! (Diretor interrompe)

DIRETOR - Chega. Diga outra coisa.

1ª Cand.- Já vi que não gosta dos parnasianos. Direi um moderno..

"Esplendor Selvagem". Não sei de quem é não...

Hipopótamos adolescentes

da zona norte,

Hipopótamos adolescentes

da zona sul,

Tudo azul, tudo azul, tudo azul...

DIRETOR - Basta! Você, agora. (3ª candidata com ar trágico se levanta). Não, você. (3ª candidata amarra a cara).

2ª Cand.- Não trouxe nada de cór.

DIRETOR - Você vem aqui para fazer um teste e não traz nada preparado?

2ª Cand.- Queira me desculpar...Eu não sabia...(vai sair).

DIRETOR - Espere. Isto aqui serve. (Tira do bolso um pedaço de papel).

Vá lendo esse trecho, enquanto sua colega faz a cena...(2ª Candidata levanta e vem apanhar o papel. 3ª Candidata prepara

se: tira do bolso um pequeno punhal e toma a cena. É trágico o seu olhar, sua atitude.)

3ª Cand.- Ser, ou não ser, eis a questão: se há mais nobreza d'alma em submeter-se às fundas e setas de fortuna inimiga, ou se tomar armas contra um mar de atribulações e, combatendo, exterminá-las? Morrer, dormir, nada mais; e dizer que adormecendo...

DIRETOR - Chega! Diga outra coisa!

3ª Cand.- Sim senhor. (Vai rápido até a sua bolsa e tira de lá uma grinalda. Põe-na na cabeça. 1ª candidata ri. Chega o autor da peça, que do fundo do palco, sem dizer uma palavra, mas estupefato, fica olhando o teste. Diretor faz caretas. Ponto quieto. Atriz prestes a soltar uma gargalhada. 3ª candidata anuncia).

"Fausto", de Goethe:

"Meu dia de núpcias seria!

Não digas que estiveste já com Gretchen.

Foi-se a esperança,

A coroa, tão linda!...(esquece o papel)

Ich Gabwas drum, wenn ich nu wubt,

DIRETOR - O que?

3ª Cand.- (Consertando) Estava me lembrando em alemão.

Hei de verête, ainda,

Mas não na dança.

Larga-me! eu não admito a força!

Não me agarres, não, dêste jeito!

Por amor de ti tudo tenho feito! (joga-se no chão).

DIRETOR - Basta!

3ª Cand.- Não cheguei nem a dizer uma estrofe...

DIRETOR - Já estou satisfeito...(chamando o autor). Chegaste em boa hora. (Autor vai cumprimentando os presentes. Beija a mão da estrela, que neste momento está fumando sua pipeira dourada. Dá-lhe um cumprimento seco. Autor vem ficar perto do Diretor) (Para a 2ª candidata). Chegou a sua vez. Leia, em voz alta.

2ª Cand.- (Um tanto tímida, começa a ler em voz alta) - Jack Wilson, um jovem de 71 anos de idade, que quebra poste de madeira com os dentes, paralelepípedos com um murro e torce barras de ferro com sua força descomunal, está fazendo demonstrações de seu vigor extraordinário...

DIRETOR - Mais alto, menina.

2ª Cand.- (falando um pouco mais alto) - E ensinando como alguém pode se transformar num Tarzan. O vigoroso septuagenário fará hoje uma exibição...(Comentário do Diretor para o Autor. Olhares de ódio

da atriz).

DIRETOR - (Interrompendo-a).- Eis a sua Irina ideal. Vou mudar a linha do papel, dando-lhe uma linha mais suave. Uma verdadeira ingênua!

ATRIZ - (Levantando-se) - Se essa moça fizer o papel de Irina, não entro em cena!

DIRETOR - Por que?

ATRIZ - - Dispensso comentários.

DIRETOR - Mas afinal eu sou ou não sou o diretor de sua peça?

1ª Cand.- Senhor diretor; quer dizer que não gostou de mim!

3ª Cand.- Absurdo! Dizer Goethe, Shakespeare, para no fim uma que mal - leu um recorte de jornal ne passar a frente! A crítica no estrangeiro sempre me pôs nas alturas (para o Diretor). Quem é o senhor? Em que escola foi diplomado?

DIRETOR - Em nenhuma!

3ª Cand.- Eu logo vi.

1ª cand.- Eu podia fazer o papel de ingênua na linha que o senhor mandasse. Não se esqueça de que sou diplomada por uma Academia Dramática. Quer que eu diga um trecho de tragédia grega?!

DIRETOR - (gritando) Não!

1ª Cand.- Nervoso! Não precisa gritar!...

ATRIZ - A candidata devia ser moça. (aponta para a 3ª candidata).

3ª Cand.- Gostou de mim? Vê-se logo que a senhora é uma artista!

DIRETOR - (Para o Empresário) O autor é da mesma opinião que eu.

3ª Cand.- Proteção!

ATRIZ - (para o autor) - Já que está presente, quero lhe participar que não representarei o seu 3º ato como está escrito.

AUTOR - Seu papel é lindo nesse ato, Dorine!

ATRIZ - É lindo, mas não gosto.

AUTOR - Qual a cena de que você não gostou?

ATRIZ - Todas!

AUTOR - Pois todo mundo que leu, achou o meu melhor ato.

ATRIZ - Para o galã e para essa Irina que você imaginou...

AUTOR - Então, Dorine: você acha que o papel de Irina seja melhor do que o seu?

ATRIZ - Claro que é melhor! Eu não vou admitir que na minha Companhia vá se contratar um elemento que no fim vai roubar a peça toda. A não ser que você modifique o final: quero morrer falando e envenenada.

AUTOR - Uma tirada de 20 linhas?

ATRIZ - Não seria mau. (pausa).

- AUTOR - Está bem, mas não faço.
- ATRIZ - Então, não se estréia...
- AUTOR - Tenho um contrato!
- EMPRESA - Dorine... Meu bem... Compreenda...
- ATRIZ - Não quero compreender nada! Disse que não represento e está acabado! Não me façam ficar histérica!
- 3ª Cand. - O que estou fazendo ainda aqui... Teatro bagunça... Se soubesse que era isso... (para a atriz) Tive muito prazer em conhecer a senhorita... (para o Diretor) Ditador! (sai).
- 1ª Cand. - Não vão me aproveitar?
- DIRETOR - Não!
- 1ª Cand. - Bobo! (dá uma rabanada e sai).
- ATRIZ - Se não mandarem chamar imediatamente a moça que disse o "Harlet" e não derem a ela o papel, eu dou um berro que as paredes vão tremer! (Dá um grito).
- EMPRESA - Pedro! Pedrinho, corra atrás daquela moça e traga-a de volta! (Pedro sai).
- DIRETOR - (Dando ordem). Pedro, volte! (Pedro volta).
- EMPRESA - Vá, idiota!
- DIRETOR - Não precisa! A candidata já está escolhida...
- ATRIZ - (Num berro. Pedro sai numa disparada. Todos se assustam). O que é que você está pensando, hein? Que manda alguma coisa? Não preciso de diretor nenhum! Tenho meu nome feito! (para o autor). E não vou fazer mais Natacha nenhuma! Nem com 3 mortes no fim. Fua, com vocês todos, andem! Rua!
- DIRETOR - Vedette! Vedette de revista!
- AUTOR - Fique sabendo que sou muito autor!
- ATRIZ - Pode botar sua peça na gaveta! Não haverá estréia!
- AUTOR - Irei a juízo! Quero uma indenização!
- EMPRESA - Dorine! Minha bonequinha... Veja bem o que você está fazendo! Será minha ruína...
- ATRIZ - O culpado disso tudo foi você! Eu não queria ser dirigida! E muito menos representar essa Natacha! Toma! Vê se é bom... (Dá-lhe uma bofetada).
- ATOR - Vou-me embora! Quando acabarem com essa bagunça, mandem me chamar. (sai).
- ATRIZ - Pode ir embora todo mundo! Não preciso de ninguém! Por isso, sou uma estrêla! (Chega o ponto).
- PONTO - Não encontrei mais a moça.
- ATRIZ - Não precisa! Tive uma idéia genial! Vou telefonar agora mesmo para Isac. Prometeu escrever uma peça para mim! É um grande -

autor!

DIRETOR - A minha vingança é que há de ir tudo para o porão, sua canastrona!

ATRIZ - Rua! Rua, antes que eu faça uma besteira! (Correm numa disparada o Diretor, Autor, Empresário e 2ª Candidata).

ATRIZ - (Numa atitude grandiloquente). Doravante, só representarei monólogos! Será a minha glória!

PONTO - (ajoelhado)- E eu pontarei tudo para a senhora! Vou dar cada tiro! (beija-lhe a mão).

PAIO.

(Na abertura do pano, Atriz e Ponto começam a agradecer, atirando beijos para o público. Inesperadamente, aparecem também para agradecer Diretor, Autor e Ator. As 3 candidatas vêm em alvoroço, perseguindo o Empresário para que ele faça uma companhia para cada uma delas. Ao ouvirem as palmas, sobem ao palco, e cada qual quer jogar mais beijos para o público. Até que a 2ª Candidata dá um forte empurrão na Atriz e começa a briga de todo mundo. O Diretor grita: PAIO! A cortina se fecha e quando abre pela última vez, devem os intérpretes estar de mãos dadas para o agradecimento.

F I M.

TEATRO

TÍTULO

A Primeira Donzela

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior

14 anos

Praça

SP

Obs.:

DF.

02/ 07/ 76/

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em

de

de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de qualquer anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de cens., condicionada ao exame do caso geral. Obs.:

Brasília-DF, 15 de abril de 1977

Dama
Maria Arlete R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF

de

de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em 18/4 / 1977

Carlos A. Molinari de Carvalho
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

05/07/76

559/76-SCTC/SC/DCDP

- : Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-DCDP
- : Sr. Superintendente Regional do DPF em São Paulo-SR/SP

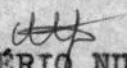
Informação (faz)

Ref.Of. nº 4632/76-SCDP-SR/SP

Senhor Superintendente:

De acordo com a Portaria nº 042/75-DCDP, de 26.11.75 e em atenção ao ofício em referência, informo a V. Sa. que a peça teatral intitulada "A PRIMA DONNA" de José Maria Monteiro, acha-se registrada nesta Divisão de Censura sob o nº 268, com a classificação etária Livre.

Na oportunidade, renovo a V.Sa. protestos de estima e consideração.


R/ ROGÉRIO NUNES
Diretor/DCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 1429 / 77

TÍTULO: "A PRIMA DONNA" (peça teatral)

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 (quatorze) ANOS

AUTOR: JOSÉ MARIA MONTEIRO

Confrontando o presente texto, consta
tei identidade com o anterior liberado, podendo ser man-
tida a faixa etária, 14 (quatorze) anos, mas condicio-
nada ao ENSAIO GERAL.

Brasília, 14 de abril de 1977


Solange Vaz dos Santos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0637, P.199

FICHADO
S. A. DCDP

MJ - DPF - SRA/BSB

22001 10552 040229



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

M. J. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

SRA/FICHADO

OF.

Em, 21 de outubro de 1976.

Nº. 4715/76-SCDP/SR/SP

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75/DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto das peças teatrais "DELÍRIO A DOIS" original de E.Ionesco, "AUTO DE INÊS PEREIRA" ou "MAIS QUERO ASNO QUE CARREGUE QUE CAVALO QUE ME DERRUBE" original de Gil Vicente, "PRIMA DONNA" original de José M^a Monteiro, "CAMINHO DOS RATOS" original de Luiz Carlos - Cardoso, "O HOMEM, A MULHER E A FLOR" diversos autores, "CUPIDO E STNISLAWSKI" original de Ricardo Gouveia, "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES" original de Pedro Bloch, "A FRONTEIRA" original de Menotti Del Picchia, "VEREDA DA SALVAÇÃO" original de Jorge Andrade, "O CAÇADOR CAÇADO" original de Antonio Luis P.Balint, "SALVAÇÃO" original de José Eloi B. dos Santos, "OXENTE, ROMI - XINALNI?" original de Fernando Limoeiro, "ORAÇÃO" original de F Arrabal.

Outrossim, informo que os demais itens da referida Portaria serão cumpridos por este SCDP, para posterior remessa à DCDP.

Na oportunidade, renovo a V.S., protestos de estima e consideração.

A SCTC

H. providência
Em 21/10/76Ao Il^{mo}. Sr. *João de Deus*
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
DR. ROGERIO NUNES

JOSE VIEIRA MADEIRA

/CHEFE DO SCDP/SR/SP

DD - Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

BRASILIA/DF

TEATRO

TÍTULO PRIMA DONAJose Maria Monteiro

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 14 ANOSPraça SP/SP

Obs.: _____

DF. 1 / 11 / 11 1976

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de quatorze anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: _____

Brasília-DF, 15 de abril de 1977

Maria Arlete R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF

de

de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em ____ / ____ / 19 ____

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

1257/76-SCTC/SC/DCDP

22 novembro

76

São Paulo

4715/76-SCIP-SR/SP

"PRIMA DONNA"

José Maria Monteiro

268 ,

14 anos.

Car
ROGÉRIO NUNES



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 1425 / 11

TÍTULO: " A PRIMA DONNA " (peça teatral)

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 (quatorze) ANOS

AUTOR: JOSÉ MARIA MONTEIRO

Procedendo ao confronto do texto acima mencionado, constatei identidade com o original, podendo ser liberado, com a mesma classificação etária / imposta anteriormente e condicionada ao ENSAIO GERAL.

Brasília, 14 de abril de 1977

Solange
Solange Vaz dos Santos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617, P. 203

Ofício nº 567/77-SCTC/SC/DCDP

15/04/77

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

: Sr. Superintendente Regional do DPF em São Paulo

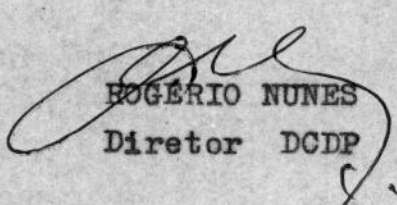
Encaminhamento - faz -

Ref. Of. nº 4632/76-SCDP/SR/SP

Senhor Superintendente:

De acordo com a Portaria nº 042/75-DCDP, de 26.11.75 e em atenção ao ofício em referência, encaminho a / V.Sa., as anexas 1ª e 2ª vias do certificado de censura da peça / teatral intitulada "A PRIMA DONNA", de José Maria Monteiro.

Na oportunidade, renovo a V.Sa. protestos de estima e consideração.


ROGÉRIO NUNES
Diretor DCDP

Ofício nº 568/77-SCTC/SC/DCDP

15/04/77

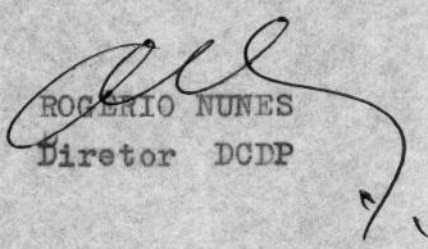
: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
: Sr. Superintendente Regional do DPF em São Paulo

Encaminhamento - faz -
Ref. Of. nº 4715/76-SCDP/SR/SP

Senhor Superintendente:

De acordo com a Portaria nº 042/75-DCDP, de 26.11.75 e em atenção ao ofício em referência, encaminho a / V.Sa., as anexas 1ª e 2ª vias do certificado de censura da peça / teatral intitulada "A PRIMA DONNA", de José Maria Monteiro.

Na oportunidade, renovo a V.Sa. protestos de estima e consideração.


ROGERIO NUNES
Diretor DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617, P. 206

PRIMA DONNA

JOSE MARIA MONTEIRO

268/77

PRIMA DONNA

ABRIL

IMPRÓPRIO PARA MEMORIAS DE 14 (QUATORZE) ANOS

OS AS EXPRIME DO ENFERMO GERAL... JOSE MARIA MONTEIRO... DO REGISTRO DO "ASSISTENTE" DEVIDAMENTE COLIGADA DELE DEBT.

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
14
QUATORZE ANOS

31

MARÇO

80

18

ABRIL

77

Refinanciamento

01

mbf

: PRIMA DONNA

JOSÉ MARIA MONTEIRO

15 ABRIL

77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONA
DO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUAN
DO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

18

ABRIL

77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617, P.208

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

AMMO ABIRN

ORITARN AINAM 388C

268/77

: PRIMA DONNA

ABRIL

31

: JOSÉ MARIA MONTEIRO

IMPRÓPRIO PARA MEMBROS DE 14 (CATORZE) ANOS. EMISSÃO

DO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO É VÁLIDO

QUANDO ACOMPANHADO DO "SERIADO" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCCP.

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
QUATORZE ANOS

31

MARÇO

80

18

ABRIL

77

República
RECERIO NUNES

: PRIMA DONNA

JOSÉ MARIA MONTEIRO

15

ABRIL

77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONA
DO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE
QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

18

ABRIL

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO



MJ-DPF-SRA/BSB

29 ABR 10 39 E 013907

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S. PAULO

SRA/FICHADO

*De ordem
do Sr. Diretor
em 02/05/77
FICHADO
S.A. DCDP*

125/77-SCDP/SR/SP

Em, 27 de abril de 1977.

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75-DCDP, estamos remetendo a V.S., os relatórios de textos e ensaios gerais das peças teatrais "OLIMPIADAS DAS TELECOMUNICAÇÕES" original de Transart; "AS CASADAS SOLTEIRAS" original de Martins Pena; "ATO DE SOBREVIVÊNCIA" original de Magno Martins da Silva; "O MARINHEIRO" original de Fernando Pessoa; "ISTO É CASA DE LOUCOS" original de Adi Salgado; "UM PONTO DE LUZ" original de Fauzi Arap; "ADIOS GERALDA" original de Mah Zuly; "A MENINA DAS ESTRELAS" original de Jurandyr Pereira; "A PRIMA DONA" original de José Maria Monteiro; "O RINOCERONTE" original de Eugene Ionesco; "O ESTRANHO" original de Edgard da Rocha Miranda; "A HORA DOS ENFAIXADOS" original de Mauro Chaves; "TOCAR O IMPOSSÍVEL CHÃO" original de Escola Estadual Virgília Rodrigues Alves de Carvalho Pinto.

Outrossim, aproveitamos o ensejo para solicitar a V.S. a remessa dos certificados das peças teatrais acima mencionadas.

Na oportunidade, renovo a V.S., protestos de estima e consideração.

JOSE VIEIRA MADEIRA

CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.

DR. ROGÉRIO NUNES

DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
BRASILIA/DF

A PRIMA DONA

Imprópria para menores de 16 anos

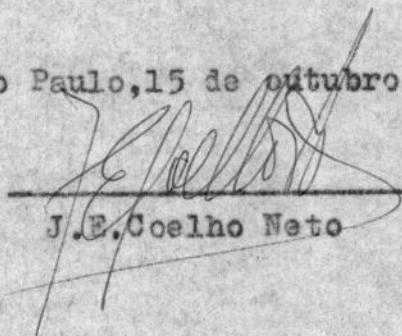
Trata-se de uma comédia, onde o autor procura mostrar alguns aspectos pitorescos da vida teatral. São cenas esparsas, sem que se constitua um enredo propriamente dito. Personagens habituais do meio, Uma atriz, um diretor, atores, o empresário e o ponto.

O texto é simple, ingênuo até.

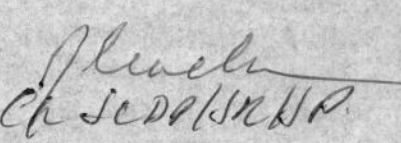
A encenação obedece diretamente o texto, resultando num espetáculo de cunho nitidamente amadorístico, sem qualquer problema de ordem censória.

Opino pela liberação do espetáculo com impropriedade para menores de 16 anos, justificando esta impropriedade pela liberalidade nas relações entre seus personagens, que, contudo não chega a atingir o nível de 18 anos como limite de proibição.

São Paulo, 15 de outubro de 1976


J.E. Coelho Neto

De acordo com o Parecer
Expedir Cert. Prov. e manter
o presente a DCDP


Ch. SEDP/SP

TEATRO

TÍTULO A Periana Domara

1) S.C.T.C.

José Maria Monteiro

Clas. Anterior

14 anos

Praça

São Paulo - SP

Obs.:

DF.

09/05/77
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ____/____/____ a ____/____/____

DF. ____/____/____


Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em ____ de ____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

O certificado foi
foi encaminhado
p/ São Paulo, através
nosso ofício 568/77.

Brasília, 10.05.77



Brasília - DF

de

de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.



MJ - DPF - SRA/BSB

21 OUT 10 54 = 031561

PICHADO
S. A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S. PAULO

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.

Nº 7.121/77-SCDP/SR/SP

Em, 19 de outubro de 1977.

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75-DCDP, estamos remetendo a V.S., os relatórios de textos e ensaios gerais das peças teatrais "PINÓQUIO E O GRILLO FALANTE" original de Fausto T. Rocha; "O HOMEM, A MULHER E A FLOR" original de Ana G. Talon e Vânia Cristina C. Pereira; "LAMBÊ BEIÇOS E SEU CRIADO CATA FARELOS" original de Fabio Gaia; "A FRONTEIRA" original de Menotti del Pichia; "O FEITICEIRO" ou "AS BATATINHAS GIGANTES" original de C. Moraes; "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES" original de Sidney Carlos Lilla; "TEATRO DOS ESTUDANTES" original de Gill Camargo; "QUARTO DE EMPREGADA" original de Roberto Freire; "A FLOR DESABROCHOU" original de Antonio Toro; "DO OUTRO LADO DO ESPELHO" original de Gai Sang Oliveira Cheung; "A GRANDE ESTIAGEM" original de Isaac Gondim Filho; "COMO É CHATO SER DEUS" original de Giovanni Romano e "PRIMA DONA" original de José Maria Monteiro.

Outrossim, aproveitamos o ensejo para solicitar a V.S. a remessa dos certificados das peças teatrais acima mencionadas.

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

João Vileira Madeira
JOÃO VILEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.

DR. ROGÉRIO NUNES

DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
BRASILIA/DF

9807C
26/10/77



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "PRIMA DONA"

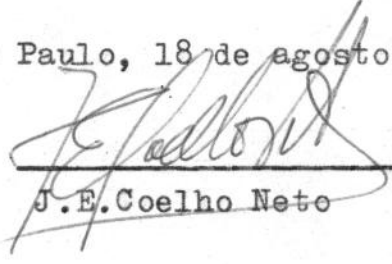
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Imprópria para menores de 14 anos

Comédia que procura mostrar, em um ato, alguns pontos da realização teatral. Representa um ensaio, onde participam o Ponto, o Diretor, o Ator, a Atriz, o Empresário e outros elementos normais de um ensaio. O diálogo, ultrapassado é ingênuo e não tem um tema definido. Limita-se a mostrar algumas situações pretensamente engraçadas.

A encenação é de um nível bastante primário, com direção e atores principiantes. É obedecido à risca o texto apresentado para exame.

Opino, salvo melhor juízo, pela liberação do espetáculo com impropriedade para menores de 14 anos.

São Paulo, 18 de agosto de 1976


J.E. Coelho Neto



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: PRIMA DONNA

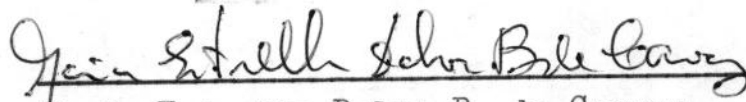
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 anos

Texto teatral, em ato único, da autoria de José Maria Monteiro, que tem o certificado nº 268, de 31 de março de 1975, válido até 31 de março de 1980, com proibição para menores de 14 anos.

É uma sátira ao próprio Teatro, à sua gente, mostrando, ainda, o conflito, o choque entre o denominado Velho e Novo Teatro.

Feito o confronto, o texto ora examinado é idêntico ao já liberado, pelo que sugiro seja mantida a liberação para maiores de 14 anos.

São Paulo, 1 de novembro de 1976.


Maria Estrella Dalva B. de Cavaco

TEATRO

TÍTULO

A Primeira Dona

1) S.C.T.C.

*Arguier**Jose Maria Monteiro*

4) SERVIÇO DE CENSURA

Clas. Anterior

14

Praça

São Paulo - SP ✓

Obs.:

DF.

30, po, 177, /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

Em

de

de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de *quatorze anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de cens.*, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 03 de *nov.* de 1977

Maria Antônia R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF

de

de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: *quatorze (14)*
anos.
Brasília-DF, *07* de *nov.* de 1977

Carlos A. Molinari de Carvalho
Diretor do Serviço de Censura - DODP

: PRIMA DONA

: JOSÉ MARIA MONTEIRO

S.V.P.

03 NOVEMBRO

77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

04

NOVEMBRO 02 77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617.9-218

PRIMA DONA

JOSE MARIA MONTEIRO

268/77

PRIMA DONA

JOSE MARIA MONTEIRO

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
QUATORZE ANOS

31

MARÇO

80

04

NOVEMBRO

77

ROGÉRIO NUNES

1749/77

BSB, 03/11/77

em São Paulo

7121/77-SCDP/SR/SP

"A PRIMA DONNA" de José Maria Monteiro.

A handwritten signature in dark ink, consisting of a series of loops and a long horizontal stroke extending to the right.

FICHADO
S. A. DCDP

MJ-DPF-SRA/BSB

19 ABR 09 13 20 011220

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

RECEBIDO POR:

9

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

OFÍCIO Nº 160/79-SCDP/SR/RJ

Em 17/04/79

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/RJ

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto : Encaminhamento (faz)

A Legação de Tra 45
Em 30.4.79

José Vieira Madeira

JOSE VIEIRA MADEIRA
MAT. 2.095.858

Senhor Diretor:

Encaminho a V.S.^a em texto, parecer e o Ensaio Geral da peça "PRIMA DONNA", de José Maria Monteiro, liberada com impropriedade para menores de quatorze (14) anos.

Para fins de expedição de Certificado Definitivo, esclareço que o exame da obra foi requerido por MILZETE MARRINS BASTOS.

Na oportunidade, renovo a V.S.^a protestos de consideração e apreço.

JOEL CARLOS TAVARES DE ALMEIDA

Chefe do SCDP/SR/DPF/RJ

- em exercício -



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Título da Peça "Prima Dona"

Original de José Mario Monteiro

Local do ensaio Geral | Teatro Faria Lima

588

A peça em apreço, descamba para comédia. Ao iniciar o espetáculo, o palco está em desalinho com alguns moveis que serão arrumados a medida que as cenas se iniciam.

Os personagens, são em número de nove, quatro moças e cinco rapazes e compõem o grupo que pretende encenar - uma peça teatral. São eles: O diretor, o ponto este aflito função prestes a se ~~insinuar~~, o ator, a atriz e seu empresário o ator e tres candidatas.

Devido a imperícia do diretor, cujo conhecimento - apenas teorico não lhe valem nada e a falta de espirito de equipe de todos em que cada um só fala nos seus próprios dotes, o grupo se desentende não conseguindo acabar seu objetivo e se desfaz.

Conforme o exposto acima opinamos, que se mantenha a - restrição anterior, Impróprio para menores de quatorze - anos.

Rio 16.04-1979

Téc. C. Guterres



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Título-Prima Dona

Autor-José Maria Monteiro

Leitura para fins de comparação.

530

A peça acima é idêntica a que foi enviada para este serviço, e como tal não há objeção em sua reapresentação. Mesma restrição "Quatorze anos"

Rio 1-04-1979

Téc. C. Guterres

TEATRO

TÍTULO A Prima Donna

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 14 anosPraça Rio de Janeiro - RJ

Obs.: _____

DF. 08 / 05 / 79 / _____Galina N. Gomes
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 14 anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.: _____

Brasília-DF, 08 de maio de 1979Belli Indente Cavalcini
mat. 2.415.791

Brasília-DF

de

de 1.97

José Maria Monteiro

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de PEÇA para o qual os censores propõem a classificação etária de 14 (QUATORZE) ANOS,

S/CORTES.Brasília-DF, 09 de MAIO de 1979Em 08 de maio de 1.979Ch. Subst. do SC

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em 09 de maio de 1979

JOSE VIEIRA MADEIRA
MAT. 2.095.858

"PRIMA DONNA"

JOSÉ MARIA MONTEIRO

MILZETE MARINS BASTOS /RJ

08

MAIO

79

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DE SEU TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

09

MAIO

79.


ELIEL JOSÉ DE SOUSA- SUBSTITUTO

268/79

"PRIMA DONNA"

JOSÉ MARIA MONTEIRO

31

MARÇO

80.

PROIBIDO PARA
MENORES DE
14
QUATORZE ANOS

09

MAIO

79


JOSÉ VIEIRA MADEIRA

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Of. nº 309/79-SCTC/SC/DCDP

09 de maio de 1979.

RJ

157 e 160/79-SCDP-SR/RJ.

"ETA! MUIÉ PAIDÉGUA", de Aldo Calvet, Dilu Melo e outros, e "PRIMA DONNA", de José Maria Monteiro.


ELIEL JOSÉ DE SOUSA

Substituto

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

24 MAI 10 42 8 003698

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL -SCDP/SR/DPF/RJ

DCDP / BSB

OFÍCIO Nº 302/84

Em, 21.05.84

Da: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/RJ

Para: Sra. Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto: Encaminhamento (faz)

Ref. Prot. 00 4904/84

Senhora Diretora:

Para fins de expedição do Certificado Definitivo, encaminho a V.Sa. texto, pareceres e cópia do Certificado do provisório nº.....097/84..... da peça teatral.....
"A PRIMA DONA"..... de
...JOSE MARIA MONTEIRO.....
o exame foi requerido por....WALTER MOREIRA DA FONSECA.....

Atenciosamente

Maria Helena da Costa Medeiros
MARIA HELENA DA COSTA MEDEIROS
CHEFE DO SCDP/SR/RJ

ILMA SRª DIRETORA DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS/
SR/RJ.

13 ABR 22 33 004904

WALTER MOREIRA DA FONSECA - SUPERINTENDENTE DO CLUBE GINÁSTICO

RECEBIDO REQUERENTE

BRASILEIRA

COMERCIÁRIO

NACIONALIDADE

PROFISSÃO

CARTEIRA DE IDENTIDADE Nº 456.450, INST. FELIX PACHECO
EXPEDIDA POR

RESIDENCIA A AVENIDA GRAÇA ARANHA, 187

CASTELO

20030

2101382

BAIRRO

CEP

TELEFONE

vem, mui respeitosamente, requerer a V.Sª, que se digne mandar e-
xaminar, de acordo com as normas censórias vigentes, a (s) PEÇA

TEATRAL EM UM ATO abaixo relacionadas de autoria de:
ESPECIE

ORIGINAL DE JOSÉ MARIA MONTEIRO

TÍTULO (S) PRIMA DONA

Nestes Termos
P. Deferimento

Rio, 13 de abril de 1984

Walter Moreira da Fonseca
REQUERENTE

SCDR / SR / DE RJ

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Afilhada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil

RECEBIDO POR

Rio . 11 de Abril de 1984

Ilmo. Sr.

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa.
para fins de CENSURA, três cópias da peça

A PRIMA DONA

Original de JOSE MARIA MONTEIRO

Tradução de

Próxima apresentação de AMADORES DO R.S. CLUB GINASTICO PORTUGUES

Teatro GINASTICO

Cidade RIO DE JANEIRO

Estado RJ.

A estréia está prevista para 3 de Maio de 1984

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

Pela SBAT



JOSÉ MARIA MONTEIRO

PRIMA DONNA

Farsa em 1 ato



(Representada pela 1.^a vez no Teatro Duse, em 23 de novembro
de 1952 e reprisada no Teatro de Bolso, em 1956).



Edição da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

"PRIMA DONNA" E A CRÍTICA

"Um espetáculo t... — Última Hora.

"A farsa de J. M. Monteiro mantém ainda a graça e o mesmo interesse de quando foi montada em 52, no Duse. Isso já diz bastante sobre a atualidade do ato, que 4 anos depois (apesar de toda a "atualização") continua divertindo grandemente o público, cumprindo sua finalidade maior, sem grandes alterações — João Augusto (Tribuna da Imprensa).



José Maria Monteiro

"O mérito maior de "Prima Donna" está, pois, para nós, ao lado de suas qualidades teatrais, no fato de ser uma sátira ao teatro carioca, até mesmo construtiva e, mais ainda, no de colocar muito oportunamente o conflito de duas concepções de teatro, o choque de duas mentalidades" — Henrique Oscar (Diário de Notícias).

"Tem muita graça esse flagrante do teatro por dentro. O tom de farsa justifica o evidente exagero, do texto e da representação. O propósito de causticar divertindo, é plenamente alcançado" — Mário Nunes (Jornal do Brasil).

"Não custa reafirmar que se trata de uma deliciosa sátira imaginada com inteligência e realizada agora em melhores condições de rendimento cômico" — Aldo Calvet (Última Hora).

"Prima donna é assim uma interessante brincadeira que termina com o grito da estrela em busca de autores de melodrama" — Francisco P. Silva (Diário Carioca).

"Dissemos que o autor era um escritor de farsa 100%. Em nada alteramos nossa afirmativa" — Maria Santa Cruz (O Dia).

"Não se deve perder o programa todo, pois tem na sua segunda parte a farsa brilhantíssima do sr. José Maria Monteiro: "Prima donna". Paschoal C. Magno. (Correio da Manhã).

"O ato é muito bem construído e atual, é universal e divertidíssimo" — Agnello Macedo (Jornal do Comércio).

"É uma charge à gente de teatro, na qual o autor teve a habilidade de usar a caricatura, como se fugisse à identificação por parte da platéia aos tipos que apresenta. E com isso consegue ele, além de autor, como diretor, um excelente rendimento" — Gustavo Doria (O Globo).

"Havia momentos em que tínhamos a impressão de que eram os atores que estavam rindo do público, tão nítida era a identificação de certos personagens com as figuras da sala. Vimos, por exemplo, um crítico militante reconhecer-se numa das "falas" do ator. Tudo isso nos foi apresentado num ritmo rápido e debaixo da reação favorável de um público que se divertia imensamente" — Geraldo Queiroz (Suplemento do Jornal do Brasil).

"José Maria faz teatro, com toda a graça e a malícia possível, do próprio teatro. Está bem no meio entre o "sketch" de revista e Feydeau, entre a página do "plf-paf" e Martins Padua" — Rugero Jacobbi (Para Todos).

"É uma deliciosa sátira, um choque entre o velho e o novo teatro, uma história que vale muito mais a pena ser vista do que contada. São proezas do autor e diretor J. M. Monteiro, e confesso, morri de rir" — Eneida (Diário de Notícias).

"Farsa satírica, estreada no Duse, há quatro anos atrás, retornou ao palco com algumas atualizações em seu texto, mas trazendo ainda bem retratada a "vedette" voluntariosa, pedante, da qual faz caricatura" — Jota Efége (Jornal dos Sports).

"A alegre noite, que foi a da estréia dessa peça, já tão elogiada pela crítica, no palco pequeníssimo e inteligentemente aumentado pelos bons cenários de Nilson Penna e pelo aproveitamento das 2 portas de entrada e parte da platéia, pelo sr. José Maria-Monteiro" — Arnaldo V. Carvalho (O Cruzeiro).



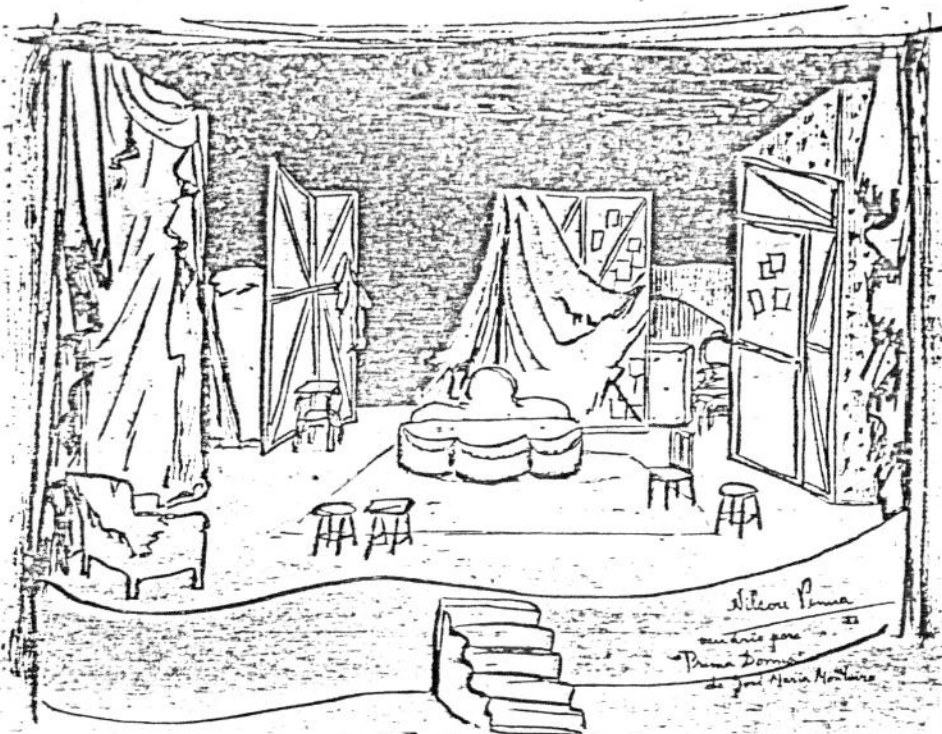
7 copias

PERSONAGENS E INTERPRETES NO TEATRO DE BOLSO:

PONTO	GUILHERME	Orlando Macedo
DIRETOR	Roberto	Aurimar Rocha
ATOR	CÉLIO	Luiz D'Avila
ATRIZ	Alícia	Teresa Raquel
EMPRESARIO	GUILHERME RODOLFO	Ilidio Costa
AUTOR	LUIS FERNANDO	José Madeira
1.ª CANDIDATA		Marilú Bueno
2.ª CANDIDATA		Esther Mellinger
3.ª CANDIDATA		Elvira de la Vega

Direção do autor — Cenário de Nilson Penna

Esta peça só poderá ser representada mediante autorização da
SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAES



ATO ÚNICO

CENÁRIO

Quando começa o espetáculo, o palco está no escuro. Pano fechado.

Conforme o teatro, o PONTO entra, pela platéia ou pelo palco propriamente. Abre o pano e grita para a coxia:

PONTO — Covaquinho, o Covaquinho! Acorda, homem, que o senhor Diretor não deve tardar. Está na hora do ensaio. (Acende a luz. Vê o palco desarrumado e exclama:) Bonito! Não tem ninguém. (Tira o casaco, trocando-o por um guarda-pó e fala:) Pedro, mãos à obra. Mostra para essa gente nova, que em teatro não há grandes nem pequenos papéis. Existem artistas, como você. (Põe no lugar uma poltrona de braços para o Diretor. Coloca um sofá no meio da cena. Uma cadeira e um banco pequeno de cada lado. Lembra-se de qualquer coisa e liga uma vitrola. Duve-se uma cantora famosa na grande aria da Traviata: "Sempre libero". O Ponto se delicia. Põe uma mesinha com um jarro de flores, no centro da cena. Dois banquinhos, um pintado de vermelho e outro de azul, na esquerda baixa, perto da cadeira do Diretor. Pega um espanador e começa a limpar os móveis, sempre se deliciando com a aria do ópera. NOTA: O Ponto pode vir cantando um trecho de ópera, no início da peça, isto é, quando ao entrar no teatro encontrou tudo ainda por fazer. Depois de tudo no seu lugar, o Ponto senta-se no sofá, fica se abanando com o espanador, ouvindo sua aria predileta, até o momento em que o Diretor fizer sua entrada. Este fica parado alguns segundos, e só é notada a sua presença através de um pigarro impertinente).

CENA PRIMEIRA

PONTO e DIRETOR

PONTO — Boa tarde, senhor Diretor. Vou desligar. (Desliga a vitrola) Como passou de ontem para hoje? Covaquinho, o contra-regra novo, ainda não chegou. (Pausa) A cena está a seu gosto?

DIRETOR — Você hoje vai pontar da coxia. Não quero ouvir sua voz.

PONTO — Ela ainda não sabe o papel direito...

DIRETOR — Esta peça tem que ir sem ponto.

PONTO — Duvida...

DIRETOR — Duvida o que?

PONTO — Que ela decore (pausa). No meu tempo, ninguém precisava decorar nada. Mas, naquela época ha-

viam atrizes... Alguém só podia ser considerado ator, depois que fizesse 10 papéis diferentes. Mas hoje, qualquer amadorzinho é atriz... E só quer fazer papel principal. "Não faço pontas", é só o que elas sabem dizer... (pausa). A grande Madalena Brazão era analfabeta e foi a maior atriz do seu tempo. Ninguém representou a Dama das Camélias tão bem quanto ela. Que voz! Que vibração! Uma verdadeira artista! Posso citar uma dúzia de atrizes do passado que não sabiam ler... Tinham é isso. (mostra o ouvido) muito bom. Conheci um grande ator, que para ouvir o ponto, tussia sempre antes do fala. O ponto já sabia. Atacava logo. A própria Madalena Brazão tinha um jeito todo especial... Isso era na marcação. Quando ela parava no palco, toda etérea e botava a mão no queixo, é porque não sabia o que vinha adiante...

DIRETOR — A época dos pontos já passou...

PONTO — Passou, mas até hoje as grandes companhias nos disputam... Como eu, existem poucos. Pontar é uma arte, senhor diretor. Exige vocação, um artista. Por que não sei se o senhor sabe: um ponto derruba um espetáculo. (Reação do Diretor) Já pensou a gente vir para o teatro meio no pileque e saltar uma página?

DIRETOR — O teatro moderno não admite mais ponto!

PONTO — Todos esses seus sonhos são muito bonitos, mas aqui nesta Companhia não vingam... A estrêla nunca teve cabeça para decorar... Conheço-a primeiro do que o senhor. Vaidosa! Sabe que ela não aceita papéis que não tenham no final do 2.º ato uma grande cena. Não sei como o senhor a convenceu desta vez... Esta peça não é o gênero dela...

DIRETOR — É uma comédia sem aria...

PONTO — É danada para a gente pontar... É cheia de ditos, de frasezinhas, de besteirinhas... Se ainda o senhor permitisse a gente botar uns catanzinhos... Eu podia ajudar na colaboração... Já tenho dados tiros sensacionais.

DIRETOR — Tiro?

PONTO — Vê-se logo que o senhor é novato na profissão... Tiro é uma gargalhada! A eminente Regina Célia não estreava uma peça, sem primeiro pedir minha opinião do que ela ia dizer fora da peça. Sempre deu certo. Dei-lhe cada idéia! Inventamos uns sinais só pelos lábios. Eu não precisava falar... Bons tempos! Mas, a profissão do ponto é muito ingrata. Antigamente era um buraco apertado, com as pulgas mordendo a gente por baixo. Hoje, esse tal de teatro moderno, botou a gente na coxia, correndo feito um doido, detrás dos cenários, de acordo com a marcação... É que marcação mais sem graça, Santa Madona... Custas para o público... Os atores falam sem olhar um para o outro. Fala-se tão baixo, que da 3.ª fila em diante não se escuta nada... Dizem esses "snobs": É moderno! Chique! Olhe: Eu já pontei uma peça, que nos 3 atos ficava tudo escuro. Sabe o que aconteceu? Uma das figurantes, que só entrava no 3.º ato, quase... Sabe? Com

o contra-regra... É por que na hora "H" ele tinha que saltar um foguete e alguém gritou: "O foguete! O foguete!"

DIRETOR — Bem mostra que você é ponto...

PONTO — Por que?

DIRETOR — Faça demais.

PONTO — Aqui para nós... Que ninguém nos ouça: o senhor não vai ficar zangado se eu lhe disser uma coisa?

DIRETOR — Diga.

PONTO — Acho que essa peça vai para o parão.

DIRETOR — Ah! (passeia em cena)

PONTO — O público não vai gostar. Eu conheço teatro. Meu pai foi o grande palhaço Zuzú e minha mãe é graciosa dançarina Lily.

DIRETOR — Cale essa boca!

PONTO — Pensei que o senhor estivesse gostando de me escutar...

DIRETOR — Será que na sua profissão você já não fala o suficiente? Cale essa boca!

CENA SEGUNDA

Os mesmos e ATOR

ATOR — Boa tarde. (pausa) Leu o Diário?

DIRETOR (seco) — Não.

ATOR — Me elogiou.

DIRETOR — É um imbecil!

ATOR — Ora essa! (outro tom) Te pôs toda a culpa. (mostrando um jornal).

DIRETOR — Boas! Sou um diretor e não um ensaiador! Não fui contratado para ensinar alunos. Produzo espetáculo! Mas para isso, me dêem atores! Atores! Claro que o meu processo é moderno. Para que estudei na Europa e passei 6 meses vendo espetáculos na Broadway? Para voltar à minha terra e continuar ensaiando como a maioria ensaia? Uma brisa! Tudo que sabem fazer é pôr um sofá no meio da cena, duas cadeiras ao lado. A célebre mesinha com uma jarra de flores em cima! Uma personagem se senta, a outra se levanta. Quando esta se senta, aquela fica de pé. Não! Esse teatro de 1900 eu não faço! O teatro da prima donna, que canta a grande ária e morre no fim tuberculosa... O maldito teatro do ponto, essa coisa horrível!

PONTO — Perdão, senhor Diretor, mas o ponto...

DIRETOR — Se você me der mais um pio, mando lhe despedir!

PONTO — O senhor pode me dispensar, mas eles precisam de mim.

ATOR — Ele não fez nenhuma restrição ao meu desempenho. E olhe que ele anota tudo durante os espetáculos!

DIRETOR — A crítica não existe!

PONTO (Entre os dentes) — Quando mete o pau, não...

DIRETOR — Como pôde elogiar essa mulherzinha? Que benevolência!

PONTO — Está danado porque a crítica meteu o maldito.

DIRETOR (Tirando do bolso um porção de recortes de jornal, que passa a ler) — "O papel não lhe assenta, mas graças ao seu talento, sua malícia salvou o espetáculo, que é todo mau, direção fraca e texto insípido..." Insípido é a cara dele.

ATOR — É a dona da companhia, não se esqueça.

PONTO (baixo) — É amante do empresário. Muita gaita!

DIRETOR — Você viu a trabalhadeira que ela me deu: ensinei-lhe gesto por gesto. Eis aí a graça que esse imbecil descreveu... A malícia, o talento sou eu! Depois, colocar aquela voz em falsete, sabe lá o que isso?

PONTO — Eles acham que é maviada! Pra que discutir? Pra que?

DIRETOR — O mau do teatro é a burrice das vedettes. Toda vedette é burra! Não enxerga meio palmo adiante do nariz. Se tivesse que fazer o papel de uma mendiga, gostaria de aparecer em cena com um vestido de Cristian Dior. (outro tom) Mas quero ver se com essa peça eles não vão falar bem de mim! Hei de mostrar-lhes o poder de um diretor! Sem diretor, não se cria espetáculos! As luzes, o ritmo! Ator é boneco, marionete de nossas comandas!

ATOR — Perdão! Nunca fui à Europa, nem à América, mas não sou fantoche de ninguém. Sou um ator!

PONTO — Que derruba! derruba. É só tomar um piquequinho...

DIRETOR (para o ponto) — Que anarquia é essa, heim? Recolha-se à sua modesta insignificância...

PONTO — Queira me desculpar, senhor diretor.

DIRETOR — Estou procurando um modo de iluminar o 2.º ato com luz negra. Quero vesti-la de amarelo e você de branco. Vou jogar 4 refletores laterais e uma bateria lá no fundo. A cena do idílio vai ter uma salva de palmas, ora se vai! Depois, as últimas marcações que fiz para você são realmente geniais. Por favor Sergio, não me interrompa, porque hoje vai tudo bratar do meu cérebro como água que jorra da cascata. Bonita imagem, não? Depois dizem que não sou poeta... Inveja!

PONTO — Prima donna! Prima donna!

DIRETOR — Quera uma cena toda em pantomima no 3.º ato.

ATOR — Pantomima depois da Ópera de Pequim, está fora de moda. Deixou de ser mistério...

DIRETOR — Pois em Paris ainda é a coqueluche dos jovens. Aliás, fiz um curso completo. E já havia estudado na América, no estúdio de Chaplin.

ATOR — E Chaplin tem estúdio? Pensei que ele só tivesse...

DIRETOR (cortando-o) — Aquilo é que é um gênio! Eu devia ter ficado por lá e tentado Hollywood. Seria hoje um diretor famoso! Sim, porque a minha vocação é mesmo para dirigir: agrupar massas, amoldar temperamentos, dar ordens! Sou neto de alemão e bisneto de espanhol!

ATOR — É o sonho de toda gente: sair daqui, estudar, para depois voltar. E vencer!

DIRETOR — O estudar fora só adianta, realmente, quando se tem alguma coisa aqui dentro...

ATOR — E acha que eu não tenho essa coisa?

DIRETOR — Não quis dizer isso... Pelo contrário. Você até que tem muitas qualidades: voz, físico, desembaraço... Mas...

ATOR — Mas o que?

DIRETOR — Falta-lhe presença!

ATOR — É a primeira vez que ouço dizer isso de mim...

DIRETOR — Não vá ficar com complexo, mas falta a você presença de ator!

ATOR — Sempre tive unanimidade de crítica! Passo lhe mostrar meu álbum de recortes...

DIRETOR — Como se a crítica valesse tudo! E a opinião de gente entendida? Essa sim, é que eu dou valor. Aliás, na Gôndola ninguém gosta de você...

ATOR — O público me adora!

DIRETOR — Público... Essa massa ignorante, sem cultura, que não raciocina... Riem por qualquer palhaçada, por qualquer piada imoral... Detesto a público!

ATOR (discutindo) — Não se esqueça de que recebo sempre mais de 500 cartas depois das estréias...

DIRETOR (idem) — No teatro, meu rapaz, a ambição deve ser maior que a vaidade!

ATOR (idem) — Tenho as duas! Por isso, sou um ator!

DIRETOR — Eu não, sou um criador! Um intelectual! Crítica... público... gente analfabeta...

ATOR — Então, por que ficou danado com a opinião do "Diário"?

DIRETOR — Por isso mesmo! Ele foi injusto! Detesto a injustiça! Não falou nas belíssimas marcações que eu fiz... Mas a peça esteve aí para desmentir tudo: fez carreira, não fez? Casas repletas todas as noites... Essa é a minha vingança!

ATOR — E pensa que o público vem aqui para admirar as suas geniais marcações? Suas luzes maravilhosas? Já viu os cartazes na rua? A propaganda dos jornais? Estão cheios de pernas nuas, de vestidos transparentes... Chama público! O empresário diz que o público quer ver mulher nua! Na propaganda, só sai o nome dela, o retrato dela em todas as posições... Para isso, a estrela tem um velho corajoso que paga todo esse luxo. Arrondou este teatro e paga bem a gente para aparecer ao lado dela!

PONTO — E a prima donna!

ATOR — Pensa que não sei que tenho mais talento do que ela? Os críticos já disseram isso não sei quantas vezes. O que eu ainda não tive foi uma chance... Mas, ela que vá se preparando com esta peça... Vou engolir todo mundo!

PONTO (mais alto, contente) — Prima donna! Prima donna!

ATOR — Estudo meu papel como um leão. Eu sei que o segundo ato, é todo meu! Aprendi a dar a garçalhada. Quer ver? (dá uma péssima gargalhada e se joga no chão. Diretor tapa os ouvidos. Ponto faz uma careta e balança com a cabeça) Gostaram? Fiz esta cena ontem, numa roda de amigos e todo mundo gostou. Uma grande atriz presente, estrangeira, não entendeu patavina, mas ficou de boca aberta... (para o diretor) Que tal?

DIRETOR — Muito falsa! (o Ponto ri)

ATOR — Estou fazendo o que você mandou... É difícil!

DIRETOR — Entre a gente mandar fazer uma coisa e essa coisa sair bem, a diferença é grande. Teatro, meu caro, é execução, técnica... É uma tragédia! Os atores... são todos...

PONTO — Burros, não é isso, senhor diretor?

ATOR — A conversa não chegou ainda na cozinha!

PONTO — Estou usando uma imagem que ainda há pouco o mestre usou...

DIRETOR — Infelizmente, é bem a palavra...

PONTO — Viu?

ATOR — Eu não admito... Fiquem sabendo que eu não me considero burro! Entenda qualquer papel! Já estudei o Edipo-Rei inteirinho com Zanelli! E na cena com Tiresias, que é difícilíssima, existe uma passagem de um subjetivismo atroz... Não tem explicação... E Zanelli ficou boquiaberto com a explicação que arranjei. Disse-lhe... (discussão de fora. Vozes. Mulher: Paspalhão! coisa imprestável! Homem: Minha bonequinha! Meu tesouro!)

CENA TERCEIRA

Os mesmos, ATRIZ e EMPRESÁRIO

EMPRESÁRIO — Minha jóia. Não fique zangada! Compre outra para você. Em que loja você comprou?

ATRIZ (mostrando uma luva, que tirou das mãos do Empresário) — Não vê que era uma lembrança, idiota! Que nem uma outra coberta de brilhantes teria o mesmo valor? Mande esse imbecil segurar a minha bolsa e as minhas luvas enquanto fui ao cabelereiro. Quando volte, só encontro uma luva. Perdeu a outra. Com certeza, foi atrás de alguma zinha que passou... Agora, não presta mais pro nada...

EMPRESÁRIO — Eu darei quantas você quiser, boneca!

ATRIZ — É pare com essa história de me chamar de boneca! Tenna nome!

EMPRESÁRIO — Fique calma, Dorine, depois você não vai poder ensaiar...

ATRIZ (para o diretor e o ator) — Sabem de onde é essa pelica? Do indostão. É uma lembrança muito cara... De alguém que foi um cavalheiro.

EMPRESÁRIO — Cavalheiro?

ATRIZ — Sob todos os pontos de vista...

EMPRESÁRIO (mudando) — Amante seu, não foi?

ATRIZ — Que pergunta! E daí?

EMPRESÁRIO — Mas não foi do meu tempo?

ATRIZ — Ainda duvida?

EMPRESÁRIO — Há quanto tempo?

ATRIZ — Não interessa!

EMPRESÁRIO — O nome! Vamos! O nome!

ATRIZ — Não direi! Quero que você saia!

EMPRESÁRIO — Você sabe que eu poderei descobrir e mandar matá-lo?

ATRIZ — Olhe aqui, meu velho: a cláusula principal que estipulei no nosso contrato foi a de o senhor não interferir na minha vida privada! Já se esqueceu?

EMPRESÁRIO — Mas, não eramos amantes naquela época, Dorine.

ATRIZ — Quer raspar o contrato? Não vou exigir muito... 500.000,00 cruzeiros de indenização. Se quiser, é lá... aproveite que a Companhia está toda reunida...

DIRETOR (calma aparente) — Eu gostaria de saber, o que horas eu poderei começar o ensaio.

ATRIZ — Agora mesmo. (para o empresário) Vamos, rua: você me causa alergia. (ponto começa a folhear a peça)

DIRETOR (para a atriz) — A senhora decorou o papel?

ATRIZ — Como, se este homenzinho não me dá uma folga?... Passou a noite lá em casa...

DIRETOR — Dessa maneira não podemos estreiar a semana que vem!

EMPRESÁRIO — Não posso transferir mais. Estamos parados há mais de 15 dias, com todo mundo ganhando. Na bilheteria, não entra nada. Tenho uma folha de pagamento pesada. Também, tenho meus credores...

DIRETOR — Só estamos com o 1.º ato levantado. Ainda não comecei o 3.º porque os atores ainda não têm os papéis de cor.

ATOR — Perdão, mas eu já sei toda a minha parte.

EMPRESÁRIO — E para que se paga um ponto nesta Companhia?

PONTO — Muito bem dito, senhor empresário. Até que enfim lembraram-se de mim...

DIRETOR — Esta peça não pode ir com ponto! É diálogo botado.

ATRIZ — É inútil. Não consigo decorar.

DIRETOR — Eu acho que uma atriz sem memória, devia desistir da profissão!

ATRIZ — E quem foi que disse que eu não tenho memória? Decorei 6 monólogos inteirinhos, sem omitir uma vírgula, em "Tristesse".

PONTO — Mentirosa!... mentirosa...

ATRIZ — Era uma peça... E não essa porcaria que o senhor impingiu...

DIRETOR — Os tempos mudaram, minha senhora. Teatro hoje é outra coisa.

ATRIZ — Já sei: tem um diretor!

DIRETOR — Sem ele, adeus espetáculo!

ATRIZ — O público vem aqui, talvez, por sua causa... Tinha me esquecido...

DIRETOR — Não tenho as suas pernas...

ATRIZ — Há gosto para tudo, hoje em dia, cavalheiro...

PONTO (malicioso) — Isso é verdade!

ATRIZ — Sabe de uma coisa? acho melhor o senhor telefonar para o seu amigo autor... Digo-lhe para dar um pulo até cá. Lido 3.º ato e não gostei nada, nada do meu papel. Quero morrer falando e não vou me suicidar com um revólver. Isso é tem que modificar. Quero morrer envenenada. Sei morrer muito bem. Todos os críticos disseram isso, quando representei a "Bovary". Cai de uma escada de 15 degraus! E ganhei uma salva de palcos de 5 minutos!

DIRETOR — Natacha é uma grande peça!

ATRIZ — Tão grande, que o nome é da protagonista.

quando o principal papel é do homem. O papel de Sergio tem 200 palavras mais do que o meu.

ATOR — Você contou mal. 201!

DIRETOR — É uma peça para 2 atores, minha senhora! Atores!

ATRIZ — Está querendo insinuar que eu não seja uma atriz?

DIRETOR — Talvez...

ATRIZ — Ora viva o grande diretor! Depois de 10 anos de palco, descubro num ensaio fuleiro, que não sou uma atriz! (ri) Vocês principiantes, se enchem de vento quando vão ao estrangeiro e voltam de lá com um diploma, que a gente nunca vê o cheiro!

DIRETOR — Diplomado ou não, a verdade é que tenho capacidade... Talento!

ATRIZ — Talento!... Não foi isso que disse esta manhã o crítico do Diário...

DIRETOR (estourando) — Bolas! Não estou aqui para discutir esse assunto com a senhora! Fui contratado para ensaiar. Gostaria de saber a que horas posso começar!

ATRIZ — Agora mesmo... Com a condição: exijo que o senhor telefone para o seu amigo, pedindo a modificação do 3.º ato. Não faço a peça com aquele final!

DIRETOR (tirando do bolso um cartão, gritando) — Pedro: telefone para esse número e diga ao sr. Felisberto que venha me procurar no teatro, imediatamente. (sal o ponto)

ATRIZ — Vamos começar de onde?

DIRETOR — Cena III, 2.º ato. (atriz calmamente vai fumar um cigarro) Vamos, o que estão esperando? Já perdemos muito tempo.

ATRIZ — A cena não está arrumada.

DIRETOR — Sergio: quer dar um jeito nisso aí?

ATOR — É serviço do contra-regra.

DIRETOR — Bolas! (dando um berrão) Pedro! A cena! (pausa) Pedro! Onde se meteu esse raio desse ponto! (ponto aparece)

PONTO — A linha está ocupada... Estou insistindo...

DIRETOR — A cena!

PONTO — Está pronta.

DIRETOR — Segundo ato, imbecil...

PONTO — Não precisa me xingar. Isso é serviço do contra-regra...

DIRETOR — Já sei! (Ponto troca as cadeiras. E muda de posição os banquinhos)

ATRIZ (para o empresário) — Vamos! Vamos dando o fora...

EMPRESÁRIO — Deixe eu ficar, boneca...

ATRIZ — Eu ainda lhe esbofeteio hoje, se você tornar a me chamar de boneca!

EMPRESÁRIO — Eu fico lá atrás... Não vou incomodar...

ATRIZ — Já disse que não! Vamos! Vamos!

EMPRESÁRIO — Não precisa me enxotar... Afinal de contas, acho que ainda sou dono deste troço!

ATRIZ — É. Mas, quem manda sou eu... Está no contrato... Não se lembra?

EMPRESÁRIO — Estou no escritório... Se precisar de mim, é só mandar me chamar.

ATRIZ — Está bem, está bem... (vai empurrando-o)

EMPRESÁRIO — Boneca! Quero ir hoje à noite a uma boate. Quero dançar! Me sinto muito primaveril! E logo mais, boneca... (ouve-se uma bofetada dada no coxão) Estúpida!

ATRIZ — E não me apareça mais aqui, senão eu te esgano! (ator sentou-se e fumou um cigarro. Diretor parecia impaciente, reaparece a atriz) As suas ordens...

CENA QUARTA

Os mesmos, menos o EMPRESÁRIO

(Ator toma a cena, atrás da atriz, que se senta num sofá. A representação dessa cena deve ter marcações absurdas, para justificar o diretor que veio cheio de idéias, mas que não entende nada da profissão).

ATOR — Para onde você foi? (pausa) O que fez durante todo esse tempo? (pausa) Parece que tudo aconteceu ontem: (começa a falar baixo) Voltei alegre da viagem. Tomei banho...

DIRETOR (interferindo) — Voz. Não estou escutando nada.

ATOR — Tomei banho e fui direto ao apartamento. Lembrei-me que apanhei um taxi para chegar mais depressa.

DIRETOR (alto) — Voz! Você pensa que está numa sala de chá? O público quer ouvir...

ATOR — Não concordo falar nessa cena em voz alta. Esse homem está numa situação difícil...

DIRETOR — E quem está mandando você falar alto?

ATOR — Eu disse, voz! Para você lançá-lo no platê! Sonorizar. Eu tinha uma porção de novidades para te contar. Nem o elevador tive paciência de esperar. Subi os seis degraus a pé...

DIRETOR — Seis o que?

ATOR (gritando) — Andares!
 DIRETOR — Articule, rapaz.
 ATOR — Essas interrupções me atrapalham.
 DIRETOR — Vai-se habituando, porque meu processo é o melhor! Todo baseado em Stanislavsky!
 ATOR (passando um lenço pela testa) — Abra a porta e encontro tudo vazio... (transtornado) Mama mia! Não sei bem o que senti naquele momento...
 DIRETOR — Emoção!
 ATOR — No trem, já estava adivinhando...
 DIRETOR — Mais rápido, mais rápido...
 ATOR — Más notícias. Procurei...
 DIRETOR — Pausa, Sérgio. Não tenha medo da pausa...
 ATRIZ (entre os dentes) — A essa altura, o público está roncando...
 ATOR (pausado) — Procurei o zelador do edifício, na esperança de obter informações. (pausa) Nada. Você partiu; saudades me deixou. Eu chorei! Nem um bilhete ao menos. (pausa) Onde você esteve?
 DIRETOR — Ótimo, excelente. Mas, nessa última fala você tem que se aproximar mais um pouco. Vamos voltar.
 ATOR (aproximando-se) — Onde você esteve?
 ATRIZ (fria) — Longe daqui.
 ATOR — E eu que imaginava que você nunca pudesse...
 DIRETOR — Não declame, por favor!
 ATOR — Viver longe de mim! Sem o meu amor. No princípio, não quis acreditar. (pondo o rosto entre as mãos).
 DIRETOR — O gesto está ruim. Assim. Olhe para mim. (faz o gesto) Assim.
 ATOR (fazendo o gesto que o diretor indica) — Foi horrível me acostumar...
 DIRETOR — Correto.
 ATRIZ — Você parece bem disposto.
 DIRETOR — Não olhe para ele.
 ATOR — Como não vou olhar, se ainda não o vi...
 DIRETOR — Tenha a bondade de fazer o que estou mandando.
 ATRIZ (falando entre os dentes) — No dia eu faço o que me der na cabeça...
 ATOR (tocando-a) — Quando você chegou?
 ATRIZ — Não vá sujar o meu vestido. Você está com as mãos imundas. (Representando, repele-o e levanta-se) Três meses, mais ou menos.
 DIRETOR — Quem mandou a senhora se levantar?
 ATRIZ — Estou "sentindo" que preciso me levantar.
 DIRETOR — Aguarde na marcação.
 ATRIZ — Está errado! Ele está querendo me tocar e eu tenho que fugir... Estou seguindo a tal linha psicológica que o senhor me deu...
 DIRETOR (cortando-a) — Vá sentar-se, então, na outra cadeira.
 ATOR — E por que não me procurou? Quer dizer que se eu não tivesse encontrado você, por acaso...
 ATRIZ — Não cospe, que coisa!
 DIRETOR — Não é esse o texto!
 ATOR — Minha deixa é exatamente...
 DIRETOR — Exatamente é o que a senhora devia dizer...
 ATRIZ — Dá no mesmo.
 DIRETOR — No meu teatro, ator não muda o texto que o autor escreveu! Nem uma vírgula! Por favor, mais dignidade!
 ATRIZ — Daqui a pouco eu me levanto daqui e não faço mais droga nenhuma! (falando em tom mais alto) Tenha a bondade de me corrigir, sem comentários...
 DIRETOR — Segue.
 ATOR — Mas, afinal, o que foi que eu fiz para ser tratado dessa maneira fria? Amor, só tive por você. As outras foram meros flertes...
 DIRETOR — Flerte, Sérgio, flerte.
 ATOR — Foi o que eu disse...
 DIRETOR — Pensou, segue.
 ATOR — Creia-me: você ainda é tudo! —
 DIRETOR — Abraça-a (ator abraça-a) E a senhora, não fique aí parada. Empurre-o e tome a direita alta. (atriz executa o movimento) Não! Passe por trás do sofá, pelo amor de Deus!
 ATRIZ — Não berre, ouviu? Antes de vir para cá, devia ter passado por uma farmácia e tomado um calmante!
 DIRETOR — Segue.
 ATRIZ (nervosa) — E você pensa que já me esqueci daquele tempo em que vivíamos... Em que vivíamos juntos...
 DIRETOR — Segue.
 ATRIZ — Me esqueci...
 DIRETOR — A senhora ainda não decorou o seu papel?
 ATRIZ — Parece que não.
 DIRETOR — A estréia está marcada. Segue.
 ATRIZ — Seguir o que, se não sei mais o resto?
 DIRETOR — Onde está esse maldito ponto! Pedro! (entra Pedro correndo).

CENA QUINTA

Os mesmos e PONTO

PONTO — Com ela.
 DIRETOR — O ponto!
 PONTO — Acabei de dizer ao senhor que...
 DIRETOR — Não a coxia, idiota! Não quero ouvir a sua voz.
 PONTO — Tenho um recado para o senhor... É urgente!
 DIRETOR — Para a coxia! Segue. (Ponto corre para a coxia. Pausa). Atinal, o que estamos esperando? (Atriz fica quieta. Ponto aparece aflito)
 PONTO — Onde estão? (Diretor põe a mão na cabeça, dá um gemido) Eu estava lá dentro, não podia adivinhar... (ator mostra a cena) Pronto, pronto (Ponto vai para as bastidores).
 ATRIZ — Na sua companhia, nunca tive tranquilidade. Você aparecia no apartamento quando bem entendia. Eu não tinha mais sossego: dormia e amanhecia, pensando...
 DIRETOR — Mais baixo.
 ATRIZ — Será que ele vem hoje? À noite...
 DIRETOR — Pare! Pare! Não está sentindo que está fria? Eu quero sua voz embargada...
 ATRIZ — Minha voz sempre foi essa.
 DIRETOR — Ponha-a na caixa.
 ATRIZ — Que caixa?
 DIRETOR — Não é a do ponto... Pois, não.
 PONTO (aparecendo) — Me chamaram?
 DIRETOR — Para o seu lugar! (Ponto sai) Depois dizem que eu não tenho razão.
 ATRIZ — Não ensaie, mais droga nenhuma!
 DIRETOR — Veremos!
 ATRIZ — É uma ameaça?
 DIRETOR — Segue.
 ATRIZ (para o ponto) — Fale mais alto, idiota!
 PONTO (pondo a cabeça para fora) — Ele não quer...
 DIRETOR — Para a coxia! (ponto corre)
 ATRIZ — Se não puserem no dia o ponto na caixa, não representarei!
 DIRETOR — No moderno teatro do mundo, minha senhora, não se usa mais caixa de ponto. É anti-estético!
 ATRIZ — Mas, no meu teatro, continuará se usando... (Ponto bota a cabeça para fora) No dia, você vai para a caixa.
 PONTO — Sim, senhora (desaparece)
 DIRETOR — Quem manda no palco sou eu!
 ATRIZ — Eu acho bom você acabar com esses ataques histéricos! Berra para causar impressão não é? Não tenho medo de gritos, meu filho! Escuta aqui: se quiser montar essa peça, trate de ficar bonzinho. Por que a hora que eu soltar um berro, você vai subir pelas paredes. Ora, se vai!
 DIRETOR (calma) — Segue.
 ATRIZ — Ponto alto, Pedro. (continuando) À noite, não ia a lugar nenhum, nem recebia visitas, porque você podia aparecer de uma hora para outra. Não ia a festa alguma, com medo de...
 DIRETOR (pondo a mão na cabeça) — Não é possível... Assim não posso... Mais baixo!
 ATRIZ (baixinho) — Ficava gelada, quando num baile...
 DIRETOR — Voz!
 ATRIZ — Afinal o que é que você quer? Que eu fale alto ou baixo?
 DIRETOR — Estou falando para esse maldito Ponto. Segue.
 ATRIZ — Alto, Pedro.
 DIRETOR — Eu acabo com esse espetáculo, não dirijo mais, pronto! (Fica de braços cruzados)
 ATRIZ — Ótimo. Estava roxa para fumar um cigarinho. (Ponto vem acender o cigarro. Atriz tira uma pitteira e começa a fumar) Não faltarão diretores novos para se contratar. Eu pago bem. Aliás, meu camarim vive cheio dessas ratazanas.
 DIRETOR — Com uma atriz de sua mentalidade, ninguém pode fazer nada. (pausa longa)
 ATRIZ — Vai ensaiar ou não vai?
 DIRETOR (colmissimo) — Segue.
 ATRIZ — Alto, Pedro.
 PONTO — Sim, senhora.

CENA SEXTA

Os mesmos, EMPRESÁRIO e 3 CANDIDATAS

ATRIZ — Se o encontrava na rua, não me aproximava. (Entra Empresário e 3 Candidatas) Você podia não gostar. Quase sempre estava acompanhado... (Assim que vê o Empresário acompanhado, a Atriz interrompe o ensaio)

(*) Todas as falas da atriz são pontadas pelo Ponto. A atriz deve usar uma prosódia condenável pelo teatro. O Ponto idem.

DIRETOR — O que houve?

ATRIZ — Já disse que não ensaio na presença de pessoas estranhas.

DIRETOR — O que essas 3 moças estão fazendo aqui?

EMPRESÁRIO — Vieram fazer os testes que você marcou.

DIRETOR — E quem foi que disse que eu marquei para hoje?

1.ª CANDIDATA — O senhor disse que eu passasse pelo teatro, 5.ª feira, às 4 horas da tarde.

3.ª CANDIDATA — A mim, também.

DIRETOR — Hoje é quarta-feira e ainda não são 4 horas.

3.ª CANDIDATA — Perdão, mas o senhor está enganado: hoje é 5.ª feira, acabei de acertar o meu relógio. Passam 2 minutos das 4.

DIRETOR (Olhando para 2.ª Candidata, que veio de calças compridas) — É o senhorita, assim de calças...

2.ª CANDIDATA — Eu? Eu vinha passando por aqui, quando esse senhor (aponta para o empresário) me convidou para fazer uns testes.

ATRIZ (irônica) — Testes, eim? (Diretor pigarreia)

DIRETOR — Trouxeram alguma coisa preparada?

1.ª CANDIDATA — Decorei uma poesia.

DIRETOR — Não sabe nenhum trecho de peça? O papel que uma das senhoras 3 fará, exige desembaraço.

3.ª CANDIDATA — Representei na Alemanha, Goethe. Fiz o Margarida do Fausto. Na Polónia, numa festa de caridade, fiz um ato inteiro do Hamlet. (Esta candidata deve ter um forte sotaque estrangeiro)

DIRETOR — Que papel?

3.ª CANDIDATA — Claro que o Hamlet!

DIRETOR — O Hamlet?

3.ª CANDIDATA — Em travesti! Não fui a primeira. Sarah Bernhardt usou-o mais de uma vez. Tive 8 chamadas!

1.ª CANDIDATA (deve vir ao teatro vestida de colegial, com seu uniforme azul e branco, laço de fita no cabelo, meias e saias curtas) — Desde garotinha que sei recitar. Cantava e dançava. Fui menina prodígio. Adoro sapatear. Ai não tem uma vitrola!

DIRETOR — Não vamos montar revista! (para 2.ª Candidata) E a senhorita, o que trouxe para o teste?

2.ª CANDIDATA (embaraçada) — Eu?

DIRETOR (muito interessado na pequena) — Seu físico, não é mau. Quer atravessar o palco? (A moça executa suas ordens) Sorria. Mais um pouco. Nada mau. Sente-se agora naquele banquinho. Fique perto daquele cavaleiro. (O ator vem ao seu encontro) Tem alguma prática?

2.ª CANDIDATA — Não, senhor.

DIRETOR — Nunca fez teatro?

2.ª CANDIDATA — Uma vez, no Clube, um "show" que organizamos.

DIRETOR — O que é que você fez?

2.ª CANDIDATA — Uma ingênua.

3.ª CANDIDATA — Já fiz todas as ingênuas do teatro. De Berenice à Ofélia.

DIRETOR — O papel na peça não é o de uma seri-gaita. Fisicamente, a senhorita tem o tipo.

1.ª CANDIDATA — Meu físico não é bom, senhor Diretor? Dizem que em cena fico muito linda!

3.ª CANDIDATA (tom de discussão para com a 1.ª Candidata) — Beleza não vale nada! Em teatro, precisa-se ter talento! (1.ª Candidata faz diversas caretas).

DIRETOR — Bem, vamos aos testes. (apontando para 1.ª Candidata) Comece a senhora.

1.ª CANDIDATA (Toma cena, faz uma reverência bem de menina pequena, sorri. Começa a declamar num estilo bem próprio de aluna de grandes declamadoras do passado. Exagerada, sofisticada)

"As duas sombras", Olegario Mariano.

"Na encruzilhada silenciosa do destino,
Quando as estrelas se multiplicavam,
Duas sombras errantes se encontraram.

A primeira falou: nasci de um beijo, de luz, sou força, vida, alma, esplendor! (Diretor interrompe)

DIRETOR — Chega. Diga outra coisa.

1.ª CANDIDATA — Já vi que não gosta dos parnasianos. Direi um moderno.

"Esplendor selvagem". Não sei de quem é não...

Hipopotamos adolescentes
da zona norte,
Hipopotamos adolescentes
da zona sul,
Tudo azul, tudo azul, tudo azul...

DIRETOR — Basta! Você, agora. (3.ª Candidata com um ar trágico se levanta) Não, você. (3.ª Candidata amarra o corão)

2.ª CANDIDATA — Não trouxe nada de cór.

DIRETOR — Você vem aqui para fazer um teste e não traz nada preparado?

2.ª CANDIDATA — Queira me desculpar... Eu não sabia... (vai sair)

DIRETOR — Espere. Isto aqui serve. (Tira do bolso um pedaço de papel) Vá lendo esse trecho, enquanto sua colega faz o cena... (2.ª Candidata levanta e vem apertar o papel. 3.ª Candidata prepara-se: tira do bolso um pequeno punhal e toma o cena. É trágico o seu olhar, sua atitude).

3.ª CANDIDATA — Ser, ou não ser, eis a questão: se há mais nobreza d'alma em submeter-se às fundas e setas de fortuna inimiga, ou se tomar armas contra um mar de atribuições, e, combatendo, exterminá-las? Morrer, dormir, nada mais; e dizer que adormecendo...

DIRETOR — Chega! Digo outra coisa!

3.ª CANDIDATA — Sim, senhor. (Vai rápida até a sua bolsa e tira de lá uma grinalda. Põe-na na cabeça. 1.ª Candidata ri. Chega o ator da peça, que do fundo do palco, sem dizer uma palavra, mas estupefato, fica olhando o teste. Diretor faz caretas. Ponto quieto. Atriz presta o saltar uma gargalhada. 3.ª Candidata anuncia):

"Fausto", de Goethe:

"Meu dia de núpcias seria!
Não digas que estiveste já com Gretchen.
Foi-se a esperança,
A coroa, tão linda!... (esquece o papel)
Ich Gabwas drum, wenn ich nu wubt,

DIRETOR — O que?

3.ª CANDIDATA (consertando) — Estava me lembrando em alemão.

Hei de ver-te, ainda,
Mas não na dança.
Largo-me! eu não admito a força!
Não me agarres, mau, deste jeito!
Por amor de ti tudo tenho feito! (joga-se no chão)

DIRETOR — Basta!

3.ª CANDIDATA — Não cheguei nem a dizer uma estrofe...

DIRETOR — Já estou satisfeito... (chamando o ator) Chegaste em boa hora. (ator vai cumprimentando os presentes. Beija a mão da estrêla, que nesse momento está fumando sua piteira dourada. Dá-lhe um cumprimento seco. Ator vem ficar perto do Diretor) — (Para a 2.ª Candidata) Chegou a sua vez. Leia, em voz alta.

2.ª CANDIDATA (um tanto tímida, começa a ler, em voz alta) — Jack Wilson, um jovem de 71 anos, que quebra poste de madeira com os dentes, paralelepípedos com um muro e torce barras de ferro com sua força descomunal, está fazendo demonstrações de seu vigor extraordinário...

DIRETOR — Mais alto, menina.

2.ª CANDIDATA (falando um pouco mais alto) — E ensinando como alguém pode se transformar num Tarzan. O vigoroso septuagenário fará hoje uma exibição, (Comentários do Diretor para o Autor. Olhares de ódio da Atriz).

DIRETOR (interrompendo-a) — Eis o seu lirio ideal. Vou mudar o linho do papel, dando-lhe um linho mais suave. Uma verdadeira ingênua!

ATRIZ (levantando-se) — Se essa moça fizer o papel de Irina, não entro em cena!

DIRETOR — Por que?

ATRIZ — Dispensio comentários.

DIRETOR — Mas afinal eu sou ou não sou o diretor de sua peça?

1.ª CANDIDATA — Senhor diretor: quer dizer que não gostou de mim!

3.ª CANDIDATA — Absurdo! Dizer Goethe, Shakespeare, para no fim uma que mal leu um recorte de jornal me passar a frente! A crítica no estrangeiro sempre me pôs nas alturas (para o Diretor) Quem é o senhor? Em que escola foi diplomado?

DIRETOR — Em nenhuma!

3.ª CANDIDATA — Eu logo vi!

1.ª CANDIDATA — Eu podia fazer o papel da ingênua na linha que o senhor mandasse. Não se esqueça que sou diplomada por uma Academia Dramática. Quer que eu diga um trecho de tragédia grega?

DIRETOR (gritando) — Não!

1.ª CANDIDATA — Nervoso! Não preciso gritar!...

ATRIZ — A candidata devia ser moça. (Aponta para a 3.ª Candidata)

3.ª CANDIDATA — Gostou de mim? Vê-se logo que a senhora é uma artista!

DIRETOR (para o Empresário) — O autor é da mesma opinião que eu.

3.ª CANDIDATA — Proteção!

ATRIZ (para o autor) — Já que está presente, quero lhe participar que não representarei o seu 3.º ato como está escrito.

AUTOR — Seu papel é lindo nesse ato, Dorinê!

ATRIZ — É lindo, mas não gosto.

AUTOR — Qual a cena de que você não gostou?
 ATRIZ — Todas!
 AUTOR — Pois todo mundo que leu, achou o meu melhor ato.
 ATRIZ — Para o galã e para essa Irina que você imaginou...
 AUTOR — Então, Dorine: você acha que o papel de Irina seja melhor do que o seu?
 ATRIZ — Claro que é melhor! Eu não vou admitir que na minha Companhia vá se contratar um elemento que no fim vai roubar a peça toda. A não ser que você modifique o final: quero morrer falando e envenenada.
 AUTOR — Uma tirada de 20 linhas?
 ATRIZ — Não seria mau. (pausa)
 AUTOR — Está bem, mas não faça.
 ATRIZ — Então, não se estréia...
 AUTOR — Tenho um contrato!
 EMPRESÁRIO — Dorine... Meu bem... Compreendo...
 ATRIZ — Não quero compreender nada! Disse que não represento e está acabado! Não me façam ficar histérica!
 3.ª CANDIDATA — O que estou fazendo ainda aqui... Teatro bagunça... Se soubesse que era isso... (para a atriz) Tive muito prazer em conhecer a senhorita... (para o Diretor) Ditador! (sai)
 1.ª CANDIDATA — Não vão me aproveitar?
 DIRETOR — Não!
 1.ª CANDIDATA — Bobo! (dá uma rabanada e sai)
 ATRIZ — Se não mandarem chamar imediatamente a moça que disse o "Hamlet" e não derem a ela o papel, eu dou um berro que as paredes vão tremer! (Dá um grito)
 EMPRESÁRIO — Pedro! Pedrinho, corra atrás daquela moça e traga-a de volta! (Pedro sai)
 DIRETOR — Volte, Pedro! (Pedro volta)
 EMPRESÁRIO — Vá, idiota!
 DIRETOR — Não precisa! A candidata já está escolhida...
 ATRIZ (num berro. Pedro sai numa disparada. Todos se assustam) O que é que você está pensando, hein? Que manda alguma coisa? Não preciso de diretor nenhum! Tenho meu nome feito! (Para o autor) E não vou fazer mais Natacha nenhuma! Nem com 3 mortes no fim! Rua, com vocês todos, andem! Rua!

DIRETOR — Vedette! Vedette de revista!
 AUTOR — Fique sabendo que sou muito autor!
 ATRIZ — Pode botar sua peça no gaveto! Não haverá estréia!
 AUTOR — Irei a juízo! Quero uma indenização!
 EMPRESÁRIO — Dorine! Minha bonequinha... Veja bem o que você está fazendo! Será minha ruína...
 ATRIZ — O culpado disso tudo foi você! Eu não queria ser dirigida! E muito menos representar essa Natacha! Toma! Vê se é bom... (dá-lhe uma bofetada)
 ATOR — Vou-me embora! Quando acabarem com essa bagunça, mandem me chamar. (sai)
 ATRIZ — Pode ir embora todo mundo! Não preciso de ninguém! Por isso, sou uma estrela! (Chega o ponto)
 PONTO — Não encontrei mais a moça.
 ATRIZ — Não precisa! Tive uma ideia genial! Vou telefonar agora mesmo para Isac. Prometeu escrever uma peça para mim! É um grande autor!
 DIRETOR — A minha vingança é que há de ir tudo para o porão, sua conastrona!
 ATRIZ — Rua! Rua, antes que eu faça uma besteira! (Correm numa disparada o Diretor, Autor, Empresário e 2.ª Candidata)
 ATRIZ (numa atitude grandiloquente) — Doravante, só representarei monólogos! Será a minha glória!
 PONTO (ajoelhado) — E eu pontarei tudo para a senhora! Vou dar cada tiro! (beija-lhe a mão)

Pano

(Na abertura do pano, Atriz e Ponto começam a agradecer, atirando beijos para o público. Inesperadamente, aparecem também para agradecer Diretor, Autor e Ator. As 3 candidatas vêm em alvoroço, perseguindo o Empresário para que ele faça uma companhia para cada uma delas. Ao ouvirem as palmas, sobem ao palco e cada qual quer jogar mais beijos para o público. Até que a 2.ª Candidata dá um forte empurrão na Atriz e começa a briga de todo mundo. O Diretor grita: PANO! A cortina se fecha e quando abre pela última vez, devem os intérpretes estarem de mãos dadas para a agradecimento.)

FIM



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS SR/DPF/RJ

PARECER N+ 519/84

DATA: 18/04/1984

TÍTULO: "PRIMA DONNA"

AUTOR: JOSÉ MARIA MONTEIRO

GÊNERO: Leitura de peça para teatro

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIO: 14 (quatorze) anos

JUSTIFICATIVA DA IMPROPRIEDADE: Temática adulta

Trata-se de uma farsa, escrita em um só ato, cujo tema abordado é a figura da "prima donna"- ou seja- a primeira dama de um teatro e seu relacionamento com todos os demais componentes a que um grupo teatral integra-se.

Como espaço, o palco de um teatro, a sua estréia próxima e o relacionamento desta com os demais componentes- ator, diretor, empresário, tres candidatas a um papel coadjuvante, a figura do "ponto", autor e mesmo a crítica teatral.

No desenrolar da obra, revelam-se o clima de competição, rivalidade, histerismo, amadorismo e o desejo de aparecer inato em cada um deles a qualquer custo. Finalmente, sua atriz principal, a todos expulsa do teatro, só restando apenas ela é o "ponto", decidindo-se que daí por diante todo o trabalho de autores serão para ela somente escritos.

MENSAGEM PRINCIPAL: Negativa, por não aceitar uma competição honesta, e à custa de atitudes históricas, a vaidade sobrepujando a valores éticos e morais, por parte da "prima donna." Exclue a todos, com seu egoísmo e exibicionismo.

MENSAGEM SECUNDÁRIA: a atriz vale-se de ligações extraconjugais com seu empresário a fim de poder financeiramente levar seu espetáculo ao público, sob qualquer meio, portanto, o que é bastante atenuado pelo tom de comicidade imposto.

PÚBLICO ALVO: É o adolescente/adulto, de alguma maturidade, devido à temática abordada e a ligação extraconjugal sugerida.

LINGUA GEM: Utilizada pelo autor é a coloquial.

GRÁU DE PERSUAÇÃO: O tema deve apenas divertir a platéia, devido à cenas, situações e personagens engendrados pelo autor do espetáculo.

Devido ao acima exposto, sugiro a LIBERAÇÃO do texto com impropriedade para menores de 14 anos, condicionando-o ao exame do Ensaio Geral. É O PARECER.

Rio de Janeiro, 18 de abril de 1984.

Carmen Lucia I. do V. Vieira
CARMEN LUCIA I. DO VALLE VIEIRA
TÉC. CENSURA - matr. 022.1188

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS SR/DPF/RJ

PARECER N+ 520/84

DATA: 03/05/84

TÍTULO: PRIMA DONNA

AUTOR: JOSÉ MARIA MONTEIRO

GÊNERO: LEITURA DE TEXTO - PEÇA DE TEATRO

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIO: 14 ANOS

JUSTIFICATIVA DA IMPROPRIEDADE:

Uma atriz de teatro moderno, amante do diretor, que sonhava com sua apoteóse - o grande espetáculo teatral de sua carreira, contracenava com um rapaz inteligente e tecia / considerações que entravam em atrito com todo o grupo.

Há uma nova idéia de se trocar a atriz e também acontecem discussões e tomadas de posições e até mesmo intenção de modificação da peça sem se consultar o autor, que indignado passa a criticar a todos.

Considerando o exposto, por apresentar linguagem coloquial e uma mensagem apenas de entretenimento, opinamos pela liberação do espetáculo com impropriedade para menores de / 14 anos, devido a sua complexidade.

Rio de Janeiro, 15 de maio de 1984


Bel. Teresa Guimarães Paternostro
Téc. Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 2.415.822

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS SR/DPF/RJ

PARECER N+ 521/84

DATA: 03.05.1984

TÍTULO: " PRIMA DONNA "

AUTOR: JOSÉ MARIA MONTEIRO

GÊNERO: Leitura de texto

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIO: 14 anos

JUSTIFICATIVA DA IMPROPRIEDADE:

Trata-se de uma s'atira ao teatro, onde o autor mostra o choque de mentalidades de um diretor de teatro moderno cujo maior sonho era fazer um grande espetáculo, uma atriz e um ator de talento discutível, sendo a primeira amante do empresário com o objetivo somente de promover-se e o ponto, cujo trabalho torna-se adequado ou não dependendo das exigências de cada um. Situações e confusões paralelas acontecem quando da escolha de uma outra atriz e das pretensões dos atores de modificar o texto sem a autorização do autor.

Em tom de comédia o autor critica os bastidores de um teatro, numa linguagem limpa e coloquial.

O texto não possui uma mensagem específica, mas torna-se adequado ao público maior de 14 anos, em razão da compreensão da faixa etária até aquela idade.

RJ, 03 de maio de 1984

Maria Cecilia M. Oliveira Costa

Del. Maria Cecilia M. Oliveira Costa
T. Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 2.415.806

SERVICO DE CENSURA DE DIVERSOES PUBLICAS SR/DPF/RJ

PARECER N°

522/84

DATA: 02/05/84

TITULO: A PRIMA DONA

AUTOR: WALTER MOREIRA DA FONSECA

GERENCO: ENSAIO GERAL DE PEÇA DE TEATRO

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIO: 14 ANOS

JUSTIFICATIVA DA IMPROPRIEDADE: A COMPLEXIDADE DA TEMÁTICA

Conforme determinações comparecemos ao Teatro Ginástico para procedermos ao ensaio geral da peça em questão, ao que constatamos que o texto foi obedecido na íntegra.

Cenário: biombo, mesa com cadeira, dois banquinhos, mesa lateral, almofadas jogadas no chão e espelho metálico ao fundo.

Vestimentas: vestido comprido estilo anos 30, calça camisa e suspensório, casaco de homem estilo desta época.

Iluminação: todo o tempo com luz rosa e em destaque certas cenas com foco vermelho.

Marcação: bem movimentada, os atores vão do palco a platéia e na final do espetáculo dançam um tango.

Considerando e exposto, opinamos pela liberação do espetáculo com impropriedade para menores de 14 anos.

Rio de Janeiro, 2 de maio de 1984

Flávia Lucina D. Costa
Mat. 2415806

[Assinatura]
Bel. Teresa Guimarães Paternostro
Téc. Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 2.415.822

Carmen Lucia I. do Valle Vieira
CARMEN LUCIA I. DO VALLE VIEIRA
TÉC. CENSURA - matr. 022.1188



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617, p. 242

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 097/84

PROVISÓRIO

PEÇA " A PRIMA DONA "

ORIGINAL DE JOSE MARIA MONTEIRO

JUSTIFICATIVA DA IMPROPRIEDADE:

COMPLEXIDADE DA TEMÁTICA

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 22 de JULHO de 19 84

PROIBIDO

PARA

MENORES

DE 14 ANOS

~~BRASIL~~ 22 de MAIO de 19 84

Maria Helena da Costa Medeiros
Maria Helena da Costa Medeiros
Chefe do SCDP/SR/RJ
Diretor da DCDP

M.J.-D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada " PRIMA DONA "

Original de JOSÉ MARIA MONTEIRO

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por WALTER MOREIRA DA FONSECA

Tendo sido censurada em 02 de MAIO de 19 84 e recebido

a seguinte classificação: 14/ ANOS ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO POR ESTE SCDP/SR/RJ

RJ 22 de MAIO de 19 84

Maria Luiza Lopes Resende
Maria Luiza Lopes Resende
Chefe do Serviço de Censura
Chefe da SCC/SCDP/SR/RJ

TEATRO

TÍTULO ~~XXXXXXXXXXXX~~ PRIMA DONA.

AUTOR: JOSÉ MARIA MONTEIRO.

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 14 Anos.

Praça SR/RJ

Obs.:

DF. 06 / 06 / 84 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 14 (quatorze) anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensino.

Obs.: cert. provisório - SR/RJ

Brasília-DF, 06 de 06 de 19 84

Sélio Rubente Cavallhedo
F. 2.415.701

Brasília-DF

de

de 1.97

J J - Tema complexo

4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de para o qual os seniores propõem a classificação etária de 14 (quatorze) anos.

Brasília-DF, 07 de junho de 19 84

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma de parecer

Em 07 de junho de 19 84

Solange M. T. Fernandes
Diretora da DCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº 0268	EMIÇÃO 07 JUNHO DE 1984	VALIDADE 07 JUNHO DE 1989
TÍTULO PRIMA DONNA		
AUTOR (ES) JOSÉ MARIA MONTEIRO		
CLASSIFICAÇÃO 14 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS		
JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE TEMA COMPLEXO.		

Solange M. F. Hernandez
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
DIRETORA DA DCDP
ASSINATURA

TÍTULO: **PRIMA DONNA**
ESPÉCIE: **PEÇA TEATRAL**

CERTIFICADO Nº **0268**

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: **WALTER MOREIRA DA FONSECA - RIO DE JANEIRO/RJ.**

DECISÃO: **IMPRÓPRIA PARA MENORES DE (14) QUATORZE ANOS. CONDI
CIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO
SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVI
DAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.**

Nei de Oliveira
NEI DE OLIVEIRA
CHEFE DO SC = DCDP
ASSINATURA

BSB , 07 DE JUNHO DE 19 84

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617, P. 245

12 junho de 1984

950/84-SE/DCDP

RJ.

" PRIMA DONNA ", de José^Maria Monteiro.

Atenciosamente
Solange M. F. Hernandez
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP



MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
CÓDIGO - 08202

9 NOV 08 15 53 008416

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL / BSB
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Of. nº 6.824/85-SCDP

Curitiba, 27 de Novembro de 1.985

Do Chefe do SCDP/SR/PR

Ao Senhor Diretor da DCDP/DPF

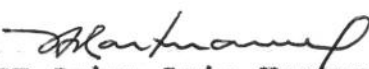
Assunto: Ref. Of. nº 1.165/85-SO/DCDP de 110685

Senhor Diretor,

Nos termos do ofício da referência, fazemos encaminhar, pelo presente, cópia do Processo de liberação da peça teatral de José Maria Monteiro intitulada "PRIMA DONNA", liberada por esta descentralizada para maiores de 14 (catorze) anos, a requerimento de Maria Luisa Rosas Bassinelli para o Grupo de Teatro Amador NESACLI desta Capital.

Na oportunidade, renovamos nossos / protestos de consideração e estima.

Atenciosamente,


CF Jaime Luis Hartmann
Chefe do SCDP/SR/PR

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Maria Luiza Rosa Cassinelli

Requerente

Bras.

Nacionalidade

Arteza

Profissão

Carteira de Identidade 3.183.377 - 9 Ins. Ind. de R.

Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Rua Rio Luri nº 25 Bairro

plto 3 C73e Pa., vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas

censórias vigentes, a (s) Pega de teatro abaixo relacionada (s),

Espécie

de autoria de: José Maria Monteiro

Título (s)

Prima Donna

Nestes termos,

Pede deferimento.

Emi Lize, 28 de julho de 1985

Local e Data

Maria Luiza Rosa Cassinelli

Requerente

Anexos:

1 - EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: Grupo de Teatro Amador Nezakhi CGC: _____
Sede: _____

CEP: _____
Diretor ou Responsável: Daniel Luiz Rosa Bassinelli

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: Moisés Paulo Monteiro
Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

3 - PARCERIA

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: Quintana, 26 de julho de 1985

Ass.: Daniel Luiz Rosa Bassinelli



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil

Rio de Janeiro — Brasil

CURITIBA, 26 de julho de 19 85.
de de 19

Ilmo. Sr.

Ilmo. Sr.

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Estado do Rio de Janeiro

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Estado do Rio de Janeiro

PARANA

N/CAPITAL

Saudações atenciosas:

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V.Sa. para
fins de CENSURA, três cópias da peça

" PRIMA DONA "

Original de JOSE MARIA MONTEIRO

Original de

Tradução de

Tradução de

Próxima apresentação de GRUPO NESAC

Próxima apresentação de

Teatro AUDIT GLAUCO - GUAIRA

Cidade CURITIBA

Teatro

Cidade

Estado PR

A estréia está prevista para 2ª quinzena de agosto/85.

A estréia está prevista para

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

Pela SBAT,

Pela SBAT

José Maria Monteiro,

Prima Donna

PERSONAGENS:

PONTO.
DIRETOR.
ATOR.
ATRIZ.
EMPRESÁRIO.
AUTOR.
1.^a CANDIDATA.
2.^a CANDIDATA.
3.^a CANDIDATA.



M - Vol. 89

MATERIAL: 1 Poltrona de Braços -
1 sofá - 1 cadeira - 1 banco
pequeno - 1 vitrola - 1 mes-
inha - 1 Jarro de flores - 2
banquinhos (1 vermelho e 1 azul)
1 espanador.

ATO ÚNICO

CENÁRIO

Quando começa o espetáculo, o palco está no escuro. Pano fechado.

Conforme o teatro, o Ponto entra pela platéia ou pelo palco propriamente. Abre o pano e grita para a coxia:

PONTO — Cavaquinho, ó Cavaquinho! Acor-
da, homem, que o senhor Diretor não deve tar-
dar. Está na hora do ensaio. (Acende a luz.
Vê o palco desarrumado e exclama:) Bonito:
Não tem ninguém. (Tira o casaco, trocando-o
por um guarda-pó e fala:) Pedro, mãos à obra.
Mostra, para essa gente nova, que em teatro não
há grandes nem pequenos papéis. Existem ar-
tistas, como você. (Põe no lugar uma poltrona
de braços para o Diretor. Coloca um sofá no
meio da cena. Uma cadeira e um banco peque-
no de cada lado. Lembra-se de qualquer coisa
e liga uma vitrola. Ouve-se uma cantora jama-
sa na grande ária da Traviata: «Sempre libera».
O Ponto se delicia. Põe uma mesinha com um
jarro de flores, no centro da cena. Dois ban-
quinhos, um pintado de vermelho e outro de
azul, na esquerda baixa, perto da cadeira do Di-
retor. Pega um espanador e começa a limpar
os móveis, sempre se deliciando com a ária da
ópera. NOTA: O ponto pode vir cantarolando
um trecho de ópera, no início da peça, isto é,
quando ao entrar no teatro encontrou tudo ain-
da por fazer. Depois de tudo no seu lugar, o
Ponto senta-se no sofá, fica-se abanando com o
espanador, ouvindo sua ária predileta, até o mo-
mento em que o Diretor fizer sua entrada. Este
fica parado alguns segundos, e só é notada a
sua presença através de um pigarro imperti-
nente).



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617, P.251

CENA PRIMEIRA

PONTO E DIRETOR



PONTO — Boa tarde, senhor Diretor. Vou desligar. (*Desliga a vitrola*) Como passou de ontem para hoje? Cavaquinho, o contra-regra novo, ainda não chegou. (*Pausa*) A cena está a seu gosto?

DIRETOR — Você hoje vai pontar da coxia. Não quero ouvir sua voz.

PONTO — Ela ainda não sabe o papel direito...

DIRETOR — Esta peça tem que ir sem ponto.

PONTO — Duvido...

DIRETOR — Duvida o que?

PONTO — Que ela decore (*Pausa*). No meu tempo, ninguém precisava decorar nada. Mas, naquela época, havia atrizes... Alguém só podia ser considerado ator, depois que fizesse 10 papéis diferentes. Mas hoje, qualquer amadorazinha é atriz... E só quer fazer papel principal. "Não faço pontas", é só o que elas sabem dizer... (*Pausa*). A grande Madalena Brazão era analfabeta e foi a maior atriz do seu tempo. Ninguém representou a Dama das Camélias tão bem quanto ela. Que voz! Que vibração! Uma verdadeira artista! Posso citar uma dúzia de atrizes do passado que não sabiam ler... Tinham é isso (*Mostra o ouvido*) muito bom. Conheci um grande ator que, para ouvir o ponto, tossia sempre antes da fala. O ponto já sabia. Atacava logo. A própria Madalena Brazão tinha um jeito todo especial... Essa era na marcação. Quando ela parava no palco, toda etérea e botava a mão no queixo, é porque não sabia o que vinha adiante...

DIRETOR — A época dos pontos já passou...

PONTO — Passou, mas até hoje as grandes companhias nos disputam... Como eu, existem poucos. Pontar é uma arte, senhor diretor. Exige vocação, um artista. Por que não sei se o senhor sabe: um ponto derruba um espetáculo. (*Reação do Diretor*) Já pensou a gente vir para o teatro meio no pileque e saltar uma página?

DIRETOR — O teatro moderno não admite mais ponto!

PONTO — Todos esses seus sonhos são muito bonitos, mas aqui nesta Companhia não vingam... A estrêla nunca teve cabeça para decorar... Conheço-a primeiro do que o senhor. Vaidosa! Sabe que ela não aceita papéis que não tenham no final do 2.º ato uma grande cena. Não sei como o senhor a convenceu desta vez... Esta peça não é o gênero dela...

DIRETOR — É uma comédia sem ária...

PONTO — E danada para a gente pontar... É cheia de ditos, de frasezinhas, de besteirinhas... Se ainda o senhor permitisse a gente botar uns cacozinhos... Eu podia ajudar na colaboração... Já tenho dados tiros sensacionais.

DIRETOR — Tiros?

PONTO — Vê-se logo que o senhor é novato na profissão... Tiro é uma gargalhada! A eminente Regina Célia não estreava uma peça, sem primeiro pedir minha opinião do que ela ia dizer fora da peça. Sempre deu certo. Dei-lhe cada idéia! Inventamos uns sinais só pelos lábios. Eu não precisava falar... Bons tempos! Mas, a profissão do ponto é muito ingrata. Antigamente era um buraco apertado, com as pulgas mordendo a gente por baixo. Hoje esse tal de teatro moderno botou a gente na coxa, correndo feito um doido, detrás dos cenários, de acordo com a marcação... E que marcação mais sem graça, Santa Madona... Costas para o público... Os atores falam



sem olhar um para o outro. Fala-se tão baixo, que da 3.ª fila em diante não se escuta nada... Dizem esses "snobs": É moderno! Chique! Olhe: Eu já pontei uma peça, que nos 3 atos ficava tudo escuro. Sabe o que aconteceu? Uma das figurantes, que só entrava no 3.º ato, quase... Sabe? Com o contra-regra... É por que na hora "H" ele tinha que soltar um foguete e alguém gritou: "O foguete! O foguete!"

DIRETOR — Bem mostra que você é ponto...

PONTO — Por quê?

DIRETOR — Fala demais.

PONTO — Aqui para nós... Que ninguém nos ouça: o senhor não vai ficar zangado se eu lhe disser uma coisa?

DIRETOR — Diga.

PONTO — Acho que essa peça vai para o porão.

DIRETOR — Ah! (*Passeia em cena*)

PONTO — O público não vai gostar. Eu conheço teatro. Meu pai foi o grande palhaço Zuzu e minha mãe a graciosa dançarina Lili.

DIRETOR — Cale essa boca!

PONTO — Pensei que o senhor estivesse gostando de me escutar...

DIRETOR — Será que na sua profissão você já não fala o suficiente? Cale essa boca!

CENA SEGUNDA

Os mesmos e ATOR

ATOR — Boa tarde. (*Pausa*) Leu o Diário?

DIRETOR — (*Sêco*) Não.

DIRETOR — É um imbecil!

ATOR — Ora essa! (*Outro tom*) Te pôs toda a culpa. (*Mostrando um jornal*).

DIRETOR — Bolas! Sou um diretor e não um ensaiador! Não fui contratado para ensinar alunos. Pro-



duzo espetáculo! Mas, para isso, me dêem atores! Atores! Claro que o meu processo é moderno. Para que estudei na Europa e passei 6 meses vendo espetáculos na Broadway? Para voltar à minha terra e continuar ensaiando como a maioria ensaia? Uma brisa! Tudo que sabem fazer é pôr um sofá no meio da cena, duas cadeiras ao lado. A célebre mesinha com uma jarra de flores em cima! Uma personagem se senta, a outra se levanta. Quando esta se senta, aquela fica de pé. Não! Esse teatro de 1900 eu não faço! O teatro da prima donna, que canta a grande ária e morre no fim tuberculosa... O maldito teatro do ponto, essa coisa horrorosa!...

PONTO — Perdão, senhor Diretor, mas o ponto...

DIRETOR — Se você me der mais um pio, mando-lhe despedir!

PONTO — O senhor pode dispensar-me, mas eles precisam de mim.

ATOR — Ele não fez nenhuma restrição ao meu desempenho. E olhe que ele anota tudo durante os espetáculos!

DIRETOR — A crítica não existe!

PONTO — (*Entre os dentes*) Quando mete o pau, não...

DIRETOR — Como pôde elogiar essa mulherzinha... Que benevolência!

PONTO — Está danado porque a crítica meteu o malho.

DIRETOR — (*Tirando do bolso uma porção de recortes de jornal, que passa a ler*) "O papel não lhe assenta, mas graças ao seu talento, sua malícia salvou o espetáculo, que é todo mau, direção fraca e texto insípido..." Insípido é a cara dele.

ATOR — É a dona da companhia, não se esqueça.

PONTO — (*Baixo*) E amante do empresário. Muita gaita!



DIRETOR — Você viu a trabalhadeira que ela me deu: ensinei-lhe gesto por gesto. Eis aí a graça que esse imbecil descreveu... A malícia, o talento sou eu! Depois, colocar aquela voz em falsete, sabe lá o que é isso?

PONTO — Eles acham que é maviôsa! Pra que discutir? Pra que?

DIRETOR — O mau do teatro é a burrice das vedetes. Tôda vedete é burra! Não enxerga meio palmo adiante do nariz. Se tivesse que fazer o papel de uma mendiga, gostaria de aparecer em cena com um vestido de Cristian Dior. (*Outro tom*) Mas quero ver se com essa peça eles não vão falar bem de mim! Hei de mostrar-lhes o poder de um diretor! Sem diretor, não se cria espetáculos! As luzes, o ritmo! Ator é boneco, marionete de nossos comandos!

ATOR — Perdão! Nunca fui à Europa, nem à América, mas não sou fantoche de ninguém. Sou um ator!

PONTO — Que derruba! derruba. É só tomar um pilequinho...

DIRETOR — (*Para o ponto*) Que anarquia é essa, heim? Recolha-se à sua modesta insignificância...

PONTO — Queira me desculpar, senhor diretor.

DIRETOR — Estou procurando um modo de iluminar o 2.º ato com luz negra. Quero vesti-la de amarelo e você de branco. Vou jogar 4 refletores laterais e uma bateria lá no fundo. A cena do idílio vai ter uma salva de palmas, ora se vai! Depois, as últimas marcações que fiz para você são realmente geniais. Por favor Sérgio, não me interrompa, porque hoje vai tudo brotar do meu cérebro, como água que jorra da cascata. Bonita imagem, não? Depois dizem que não sou poeta... Inveja!

PONTO — Prima donna! Prima donna!

DIRETOR — Quero uma cena tôda em pantomima no 3.º ato.



ATOR — Pantomima depois da Ópera de Pequim, está fora de moda. Deixou de ser mistério...

DIRETOR — Pois em Paris ainda é a coqueluche dos jovens. Aliás, fiz um curso completo. E já havia estudado na América, no estúdio de Chaplin.

ATOR — E Chaplin tem estúdio? Pensei que ele só tivesse...

DIRETOR — (Cortando-o) Aquilo é que é um gênio! Eu devia ter ficado por lá e tentado Hollywood. Seria hoje um diretor famoso! Sim, porque a minha vocação é mesmo para dirigir: agrupar massas, amoldar temperamentos, dar ordens! Sou neto de alemão e bisneto de espanhol!

ATOR — É o sonho de toda gente: sair daqui, estudar, para depois voltar. E vencer!

DIRETOR — O estudar fora só adianta, realmente, quando se tem alguma coisa aqui dentro...

ATOR — E acha que eu não tenho essa coisa?

DIRETOR — Não quis dizer isso... Pelo contrário: Você até que tem muitas qualidades: voz, físico, desembaraço... Mas...

ATOR — Mas o que?

DIRETOR — Falta-lhe presença!

ATOR — É a primeira vez que ouço dizer isso de mim...

DIRETOR — Não vá ficar com complexo, mas falta a você presença de ator!

ATOR — Sempre tive unanimidade de crítica! Posso mostrar-lhe meu álbum de recortes...

DIRETOR — Como se a crítica valesse tudo! E a opinião de gente entendida? Essa sim, é que eu dou valor. Aliás, na Gôndola ninguém gosta de você...

ATOR — O público me adora!

DIRETOR — Público... Essa massa ignorante, sem cultura, que não raciocina... Riem por qualquer palhaçada, por qualquer piada imoral. Detesto o público!



ATOR — (Discutindo) Não se esqueça de que recebo sempre mais de 500 cartas depois das estréias...

DIRETOR — (Idem) No teatro, meu rapaz, a ambição deve ser maior que a vaidade!

ATOR — (Idem) Tenho as duas! Por isso, sou um ator!

DIRETOR — Eu não, sou um criador! Um intelectual! Crítica... público... gente analfabeta...

ATOR — Então, por que ficou danado com a opinião do "Diário"?

DIRETOR — Por isso mesmo! Ele foi injusto! Detesto a injustiça! Não falou nas belíssimas marcações que eu fiz... Mas a peça esteve aí para desmentir tudo: fez carreira, não fez? Casas repletas todas as noites... Essa é a minha vingança!

ATOR — E pensa que o público vem aqui para admirar as suas geniais marcações? Suas luzes maravilhosas? Já viu os cartazes na rua? A propaganda dos jornais? Estão cheios de pernas nuas, de vestidos transparentes... Chama público! O empresário diz que o público quer ver mulher nua! Na propaganda, só sai o nome dela, o retrato dela em todas as posições... Para isso, a estrêla tem um velho coronel que paga todo esse luxo. Arrendou este teatro e paga bem à gente para aparecer ao lado dela!

PONTO — É a prima donna!

ATOR — Pensa que não sei que tenho mais talento do que ela? Os críticos já disseram isso não sei quantas vezes. O que eu ainda não tive foi uma chance... Mas, ela que vá se preparando com esta peça... Vou engolir todo mundo!

PONTO — (Mais alto, contente) Prima donna! Prima donna!

ATOR — Estudo meu papel como um leão. Eu sei que o segundo ato é todo meu! Apreendi a dar a gargalhada. Quer ver? (Dá uma péssima gargalhada e se joga no chão. Diretor tapa os ouvidos. Ponto faz uma



careta e balança com a cabeça) Gostaram? Fiz esta cena ontem, numa roda de amigos e todo mundo gostou. Uma grande atriz presente, estrangeira, não entendeu patavina, mas ficou de boca aberta... *(Para o Diretor)* Que tal?

DIRETOR — Muito falsa! *(O Ponto ri)*

ATOR — Estou fazendo o que você mandou... É difícil!

DIRETOR — Entre a gente mandar fazer uma coisa e essa coisa sair bem, a diferença é grande. Teatro, meu caro, é execução, técnica. É uma tragédia! Os atôres... são todos...

PONTO — Burros, não é isso, senhor diretor?

ATOR — A conversa não chegou ainda na cozinha!

PONTO — Estou usando uma imagem que ainda há pouco o mestre usou...

DIRETOR — Infelizmente, é bem a palavra...

PONTO — Viu?

ATOR — Eu não admito... Fiquem sabendo que eu não me considero burro! Entendo qualquer papel! Já estudei o Édipo-Rei inteirinho com Zanelli! E na cena com Tiresias, que é difícilima, existe uma passagem de um subjetivismo atroz... Não tem explicação... E Zanelli ficou boquiaberto com a explicação que arranjei. Disse-lhe... *(Discussão de fora. Vozes. Mulher: Paspalhão! coisa imprestável! Homem: Minha bonequinha! Meu tesouro!)*

CENA TERCEIRA

Os mesmos, ATRIZ e EMPRESÁRIO

EMPRESÁRIO — Minha jóia. Não fique zangada! Compre outra para você. Em que loja você comprou?



ATRIZ — *(Mostrando uma luva, que tirou das mãos do Empresário)* — Não vê que era uma lembrança, idiota! Que nem uma outra coberta de brilhantes teria o mesmo valor? Mandei êsse imbecil segurar a minha bolsa e as minhas luvas enquanto fui ao cabeleireiro. Quando volto, só encontro uma luva. Perdeu a outra. Com certeza, foi atrás de alguma zinha que passou... Agora, não presta mais pra nada...

EMPRESÁRIO — Eu darei quantas você quiser, boneca!

ATRIZ — E pare com essa história de me chamar de boneca! Tenho nome!

EMPRESÁRIO — Fique calma, Dorine, depois você não vai poder ensaiar...

ATRIZ — *(Para o Diretor e o Ator)* Sabem de onde é essa pelica? Do Indostão. É uma lembrança muito cara... De alguém que foi um cavalheiro.

EMPRESÁRIO — Cavalheiro?

ATRIZ — Sob todos os pontos de vista...

EMPRESÁRIO — *(Mudando)* Amante seu, não foi?

ATRIZ — Que pergunta! E daí?

EMPRESÁRIO — Mas não foi do meu tempo?

ATRIZ — Ainda duvida?

EMPRESÁRIO — Há quanto tempo?

ATRIZ — Não interessa!

EMPRESÁRIO — O nome! Vamos! O nome!

ATRIZ — Não direi! Quero que você sofra!

EMPRESÁRIO — Você sabe que eu poderei descobrir e mandar matá-lo?

ATRIZ — Olhe aqui, meu velho: a cláusula principal que estipulei no nosso contrato foi a de o senhor não interferir na minha vida privada! Já se esqueceu?

EMPRESÁRIO — Mas, não éramos amantes naquela época, Dorine.

ATRIZ — Quer rasgar o contrato? Não vou exigir muito... 500.000,00 cruzeiros de indenização. Se



quiser, é já... aproveite que a Companhia está toda reunida...

DIRETOR — *(Calma aparente)* Eu gostaria de saber, a que horas eu poderei começar o ensaio.

ATRIZ — Agora mesmo. *(Para o Empresário)* Vamos, rua: você me causa alergia. *(Ponto começa a folhear a peça).*

DIRETOR — *(Para a Atriz)* A senhora decorou o papel?

ATRIZ — Como, se este homenzinho não me dá uma folga?... Passou a noite lá em casa...

DIRETOR — Dessa maneira não podemos estrear a semana que vem!

EMPRESÁRIO — Não posso transferir mais. Estamos parados há mais de 15 dias, com todo mundo ganhando. Na bilheteria, não entra nada. Tenho uma fôlha de pagamento pesada. Também tenho meus credores...

DIRETOR — Só estamos com o 1.º ato levantado. Ainda não comecei o 3.º porque os atôres ainda não têm os papéis de cor.

ATOR — Perdão, mas eu já sei toda a minha parte.

EMPRESÁRIO — E para que se paga um ponto nesta Companhia?

PONTO — Muito bem dito, senhor empresário. Até que enfim lembraram-se de mim...

DIRETOR — Esta peça não pode ir com ponto! É diálogo batido.

ATRIZ — É inútil. Não consigo decorar.

DIRETOR — Eu acho que uma atriz sem memória, devia desistir da profissão!

ATRIZ — E quem foi que disse que eu não tenho memória? Decorei 6 monólogos inteiros, sem omitir uma vírgula, em "Tristesse".

PONTO — Mentirosa!... mentirosa.



ATRIZ — Era uma peça... E não essa porcaria que o senhor impingiu...

DIRETOR — Os tempos mudaram, minha senhora. Teatro hoje é outra coisa.

ATRIZ — Já sei: tem um diretor!

DIRETOR — Sem êle, adeus espetáculo!...

ATRIZ — O público vem aqui, talvez, por sua causa... Tinha me esquecido...

DIRETOR — Não tenho as suas pernas...

ATRIZ — Há gosto para tudo, hoje em dia, cavalheiro...

PONTO — *(Malicioso)* Isso é verdade!

ATRIZ — Sabe de uma coisa? acho melhor o senhor telefonar para o seu amigo autor... Diga-lhe para dar um pulo até cá. Li o 3.º ato e não gostei nada, nada do meu papel. Quero morrer falando e não vou me suicidar com um revólver. Isso êle tem que modificar. Quero morrer envenenada. Sei morrer muito bem. Todos os críticos disseram isso, quando representei a "Bovary". Cai de uma escada de 15 degraus! E ganhei uma salva de palma de 5 minutos!

DIRETOR — Natacha é uma grande peça!

ATRIZ — Tão grande, que o nome é da protagonista, quando o principal papel é do homem. O papel de Sérgio tem 200 palavras mais do que o meu.

ATOR — Você contou mal. 201!

DIRETOR — É uma peça para 2 atôres, minha senhora! Atôres!

ATRIZ — Está querendo insinuar que eu não seja uma atriz?...

DIRETOR — Talvez...

ATRIZ — Ora viva o grande diretor! Depois de 10 anos de palco, descobro num ensaio fuleiro, que não sou uma atriz! *(Ri)* Vocês principiantes se enchem de vento quando vão ao estrangeiro e voltam de lá com um diploma, que a gente nunca vê o cheiro...



DIRETOR — Diplomado ou não, a verdade é que tenho capacidade... Talento!

ATRIZ — Talento!... Não foi isso que disse esta manhã o crítico do Diário...

DIRETOR — (*Estourando*) Bolas! Não estou aqui para discutir esse assunto com a senhora! Fui contratado para ensaiar. Gostaria de saber a que horas posso começar!

ATRIZ — Agora mesmo... Com a condição: exijo que o senhor telefone para o seu amigo, pedindo a modificação do 3.º ato. Não faço a peça com aquela final!

DIRETOR — (*Tirando do bolso um cartão, gritando*) Pedro: telefone para esse número e diga ao sr. Felisberto que venha me procurar no teatro, imediatamente. (*Sai o Ponto*).

ATRIZ — Vamos começar de onde?

DIRETOR — Cena III, 2.º ato. (*Atriz calmamente vai fumar um cigarro*) Vamos, o que estão esperando? Já perdemos muito tempo.

ATRIZ — A cena não está arrumada.

DIRETOR — Sérgio: quer dar um jeito nisso aí?

ATOR — É serviço da contra-regra.

DIRETOR — Bolas! (*Dando um berro*) Pedro! A cena! (*Pausa*) Pedro! Onde se meteu esse raio dêsse ponto! (*Ponto aparece*)

PONTO — A linha está ocupada... Estou insistindo...

DIRETOR — A cena!

PONTO — Está pronta.

DIRETOR — Segundo ato, imbecil...

PONTO — Não precisa me xingar. Isso é serviço da contra-regra...

DIRETOR — Já sei! (*Ponto troca as cadeiras. E muda de posição os banquinhos*)

ATRIZ — (*Para o Empresário*) Vamos! Vamos dando o fora...



EMPRESÁRIO — Deixa eu ficar, boneca.

ATRIZ — Eu ainda lhe esbofeteio hoje, se você tornar a me chamar de boneca!

EMPRESÁRIO — Eu fico lá atrás... Não vou incomodar!...

ATRIZ — Já disse que não! Vamos! Vamos!

EMPRESÁRIO — Não precisa me enxotar... Afinal de contas, acho que ainda sou dono dêste troço!

ATRIZ — É. Mas, quem manda sou eu... Está no contrato... Não se lembra?

EMPRESÁRIO — Estou no escritório... Se precisar de mim, é só mandar me chamar.

ATRIZ — Está bem, está bem... (*Vai empurrando-o*)

EMPRESÁRIO — Boneca: Quero ir hoje à noite a uma "boite". Quero dançar! Me sinto muito primaveril! E logo mais, boneca... (*Ouve-se uma bofetada dada na coxa*) Estúpida!

ATRIZ — E não me apareça mais aqui, senão eu te esgano! (*Ator sentou-se e fumou um cigarro. Diretor passeia impaciente, reaparece a Atriz*) Às suas ordens...

CENA QUARTA

Os mesmos, menos o EMPRESÁRIO

(*Ator toma a cena, atrás da Atriz, que se senta num sofá. A representação dessa cena deve ter marcações absurdas, para justificar o Diretor que veio cheio de idéias, mas que não entende nada da profissão*).

ATOR — Para onde você foi? (*Pausa*) O que fez durante todo esse tempo? (*Pausa*). Parece que tudo aconteceu ontem: (*Começa a falar baixo*) Voltei alegre da viagem. Tomei banho...



RR NFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617, P.258

DIRETOR — (*Interferindo*) Voz. Não estou escutando nada.

ATOR — Tomei banho e fui direto ao apartamento. Lembro-me que apanhei um táxi para chegar mais depressa.

DIRETOR — (*Alto*) Voz! Você pensa que está numa casa de chá? O público quer ouvir...

ATOR — Não concordo falar nessa cena em voz alta. Esse homem está numa situação difícil...

DIRETOR — E quem está mandando você falar alto? Eu disse voz! Para você lançá-la na platéia! Sonorizar.

ATOR — Tinha uma porção de novidades para te contar. Nem o elevador tive paciência de esperar. Subi os seis degraus a pé...

DIRETOR — Seis o quê?

ATOR — (*Gritando*) Andares!

DIRETOR — Articule, rapaz.

ATOR — Essas interrupções me atrapalham.

DIRETOR — Vai-se habituando, porque meu processo é o melhor! Todo baseado em Stanislavski.

ATOR — (*Passando um lenço pela testa*) Abro a porta e encontro tudo vazio... (*Transtornado*) Mama mia! Não sei bem o que senti naquele momento...

DIRETOR — Emoção!

ATOR — No trem, já estava adivinhando...

DIRETOR — Mais rápido, mais rápido...

ATOR — Más notícias. Procurei...

DIRETOR — Pausa, Sérgio. Não tenha medo da pausa...

ATRIZ — (*Entre os dentes*) A essa altura, o público está roncando...

ATOR — (*Pausado*) Procurei o zelador do edifício, na esperança de obter informações. (*Pausa*) Nada. Você partiu; saudades me deixou. Eu chorei! Nem um bilhete ao menos. (*Pausa*) Onde você esteve?



DIRETOR — Ótimo, excelente. Mas, nessa última fala você tem que se aproximar mais um pouco. Vamos voltar.

ATOR — (*Aproximando-se*) Onde você esteve?

ATRIZ — (*Fria*) Longe daqui.

ATOR — E eu que imaginava que você nunca pudesse...

DIRETOR — Não declame, por favor!

ATOR — Viver longe de mim! Sem o meu amor. No princípio, não quis acreditar. (*Pondo o rosto entre as mãos*).

DIRETOR — O gesto está ruim. Assim. Olha para mim. (*Faz o gesto*) Assim.

ATOR — (*Fazendo o gesto que o Diretor indica*) Foi horrível me acostumar...

DIRETOR — Correto.

ATRIZ — Você parece bem disposto.

DIRETOR — Não olhe para ele.

ATRIZ — Como não vou olhar, se ainda não o vi...

DIRETOR — Tenha a bondade de fazer o que estou mandando.

ATRIZ — (*Falando entre os dentes*) No dia eu faço o que me der na cabeça...

ATOR — (*Tocando-a*) Quando você chegou?

ATRIZ — Não vá sujar o meu vestido. Você está com as mãos imundas. (*Representando, repele-o e levanta-se*) Três meses, mais ou menos.

DIRETOR — Quem mandou a senhora se levantar?

ATRIZ — Estou "sentindo" que preciso me levantar.

DIRETOR — Agüente na marcação.

ATRIZ — Está errado! Ele está querendo me tocar e eu tenho que fugir... Estou seguindo a tal linha psicológica que o senhor me deu...

DIRETOR — (*Cortando-a*) Vá sentar-se, então, na outra cadeira.

ATOR — E por que não me procurou? Quer dizer que se eu não tivesse encontrado você, por acaso...



ATRIZ — Não cospe, que coisa!

DIRETOR — Não é esse o texto!

ATOR — Minha deixa é exatamente.

DIRETOR — Exatamente é o que a senhora devia dizer...

ATRIZ — Dá no mesmo.

DIRETOR — No meu teatro, ator não muda o texto que o autor escreveu! Nem uma vírgula! Por favor, mais dignidade!

ATRIZ — Daqui a pouco eu me levanto daqui e não faço mais droga nenhuma! *(Falando em tom mais alto)* Tenha a bondade de me corrigir, sem comentários...

DIRETOR — Segue.

ATOR — Mas, afinal, o que foi que eu fui para ser tratado dessa maneira fria? Amor, só tive por você. As outras foram meros flirtes...

DIRETOR — Flerte, Sérgio, flerte.

ATOR — Foi o que eu disse...

DIRETOR — Pensou, segue.

ATOR — Creia-me: você ainda é tudo isso.

DIRETOR — Abraça-a *(Ator abraça-a)* Não! Passe por trás do sofá, pelo amor de Deus!

ATRIZ — Não berre, ouviu? Antes de vir para cá, devia ter passado por uma farmácia e tomado um calmante!

DIRETOR — Segue.

ATRIZ — *(Nervosa)* E você pensa que já me esqueci daquele tempo em que vivíamos... Em que vivíamos juntos...

DIRETOR — Segue.

ATRIZ — Me esqueci...

DIRETOR — A senhora ainda não decorou o seu papel?

ATRIZ — Parece que não.



DIRETOR — A estréia está marcada. Segue.

ATRIZ — Seguir o que, se não sei mais o resto?!

DIRETOR — Onde está esse maldito ponto! Pedro! *(Entra Pedro correndo).*

CENA QUINTA

Os mesmos e PONTO

PONTO — Falei com êle.

DIRETOR — Vá pontar!

PONTO — Mandou dizer ao senhor que...

DIRETOR — Para a coxia, idiota! Não quero ouvir a sua voz!

PONTO — Tenho um recado para o senhor... É urgente!

DIRETOR — Para a coxia! Segue. *(Ponto corre para a coxia. Pausa).* Afinal, o que estamos esperando? *(Atriz fica quieta. Ponto aparece aflito)*

PONTO — Onde estão? *(Diretor põe a mão na cabeça, dá um gemido)* Eu estava lá dentro, não podia advinhar... *(Ator mostra a cena)* Pronto, pronto *(Ponto vai para os bastidores)**

ATRIZ — Na sua companhia, nunca tive tranquilidade. Você aparecia no apartamento quando bem entendia. Eu não tinha mais sossego: dormia e amanhecia, pensando...

DIRETOR — Mais baixo.

ATRIZ — Será que êle vem hoje? À noite...

DIRETOR — Pare! Pare! Não está sentindo que está fria? Eu quero sua voz embargada...

ATRIZ — Minha voz sempre foi essa.

(*) Todas as falas da Atriz são pontadas pelo Ponto. A Atriz deve usar uma prosódia condenável pelo teatro. O Ponto idem.



DIRETOR — Ponha-a na caixa.

ATRIZ — Que caixa?

DIRETOR — Não é a do ponto... Pois, não.

PONTO — (*Aparecendo*) Me chamaram?

DIRETOR — Para o seu lugar! (*Ponto sai*) Depois dizem que eu não tenho razão.

ATRIZ — Não ensaio mais droga nenhuma.

DIRETOR — Veremos!

ATRIZ — É uma ameaça?

DIRETOR — Segue.

ATRIZ — (*Para o Ponto*) Fale mais alto, idiota!

PONTO — (*Pondo a cabeça para fora*) Não quer...

DIRETOR — Para a coxia! (*Ponto corre*)

ATRIZ — Se não puserem no dia o ponto na caixa, não representarei!

DIRETOR — No moderno teatro do mundo, minha senhora, não se usa mais caixa de ponto. É anti-estético!

ATRIZ — Mas, no meu teatro, continuará se usando... (*Ponto bota a cabeça para fora*) No dia, você vai para a caixa.

PONTO — Sim, senhora. (*Desaparece*)

DIRETOR — Quem manda no palco sou eu!

ATRIZ — Eu acho bom você acabar com êsses ataques histéricos! Berra para causar impressão, não é? Não tenho medo de gritos, meu filho! Escuta aqui: se quiser montar essa peça, trate de ficar bonzinho. Por que a hora que eu soltar um berro, você vai subir pelas paredes. Ora, se vai!

DIRETOR — (*Calmo*) Segue.

ATRIZ — Ponte alto, Pedro. (*Continuando*) À noite, não ia a lugar nenhum, nem recebia visitas, porque você podia aparecer de uma hora para outra. Não ia a festa alguma, com medo de...

DIRETOR — (*Pondo a mão na cabeça*) Não é possível... Assim não posso... Mais baixo!



ATRIZ — (*Baixinho*) Ficava gelada, quando num baile...

DIRETOR — Voz!

ATRIZ — Afinal o que é que você quer? Que eu fale alto ou baixo?

DIRETOR — Estou falando para êsse maldito Ponto. Segue.

ATRIZ — Alto, Pedro.

DIRETOR — Eu acabo com êsse espetáculo, não diro mais, pronto! (*Fica de braços cruzados*)

ATRIZ — Ótimo. Estava roxa para fumar um cigarinho. (*Ponto vem acender o cigarro. Atriz tira uma piteira e começa a fumar*) Não faltarão diretores novos para se contratar. Eu pago bem. Aliás, meu camarim vive cheio dessas ratazanas.

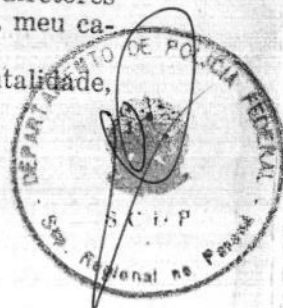
DIRETOR — Com uma atriz de sua mentalidade, ninguém pode fazer nada. (*Pausa longa*)

ATRIZ — Vai ensaiar ou não vai?

DIRETOR — (*Calmissimo*) Segue.

ATRIZ — Alto, Pedro.

PONTO — Sim, senhora.



CENA SEXTA

Os mesmos, EMPRESÁRIO e 3 CANDIDATAS

ATRIZ — Se o encontrava na rua, não me aproximava. (*Entra Empresário e 3 Candidatas*) Você podia não gostar. Quase sempre estava acompanhado... (*Assim que vê o Empresário acompanhado, a Atriz interrompe o ensaio*)

DIRETOR — O que houve?

ATRIZ — Já disse que não ensaio na presença de pessoas estranhas.

DIRETOR — O que essas 3 môças estão fazendo aqui?

EMPRESÁRIO — Vieram fazer os testes que você marcou.

DIRETOR — E quem foi que disse que eu marquei para hoje?

1.^a CANDIDATA — O senhor disse que eu passasse pelo teatro, 5.^a-feira, às 4 horas da tarde.

3.^a CANDIDATA — A mim, também.

DIRETOR — Hoje é quarta-feira e ainda não são 4 horas.

3.^a CANDIDATA — Perdão, mas o senhor está enganado: hoje é 5.^a-feira, acabei de acertar o meu relógio. Passam 2 minutos das 4.

DIRETOR — (Olhando para 2.^a Candidata, que vem de calças compridas) E a senhorita, assim de calças.

2.^a CANDIDATA — Eu? Eu vinha passando por aqui, quando esse senhor (Aponta para o Emprego) me convidou para fazer uns testes.

ATRIZ — (Irônica) Testes, heim? (Diretor pigarreia)

DIRETOR — Trouxeram alguma coisa preparada?

1.^a CANDIDATA — Decorei uma poesia.

DIRETOR — Não sabe nenhum trecho de peça? O papel que uma das senhoras três fará exige desembargo.

3.^a CANDIDATA — Representei na Alemanha, Goethe. Fiz a Margarida do Fausto. Na Polônia, numa festa de caridade, fiz um ato inteiro do Hamlet. (Esta candidata deve ter um forte sotaque estrangeiro)

DIRETOR — Que papel?

3.^a CANDIDATA — Claro, que o de Hamlet!

DIRETOR — O Hamlet?

3.^a CANDIDATA — Em travesti! Não fui a primeira. Sarah Bernhardt usou-o mais de uma vez. Tive 8 chamadas!

1.^a CANDIDATA — (Deve vir ao teatro vestida de colegial, com seu uniforme azul e branco, laço de fita no cabelo, meias e saias curtas) Desde garotinha que sei recitar. Cantava e dançava. Fui menina prodígio. Adoro sapatear. Aí não tem uma vitrola!



DIRETOR — Não vamos montar revista! (Para 2.^a Candidata) E a senhorita, o que trouxe para o teste?

2.^a CANDIDATA — (Embaraçada) Eu?

DIRETOR — (Muito interessado na pequena) Seu físico não é mau. Quer atravessar o palco? (A moça executa suas ordens) Sorria. Mais um pouco. Nada mau. Sente-se agora naquele banquinho. Fique perto daquele cavaleiro. (O Ator vem ao seu encontro) Tem alguma prática?

2.^a CANDIDATA — Não, senhor.

DIRETOR — Nunca fez teatro?

2.^a CANDIDATA — Uma vez, no Clube, um "show" que organizamos.

DIRETOR — O que é que você fez?

2.^a CANDIDATA — Uma ingênua.

3.^a CANDIDATA — Já fiz todas as ingênuas do teatro. De Berenice à Ofélia.

DIRETOR — O papel na peça não é o de uma seri-gaita. Fisicamente, a senhorita tem o tipo.

1.^a CANDIDATA — Meu físico não é bom, senhor Diretor? Dizem que em cena fico muito linda!

3.^a CANDIDATA — (Tom de discussão para com a 1.^a Candidata) Beleza não vale nada! Em teatro, precisa-se ter talento! (1.^a Candidata faz diversas caretas).

DIRETOR — Bem, vamos aos testes. (Apontando para 1.^a Candidata) Comece a senhora.

1.^a CANDIDATA — (Toma cena, faz uma reverência bem de menina pequena, sorri. Começa a declamar num estilo bem próprio de aluna de grandes declamadoras do passado. Exagerada, sofisticada)

"As duas sombras", Olegário Mariano.

"Na encruzilhada silenciosa do destino, Quando as estrêlas se multiplicavam, Duas sombras errantes se encontraram.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617,1262

A primeira falou: nasci de um beijo, de luz, sou força, vida, alma, esplendor! (*Diretor interrompe*)

DIRETOR — Chega. Diga outra coisa.

1.^a CANDIDATA — Já vi que não gosta dos parnasianos. Direi um moderno.

“Esplendor selvagem”. Não sei de quem não...

Hipopótamos adolescentes

da zona norte,

Hipopótamos adolescentes

da zona sul...

Tudo azul, tudo azul, tudo azul...

DIRETOR — Basta! Você, agora. (*3.^a Candidata com um ar trágico se levanta*) Não, você. (*3.^a Candidata amarra a cara*)

2.^a CANDIDATA — Não trouxe nada de cor.

DIRETOR — Você vem aqui para fazer um teste e não traz nada preparado?

2.^a CANDIDATA — Queira me desculpar... Eu não sabia... (*Vai sair*)

DIRETOR — Espere. Isto aqui serve. (*Tira do bolso um pedaço de papel*) Vá lendo êsse trecho, enquanto sua colega faz a cena... (*2.^a Candidata levanta e vem apanhar o papel, 3.^a Candidata prepara-se; tira da bolsa um pequeno punhal e toma a cena. É trágico o seu olhar, sua atitude*).

3.^a CANDIDATA — Ser, ou não ser, eis a questão: se há mais nobreza d'alma em submeter-se às fundas e setas de fortuna inimiga, ou se tomar armas contra um mar de atribulações, e, combatendo, exterminá-las? Morrer, dormir, nada mais; e dizer que adormecendo...

DIRETOR — Chega! Diga outra coisa!

3.^a CANDIDATA — Sim, senhor. (*Vai rápida até a sua bolsa e tira de lá uma grinalda. Põe-na na cabeça.*)
1.^a Candidata ri. Chega o autor da peça, que do fundo



do palco, sem dizer uma palavra, mas estupefato, fica olhando para o teste. Diretor faz caretas. Ponto quieto. Atriz prestes a soltar uma gargalhada. 3.^a Candidata anuncia):

“Fausto”, de Goethe:

“Meu dia de núpcias seria!

Não digas que estiveste já com Gretchn.

Foi-se a esperança,

A coroa, tão linda!... (*Esquece o papel*)

Ich Gabwas drum, wenn ich nu wubt,

DIRETOR — O que?

3.^a CANDIDATA — (*Consertando*) Estava me lembrando em alemão.

Hei de ver-te, ainda,

Mas não na dança.

Larga-me! eu não admito a força!

Não me agarres, mau, dêste jeito!

Por amor de ti tudo tenho feito! (*Joga-se no chão*)

DIRETOR — Basta!

3.^a CANDIDATA — Não cheguei nem a dizer uma estrofe...

DIRETOR — Já estou satisfeito... (*Chamando o Autor*) Chegaste em boa hora. (*Autor vai cumprimentando os presentes. Beija a mão da estrêla, que nesse momento está fumando sua piteira dourada. Dá-lhe um cumprimento seco. Autor vem ficar perto do Diretor*) — (*Para a 2.^a Candidata*) Chegou a sua vez. Leia, em voz alta.

2.^a CANDIDATA — (*Um tanto tímida, começa a ler, em voz alta*) — Jack Wilson, um jovem de 71 anos, que quebra poste de madeira com os dentes, paralelepípedos com um murro e torce barras de ferro com sua força descomunal, está fazendo demonstrações de seu vigor extraordinário...



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617, P. 263

DIRETOR — Mais alto, menina.

2.^a CANDIDATA — *(Falando um pouco mais alto)* E ensinando como alguém pode-se transformar num Tarzã. O vigoroso septuagenário fará hoje uma exibição. *(Comentários do Diretor para o Autor. Olhares de ódio da Atriz).*

DIRETOR — *(Interrompendo-a)* Eis a sua Irina ideal. Vou mudar a linha do papel, dando-lhe uma linha mais suave. Uma verdadeira ingênua!

ATRIZ — *(Levantando-se)* Se essa môça fizer papel de Irina, não entro em cena!

DIRETOR — Por quê?

ATRIZ — Dispensó comentários.

DIRETOR — Mas afinal eu sou ou não sou o diretor de sua peça?

1.^a CANDIDATA — Senhor diretor: quer fazer que não gostou de mim!

3.^a CANDIDATA — Absurdo! Dizer Goethe, Shakespeare, para no fim uma que mal leu um recorte de jornal me passar a frente! A crítica no estrangeiro sempre me pôs nas alturas. *(Para o Diretor)* Quem é o senhor? Em que escola foi diplomado?

DIRETOR — Em nenhuma!

3.^a CANDIDATA — Eu logo vi!

1.^a CANDIDATA — Eu podia fazer o papel da ingênua na linha que o senhor mandasse. Não se esqueça que sou diplomada por uma Academia Dramática. Quer que eu diga um trecho de tragédia grega?!

DIRETOR — *(Gritando)* Não!

1.^a CANDIDATA — Nervoso! Não precisa gritar!...

ATRIZ — A candidata devia ser esta môça. *(Apon-ta para a 3.^a Candidata)*

3.^a CANDIDATA — Gostou de mim? Vê-se logo que a senhora é uma artista!

DIRETOR — *(Para o Empresário)* O autor é da mesma opinião que eu.

3.^a CANDIDATA — Proteção!

ATRIZ — *(Para o Autor)* Já que está presente, quero lhe participar que não representarei o seu 3.^o ato como está escrito.

AUTOR — Seu papel é lindo nesse ato, Dorine!

ATRIZ — É lindo, mas não gosto.

AUTOR — Qual a cena de que você não gostou?

ATRIZ — Tôdas!

AUTOR — Pois todo mundo que leu, achou o meu melhor ato.

ATRIZ — Para o galã e para essa Irina que você imaginou...

AUTOR — Então, Dorine: você acha que o papel de Irina seja melhor do que o seu?

ATRIZ — Claro que é melhor! Eu não vou admitir que na minha Companhia se vá contratar um elemento que no fim vai roubar a peça toda. A não ser que você modifique o final: quero morrer falando envenenada.

AUTOR — Uma tirada de 20 linhas?

ATRIZ — Não seria mau. *(Pausa)*

AUTOR — Está bem, mas não faço.

ATRIZ — Então, não se estréia...

AUTOR — Tenho um contrato!

EMPRESÁRIO — Dorine... Meu bem... Compre-enda...

ATRIZ — Não quero compreender nada! Disse que não represento e está acabado! Não me façam ficar histérica!

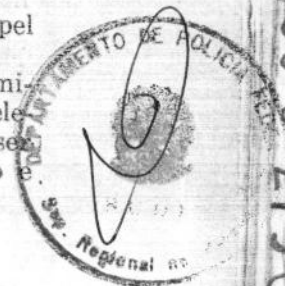
3.^a CANDIDATA — O que estou fazendo ainda aqui... Teatro bagunça... Se soubesse que era isso... *(Para a Atriz)* Tive muito prazer em conhecer a senhorita... *(Para o Diretor)* Ditador! *(Sai)*

1.^a CANDIDATA — Não vão me aproveitar?

DIRETOR — Não!

1.^a CANDIDATA — Bobo! *(Dá uma rabanada e sai)*

ATRIZ — Se não mandarem chamar imediatamente a môça que disse o "Hamlet" e não derem a ela o



papel, eu dou um berro que as paredes vão tremer!
(*Dá um grito*)

EMPRESÁRIO — Pedro! Pedrinho, corra atrás daquela môça e traga-a de volta! (*Pedro sai*)

DIRETOR — Volte, Pedro! (*Pedro volta*)

EMPRESÁRIO — Vá, idiota!

DIRETOR — Não precisa! A candidata já está escolhida...

ATRIZ — (*Num berro. Pedro sai num disparo. Todos se assustam*) O que é que você está pensando heim? Que manda alguma coisa? Não preciso de diretor nenhum! Tenho meu nome feito! (*Para o Autor*) E não vou fazer mais Natacha nenhuma. Nem com 3 mortes no fim! Rua, com vocês todos, andem! Qual as

DIRETOR — Vedete! Vedete de revista!

AUTOR — Fique sabendo que sou muito autor!

ATRIZ — Pode botar sua peça na gaveta! Não haverá estréia!

AUTOR — Irei a juízo! Quero uma indenização!

EMPRESÁRIO — Dorine! Minha bonequinha... Veja bem o que você está fazendo! Será minha ruína...

ATRIZ — O culpado disso tudo foi você! Eu não queria ser dirigida! E muito menos representar essa Natacha! Toma! Vê se é bom... (*Dá-lhe uma bofetada*)

ATOR — Vou-me embora! Quando acabarem com essa bagunça, mandem me chamar. (*Sai*)

ATRIZ — Pode ir embora todo mundo! Não preciso de ninguém! Por isso, sou uma estrêla! (*Chega o Ponto*)

PONTO — Não encontrei mais a môça.

ATRIZ — Não precisa! Tive uma idéia genial! Vou telefonar agora mesmo para Isac. Prometeu escrever uma peça para mim! É um grande autor!

DIRETOR — A minha vingança é que há de ir tudo para o porão, sua canastrona!

ATRIZ — Rua! Rua, antes que eu faça uma besteira! (*Correm numa disparada o Diretor, Autor, Empresário e 2.ª Candidata*)

ATRIZ — (*Numa atitude grandiloquente*) — Doravante, só representarei monólogos! Será a minha glória!

PONTO — (*Ajoelhado*) E eu pontarei tudo para a senhora! Vou dar cada tiro! (*Beija-lhe a mão*)

PANO

(*Na abertura do pano, Atriz e Ponto começam a agradecer, atirando beijos para o público. Inesperadamente, aparecem também para agradecer Diretor, Autor e Ator. As 3 candidatas vêm em alvoroço, perseguindo o Empresário para que ele faça uma companhia para cada uma delas. Ao ouvirem as palmas, sobem ao palco e cada qual quer jogar mais beijos para o público. Até que a 2.ª Candidata dá um forte empurrão na Atriz e começa a briga de todo mundo. O Diretor grita: PANO! A cortina se fecha e quando abre pela última vez, devem os intérpretes estarem de mãos dadas para o agradecimento.*)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 219/85

Curitiba, 05 de agosto de 1985

DO:- CF Regina Maria Abil Russ

AO:- Chefe do SCDP

ASSUNTO:- Exame de texto teatral (encaminha)

Título:- "PRIMA DONNA"

Autor:- José Maria Monteiro

Requerente:- Maria Luisa Rosas Bassinelli

Produção:- Grupo de Teatro Amador NESAC - Curitiba/PR

CLASSIFICAÇÃO:- P/MAIORES DE 14 ANOS (RATIFICAÇÃO); RELA-
ÇÕES HUMANAS IRREVERENTES.

O texto focaliza as disputas nos bastidores do teatro, entre os diversos profissionais. O diretor é um intelectual cheio de teorias e sem experiência da ribalta, que deseja impingir novas idéias aos atores. O "ponto" se julga imprescindível nas peças para evitar o esquecimento dos artistas. E a atriz principal, tola e temperamental, obriga todos a lhe renderem obediência, já que é amante do dono do teatro.

As situações observadas no decorrer do enredo envolvem principalmente o relacionamento entre a atriz e os circunstantes, ressaltando-se o comportamento grosseiro para com o velho amante, esbofeteando-o e expulsando-o de sua companhia. Com o diretor, as rixas são também graves, pois ela é uma vedete tradicional, cujo único talento está no belo corpo que ostenta, não aceita ter que decorar o script e nem obedecer as determinações do autor. Seu temperamento explosivo manifesta-se ao querer modificar todo um ato da peça porque lhe dá pouco destaque e chega ao auge quando vê o diretor escolher uma novata bonita, tanto que expulsa todos do recinto, ficando apenas com o fiel "ponto".

A mensagem principal é criticar as inovações do teatro moderno, eivado de seriedade e de teorias que não agradam o público, esvaziando as casas de espetáculo. O povo deseja entretenimento e não lições de vida, prefere ver as pernas de uma vedete sensual do que interpretações magistrais.

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

-02-

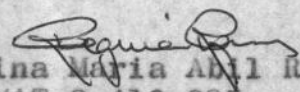
Uma mensagem negativa é a de que o posuidor do dinheiro é quem detém definitivamente o poder, conforme fica provado no final, onde só permanece a atriz.

O enredo focaliza um velho rico e uma vedete como amantes, numa relação doentia e sem fidelidade, eivada de atritos com desfechos violentos, onde fica clara a posição de subserviência do homem face ao histerismo da mulher.

O grau de persuasão é fraco, pois destina-se exclusivamente a público ligado ao ambiente artístico.

Considerando que o texto possui certificado expedido pela DCDP/DPF em plena validade, ratificamos a sua classificação P/MAIORES DE 14 ANOS.

É o Parecer.


CF-Regina Maria Abil Russ
MAT.2.416.905

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Curitiba, 08 de agosto de 1985

Do CF Lilian Filus

Ao Sr. Chefe do SCDP/SR/PR

Assunto: Parecer nº 229/85 (encaminha)

Análise de texto teatral

TÍTULO: "Prima Donna"

AUTOR: José Maria Monteiro

REQUERENTE: Maria Luisa Rosas Bassinelli - Grupo Teatro
Amador "Nesacli" - CuritibaPARECER: pela liberação PARA MAIORES DE 14 ANOS, por a-
presentar cenas de conflito

O diretor teatral recém-chegado do exterior enfrenta uma série de problemas na companhia em que trabalha. Com muitas idéias, mas sem nenhuma experiência teatral prática, tenta implantar montagem diferente das existentes, ainda nos moldes do ano de 1900. Para isso, deseja dispensar o Ponto, já em desuso e inviável naquela peça onde o diálogo é batido. No entanto, a memória da estrela é fraca e o Ponto tem que permanecer. Como dona da companhia, a atriz se sente no direito de exigir que o autor altere o texto: ela deseja morrer envenenada e não por arma de fogo. Por outro lado, o segundo papel contém mais falas e o terceiro é melhor, concorrências que ela não admite. O ensaio fica ainda mais tumultuado, quando o empresário chega com três jovens dispostas a fazer testes. Duas delas, uma iniciante e outra bastante experiente, são reprovadas, para que uma terceira, com bom físico, seja aprovada. A estrela tem um ataque de histerismo, enxotando a todos, inclusive o empresário, agora falido, decidindo se dedicar à apresentação de monólogos: o Ponto lhe ditaria as falas e tudo transcorreria na mais perfeita calma, com sucesso cada vez maior da estrela.

A peça é positiva, pois apresenta os problemas da arte teatral, muitas vezes desenvolvida sem nenhum profissionalismo e, por

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

isso, fadada ao fracasso. A estrela era amásia do coronel, o empresário que financiava tudo, inclusive a contratação de atores tão medíocres quanto a estrela (que nem se dava ao trabalho de decorar os papéis). O mesmo interêsse escuso se repete, quando a caloura a provada é escolhida pelos atributos físicos, agora com a conivência de empresário, diretor e autor.

Aponta os requisitos necessários para o sucesso: o conhecimento teórico do diretor é tão importante quanto a prática (a execução e atécnica); êle deve valorizar igualmente todos os componentes do grupo; a imprensa (com sua crítica) e o público (que o diretor considerava ignorante, sem cultura, sem raciocínio, interessado apenas em licenciosidade); deve ser capaz de agrupar massas, amoldar temperamentos, dar ordens; os atributos do ator devem ser: voz, físico, desembaraço, presença, ambição maior que a vaidade. Condena os modernismos (a facilidade com que um amador se torna super-star, o tom muito baixo da voz, o diálogo desvinculado da comunicação, marcações absurdas, de costas para o público até).

O público alvo são os profissionais do teatro e a linguagem não merece restrições.

O grau de persuasão é forte, já que são evidentes as falhas dos pseudo-profissionais.

Do exposto, ratificamos a impropriedade da peça para menores de 14 ANOS, já estabelecida pela DCDP, por apresentar cenas de conflito.

É o nosso parecer.

Lilian Filus
CF Lilian Filus

Matrícula nº 2 416 941.

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 237/85-SCDP/SR/PR Curitiba, 14 de agosto de 1985

Do: CF Paulo de Tarso Kloeckner

Ao: Ilmo. Sr. Chefe do SCDP

Ass.: Análise de texto de teatro (apresenta)

Título: "PRIMA DONNA"

Autor : José Maria Monteiro

Requerente: Maria Luisa Rosas Bassinelli

Produção: Grupo Teatro Amador Nesacli - Ctba.

Classificação sugerida: LIVRE

Prima Donna é uma atriz de teatro (apelido dado por um dos membros da Companhia) que, com ajuda financeira de um velho e rico coronel, seu empresário e amante, montara uma Companhia de teatro, e, no momento, ensaia uma peça, com data marcada para a estréia.

Sucede que o diretor contratado é presunçoso, vaidoso e se serve das peças que dirige para brilho pessoal aos olhos do público e da crítica, cuja opinião, todavia, despreza. É, na verdade, joguete nas mãos da atriz, dona da Companhia, embora tente se impor.

O ator quer vencer, crê ser possuidor de qualidades, mas é contestado pelo diretor que o acha fraco: tem, certamente, algum bom senso, coisa que parece faltar àquele.

A atriz, como dona da Companhia, apenas acata o mínimo das ordens do diretor, a quem não prestigia nem um pouco, quer fazer só o que lhe agrada, não se empenhando como profissional, e contando cegamente com o Ponto à boca do palco, o qual, por sua vez, é rejeitado pelo diretor que alega não existir mais Ponto no teatro moderno

O empresário, em combinação com o diretor, traz 3 moças patentes, e este aprova a que se lhe afigura mais charmosa, fisicamente perfeita, embora nunca tenha pisado em palco, em detri-

mento das outras duas, mais capazes, mormente uma, já com larga experiência, inclusive internacional. Então, num átimo de bom senso, a atriz-chefe reconhece as qualidades daquela com larga experiência, e a quer de volta, contra a opinião do diretor, originando-se violenta discussão, com a participação do autor da peça, que tinha sido chamado pela atriz para efetuar modificações no script, e que, agora, ameaça com petição judicial de indenização se a peça não for apresentada.

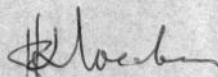
A Companhia acaba dissolvida, ficando só a atriz com o Ponto, disposta, ela, a apenas apresentar monólogos com a ajuda deste.

APRECIÇÃO:

A peça tem, como público específico, os profissionais e amadores de teatro, cinema, etc., e constitui uma crítica ao "vedetismo", à presunção de capacidade na arte, à idéia de que não se tem que aprender nada de ninguém. Analogamente, é uma crítica a todos os que em sua vida particular e profissional pensam e agem desse modo. A peça não busca muito mais do que isso, mas, genericamente, condena a presunção, a vaidade, o orgulho, vícios que levam o indivíduo ao isolamento pelos seus semelhantes, e, muitas vezes, ao fracasso em suas pretensões na vida. A peça é, pois, uma lição de vida.

Em linhas gerais, nem na forma nem no conteúdo encontramos qualquer inconveniente que ensejasse necessidade de alguma restrição a alguma faixa etária, razão porque opinamos pela liberação da peça como LIVRE.

É p Parecer.



Paulo de Tarso Kloeckner
Téc. Censura - Matr. 0224217

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Curitiba, 27 de novembro de 1985

Do CF Lilian Filus

Ao Sr. Chefe do SCDP/SR/PR

Assunto: Parecer nº 363/85 (encaminha)

Ensaio geral de peça teatral

TÍTULO: "Prima Donna"

AUTOR: José Maria Monteiro

PRODUÇÃO: Grupo Teatro Amador "NESACLI"

DIREÇÃO: Gilson Roberto da Silva

ESTRÉIA: 28 11 85 - 21,00 horas - Teatro de Bolso

PARECER: pela liberação PARA MAIORES DE 14 ANOS, por apresentar relações humanas irreverentes

Comparecemos, às 20,30 horas, de ontem no Teatro de Bolso desta Capital, a fim de presidirmos ao Ensaio Geral da peça acima citada, objeto dos Pareceres de nºs 219, 229 e 237/85, de 05, 08 e 14 08 85, deste SCDP.

O Texto foi obedecido. Trata-se de uma crítica à arte teatral desenvolvida sem profissionalismo.

A companhia é sustentada por um coronel, para que sua amante seja mantida como estrêla. Na realidade, ela não tem nenhum talento e depende do Ponto, pois não consegue e nem se dá ao trabalho de decorar seus papéis e apresenta, ainda, o inconveniente de ter a língua presa.

O ator, vaidoso ao extremo, se considera superior à estrela. Com muitos trejeitos, lembra o famoso Zé Bonitinho. Mas seu desempenho se resume à uma boa gargalhada exagerada e à falas com agudos e graves gratuitos, além de serem declamados.

O diretor, por sua vez, diplomado no Exterior, não tem experiência prática, de modo que suas orientações falham, pois se revestem de um artificialismo absoluto.

O ponto sente-se humilhado, pois o Teatro Moderno o relegou ao segundo plano. Suas discussões com o diretor são intermináveis.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

veis. No entanto, um incidente irá reabilitá-lo.

Durante o ensaio, o coronel chega com três candidatas para teste. Uma delas, bastante experiente, já representara os clássicos do teatro; a outra, uma colegial, só sabia poemas e a terceira fôra convidada, na rua, por seus atributos físicos e acabou sendo aprovada, com a aquiescência do autor e diretor, numa demonstração sutil de que seria a próxima Prima Donna.

A estrela ficou revoltada com o resultado do teste e expulsou a todos, pois oficialmente ela era a proprietária da companhia. Passaria a encenar monólogos, ditados pelo Ponto.

As marcações visam ridicularizar o desempenho dos pseudo-profissionais e por isso tem caráter cômico, sendo adequadas.

O Cenário é uma sala-de-visitas.

O guarda-roupa é sóbrio. Apenas a Prima Donna e uma das candidatas ao teste apresentam vestidos vaporosos. O mais generoso é o da primeira, pois deixa as pernas e parte dos seios à mostra.

A montagem não apresenta efeitos de sonoplastia e os de iluminação são simples, mas adequados.

Do exposto, ratificamos a impropriedade para menores de 14 anos, já estabelecida, por apresentar relações humanas irreverentes.

É o nosso parecer.

Lilian Filus
Lilian Filus
Censora Federal
Mat. 2.416.941



0.040/85-SCDP/SR/PR + VALIDO EM TODO TERRITORIO NACIONAL +

" PRIMA DONNA "

José Maria Monteiro

27 Novembro

90

" RELAÇÕES HUMANAS IRREVERENTES "

Curitiba,
XXXXXXXX

27 Novembro

85

14 ANOS

Hartmann
CF Jaime Luiz Hartmann
Chefe do SCDP/SR/PR

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

SCDP/SR/DPF/RJ

DA COORDENADORA

AO TC. CECILIA

DATA 16/04/84

PROGRAMA "Prima Donna"

PRAZO 18/04/84

OBS: _____

(Carmem - *[Signature]*)

Teresa

BR DFANBSB NS.CPR TEA PTE0617, P.276

TEATRO

277

TÍTULO **PRIMA DONNA**

AUTOR DA PEÇA: **JOSÉ MARIA MONTEIRO**

1) ARQUIVO

Clas. Anterior **14 ANOS**

Praça **SCDP/SR/PR**

Obs.:

DF. 29 / NOV. / DE / 1985

JOÃO LUÍS

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.9

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Em ordem;
Encaminhe-se ao Arquivo.
Bsb, 29/11/85


Luiz Pedro de Souza

CF - Mat. 2.407.803

Chefe - Substituto da SCTC/DCDP

Brasília - DF

de

de 1.9

5) DIRETOR DA D.C.D.P.